

# Olhar a prática: um exercício de reflexão



**2013**



# Olhar a prática: um exercício de reflexão



**2013**



**Ação Educativa Instituto Paulo Montenegro**

**Diretoria Presidente**

Maria Machado Malta Campos Luiz Paulo Saade Montenegro

Orlando Joia

Fernanda de Carvalho Papa

**Vice-Presidente**

Marcia Cavallari Nunes

**Coordenação Geral**

Vera Masagão Ribeiro

**Diretores**

Amélia Regina Caetano Bayound

**Coordenação Unidade de Ação na Escola**

Orlando Lopes Bastista

Denise Carrera

Vera Lucia Marchesi

**Organizadoras**

Marilse Araújo

Leila Andrade

Silvia Cervellini

**Diretora Executiva**

Ana Lúcia D'Império Lima

**Coordenação Editorial**

Fernanda Bottallo

**Revisão de Texto**

Dylan Frontana

Jandira Queiroz

**Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica**

Elis Nunes

**Equipe responsável pelo projeto**

Marilse Araújo

Leila Andrade

Renato Nascimento

Thaís Bernardes

**Imagens dos alunos**

dos respectivos autores de cada artigo

**Autores:** Aline Barreto e Maurício Gaudino, Carla Neiva, Adriana Lúcia Pereira Azevedo, Fabiana Chaves Gomes, Sueli Jorge, Laene Alves Pacheco Vaz, Vania Vieira, Adriana Cardozo, Perozzo, Rubiane Guerra, Rosangela Dimenstmann, Cristina Patrício de Oliveira, Elvira de Fátima Bandeira Neta, Andrea Maura, Ana Lúcia B. S. Corral e Lêda Mara Delgado Almeida

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

(Antonio Carlos de Souza Junior, CRB8/9119)

A553o

Andrade, Leila

Olhar a prática: um exercício de reflexão [recurso eletrônico] / Leila Andrade, Marilse Araújo (Organizadoras). - São Paulo : Ação Educativa, 2014.

387p. : il.

ISBN 978-85-86382-36-9

1. Prática docente. 2. Pesquisa. 3. Escola. 4. Sistematização. I. Autor. II. Título.

CDD 370



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Em resumo, você pode copiar, distribuir, transmitir e remixar este livro, ou parte dele, desde que cite a fonte. Contate a Creative Commons ou acesse <<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>> para maiores informações."

# Sumário

---

|  |            |
|--|------------|
| <b>Distrito Federal</b> .....  | <b>14</b>  |
| Fazer pesquisa de opinião pode ser melhor do que ir ao cinema? .....                         | 15         |
| “O segredo é não correr atrás das borboletas...” .....                                       | 69         |
| <b>Minas Gerais</b> .....  | <b>90</b>  |
| Carros: eu tenho um sonho... Uma paixão. E você? .....                                       | 91         |
| Pé preto, pé vermelho: reforma das ruas no aglomerado da serra .....                         | 110        |
| <b>Pernambuco</b> .....  | <b>146</b> |
| Lixo: uma preocupação emergente .....  | 147        |
| É preciso conhecer para preservar: tatu, um mascote ameaçado de extinção .....               | 161        |
| O bairro que temos é o bairro que queremos? .....  | 189        |
| <b>Rio de Janeiro</b> .....  | <b>203</b> |
| MODA – Por que as pessoas seguem a moda?.....  | 204        |
| <b>Rio Grande do Sul</b> .....   | <b>212</b> |
| O lugar das tarefas de casa no cotidiano dos alunos: repensando as práticas pedagógicas..... | 213        |
| Minha cidade é um morango.....   | 240        |
| Saúde pública: desafios e potencialidades no município de São Marcos.....                    | 260        |
| <b>São Paulo</b> .....   | <b>296</b> |
| A preocupação das crianças com o sério problema do abandono de incapazes.....                | 297        |
| Brincando e aprendendo.....  | 317        |
| Tecnologia: computador.....  | 347        |
| Diferente somos todos .....  | 365        |

*Até que os leões inventem as suas próprias histórias,  
os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça.  
(Provérbio africano)*

# Apresentação

---

## Programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião

Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso) é um programa realizado com escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio, numa parceria entre a Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro (organização de ação social do grupo Ibope), que visa estimular e orientar projetos de pesquisas educativas de opinião, formulados e realizados por estudantes e docentes. O programa se baseia na ideia de que a pesquisa de opinião pode ter grande valor pedagógico, principalmente porque permite a elaboração de projetos de trabalho, que podem ter caráter interdisciplinar, envolvendo alunos e professores, e cria oportunidades de a escola pesquisar aspectos importantes da sua realidade e de seu entorno. Por essas características, em 2009, o projeto foi certificado como Tecnologia Social pela Fundação Banco do Brasil.

No Brasil, essa experiência exitosa teve início em 2000, sendo disseminada em oito Estados polo: São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Distrito Federal, Paraná e Bahia. A partir de 2004, também foi adotada em países como Argentina, Chile, México, Colômbia, Peru e Portugal. Ao longo desse tempo, constitui-se uma rede de escolas cujos educadores e estudantes, por meio da metodologia Nepso, partilham seus trabalhos, suas aprendizagens e seus desafios em encontros locais, nacionais e internacionais, sob a coordenação pedagógica de uma equipe na Ação Educativa.

## Esta publicação

*Olhar a Prática: um Exercício de Reflexão* dá continuidade à série Práticas de Educadoras: um Exercício de Reflexão, inaugurada com a obra Práticas de Educadoras, disponível em [nepso.net/publicacao](http://nepso.net/publicacao). Esta publicação reúne textos escritos por 15 professoras dos polos Distrito Federal, Minas Gerais, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo, que se constituem na sistematização das práticas desenvolvidas em sala de aula, no âmbito da metodologia Nepso. Este é o resultado de um longo percurso, que teve início em 2012, quando a equipe Nepso e as professoras de São Paulo participaram de um processo de formação para registro e sistematização do uso dessa metodologia em sala de aula, coordenado pela Casa 7 Memórias e Aprendizagens.<sup>1</sup> Na ocasião, já havia a intenção, por parte da coordenação geral do Nepso na Ação Educativa no sentido de partilhar as aprendizagens desse processo com formadoras e formadores dos demais polos da rede.<sup>2</sup>

É preciso assinalar que a rede Nepso possui, como grande qualidade, uma diversidade de realidades que perpassa dimensões geográficas, linguísticas, de sistemas de ensino, das parcerias que são estabelecidas, do tempo/experiência de pertencimento à rede, etc., e que definem o modus

---

1 As sistematizações produzidas nesse processo estão publicadas em: [http://casa7.org.br/wp-content/uploads/2013/04/A-Pr%C3%A1tica-dos-Educadores\\_NEPSO.pdf](http://casa7.org.br/wp-content/uploads/2013/04/A-Pr%C3%A1tica-dos-Educadores_NEPSO.pdf)

2 Formadores e formadoras são os educadores e educadoras responsáveis, em cada polo, pela formação e pelo acompanhamento de professores e professoras no uso da metodologia Nepso em sala de aula. Em alguns polos, são os professores mais experientes no uso dessa metodologia. Em outros, são aqueles vinculados às universidades parceiras no polo.

operandi de cada polo. Portanto, também no que se refere à sistematização, muitas experiências estavam sendo realizadas nos polos, o que indicava o reconhecimento de todos sobre a importância desse trabalho: Diário Etnográfico (PE), Artigo acadêmico (RS), Portfólio (DF), Trabalho de conclusão de curso (MG e SP), Cuadernos de campo (CO) e Documento para el registro de experiências docentes (AR). Sentíamos a necessidade de criar uma identidade para esses diversos formatos, sendo nosso desejo construir coletivamente uma metodologia Nepso de sistematização, como parte integrante do planejamento e da rotina formativa dos docentes participantes da Rede.

Nesse contexto, em março de 2013, organizamos um encontro com formadores e formadoras representantes dos polos Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Paraná, Pernambuco, Colômbia, Argentina e Peru. O objetivo desse encontro foi “sistematizar e compartilhar com a rede Nepso conteúdos para aprofundamento da metodologia de uso pedagógico da pesquisa de opinião, bem como contribuir para a criação de uma cultura de sistematização das práticas docentes”. O tema desse encontro foi, portanto, o registro e a sistematização como pauta exclusiva.

Na ocasião, trabalhamos com essas experiências que vinham sendo desenvolvidas nos polos e apresentamos a proposta de sistematização, tal como é elaborada pela Casa 7. Ao final do evento, fizemos o convite para que todos os formadores e todas as formadoras animassem e orientassem os professores e as professoras de cada polo para que escrever sobre seu

trabalho em sala de aula. Em decorrência das considerações indicadas aqui, fizemos um acordo com o grupo para que mantivesse os formatos que vinham experimentando e se comprometessem com os seguintes “cuidados”:

- que os professores escrevessem no “calor dos acontecimentos”, ou seja, fizessem o registro, o mais minucioso possível, do cotidiano em sala de aula;
- que o formador acompanhasse esse registro como “leitor externo”, orientando quanto à necessidade de contextualizar o trabalho que estava sendo realizado, de trazer a voz do aluno para o texto e manter as impressões imediatas do professor em cada situação, dando a este devolutivas que valorizem esse esforço de escrita.

Em outubro de 2013, realizamos o X Congresso Ibope Unesco, com a temática “Olhar a prática: um exercício de reflexão”, como mais um passo nesse processo de formação para sistematização e oportunidade de aprimoramento em busca de um patamar comum de trabalho. O critério para participação dos professores nesse evento foi ter produzido seus textos ao longo do ano. Tivemos a alegre surpresa de receber 25 textos de 10 polos diferentes e ficamos comovidas ao observar a vida pulsante das salas de aula retratada em cada texto. Esse material foi transformado no conteúdo das atividades do Congresso, sendo compartilhado com todos os participantes.

A partir de então, um intenso diálogo foi estabelecido entre a coordenação geral do Nepso e as professoras autoras, que se dispuseram a revisitar seus trabalhos em busca de uma síntese que destacasse:

- como “fizeram o que fizeram”, ou seja, **suas práticas em sala de aula** referentes ao desenvolvimento da pesquisa educativa (Nepso);
- o que deu certo e, portanto, o que recomendavam para os outros educadores e o que fariam diferente, ou seja, **as aprendizagens das professoras e dos seus alunos** durante o processo.

Neste livro, assinalamos a diversidade de níveis e modalidades de ensino nos quais essas professoras atuaram, o que demonstra as inúmeras possibilidades de uso da metodologia nos diversos contextos escolares: Vânia (PE) trabalhou com alunos da Educação de Jovens e Adultos; Rosângela (RS) trabalhou com a Educação Infantil; Andrea (RJ), Elvira e Cristina (SP), Aline e Carla (DF), Suely e Laene (PE), Adriana e Rubiane (RS) trabalharam com vários anos do Ensino Fundamental; Fabiana e Adriana (MG) trabalharam com um programa de correção de fluxo no Ensino Fundamental.

A seguir, apresentamos uma amostra das criativas maneiras encontradas por essas professoras para abordar e tratar os temas de investigação com os alunos.

“Na hora marcada das entrevistas, nenhum dos caçadores havia comparecido. E, claro, fiquei muito preocupada. Precisávamos saber o real motivo para a ausência dos convidados. Foi quando a aluna Débora, filha de um dos caçadores, me contou um segredo: ‘Professora, eu ouvi muito bem quando um dos caçadores falou ao meu pai que isso era uma armadilha, e que eles não iriam cair nessa’. (*É preciso conhecer para preservar: tatu,*

*mascote ameaçado de extinção* - Professora Sueli Jorge da Silva Bernardo, PE)

“Para nós, ficou muito clara a intolerância desses alunos às estratégias e às metodologias de ensino-aprendizagem convencionais e repetitivas, às quais já se submeteram tantas vezes sem nenhum sucesso.” (*Carros: eu tenho um sonho... uma paixão. E você?* - Professora Adriana Azevedo, MG)

“Diante das dúvidas acerca da prática de propor tarefas de casa, ouvir os sujeitos envolvidos foi o primeiro passo para uma posterior qualificação.” (*O lugar das tarefas de casa no cotidiano dos alunos: repensando as práticas pedagógicas* - Professora Adriana Cardozo Perozzo, RS)

“Emergia nos alunos a busca por um direito pleno de cidadania: o direito social de ter uma condição de vida melhor no que se refere à urbanização; de não se sujar ao sair de casa, seja de poeira ou de lama; que suas casas não sejam invadidas pela poeira; que o chão não fique completamente sujo; que as doenças respiratórias não aumentem.” (*Pé preto, pé vermelho: reforma das ruas no Aglomerado da Serra* - Professora Fabiana Chaves Gomes, MG)

“Agora, as crianças sabem que podem fazer pesquisa, descobrir possibilidades com base em seus conhecimentos, continuar trabalhando as especificações do morango e suas denominações, aguardando ansiosas a culminância da pesquisa na XV Festa Nacional do Moranguinho em nossa cidade, no ano de

2013.” (*Minha cidade é um morango* - Professoras Rosângela Beatriz Dienstmann e Maria Rosane Flach RS)

“[...] rompemos totalmente com o parâmetro escolar da instituição, e eu enfrentei um de meus medos: andar alguns quilômetros com um grupo de alunos sob minha responsabilidade, mas se fazia necessário conhecer o Aterro Sanitário da cidade e a Associação dos Catadores (Asnov) para completar e enriquecer nosso leque de experiências.” (*Lixo: uma preocupação emergente* - Professora Laene Alves Pacheco Vaz, PE)

“Coloquei gravuras de algumas pessoas e pedi para que os alunos pensassem e escrevessem ao lado das imagens quais perguntas fariam. Por exemplo: que pergunta sobre o aquecimento global você faria para um casal de idosos, lembre-se que essas pessoas já viveram mais, têm mais experiência, mais conhecimento.” (*Fazer pesquisa de opinião pode ser melhor do que ir ao cinema* - Professores Aline Barreto e Maurício Galdino, DF)

“Alguns alunos demonstraram insatisfação com o resultado, levando algum tempo para aceitar o tema escolhido por votação: moda. Um aluno chegou a afirmar: “Eu não vou fazer nada”. Para superar essa insatisfação, houve muito diálogo com a turma. Expliquei que a decisão foi coletiva. Embora todos os temas tivessem sido muito bem argumentados, era necessário escolher um e que, posteriormente, poderíamos pesquisar os demais temas, de acordo com o interesse da turma.” (*Moda: por que as pessoas seguem a moda?* - Professora Andrea Maura Franceschi, RJ)

“A coordenadora pedagógica da escola sugeriu que eu fizesse uma carta aos pais falando sobre o projeto, pedindo a participação dos pais e da família na elaboração do questionário e também que os pais sugerissem que tipo de público-alvo poderíamos entrevistar. Com isso, resolveríamos essa questão e teríamos a participação dos pais e familiares no projeto, juntamente com seus filhos.” (*A preocupação das crianças com o sério problema do abandono de incapazes* - Professora Cristina Patrício de Oliveira, SP)

“Ao passar uma manhã na Secretaria de Saúde, voltamos com muitas informações e muito conhecimento, prontos para seguir com a pesquisa, com mais determinação.” (*Saúde pública: desafios e potencialidades no município de São Marcos* - Professora Rubiane Guerra, RS)

“Fiz uma parceria com a professora Cássia, de Educação Física, e os alunos começaram a brincar nas aulas de Educação Física. Depois, na sala de aula, conversamos como foi a brincadeira e a sensação ao realizá-las, o que eles aprenderam, o que foi positivo e o que foi negativo. Após essa conversa, eles escreviam as regras das brincadeiras, colocando em prática a escrita e ajustando o falado ao escrito.” (*Brincando e aprendendo* - Professora Elvira de Fátima Bandeira Neta, SP)

“Por meio dos relatos, percebi que a imagem que os alunos possuem agora do Cerrado não é mais de uma mata seca e sem vida, mas de um bioma riquíssimo, vivo, e agora eles sabem que a preservação desse bioma também depende deles.” (*O segredo é não correr atrás das borboletas...* - Professora Carla Neiva, DF)

“Participei porque pretendia provar para mim mesma e para os outros que podemos fazer muito mais por esses estudantes e que todos podem se superar.” (*O bairro que temos e o bairro que queremos* - Professora Vânia Vieira de Santana Rocha, PE)

Fizemos aqui uma tentativa de descrever as inúmeras possibilidades de leitura que vocês podem eleger de acordo com os seus interesses. No entanto, recomendamos a leitura de todos os textos, porque sabemos que, em cada um deles, vocês encontrarão estratégias didáticas, reflexões pedagógicas e principalmente depoimentos que asseveram a crença dessas educadoras em uma educação pública com o poder de modificar a vida daqueles que estão envolvidos nela e que pode contribuir para a transformação da realidade.

Nós, da coordenação geral do programa Nepso, reafirmamos nossa confiança de que, para além do Nepso, essa prática de sistematização pode e deve ser considerada parte do fazer cotidiano dos educadores. E, por meio dos registros e das reflexões, os educadores se reafirmarão como detentores de um “saber” que se constituiu com base na sua prática e que deve ser socializado.

Nosso convite é para que os professores elaborem seus próprios textos e se aventurem como autores de suas práticas, recuperando e fortalecendo a dimensão intelectual do ofício docente.

Com carinho,  
Leila Andrade e Marilse Araujo (Maio de 2014)

# **Distrito Federal**

**Aline Barreto e Maurício Galdino  
Carla Neiva**

# FAZER PESQUISA DE OPINIÃO PODE SER MELHOR DO QUE IR AO CINEMA?

**ALINE BARRETO  
MAURÍCIO GALDINO**

**MEU NOME É ALINE BARRETO, ATUEI** como professora de geografia, lecionando por 5 anos para turmas dos Ensinos Fundamental e Médio. Atualmente, trabalho como educadora ambiental no Instituto do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos do Distrito Federal (Ibram). Em 2013, tive a oportunidade de participar do curso de Reeditor Ambiental, promovido pela Estação Ecológica de Águas Emendadas, que tem como objetivo geral aprimorar a profissionalidade do educador no espaço escolar, incentivando-o e qualificando-o a realizar projetos de educação ambiental que visem à conscientização e à preservação do meio ambiente, com vistas às ações concretas de intervenções socioambientais. No curso,

tomei conhecimento da metodologia de trabalho “Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso)”, que os professores participantes deveriam aplicar em alguma turma da sua escola, sendo os resultados apresentados no fim do ano.

Não me conformando em apenas participar como observadora das experiências relatadas pelos professores, eu senti a necessidade de vivenciar essa prática, suas dificuldades e seus êxitos, avaliando o uso dessa ferramenta pedagógica no contexto ambiental, como uma forma efetiva de sensibilização e conscientização. Percebi também que essa experiência seria para mim um grande desafio profissional e pessoal, já que sempre tive dificuldade de permitir maior participação dos meus alunos no processo educativo, transmitindo o conhecimento, e não o construindo de forma colaborativa, seja pela praticidade, pela sensação de controle ou por reprodução, ora consciente, ora inconsciente, da formação escolar recebida ao longo da vida.

Mesmo estando depois em outro ambiente de trabalho, fora da sala de aula, apresentei dificuldades para trabalhar em equipe e delegar tarefas. Refletindo sobre essa postura, pude relacioná-la com algumas desvantagens: tiramos a oportunidade do outro de aprender (será que somente nós conseguimos realizar algo bem feito?), acabamos ficando sobrecarregados e perdemos a oportunidade também de aprender mais por meio da troca de experiências e conhecimentos, o que só é possível quando deixamos de sobrepor o nosso ponto de vista ou os nossos interesses.

Diante disso, eu e o colega de trabalho Maurício Galdino, educador ambiental de muita experiência, decidimos escolher

uma escola e pedir para que a direção nos cedesse uma turma para que desenvolvêssemos o trabalho. Já havíamos conversado sobre a preferência de trabalhar em uma escola rural, pois acreditamos que crianças nessa realidade têm mais sensibilidade para as questões ambientais, talvez pelo seu contato maior com a natureza. Assim, o Maurício sugeriu a Escola Classe ETA 44, localizada no Núcleo Rural de Sarandi, em Planaltina (DF), por ser uma escola rural, quase na divisa com a Unidade de Conservação Estação Ecológica de Águas Emendadas (onde o curso é realizado) e por já conhecer alguns professores em razão de trabalhos anteriormente realizados.

Em 8 de agosto, nos reunimos com a direção da escola, que nos recebeu com muita atenção. Quando apresentamos a proposta de trabalho, a diretora ficou bastante satisfeita, tendo em vista que a escola funciona em período integral, e uma atividade dessas se encaixaria perfeitamente no contraturno. A diretora sugeriu, então, que trabalhássemos com duas turmas (pois cada uma dela tinha um número reduzido de alunos): uma do 4º ano e outra do 5º ano. A sugestão que foi prontamente aceita. Nesse dia, eu e o Maurício levamos uma proposta escrita, já com uma sugestão para o calendário de atividades.

Segundo relato dos professores, a Escola Classe ETA 44 foi criada em 1962, iniciando suas atividades em um prédio onde funcionava um antigo estábulo do Centro de Pesquisas Agropecuárias do Cerrado, da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária uma instituição de pesquisa cuja sede que faz divisa com a escola). Hoje, com uma estrutura reformada e ampliada, a escola atende cerca de 100 crianças,

em turno integral, com turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Essas crianças geralmente são filhos de caseiros de chácaras da região, que inclui assentamentos do Núcleo Rural Sarandi, e filhos de empregados da Embrapa.

É importante esclarecer que, apesar de a proposta metodológica Nepso reforçar a importância de proporcionarmos a maior liberdade possível para que os alunos escolham o tema que queiram pesquisar, eu e o Maurício, por sermos educadores ambientais e termos como objetivo norteador o uso desse instrumento pedagógico como prática de sensibilização e conscientização ambiental, considerando ainda o fato de a escola estar próximo de uma das mais importantes Unidades de Conservação do Distrito Federal, limitamos a escolha dos alunos em sete temas centrais: desmatamento, aquecimento global, tráfico de animais silvestres, consumismo, lixo, água e incêndios florestais. Para qualificar os temas, planejamos, para todos os encontros, atividades bastante diversificadas, como palestras, músicas, dinâmicas, oficinas e vivências, que pudessem despertar o interesse e a curiosidade dos alunos sobre os temas trabalhados, sem, contudo, aprofundar muito o conhecimento e sem responder a todas as perguntas. Afinal, o nosso objetivo era que eles mesmos pesquisassem sobre suas dúvidas mais inquietantes.

## **Acolhimento dos alunos**

Em 15 de agosto, tivemos nosso primeiro encontro com os alunos. Eram 28 alunos do 4º e do 5º anos do Ensino Fundamental (com idade entre 8 e 12 anos). Considerando que

eu e o Maurício não somos professores da escola, sentimos a necessidade de destacar uma manhã apenas com atividades que proporcionassem um ambiente mais descontraído para que a nossa apresentação não fosse muito formal ou impositiva.

Nesse dia, não houve a apresentação da proposta de trabalho, pois nossa primeira intenção era cativar, sensibilizar e envolver os alunos, levando-os a participar de forma voluntária das atividades. Será que eles realizariam uma atividade que não valia nota e que não era obrigatória no currículo escolar? Vale ressaltar que buscamos propor atividades que, de alguma forma, estivessem inseridas num contexto ambiental. Com isso, nosso objetivo era realizar dinâmicas que promovessem a apresentação dos facilitadores, dos professores e dos alunos, bem como a interação do grupo.

## **Vamos cantar?**

Organizamos uma atividade musical com o objetivo de promover um ambiente de descontração, mas ao mesmo tempo abordar assuntos relacionados ao meio ambiente. Atualmente, a ciência já vem reconhecendo também a música como um importante fator de estímulo para algumas atividades cerebrais ligadas à concentração, à intuição e à criatividade.

Ao chegarmos à escola, já atraímos a atenção e a curiosidade dos alunos, pois carregávamos um violão. Reunimos as crianças na parte externa da escola, nos apresentamos falando os nossos nomes e contamos que estávamos ali para realizar uma atividade com eles, sem entrar

em detalhes para criar certa expectativa. Perguntamos se eles preferiam ficar dentro da sala de aula ou fazer a atividade ao ar livre. Eles escolheram a segunda opção, e perguntamos o porquê dessa escolha. Alguns alunos afirmaram que, fora da sala, era mais fresco e bonito. Aproveitamos a oportunidade para contar que trabalhávamos com atividades relacionadas ao meio ambiente.

Depois, apresentamos alguns materiais descartáveis, como latas e garrafas, e perguntamos o que eles achavam que eram. A maioria respondeu ser lixo. Maurício explicou que, na verdade, eram instrumentos musicais. As crianças riram bastante!!! Ele entregou o material para as crianças e pediu a elas que fizessem um teste cantando uma música. Então, cantamos a música “Xote Ecológico”, de Agnaldo Batista e Luiz Gonzaga (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iChbnR4pOB8&feature=kp>). As crianças pegaram os instrumentos feitos com materiais descartáveis e começaram a tocar cada uma de um jeito e em um ritmo diferente. Maurício fez uma intervenção, orientando que eles precisariam tocar juntos e que observassem o violão. Aos poucos, a “banda” foi ficando mais harmonizada.

Nesse momento, compreendemos que as crianças, apesar de não nos conhecerem, nos receberam com abraços e participaram da atividade tocando os instrumentos e cantando o refrão da música que haviam acabado de aprender. Os professores das turmas também participaram da atividade e fizeram alguns registros fotográficos. Pudemos perceber o sorriso no rosto das crianças.

## Roda de automassagem

Por meio de uma roda de automassagem (Disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi\\_pesquisa\\_as\\_mudancas\\_climaticas\\_](http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi_pesquisa_as_mudancas_climaticas_)), baseada em conhecimentos e técnicas chinesas de simples execução, busca-se a melhor compreensão do conceito de meio ambiente trazido pela ecologia profunda, no qual o meio ambiente começa em cada um de nós, trabalhando a ideia de que o desequilíbrio exterior é um reflexo do desequilíbrio interior e que o cuidado com o meio ambiente começa preferencialmente pelo cuidado consigo mesmo. A técnica de automassagem é bastante difundida no curso de Reeditor Ambiental com os professores, profissionais que costumam se “esquecer” de si mesmos por causa da grande carga diária de trabalho.

Depois de cantar a música com a turma, Maurício conversou com os alunos sobre a letra da música, que falava sobre como nós estamos tratando o nosso planeta, que é a nossa casa. Após essa reflexão, perguntei para os alunos qual era a nossa primeira casa. Alguns responderam: “a casa da minha mãe”, “a escola”, “o planeta”. Assim, colocamos que a nossa primeira casa é o nosso corpo. Resposta que não foi dada por nenhuma criança. Conversamos sobre a importância de cuidar bem de nós mesmos para poder cuidar também das outras pessoas e do lugar em que vivemos. Nesse momento, sugerimos alguns exercícios que trazem benefícios para o corpo e para a mente.

No geral, as crianças realizaram os exercícios propostos na Roda de Automassagem. Algumas faziam os movimentos

de forma exagerada (para chamar a atenção?), sendo prontamente orientadas a fazer da forma ensinada para não se machucarem. Duas alunas (de 11 e 12 anos) fizeram os exercícios, mas pareciam estarem envergonhadas.

Após a automassagem, aproveitamos que já estávamos em roda e pedimos aos alunos que, à medida que iam falando os seus nomes, imitassem um animal do Cerrado. Falamos que, como eu e Maurício gostávamos muito dos animais, assim ficaria mais fácil para a gente lembrar os nomes depois. O objetivo dessa proposta era também avaliar o conhecimento da turma sobre a fauna do bioma Cerrado.

Os alunos mais jovens e os meninos participaram bem, mas as duas alunas mais velhas da turma apenas falaram seus nomes. Duas crianças imitaram um leão e um elefante. Explicamos que esses eram animais muito bonitos e interessantes, mas que não eram do Cerrado, mas de outros países. Os outros meninos demonstraram conhecer bem alguns animais, citando: tatu, tamanduá-bandeira, arara, tucano, cascavel e capivara.

Para reforçar a memorização dos nomes dos alunos por parte dos facilitadores e harmonizar as crianças para a atividade seguinte, que exigiria maior concentração, sugerimos a confecção de crachás individuais.

Eu e Maurício achamos importante conhecer as crianças pelo nome. Assim, disponibilizamos crachás de papel para que elas escrevessem os seus nomes e fizessem um desenho. Não foi dada orientação quanto ao desenho que deveria ser feito, mas, como havíamos realizado atividade sobre o meio ambiente, a maior parte dos desenhos foi de elementos da natureza.

As crianças se concentraram bastante na atividade e demonstraram gostar muito de desenhar e pintar. Muitas crianças mostraram seus desenhos e perguntaram se estavam bonitos. Interessante observar que alguns alunos vinham nos perguntar se podiam desenhar determinada coisa ou esperavam uma orientação mais específica do que deveriam fazer. Compreendemos ser esse um dos grandes desafios da metodologia de trabalho Nepso. As crianças parecem estar acostumadas a receber comandos e, quando têm a oportunidade de realizar uma atividade com mais liberdade, se sentem inseguras. Será que esse comportamento vai estar presente ao longo de todo o processo?

Para saber mais sobre a percepção ambiental das crianças acerca de determinados temas, como desmatamento, incêndios florestais, mudanças climáticas, aquecimento global e poluição, perguntamos a opinião, o conhecimento e o sentimento que elas tinham dos problemas que a natureza vem enfrentando. Depois, foram apresentados alguns desenhos animados (curtas ambientais) de 2 a 5 minutos de duração cada. No final de cada filme, as crianças deveriam falar sobre o que tinham entendido da história.

Os curtas apresentados foram:

- *Bafo Quente* (Ministério do Meio Ambiente). Nesse filme, pessoas parecem estar em uma sauna com o vidro bastante embaçado. Quando a imagem se afasta, percebemos que elas estão no planeta Terra, levando à reflexão sobre o aquecimento global (Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=nu42YDHPHVE](http://www.youtube.com/watch?v=nu42YDHPHVE)).
- *Bom Tempo* (Ministério do Meio Ambiente). No filme, um rapaz sai de casa e escuta as previsões do tempo.

No percurso da casa até o trabalho, ele enfrenta várias mudanças no tempo, do calor a uma tempestade de neve, nos fazendo refletir sobre as mudanças climáticas.

- Curta (nome não identificado) que apresenta o “progresso” da humanidade, da vida mais simples no campo até a construção das grandes cidades, destacando o desmatamento e a poluição.
- Curta (nome não identificado) que mostra uma criança tomando várias atitudes ambientalmente corretas. No final do filme, ela fala para os seus pais não se preocuparem que ela estava cuidando do planeta para eles.

As crianças ficaram bastante atentas aos desenhos e gostaram. Os alunos que colocaram as suas opiniões sobre os filmes não aprofundaram muito o assunto e tiveram dificuldade para estabelecer relações entre as atitudes do ser humano e os problemas ambientais. A maioria dos alunos afirmou não ter conhecimento do aquecimento global. Sabemos que as crianças tinham conhecimento sobre as questões apresentadas, talvez algumas não se sentiram à vontade para falar e outras não conseguiram relacionar o que sabiam com o que estava sendo mostrado. Como a atividade ocorreu no final da aula, não houve tempo para que pudéssemos explorar mais os saberes dos alunos.

A escola pediu para que reduzíssemos o horário, pois as turmas já tinham uma atividade programada anteriormente. Não houve o momento de avaliação. Entretanto, a diretora nos procurou no final da atividade e nos relatou que uma das crianças tinha dito: “Tia, é muito bom ficar com eles!”.

A direção foi muito atenciosa, e os professores participaram de toda a atividade, sendo muito solícitos e prestativos. Tivemos dificuldade para fazer o registro fotográfico do desenvolvimento das atividades propostas por causa do nosso envolvimento na realização delas. Pedimos, então, a um dos professores que fizesse o registro fotográfico para nós.

No nosso segundo encontro, em dia 22 de agosto, tínhamos o objetivo de nivelar os conhecimentos das crianças, abordar, de forma dinâmica e interativa, promovendo momentos de discussão e reflexão, os seguintes temas: desmatamento, aquecimento global, tráfico de animais silvestres, consumismo, lixo, água e incêndios florestais.

Os sete temas centrais citados anteriormente foram escolhidos por nós considerando os problemas ambientais mais marcantes nos cenários mundial e local, além de fatores que têm colocado em risco as nossas Unidades de Conservação.

Reconheço que, segundo a metodologia Nepso, os alunos devem ter mais liberdade de escolha da situação-problema a ser pesquisada, e que, se assim fosse feito, os alunos talvez não identificassem problemas relacionados às questões ambientais como algo que afete a sua realidade mais diretamente, segundo a visão e a percepção de cada um. Contudo, reforço ser um dos nossos objetivos centrais a aplicação dessa ferramenta no contexto ambiental, buscando valorizar e divulgar essa metodologia nas ações voltadas para a educação ambiental, sendo então os temas prédefinidos por nós e que serão colocados para os alunos, posteriormente, como únicas

opções de escolha para que desenvolvam a pesquisa.

Iniciamos com a roda de automassagem para alongar e “despertar” o corpo, trabalhando conceitos relacionados à saúde e ao equilíbrio dos ambientes interno e externo. Os alunos realizaram os exercícios sugeridos, e as meninas mais “velhas” participaram com o rosto mais alegre. Alguns meninos executavam o exercício, mas em um “tom” de brincadeira... Isso pode representar a interação e a descontração que buscávamos? A brincadeira pode ser valorizada no contexto da roda da busca do bem-estar do corpo e da mente? Ou isso demonstra indisciplina por parte dos alunos?



*Alunos realizando a Roda de Automassagem.*

## Vamos brincar?

Nosso objetivo, com essa brincadeira, era reforçar o exercício corporal por meio da brincadeira “corre cutia” e fazer a introdução da próxima atividade a ser realizada sobre o consumismo por meio dos seguintes questionamentos aos

alunos: Quanto se gastou de dinheiro para que pudéssemos realizar essa brincadeira? Todos puderam participar? Todos se divertiram? Vocês conhecem outras brincadeiras que não precisam que a gente compre nada?

Percebemos que todos os alunos participaram com muita alegria, até mesmo os adolescentes. As crianças conheciam a brincadeira sugerida e falaram sobre muitas outras brincadeiras que não necessitavam de dinheiro. Será essa uma característica do contexto social e cultural dos alunos, moradores da área rural com rendimento financeiro limitado? Vamos descobrir mais sobre os nossos alunos na próxima atividade sobre o consumismo.



*Alunos brincando de correcutia*

Para fazer uma abordagem sobre o consumismo e sua relação com a degradação ambiental nos colocando nesse contexto como consumidores e refletindo sobre o que de fato tem motivado as nossas escolhas e sobre quais as suas

consequências, organizamos a atividade denominada de “Consumo consciente”.

Foram colocadas várias imagens coloridas impressas sobre a mesa representando elementos da natureza (água, rosa, onça, árvores, rio, chuva, mar e montanha) e bens de consumo (carro, joias, tênis, relógio, videogame, celular e notebook). As crianças poderiam escolher e pegar apenas uma. Das 28 crianças presentes, 4 escolheram elementos da natureza e 24 crianças escolheram bens de consumo. As crianças foram então divididas em dois grupos. Para as crianças que escolheram os bens de consumo, foram entregues imagens de problemas ambientais (mineração, queimadas, atropelamento de animais silvestres, desmatamento, lixo e violência urbana). As crianças tinham que relacionar o bem de consumo escolhido por elas a um dos possíveis impactos ambientais causados por este. O objetivo principal da dinâmica era mostrar que o consumismo e as nossas escolhas interferem diretamente na natureza.

Todos participaram da atividade sugerida. É interessante relatar duas situações:

1. Quando os grupos foram divididos segundo as suas escolhas, os alunos que escolheram elementos da natureza ficaram tristes por estar em menor número, acreditando que tinham “perdido” a brincadeira, e dois perguntaram se podia trocar de imagem. Em nenhum momento se mencionou que essa atividade se tratava de uma competição. No final da atividade, refletimos sobre o momento atual, se chegamos ao ponto de termos que escolher a natureza ou o conforto (será que

já não estamos chegando nesse ponto?), qual grupo sobreviveria? O que é mais essencial para as nossas vidas, a água ou o aparelho celular? E procuramos destacar como aqueles alunos eram privilegiados por estudar em uma escola com tanto verde em volta.

2. Os alunos que foram escolhendo as imagens dos bens de consumo ficaram bastante animados, como se realmente estivessem adquirindo aqueles produtos, e alguns não queriam devolvê-las no final da atividade.



*Alunos realizando atividade: Consumo consciente.*

Planejamos refletir sobre o desmatamento da mata ciliar, a poluição e o assoreamento dos rios, nos colocando como possíveis protagonistas dessa história. Para tanto, realizamos uma atividade sobre a importância da água.

Para isso, fizemos uma brincadeira contando a história de uma tia bem velhinha que estava muito doente e que queria deixar um pedaço da sua terra, que era muito grande e bonita, na beira de um rio, para os seus sobrinhos (as crianças participantes), pois ela não tinha filhos. Além do pedaço de terra, os sobrinhos receberiam também um cheque com uma grande quantia em dinheiro. Assim, de posse do lote (uma folha de papel), as crianças poderiam construir (desenhar) o que quisessem.

Depois, os desenhos foram colocados ao lado do rio, e as crianças puderam perceber o quanto a paisagem foi alterada e como o verde havia quase desaparecido. Nesse sentido, alguns questionamentos foram levantados: Precisamos construir tão perto do rio? Temos que compactar e cimentar todo o chão? Temos que cortar todas as árvores nativas para depois plantar outras que nem são desse bioma? As árvores do Cerrado não são bonitas? E têm a vantagem de já estarem adaptadas ao nosso clima, não precisando gastar tanto com o preparo da terra e a irrigação. Expliquei que muitas pessoas cortam as árvores e “limpam” o terreno antes de construir algo e que muitas vezes usam o fogo para fazer isso... Então, entramos no próximo assunto: incêndios florestais.

As crianças gostaram muito de desenhar e se concentraram bem na atividade. Apesar de já estarmos falando sobre a importância da preservação ambiental,

apenas algumas crianças desenharam árvores junto da construção e somente uma desenhou a natureza, afirmando que não construiria nada e deixaria o lote do jeito que estava. Explicamos que podemos construir, mas que existem algumas regras para que a gente cause o menor impacto possível no meio ambiente.



*Atividade sobre preservação da mata ciliar.*

Para mostrar que os incêndios florestais estão bem próximos da nossa realidade e que trazem vários prejuízos para o meio ambiente e para toda a sociedade, mostramos

imagens das consequências dos incêndios florestais e uma reportagem, apresentada no *Jornal Hoje*, da Rede Globo, sobre o fogo nos canaviais no Estado de São Paulo, que provoca a morte de muitos animais silvestres.

O momento em que as crianças mais se mostraram sensibilizadas com o tema (dizendo: “Tadinho”, “Que triste”) foi quando falamos sobre os animais que morrem queimados. Imagens da poluição do ar, de árvores e casas queimadas aparentemente não provocaram a mesma comoção.



*Alunos assistindo ao vídeo sobre incêndios florestais.*

Continuando com a qualificação dos temas propostos, conversamos com as crianças sobre o tráfico de animais

silvestres, acarretando maus-tratos e a morte de muitos animais, que já se encontram ameaçados de extinção.

Maurício organizou uma exposição na parte externa da escola com objetos apreendidos pelo Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), como peles de animais, artesanatos feitos com partes de animais e armadilhas usadas para capturá-los.

Muitas crianças ficaram emocionadas com as histórias contadas, demonstrando no rosto e no olhar certa tristeza (principalmente as meninas). Os meninos demonstraram grande interesse pelas armadilhas, sendo até difícil mantê-los distantes destas. Muitos alunos relataram que alguns familiares caçam e que têm pássaros em casa que não foram comprados nas lojas.



*Alunos participando da atividade sobre tráfico de animais silvestres.*

No intuito de propiciar um momento coletivo para que os alunos falassem sobre o que sentiram ou acharam das atividades realizadas, fizemos uma avaliação com eles em forma de chuva de ideias, propondo que eles expressassem numa única palavra o que acharam das atividades do dia. As palavras foram: “bom”, “legal”, “fera”, “sinistro”, “triste” e “divertido”.

Foi um dia intenso de atividades e informação. Os alunos participaram de todas as atividades, e não observamos manifestação de cansaço ou resistência. Ficamos preocupados com a quantidade de informação recebida e se isso ficaria confuso para eles, apesar de buscarmos sempre relacionar um assunto com o outro e com a realidade local.

Maurício pediu às crianças que, no próximo encontro, trouxessem de casa “instrumentos musicais” feitos de material descartável.

Em 29 de agosto, decidimos reforçar o trabalho corporal e a reflexão de que a mudança do mundo começa em nós. Assim, depois da roda de automassagem, realizada na parte externa da escola, ensaiamos a música “Xote Ecológico”, mas, dessa vez, algumas crianças utilizaram instrumentos musicais de material descartável, confeccionados por elas próprias em casa.

Observamos que as crianças que trouxeram os instrumentos musicais de casa eram os meninos considerados os mais “agitados” das turmas, enquanto as meninas e as demais crianças não trouxeram o que havia sido solicitado.

Em seguida, retomando a música “Xote Ecológico”, falamos novamente sobre os problemas ambientais mais presentes no nosso dia a dia. As próprias crianças foram

lembrando o que havia sido falado e o que mais tinha chamado à atenção delas.

Mais uma vez, constatamos que as crianças demonstraram maior preocupação com a vida dos animais em seus relatos. Será que isso refletiria na escolha do tema?

Para escolher o tema a ser pesquisado, criamos uma cédula de votação (Disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi\\_pesquisa\\_as\\_mudancas\\_climaticas\\_](http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi_pesquisa_as_mudancas_climaticas_)).

As crianças foram reunidas e estavam sentadas em mesas com quatro cadeiras. Então, finalmente falei para as crianças sobre o motivo de eu e o Maurício estarmos ali. Trabalhávamos com o meio ambiente e estávamos muito felizes de termos conhecido aquela escola, que nos acolheu tão bem e se mostrou tão preocupada com os problemas ambientais. Perguntei se eles gostaram e se achavam importante falar sobre o meio ambiente.

Por meio dessa reflexão, destaquei que eles eram privilegiados de aprender tantas coisas importantes na escola e perguntei se eles achavam que as pessoas “lá fora” sabiam ou se importavam também com o que estávamos trabalhando. A maioria respondeu que achava que as pessoas não tinham conhecimento desses problemas e por isso prejudicavam tanto a natureza. Então, conversei com eles que, para a gente poder afirmar isso, teríamos que fazer uma pesquisa e perguntar para as próprias pessoas, para verificar se elas conhecem ou se importam com o meio ambiente. Expliquei que uma pesquisa exige muito esforço e dedicação e que eles trabalhariam em todo o processo da pesquisa, desde elaborar as perguntas e entrevistar até estudar os resultados. Eu e o Maurício apenas

ajudaríamos. Todos os alunos disseram que queriam participar, mesmo essa atividade não sendo obrigatória.

Assim, falei da importância de escolher um tema, já que o meio ambiente abrange muitas coisas, e as pessoas poderiam ficar confusas. Entreguei para eles uma folha com sete opções (predefinidas por nós) escritas e com imagens para que eles pudessem escolher uma. As fichas eram individuais, mas, pela proximidade entre eles, muitos acabavam olhando o que o colega estava escolhendo. Seria melhor se a votação fosse sigilosa? Ou seria melhor dar um tempo para que eles pudessem discutir com seus colegas sobre suas escolhas? Acabou que, pela falta de uma orientação mais precisa, o processo ficou misto. Alguns conversaram com o colega, outros fizeram sozinhos e outros “copiaram” ou concordaram com o colega.

## Vamos aos resultados:

| TEMAS                         | VOTOS |
|-------------------------------|-------|
| Aquecimento global            | 9     |
| Tráfico de animais silvestres | 6     |
| Água                          | 5     |
| Incêndios florestais          | 4     |
| Consumismo                    | 1     |
| Desmatamento                  | 0     |
| Lixo                          | 0     |

**A escolha do tema “aquecimento global” foi uma surpresa para nós. Confesso que fiquei até um pouco decepcionada, não por não achar importante o assunto, mas**

**eu e o Maurício já desenvolvíamos trabalhos relacionados a incêndios florestais e tráfico de animais silvestres. Como já havia escrito na apresentação, essa forma de trabalho é um exercício de desapego, não consigo pensar em outra palavra.** Não é o tema que a gente quer, mas é o que os alunos têm maior interesse, e olha que nós já havíamos escolhido os sete temas centrais. Mesmo assim, ficamos refletindo por que eles haviam escolhido aquele tema. Parecia o mais distante e era o assunto de que eles menos tinham ouvido falar.

Ao longo do trabalho, que ainda está longe de terminar, tive muitas dúvidas e fiz muitas reflexões. No meio do processo, tive a oportunidade de enviar os meus registros da experiência para algumas pessoas que já conheciam e tinham trabalhado com essa metodologia: os professores Irineu, Geremias e Maria Izabel. Houve uma troca de visão e de experiências extremamente rica. O olhar do outro sobre o nosso registro é chamado de “devolutiva”.

Nesse momento, fui orientada e pude perceber duas coisas: é rico e interessante que o registro da experiência seja feito diariamente para que a gente possa retratar para o leitor detalhes do que aconteceu, não só das atividades realizadas, mas dos sentimentos envolvidos, do “calor do momento”, como disse Irineu – e finalmente meus colegas conseguiram me esclarecer o que poderia ter acontecido com a escolha do tema. Cada cédula tinha uma imagem colorida em alusão ao tema, e a imagem do aquecimento global era a de um lindo urso polar. Como eu não havia percebido isso? Compreendo agora que a minha mediação, a minha intervenção e o meu papel de educadora naquelas condições podem ter

direcionado ou até mesmo induzido a escolha do tema. As crianças já demonstravam grande interesse pelos animais. E um animal tão bonito e fofo como aquele urso branco parecia bastante atraente para elas, não?

Após a escolha do tema, conversei com os alunos sobre a necessidade de definir o que exatamente gostaríamos de saber sobre o aquecimento global, pois esse é um tema muito amplo. Como íamos pesquisar a opinião das pessoas sobre esse assunto, as crianças tinham que pensar em uma pergunta central que norteasse as perguntas que seriam colocadas no questionário. As crianças fizeram algumas perguntas, eu procurei organizar as ideias anotando no quadro:

**As pessoas de Planaltina já ouviram falar sobre aquecimento global?**

(Como muitas crianças relataram não conhecer o termo “aquecimento global”, elas queriam saber se as pessoas que não estão na escola conheciam.)

**As pessoas têm o conhecimento de que podem estar contribuindo com algumas atitudes para o aumento do aquecimento global?**

(A dinâmica do consumo consciente deixou as crianças pensativas. Muitas acreditavam não fazer nada que pudesse prejudicar o meio ambiente. No entanto, quando viram que os produtos que elas usavam eram tirados da natureza de alguma forma, ficaram impressionadas.)

**O aquecimento global já está interferindo na produção agrícola de Planaltina?**

(Essa foi uma preocupação muito natural das crianças, já que muitos de seus pais trabalham na roça. Algumas crianças auxiliam os pais em suas atividades rurais.)

**As pessoas sabem que o aquecimento global mata os animais?**

(Olha os animais aí de novo...)

Todas as perguntas eram muito interessantes, e realmente tínhamos a curiosidade de saber sobre essas questões. Será que conseguiríamos fazer um questionário, sem ficar muito longo e confuso, tentando saber um pouco de cada coisa? Para conseguir atender a essas perguntas, pensamos em aplicar o questionário na feira de Planaltina, pois conseguiríamos encontrar pessoas diferentes, inclusive produtores e trabalhadores rurais.

Com o tema definido e alguns questionamentos em mãos, fomos ao trabalho.

## **Vamos pensar em algumas perguntas?**

Para motivar as crianças a pensar nas perguntas que gostariam de fazer aos entrevistados sobre o aquecimento global, foram distribuídas folhas e as crianças foram divididas em duplas. Cada dupla deveria escrever no mínimo três perguntas.

Percebi que algumas crianças tentavam copiar as perguntas do colega. Outras faziam perguntas que representavam as próprias dúvidas em relação ao tema. Aproximadamente três alunos fizeram perguntas sobre os temas que eles haviam escolhido (tráfico de animais silvestres e incêndios florestais), sendo um pouco resistentes ao tema definido pela maioria. Essa seria uma importante oportunidade de trabalhar a democracia, não? Entretanto, infelizmente, o nosso tempo havia acabado, e nos preocupava o número restrito de encontros com essa turma. Pude observar também alguns erros de português nos exercícios, mas não tivemos oportunidade de fazer uma intervenção nesse sentido. Essa é a

riqueza da metodologia: poder trabalhar várias competências e habilidades e produzir conhecimento com a participação ativa dos alunos.

Em 5 de setembro, para reforçar conceitos ambientais trabalhados anteriormente (educação ambiental é bem melhor em campo), realizamos com os alunos uma trilha monitorada na mata de Cerrado próximo à Embrapa.

Como eu estava de férias, quem realizou a trilha foi o Maurício, que tem grande conhecimento sobre o Cerrado. Maurício nasceu e foi criado na região de Planaltina, onde o trabalho foi desenvolvido. Ele me colocou algumas situações que chamaram a atenção nessa atividade:

- As crianças estavam alegres e participativas. Ele teve pouco problema com a indisciplina, mesmo porque havia orientado a turma que eles só conseguiriam ver os animais se fizessem silêncio. Se fizessem barulho, os animais fugiriam.
- E não é que eles se comportaram e puderam ver um veado-campeiro na trilha? As crianças ficaram eufóricas. Alguns diziam que já tinham visto quando “crianças” (mas eles ainda são crianças, não?), mas que hoje não viam mais... (Interessante pensar que essa conversa elas podem ter ouvido de pessoas mais velhas. Ou isso já nos mostra como a degradação está mais acelerada?) Uma criança falou: “Ah, se eu tivesse uma arma... Brincadeira, professor”.
- Maurício ficou impressionado com o conhecimento de algumas crianças sobre o Cerrado. Conheciam muitas espécies de árvores e animais.

- Uma criança perguntou se eles veriam um tigre. Depois, disse que estava querendo dizer onça.
- Nessa atividade, Maurício teve a oportunidade de saber um pouco mais sobre a vida das crianças. Algumas vivem em assentamentos rurais e moravam em barracos. Outra afirmou que seu pai batia nela com certa frequência. Será que uma atividade de pesquisa que dá voz ao aluno acaba motivando também que ele fale mais sobre a sua vida pessoal?
- Alguns alunos relataram ainda que seus pais arrancaram muitas árvores onde eles moravam e perguntaram se seria por isso que a casa era tão quente.
- Os alunos falaram ainda sobre a quantidade de pragas que aparecia na plantação e perguntaram se isso tinha relação com o desmatamento. (Muitas crianças ajudam os pais na roça.)



*Trilha monitorada na estação Ecológica de Águas Emendadas.*

## Trilha monitorada na Estação Ecológica de Águas Emendadas

No dia 11 de setembro, Maurício e Maria Izabel, coordenadora do curso Reeditor Ambiental, fizeram uma trilha com os alunos na Estação Ecológica de Águas Emendadas, Unidade de Proteção Integral localizada muito próximo à escola atendida, mas que muitas crianças e professores ainda não conheciam.

Uma das nossas preocupações como educadores ambientais é a falta de conhecimento das áreas ambientalmente protegidas ou a visão de que elas simplesmente são lugares “proibidos”, o que dificulta a construção de um sentimento de pertencimento desses espaços nos contextos social, cultural e ambiental da comunidade. Nesse sentido, as professoras Izabel e Muna desenvolvem o trabalho de trilha monitorada com os alunos dos professores reeditores para despertar um olhar sensível em relação ao Cerrado, e não utilitarista, para que criemos um sentimento de satisfação por ter essas áreas dentro ou próximo de nossa cidade e não ver isso como um obstáculo ao desenvolvimento.

Como também estive ausente nessa atividade, os professores Maurício e Izabel relataram que muitos alunos demonstraram ter bastante conhecimento sobre alguns animais e árvores do Cerrado, se mostrando muito receptivos em todas as atividades propostas.

Um fato que chamou a atenção foi quando uma aluna olhou um cupinzeiro e disse num alegre: “Tia, esse cupinzeiro parece um castelo”. Nesse momento, o fotógrafo Evandro

ficou emocionado, pois havia muitos anos que ele trabalhava e fotografava aquela área, inclusive aquele cupinzeiro, mas nunca tinha reparado nessa semelhança. Depois, Evandro postou a foto do cupinzeiro na rede social comparando-o com um castelo, e muitas pessoas comentaram sobre os “espetáculos” da natureza.

As crianças demonstraram que, na verdade, o olhar delas é bastante sensível, mas que às vezes, por uma série de fatores culturais ou da própria vida, perdemos a capacidade de admirar o belo e de sonhar. Fica a lição dessa criança para todos nós.

Em 19 de setembro, apresentamos os tipos de pergunta que podem compor um questionário com o objetivo de explicar o que são perguntas abertas e fechadas e quando usar cada uma delas.

Cada criança recebeu uma proposta de atividade (disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi\\_pesquisa\\_as\\_mudancas\\_climaticas\\_](http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi_pesquisa_as_mudancas_climaticas_)). Após a explicação, eles a fizeram de forma individual.

Algumas crianças tiveram dificuldade de realizar a tarefa, afirmando que não conseguiam. Pudemos observar que uma estava um pouco desinteressada (parecia chateado porque não participaria da aula de educação física por causa de mau comportamento em outra aula). Outras, entretanto, demonstravam realmente baixa autoestima. Tentamos incentivar os alunos, mas tomando o cuidado de não dar as respostas prontas.

Buscando deixar as perguntas mais elaboradas, propus uma atividade mais direcionada (disponível em: <http://www.>

[nepso.net/projeto/2578/sarandi\\_pesquisa\\_as\\_mudancas\\_climaticas\\_](http://nepso.net/projeto/2578/sarandi_pesquisa_as_mudancas_climaticas_)). Coloquei gravuras de algumas pessoas e pedi para que os alunos pensassem e escrevessem ao lado das imagens quais perguntas fariam. Por exemplo: que pergunta sobre o aquecimento global você faria para um casal de idosos, lembre-se que essas pessoas já viveram mais, têm mais experiência, mais conhecimento. Algumas crianças relacionaram essa característica e afirmaram que perguntariam: “Como era o tempo antigamente?”. Uma das imagens era de um agricultor. O que ele deveria pensar sobre o aquecimento global? Algumas crianças conseguiram relacionar a mudança climática com as condições da lavoura.

Nessa atividade, obtivemos perguntas muito interessantes. No entanto, será que mais uma vez eu acabei induzindo demais o processo?

Em 26 de setembro, começamos o dia cantando. (disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi\\_pesquisa\\_as\\_mudancas\\_climaticas\\_](http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi_pesquisa_as_mudancas_climaticas_))

Maurício reuniu as crianças na parte externa da escola para ensinar uma música utilizando os instrumentos de material descartável confeccionados por elas. Todas as crianças presentes demonstraram muita satisfação (sorrindo e brincando) ao realizar essa atividade. Os alunos gostam muito de cantar e memorizaram a música rapidamente.

Apresentamos as perguntas elaboradas pelas crianças no encontro anterior, selecionando algumas e alterando-as quando necessário para valorizar as sugestões dos próprios alunos. Enfim, buscamos construir o questionário de forma coletiva.

Selecionamos previamente as perguntas, pois haviam algumas repetidas. Essas perguntas eram escritas no quadro, e as crianças avaliavam se necessitavam de alguma mudança. Como a maioria das perguntas era aberta, foi proposto o desafio de organizar as respostas ou indicar opções para que os entrevistados escolhessem. Havia a preocupação de que o questionário não fosse muito extenso para o entrevistado não ficar muito cansado e chateado. Então, tínhamos que selecionar as perguntas que julgássemos serem as mais importantes. Outro ponto que deveria ser observado era se a pergunta estava clara ou se precisaríamos mudar alguma palavra. Após essas orientações, fomos trabalhando de forma coletiva, escrevíamos as perguntas no quadro e os alunos iam fazendo sugestões. O registro das perguntas elaboradas pelas crianças, sem alteração de nossa parte, apenas com adequações gramaticais, está disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi\\_pesquisa\\_as\\_mudancas\\_climaticas\\_](http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi_pesquisa_as_mudancas_climaticas_).

A turma demonstrou dificuldade de resumir em uma única pergunta o objetivo da pesquisa. Então, tínhamos que fazer um questionário aproveitando ao máximo as perguntas elaboradas pelos alunos e organizando as questões em uma sequência lógica. Assim, recordando as questões-problema dessa pesquisa (As pessoas de Planaltina já ouviram falar sobre aquecimento global? As pessoas têm o conhecimento de que podem estar contribuindo com algumas atitudes para o aumento do aquecimento global? O aquecimento global já está interferindo na produção agrícola de Planaltina? As pessoas sabem que o aquecimento global mata os animais?), procuramos dividir o questionário em três partes:

1. A percepção ambiental dos moradores de Planaltina.
2. As atitudes e os comportamentos dos entrevistados sobre o tema.
3. O conhecimento sobre aquecimento global.

Optamos por deixar as perguntas mais específicas sobre o aquecimento global por último, de modo a não induzir as respostas das pessoas caso elas soubessem previamente do que se tratava. Outra mudança realizada foi a substituição do termo “aquecimento global” por “mudanças climáticas”, sendo este mais amplo e tecnicamente mais adequado. O questionário final está disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi\\_pesquisa\\_as\\_mudancas\\_climaticas\\_](http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi_pesquisa_as_mudancas_climaticas_).

Ao selecionar algumas perguntas para serem trabalhadas, infelizmente não tivemos tempo de conversar com as crianças individualmente sobre o trabalho delas. Observamos perguntas de difícil entendimento, outras fora do tema (Será? Às vezes, para a criança, havia alguma lógica naquela pergunta) e muitos erros gramaticais e de concordância. Essa atividade seria, então, uma excelente oportunidade de conversar mais com os alunos, valorizar o trabalho deles, mesmo que as perguntas não fossem incluídas no questionário, e trabalhar a redação. Por não sermos professores da turma e o nosso tempo ser bastante limitado, tínhamos algumas dificuldades. A atividade se mostrou produtiva, mas cansativa para as crianças. Algumas se mostravam dispersas, e tentávamos atrair a atenção direcionando perguntas de forma descontraída. Depois, pedimos às crianças que fossem anotando no caderno as alterações, assim elas focariam mais a discussão. Ao longo

do processo, as crianças sentiram necessidade de acrescentar novas perguntas.

Reunimos as crianças na sala de aula e pedimos a elas que pensassem em um nome para o nosso projeto de pesquisa sobre o aquecimento global. Conforme elas iam falando, anotávamos os nomes no quadro e depois fizemos uma votação. O nome escolhido para o projeto foi “Sarandi Pesquisa o Aquecimento Global”.

| Sugestão de nome para o projeto de pesquisa         | Votos |
|---|-------|
| Projeto Ambiental do Cerrado                        | 1     |
| Minha Cidade Está Esquentando?                      | 0     |
| Projeto Sarandi Pesquisa a Sua Opinião              | 1     |
| Projeto Ambiental do Sarandi                        | 2     |
| O Aquecimento Global Está Esquentando o Sarandi?    | 1     |
| Sarandi Contra o Aquecimento Global                 | 1     |
| Escola Sarandi Estudando sobre o Aquecimento Global | 4     |
| Projeto Sarandi Pesquisa o Aquecimento Global       | 11    |
| O Aquecimento Global Está Matando os Animais        | 1     |

O processo foi simples, e as crianças pareceram estar satisfeitas com o nome escolhido. Observamos que não houve resistência para a aceitação do nome, como aconteceu no processo de escolha do tema, em que alguns alunos realmente ficaram chateados, pois queriam pesquisar sobre outro assunto que consideravam mais interessante.

Nesse momento, perguntamos se eles estavam gostando do trabalho e se achavam difícil pensar nas perguntas para fazer o questionário. Dos seis alunos que se manifestaram, apenas 1 disse que achou a atividade fácil. Os outros relataram

que sentiram dificuldade, pois nunca haviam feito uma atividade semelhante.

Realmente, durante a atividade em que os alunos tinham que elaborar as perguntas, eles demonstraram muita insegurança, nos solicitando ajuda a todo o momento, e precisávamos ter muito cuidado para não interferir demais no processo de criação das crianças. Com os depoimentos dos alunos, refleti: Mas não seria a escola o lugar ideal para fazer perguntas? Crianças geralmente não são curiosas? Por que tanta dificuldade em perguntar? Será que nós estamos tirando o direito ou desmotivando as nossas crianças a questionarem? Por quê? Perguntando temos mais trabalho e menos controle?

Em 3 de outubro, fizemos com os alunos uma simulação da aplicação do questionário com os funcionários da escola. Comparando com a primeira vez em que essa atividade foi realizada, observei que os alunos estavam mais atentos, realizando os exercícios propostos com menos agitação e em maior conformidade com as orientações dadas. Duas crianças, entretanto, demonstraram resistência falando que não participariam das atividades naquele dia. Como no primeiro momento estávamos apenas eu e uma professora, para não interromper a atividade, pois a maioria das crianças demonstrava interesse, a professora optou por levar os meninos para a sala de aula e permanecer com eles desenvolvendo uma atividade de produção de texto que eles haviam realizado anteriormente e na qual não tinham se saído bem.

Depois, eu recebi informações que o pai de um dos alunos era alcóolatra e a mãe pedia dinheiro na rua. O outro

aluno demonstrava sempre falta de disposição na maioria das atividades, desde mais jovem, sendo um adolescente extremamente pessimista e mal-humorado. E agora? Fatos assim são comuns nas escolas. Será que realmente estamos preparados para trabalhar com essa situação? Às vezes, o professor, por teoricamente ter que assumir uma postura de “detentor do conhecimento”, age aparentemente com segurança diante de determinados problemas, mas encontra vários conflitos, e nem sempre o amparo teórico, institucional e emocional para lidar com eles. Esse fato me deixou bastante reflexiva e até triste por sair de lá sem ter a certeza de que a melhor decisão havia sido tomada.

Esses conflitos também têm me acompanhado em atividades realizadas com crianças abandonadas. Como agir em uma situação como essa? Até onde isso é indisciplina ou carência afetiva? Até onde é rebeldia ou um pedido de ajuda? Deveríamos mantê-los na atividade ou afastá-los para não prejudicar a maioria? Quantas crianças e jovens são afastados todos os dias das famílias, das escolas e da sociedade? Não que devêssemos olhar essas crianças com sentimento de pena, mas buscar meios de fortalecê-las. Mas como?

De outro lado, outra criança que tinha o costume de desistir das atividades propostas e, ao ser pressionada, dizia que não tinha pedido para nascer e tinha vontade de morrer, hoje demonstra bastante disposição em participar das atividades do projeto e tem se esforçado cada vez mais. No encontro seguinte, eu convidaria novamente para a aplicação do teste as duas crianças que ficaram afastadas, por acreditar que essa seja uma atividade diferenciada, que trabalha com

outras habilidades que não sejam as puramente cognitivas e que traz certa responsabilidade.

No encontro seguinte, reunimos as crianças na parte externa da escola e entregamos uma cópia do questionário impresso para cada uma delas. Orientamos que primeiro elas me ouvissem lendo a pergunta e depois lessem junto comigo. Ao final de cada leitura, perguntávamos se havia alguma dificuldade de entendimento e se elas tinham alguma sugestão de alteração. Após a leitura, orientamos sobre a postura que as crianças deveriam ter ao abordar alguém no dia da pesquisa. Eu e Maurício simulamos situações e pedimos a elas que apontassem o que era conveniente ou não. Todas chegaram à conclusão da importância de se identificar (afinal, as pessoas andam com muito medo na rua, e qualquer um que se aproxime pode assustá-las), de pedir “por favor” e agradecer ao final da entrevista, de usar o uniforme da escola no dia, de evitar gírias e de esclarecer inicialmente que não ocuparão muito o tempo das pessoas com o questionário.

As crianças demonstraram alegria ao ler o questionário. Elas riam quando identificavam no questionário as perguntas que haviam sido elaboradas por elas e até “disputavam” entre si para saber quem era o autor da pergunta (muitas crianças haviam pensado em perguntas semelhantes). Parecia que elas não estavam acreditando que eram mesmo as suas perguntas que estavam ali. **Nesse momento, realmente pude perceber a importância de modificar o menos possível o trabalho deles, e, quando necessário, fazê-lo de forma coletiva.**

Sugerimos que as crianças se dividissem em duplas por afinidade, e a princípio não interferimos nas escolhas delas.

Andamos com as crianças pela escola e fomos indicando as pessoas que elas deveriam abordar para a realização do questionário. Ao final das entrevistas, reunimos os alunos para uma avaliação coletiva.

Algumas duplas demonstraram dificuldade para ler as perguntas e escrever as respostas que eram abertas. Essas duplas começavam alegres, mas, conforme iam sentindo dificuldade, ficavam retraídas.

Observamos ainda que, em algumas duplas, um dos componentes se afastava do parceiro e, em outro momento, ria do colega e o chamava de burro. Outro ponto foi que algumas crianças entenderam que seria feita apenas uma pergunta do questionário para cada pessoa entrevistada, e não o questionário inteiro. Às vezes, a gente acha que ficou tudo tão claro, mas é só na prática que as dúvidas aparecem... Isso está acontecendo comigo, por exemplo, com o uso dessa metodologia.

No geral, as crianças fizeram a atividade com bastante motivação e voltaram satisfeitas do “trabalho cumprido”. Com base nas dificuldades encontradas, fizemos novas orientações, procurando valorizar o trabalho em equipe e o respeito pelo colega e pelo entrevistado. Uma pergunta foi alterada, e não teríamos percebido a dificuldade de entendimento se não fosse pelo teste. Ao ouvir a pergunta: “Você trabalha na roça?”, muitos professores responderam que sim, pois davam aulas na comunidade rural, mas o que realmente gostaríamos de saber é se a pessoa trabalhava na lavoura, plantando. Então, os alunos alteraram a pergunta para: “Você trabalha plantando na roça?”.

Os alunos disseram terem gostado da experiência, e alguns relataram terem ficado tímidos. Quanto aos alunos com dificuldade de leitura e escrita, pensamos em alterar a formação de algumas duplas. Mas como fazer isso sem causar maiores constrangimentos? Essas duplas realmente deveriam ser alteradas? Ou deixamos que elas permaneçam e tentamos dar mais atenção a elas no dia da aplicação do questionário?

Em 10 de outubro, iniciamos a preparação para executar a atividade de coleta de dados por meio da aplicação do questionário na feira de Planaltina. As crianças foram reunidas em uma sala e separadas em duplas. As duplas eram as mesmas formadas no encontro anterior, seguindo as escolhas dos alunos, de acordo com a afinidade. Os dois alunos que não participaram das atividades do último encontro, por se mostrarem desinteressados e resistentes na realização das tarefas propostas, estavam presentes, e optamos pela permanência dos dois na atividade da aplicação dos questionários. Quanto à preocupação com as dificuldades de alguns alunos na leitura das perguntas, pela quantidade de professores disponíveis na atividade, compreendemos que não haveria necessidade de mudar os pares, pois todos os alunos seriam acompanhados e poderiam pedir ajuda caso fosse necessário.

Entregamos dois crachás, uma prancheta, uma caneta e sete questionários (enumerados) para cada dupla. Pedimos a eles que lessem as perguntas do questionário conosco e perguntassem caso houvesse alguma dúvida. Após a leitura das perguntas, reforçamos a importância do uso de palavras como “por favor”, “com licença” e “obrigado” e de que eles

tivessem uma postura de muito respeito, mesmo que esta não fosse recíproca por parte dos entrevistados.

Perguntei se eles estavam tímidos ou com medo. Muitos afirmaram estar inseguros. Desse modo, reforçamos a importância dessa atividade, não apenas para saber mais sobre as mudanças climáticas, mas para aprender a trabalhar em grupo, respeitar a opinião do outro e desenvolver novas habilidades, como falar em público. Ressaltamos ainda que o exercício da aplicação do questionário seria muito interessante para que, no futuro, quando um dia eles precisarem fazer alguma entrevista de emprego, eles não se sintam tão nervosos.

**Quando chegamos à escola, eu e Maurício estranhamos, pois a escola estava bastante silenciosa, e ele havia comentado comigo durante o caminho que tinha sonhado que as crianças não apareciam no dia da atividade, pois estariam com medo. Para nossa surpresa, todas as crianças estavam na sala, em silêncio, pois a professora havia dito que quem não se comportasse não iria para o “passeio”. Ou seja, o silêncio deles representava justamente o contrário, que eles estavam se esforçando para sair conosco e participar das atividades.**

Havíamos combinado que, no mesmo dia, após a pesquisa, sairíamos com os alunos para um clube. A princípio, havíamos conseguido a chácara de um colega do curso Reeditor Ambiental, mas, no dia anterior, fomos informados de que a piscina estava interditada. Ficamos bastante tristes com a situação, mas Maurício falou que ia fazer outros contatos e conseguiu um clube chamado Acqua Park, em Planaltina, que foi oferecido sem custos pelo proprietário

Raimundo, que nos recebeu pessoalmente com muita alegria.

Confesso que fiquei receosa de que o passeio no clube pudesse desviar a atenção dos alunos da pesquisa e se corríamos o risco de as crianças aplicarem o questionário “correndo” para terminar logo e caírem na piscina. Durante a leitura coletiva do questionário, a divisão das duplas e a entrega dos materiais, as crianças demonstraram bastante atenção e interesse. Um ponto me chamou a atenção ao final do primeiro momento: a dupla de meninos que haviam ficado de fora da última atividade por problemas de comportamento me procurou, questionando que eu havia entregado para eles apenas seis questionários, e não sete. Pedi desculpas e disse que havia errado na hora da distribuição. Então, eles me perguntaram se, quando eles terminassem os sete questionários, poderiam pegar mais comigo. Senti muita sinceridade no pedido deles. Como eu havia refletido anteriormente, às vezes “problemas de comportamento” (ou aquilo que julgamos serem problemas) podem estar relacionados ao tipo de atividade ou estímulo. Daí, a importância de diversificar a nossa forma de atuação. Como será que essa dupla se sairia na aplicação dos questionários?

Outro ponto interessante é que no dia o clima estava bastante frio e nublado, mas eles falaram que entrariam na piscina mesmo se chovesse. Enquanto as crianças esperavam o ônibus fora da escola, elas aproveitaram para desenhar um sol no chão para que o tempo melhorasse. Eu e Maurício estávamos preocupados com o tempo, mas as crianças pareciam estar tranquilas, pois se divertiriam de qualquer jeito.

Quando as crianças desceram do ônibus para a aplicação do questionário na feira, separamos as duplas e definimos uma pessoa adulta que ficaria responsável por duas ou três duplas. Nós tínhamos cinco professores (isso demonstra o interesse e o apoio da escola), duas estudantes universitárias (orientandas do professor Irineu, que participa do grupo de acompanhamento desse trabalho), o colega Thiago Silvestre, do IBRAM, que ficou responsável pelo registro fotográfico, eu e Maurício, totalizando dez adultos. Isso nos trouxe mais tranquilidade para a realização da atividade.

Após definir os adultos que ficariam responsáveis pelas duplas de alunos, determinamos também os lugares da feira que seriam visitados. Três duplas ficaram na parte da feira que vende roupas, outras três duplas ficaram na parte que vende produtos eletrônicos e seis duplas ficaram na parte que vende produtos provenientes da atividade rural (frutas, verduras, ovos, queijos, galinhas, entre outros). O número maior de alunos nessa parte da feira se justifica pelo fato de ser a pesquisa do impacto da mudança climática sobre produção rural um dos principais pontos de interesse dos alunos.

No total, 25 alunos compareceram, formando 11 duplas e um trio. Uma das crianças se locomovia em cadeira de rodas e apresentava dificuldades de coordenação motora e na fala, mas isso não impediu que ela participasse de todas as atividades desenvolvidas até então, sendo muito interessante observar o carinho das crianças com esse colega e o quanto eram prestativas ao ajudar na locomoção dele. A aplicação do questionário na feira durou cerca de uma hora e meia.

Em nossa compreensão, as crianças atenderam bem a todas as nossas orientações, não demonstrando nenhuma resistência. É impressionante observar como às vezes atividades fora da sala de aula, diferentemente do que pensamos, conseguem deixar os alunos mais concentrados do que se estivessem em um lugar fechado, onde julgamos ser um ambiente mais controlável. As crianças conversavam muito, não por indisciplina, mas por estarem bastante entusiasmadas com a experiência.

A minha preocupação de os alunos aplicarem o questionário de qualquer jeito para irem logo para o clube não se confirmou. Todas as duplas, ao retornar para o ponto de encontro definido, perguntaram se eu não tinha mais questionários para que elas pudessem aplicar. A dupla formada por aqueles meninos que haviam ficado de fora teve um rendimento impressionante, demonstrando bastante confiança ao conversar com as pessoas, abordando os entrevistados com alegria e respeito. E ainda descobri que um deles tocava violão muito bem. Então, perguntei por que ele nunca tinha pedido o violão para nós quando nos encontrávamos (sempre levamos o violão para treinar as músicas “Xote Ecológico” e “Voo da Juriti” com as crianças). Ele disse se sentir envergonhado.

Quando as crianças voltaram para o ônibus, eu perguntei o que elas haviam achado da atividade. Era impressionante, porque todas queriam falar ao mesmo tempo e me abraçavam. Elas sempre foram carinhosas e receptivas conosco, mas até o momento não havia ocorrido uma manifestação de afeto tão intensa.

Seguem aqui alguns relatos:

“Tia, eu gostei muito. No começo, eu estava tremendo, que a até a folha balançava, mas depois ficou mais fácil, e eu até faria mais perguntas se tivesse mais questionário.”

“Eu gostei muito de conversar com as pessoas, mas fiquei muito triste quando uma pessoa me falou para ir pro inferno com a natureza.”

“Eu nunca tinha ido nessa feira e gostei de conhecer aqui. Eu faria essa atividade de novo. A gente vai sair de novo?”

“Tia, uma mulher ficou sem paciência de responder o questionário e aí pegou ele da minha mão, e ela mesma ia escrevendo as respostas. Eu me senti triste, porque como eu ia explicar as coisas pra ela se ela tivesse dúvida?”

“Foi massa! Um cara da feira deu até uma goiaba pra gente.”

“Tia, as pessoas falavam que sabiam o que era mudança climática, mas eu acho que elas não sabiam era nada.”

“Professora, eu acho que algumas pessoas mentiram pra gente falando que sabiam o que era aquecimento global.”

“Tia, isso aqui é melhor do que ir no cinema!”

A universitária Sabrina fez um relato interessante. Ela disse que um dos entrevistados falou que só as embalagens dos produtos é que prejudicavam o meio ambiente, mas o conteúdo (os alimentos) não prejudicava, “pois era da natureza”.

Outro ponto importante a ser ressaltado é que as crianças afirmaram que quase ninguém respondeu a parte do questionário com as perguntas direcionadas para os produtores rurais. Isso demonstra que a maioria dos

produtores rurais não vende diretamente os seus produtos na feira, sendo estes comprados e vendidos por intermediários (atravessadores).

Então, fomos todos para o clube.

## **Visita ao clube Acqua Park**

Após a aplicação do questionário, o sol apareceu com toda a força. As crianças estavam muito alegres. Pude observar o carinho dos professores com as crianças e o respeito com que elas eram tratadas. Eu e as professoras estávamos mais preocupadas em olhar as crianças, organizar o almoço, enquanto os professores estavam mais preocupados em brincar com os alunos, jogando vôlei, totó, pingue-pongue. A gente fala que o passeio era pensando nos alunos, mas na verdade todos se divertiram bastante. Observei também que as crianças ficavam na piscina, mas sentiam a necessidade de serem observadas. A todo o momento, elas me chamavam: “Tia, olha como eu nado”, “Tia, olha o meu mergulho”, “Tia, olha como eu sei pular” e por aí vai...

Durante todo o dia, observei com atenção as reações do aluno da turma com necessidades especiais. Ele estava muito alegre, e o carinho das outras crianças e dos professores com ele era muito grande. Já ouvi de alguns professores que seria melhor para alunos com necessidades especiais estudar em escolas específicas para que tivessem um atendimento mais especializado e que em escolas “normais” eles se “desenvolveriam” menos. Não sei quanto ao “desenvolvimento” deles, mas o nosso seria muito menor com a ausência desses alunos. Nós nos beneficiamos muito

ao conviver com essas crianças, aprendendo o respeito, a inclusão e a alteridade. Talvez nós precisássemos mais delas do que elas de nós. Às vezes, nos preocupamos muito com o desenvolvimento cognitivo e deixamos de lado outras formas de aprender e de sentir.

É possível avaliar a aprendizagem dessa turma por meio do convívio com o colega? É possível avaliar o amadurecimento dessas crianças como seres humanos? De fato, não podemos medir e nem atestar em um prova. Será que é por isso que muitas vezes desconsideramos esses conhecimentos? Justamente porque não podemos tecer teorias matemáticas e controlá-los em um laboratório?

Em 17 de outubro, planejamos tabular as respostas e converter os resultados em porcentagem. Havia 20 alunos na turma. Como tínhamos 100 questionários, foram distribuídos 5 para cada um. As perguntas e as respostas foram escritas no quadro. Em cada pergunta, os alunos liam as respostas e estas eram anotadas no quadro, sendo contabilizadas. Ao final de cada pergunta, tínhamos o cuidado de conferir se o total das respostas conferia com o número de questionários aplicados.

Depois de contabilizar os resultados, explicamos que transformaríamos os números em porcentagem, conteúdo que eles já haviam visto em sala de aula com os professores. Como tínhamos 100 questionários, a atividade foi relativamente de fácil compreensão. Os alunos tiveram mais dificuldades de entender o procedimento quando tínhamos que fazer uma transformação em um universo diferente de 100, pois havia no questionário algumas perguntas-filtro.

A tabulação dos dados foi feita de forma coletiva com o auxílio do quadro. Já para a transformação dos resultados em porcentagem, dividimos a turma em duplas e entregamos um resultado para cada uma para que fizessem a conta. Conforme as duplas iam terminando, conferíamos a conta realizada e entregávamos outra. Os resultados da pesquisa estão disponíveis em: [http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi\\_pesquisa\\_as\\_mudancas\\_climaticas\\_](http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi_pesquisa_as_mudancas_climaticas_).

No início, Maurício e eu achamos que essa seria uma atividade muito desgastante para a turma e que teríamos dificuldades de mantê-los concentrados. Entretanto, não foi isso o que ocorreu.

Os alunos participaram bem e assumiram a tarefa com responsabilidade. Prova disso é que, ao final de todas as perguntas, a quantidade das respostas sempre correspondia ao total, não havendo erros na transmissão dos resultados. Em uma manhã, conseguimos tabular os dados e transformar os resultados em porcentagem, de forma coletiva e dividindo tarefas, deixando a atividade bastante dinâmica.

Os alunos colaboraram e conseguiram manter a mesma empolgação do início ao fim. A professora da turma comentou conosco que não via essa mesma empolgação dos alunos para fazer contas durante as aulas. O envolvimento das crianças em uma tarefa aparentemente “chata”, visto que as outras atividades desenvolvidas por mim e pelo Maurício anteriormente poderiam ser consideradas mais atrativas por eles (trilha na mata, música, brincadeiras, vídeos, dinâmicas), surpreendeu a todos.

**Não resta dúvida de que, se essa atividade de tabulação e contas de porcentagem fosse realizada com base em outra pesquisa qualquer, não haveria a mesma participação da turma. O mérito de tanto envolvimento se deve ao fato de que essa pesquisa havia sido realizada por eles, e agora, mais do que ninguém, eles queriam saber o resultado dos esforços que foram empregados ao longo dos nossos encontros.**

Em 24 de outubro, reunimos os alunos na sala de aula para confeccionar os gráficos com os resultados da pesquisa. Para iniciar a atividade, apresentamos um gráfico em barras (feito em folha quadriculada A2) com o resultado da primeira pergunta do questionário, que foi fixado no quadro. Assim, perguntamos: “Na opinião de vocês, qual é a melhor forma de apresentar os resultados da nossa pesquisa? Apenas na forma numérica ou como nesse gráfico? Qual das duas informações transmite a mensagem mais rápida e de forma mais atrativa? Se apresentássemos os resultados dessa pergunta para uma criança, qual das duas formas ela teria mais noção de quantidade? Os números ou o desenho do gráfico?”

Com essas perguntas iniciais, exploramos com as crianças as facilidades de transmitir uma informação por meio de gráficos, mas ressaltando que estes não eram desenhados em qualquer tamanho, de forma aleatória. Mostrei então outro gráfico apenas com o desenho da barra, sem os números. Conversei com eles que, com uma régua, ou fazendo algumas contas, conseguiríamos descobrir os números do resultado. Assim, dividimos a turma em duplas, entregamos alguns desses gráficos para cada uma delas e pedimos que eles descobrissem os números da pesquisa analisando apenas

o tamanho do desenho e estabelecendo uma relação. Rapidamente, algumas duplas chegaram à conclusão de que o número de pessoas estava relacionado ao número de “quadrinhos” da folha.

Depois de descobrir essa correspondência, mantendo a divisão em duplas, distribuímos duas perguntas do questionário para que cada dupla fizesse o gráfico. Entregamos duas folhas quadriculadas para cada aluno, além de régua e lápis de cor. Assim, cada dupla teria duas perguntas. Os alunos trabalhariam juntos, mas cada um desenharia o seu gráfico.

Os alunos gostaram da atividade, principalmente na hora de pintar os gráficos (eles adoram desenhar e pintar). Em outras atividades, já tínhamos observado a seguinte reação dos alunos: muitos deles nos chamavam a todo instante (o que quase nos deixava “malucos”) para perguntar se estava certo, se estava bonito, se podiam usar determinada cor (nós já havíamos passado a informação de que eles poderiam pintar o gráfico na cor que quisessem). O que essa situação pode transparecer? Será apenas a vontade de realizar algo bem feito (afinal, aqueles gráficos seriam apresentados em um congresso e eram fruto de uma pesquisa elaborada por eles)? Será insegurança proveniente de baixa autoestima? Será necessidade de ter atenção por carência afetiva?

Um dos pontos fortes, para mim, da forma de trabalho dessa metodologia é justamente proporcionar momentos de trabalho coletivo, integrando mais professor e aluno. Seja qual for o motivo dessa reação dos alunos, essas questões estão sendo diretamente ou indiretamente trabalhadas.

Em 31 de outubro, tínhamos como objetivo realizar uma abordagem crítica e reflexiva dos resultados da pesquisa. Fizemos uma reflexão com a turma sobre os dados da pesquisa de forma coletiva. Colocamos as crianças sentadas em círculo na sala de aula (optamos por ficar com os alunos na sala nos últimos encontros por causa do frio e da chuva) e relembramos quais eram os principais pontos que gostaríamos de saber com a pesquisa de opinião: a percepção ambiental dos moradores de Planaltina, os comportamentos e as atitudes dos entrevistados em relação ao meio ambiente e o acesso das pessoas às informações referentes às mudanças climáticas. As principais conclusões levantadas pelo grupo estão disponíveis em: [http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi\\_pesquisa\\_as\\_mudancas\\_climaticas\\_](http://www.nepso.net/projeto/2578/sarandi_pesquisa_as_mudancas_climaticas_).

O que mais chamou a atenção das crianças, e no próprio dia das entrevistas elas já tinham relatado isso, é que a maioria das pessoas reconhece que o meio ambiente está sofrendo alterações severas nos últimos anos, que o clima vem apresentando mudanças, mas elas não conseguem estabelecer uma relação entre esses acontecimentos e a cultura consumista da nossa sociedade. É como se as coisas que consumimos não viessem da natureza e que as nossas atitudes fossem muito pequenas para interferir de alguma forma no meio ambiente.

Durante os debates, era muito comum os alunos, ao analisar algumas respostas dos entrevistados, fazerem comentários afirmando que estes eram “burros”. Essa foi uma excelente oportunidade para refletir sobre os resultados da pesquisa e também sobre o respeito que devemos ter com

a opinião das outras pessoas. A pesquisa demonstrava ainda a grande necessidade da sociedade de receber informações referentes ao meio ambiente, e cabia aos alunos serem multiplicadores de tudo o que haviam aprendido sobre o tema.

Em 7 de novembro nos propomos a preparar os alunos para a apresentação dos resultados da pesquisa no Congresso Reeditor Ambiental 2013. Levamos as crianças para o ambiente externo da escola (estava sol) e contamos que o “grande dia” havia chegado e que teríamos que pensar em uma apresentação para o dia do Congresso. Eles perguntaram se todos teriam que falar “lá na frente”, e dissemos que dependia do que fosse decidido por todos. Rapidamente alguns alunos da turma indicaram dois colegas para falar em nome deles: Bárbara e Vagner (que também iam participar de uma peça da escola sobre Romeu e Julieta).

Perguntamos se os dois aceitavam a sugestão e se mais alguém gostaria de participar. Nesse momento, outra aluna (Mariana) levantou a mão. Pedimos então que eles pensassem em alguma forma de apresentação em que todos pudessem participar, mesmo que não fosse falando no microfone. Um aluno da turma falou: “A gente podia fazer um protesto pra não matarem os ursos”. (Lá vem o urso-polar de novo, que tanto chamou a atenção das crianças para a pesquisa sobre mudanças climáticas.)

Acreditamos que a sugestão do “protesto” foi estimulada pelas várias manifestações que estavam acontecendo em todo o país. Os alunos gostaram e aceitaram a sugestão do colega. Outro aluno comentou em tom de brincadeira: “Aí a gente entra e quebra tudo”. Os colegas riram, e nós falamos que o problema

era exatamente esse, que nós já estávamos “quebrando” tudo, inclusive o meio ambiente, a vida do urso-polar. E que todo o nosso trabalho e as informações que possuíamos eram importantes para construir e “reformatar” as coisas que estavam erradas, e não destruir como já estava acontecendo com as guerras, os desmatamentos, os incêndios florestais.

Após esses comentários (tudo é uma oportunidade de aprendizagem), os alunos decidiram fazer cartazes para um protesto pacífico. Como tínhamos pouco tempo, a professora ficou de confeccionar esses cartazes com as crianças ao longo da semana. Orientamos a professora para que as frases dos cartazes fossem pensadas pelos próprios alunos e que ela interferisse o mínimo possível. Maurício sugeriu ainda que as placas fossem feitas com papelão de caixas recicladas e fixadas em varas de bambu para transmitir a ideia de sustentabilidade.

Ao anunciar que tínhamos que preparar uma apresentação, percebemos que os alunos ficaram bastante agitados e ansiosos. Apesar de sempre falar que haveria um congresso em que eles mesmos seriam os responsáveis pela apresentação dos resultados da pesquisa, parecia que eles não acreditavam muito, pois nesse dia eles se mostraram surpresos com a atividade.

Dos três alunos que falariam sobre os resultados da pesquisa, Mariana e Vagner demonstraram bastante confiança, e Bárbara já estava “respirando fundo” quando falamos da apresentação. Mesmo declarando que estava nervosa e com medo só de pensar no dia, Bárbara queria muito fazer parte da apresentação, pois, como ela mesma afirmou: “Tia, é bom

porque isso vai ser um desafio pra mim, falar para um monte de gente”.

A apresentação da turma no dia do Congresso, 12 de novembro, seria na parte da tarde. Pela manhã, buscamos um professor e os alunos Bárbara e Vagner para nos ajudar na montagem do estande e poderem preparar melhor a apresentação. A aluna Mariana ficou na escola para decorar um poema sobre o meio ambiente que ela queria declamar na apresentação. As placas do “protesto” estavam prontas e com frases pensadas pelos próprios alunos, como: “Salve o planeta”, “Não destrua a casa do urso-polar”, “Cuidado com a mudança climática”, “Não matem os animais”, “Pense mais e compre menos”.

Não saberíamos dizer quem estava mais nervoso, se nós ou os alunos. Perguntei para Bárbara e Vagner se eles queriam falar sobre a pesquisa com as palavras deles, mas eles pediram e afirmaram se sentirem mais seguros se escrevêssemos no papel o resumo dos resultados para que eles pudessem ler. Já havíamos sido orientados que não deveríamos nos preocupar excessivamente com a apresentação, que o mais importante era os alunos se sentirem seguros e valorizados pelo trabalho realizado.

A aluna Bárbara passou mal após o almoço, se sentindo enjoada, ela disse estar muito nervosa, mas não cogitava a possibilidade de desistir, pois queria muito apresentar aquele trabalho. Sua tia trabalhava na cantina do local onde estava sendo realizado o Congresso, passando um pouco de segurança para a sobrinha.

Havia ainda uma rede de televisão que estava acompanhando o evento, e a repórter pediu para entrevistar

Vagner e Bárbara. Os meninos falaram muito bem sobre a importância da pesquisa e como que eles haviam aprendido sobre o meio ambiente.

Na parte da tarde, os outros alunos chegaram ao *campus* Planaltina da Universidade de Brasília (UnB), e pude observar o olhar atento das crianças. Os alunos do grupo não conheciam o *campus* da Universidade Federal na sua cidade. As crianças estavam alegres e ansiosas pela apresentação. E, apesar da agitação natural de uma atividade nova, os professores não tiveram nenhuma dificuldade em manter a turma unida e atenta às orientações.

Assim, subiram ao palco inicialmente Bárbara, Vagner e Mariana. Mariana declamou um poema sobre o meio ambiente feito por uma professora da escola. Depois, Vagner e Bárbara leram alguns dados principais da pesquisa. Bárbara teve dificuldade para concluir a leitura e pediu desculpas para a plateia. Ao final, todos os outros alunos subiram ao palco com as placas simulando um protesto a favor do meio ambiente e cantaram a música “Voo da Juriti”, encerrando a apresentação.

Confesso que fiquei um pouco preocupada com Bárbara após a apresentação, mas ela estava muito alegre por ter conseguido vencer aquele “desafio”. A matéria sobre o evento passou na televisão e também a entrevista realizada com a aluna Bárbara. A professora nos contou posteriormente que os pais da aluna ficaram muito emocionados ao ver a filha na televisão e que aquele momento foi particularmente especial, pois a mãe estava muito debilitada por causa de um tratamento prolongado contra o câncer.

Trabalhar com esses alunos por meio dessa metodologia foi uma experiência muito enriquecedora. Por dar voz ao aluno, constatamos o surgimento e o fortalecimento de um laço de confiança e cumplicidade entre nós, promovendo um ambiente alegre e solícito de trabalho. Professores relataram ainda que puderam observar melhoras significativas no interesse e na autoestima dos alunos.

O uso dessa metodologia se mostrou muito positivo para a pesquisa de temas relacionados ao meio ambiente, por ser bastante atual e relevante em nossa sociedade. Pudemos constatar também que, por mais que tenhamos acesso aos meios de comunicação e estes nos informem cada vez mais sobre as questões ambientais, ainda temos dificuldade de assimilar essas informações e mudar alguns hábitos, mesmo que pequenos, no nosso dia a dia.

# O SEGREDO É NÃO CORRER ATRÁS DAS BORBOLETAS...

CARLA NEIVA

## A escola

---

**INAUGURADA OFICIALMENTE NA DÉCADA DE 1980**, nossa escola está situada na área rural, na Bica do Departamento de Estradas e Rodagens, perto da Lagoa dos Carás e da Lagoa Joaquim Medeiros, na cidade de Planaltina (DF), e atende a comunidade dos condomínios próximos e também famílias de chacareiros, totalizando cerca de 230 educandos, da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental.

A escola recebeu esse nome em homenagem a um dos antigos nomes da cidade Altamira, pois, de acordo com os mais antigos, a altitude da cidade oferecia um bom mirante para as pessoas.

Eu, Carla Neiva, sou professora nessa escola há 16 anos. No momento, trabalho com uma turma do 5º ano com 20 alunos frequentes com idade entre 9 e 10 anos, que será a turma piloto do meu projeto de pesquisa Nepso em 2013.

Nesse ano, fiz pela segunda vez o curso Reeditor Ambiental, oferecido pela Estação Ecológica de Águas

Emendadas e do Instituto Brasília Ambiental (Ibram). Nesse curso, aprendemos várias estratégias para trabalhar a educação ambiental em sala de aula: por meio da automassagem entendemos que o corpo é a nossa primeira casa, merecendo cuidado e atenção; a dança circular nos dá concentração, alegra o espírito e promove a integração do grupo; a trilha monitorada nos coloca em contato com a natureza, desperta os nossos sentidos, educa o nosso olhar, nos integra ao ambiente e estimula o cuidado com o meio; o ciclo de palestras nos traz as informações necessárias para trabalhar os grandes temas da educação ambiental; a metodologia Nepso possibilita a interdisciplinaridade, a participação da comunidade escolar, o protagonismo de alunos e professores e pequenas intervenções socioambientais no espaço escolar.

## Definição do tema

Em 30 de abril, saí do curso Reeditor Ambiental preocupada com o tema do nosso projeto de pesquisa e em como fazer para explorar o assunto com os alunos. Achei que deveria “começar pelo início”, falando com os alunos sobre o curso que eu estava fazendo e sobre a necessidade de desenvolver um projeto a respeito de alguma questão ambiental. Assim, ao perguntar se eles sabiam de algumas questões que poderiam ser abordadas no projeto, as respostas foram boas, indicando temas como: “a poluição dos rios, do ar e dos mares”, “a sujeira nas ruas”, “o desmatamento e as queimadas”, “a higiene com o nosso corpo” e “a limpeza da nossa escola”. Gostei da participação da turma nessa aula. Como dever de casa para os próximos dias, pedi aos

alunos que assistissem mais aos noticiários de tevê sobre as questões de que eles haviam falado. Com duração de 40 minutos, essa aula foi uma conversa informal, e não registramos nada por escrito.

Na semana seguinte, alguns alunos comentaram sobre o que viram nas notícias, questões sobre lixo, desmatamentos, matança de animais, e percebi que eram temas apreciados pelos alunos. A participação deles sempre foi boa, e, como os temas já começavam a ser mais observados por eles na televisão e na internet, sempre havia algum comentário na sala de aula.

Em 8 de maio, começamos a pensar sobre qual tema os alunos gostariam de desenvolver no nosso projeto. Não foi fácil, pois, a meu ver, os alunos demonstravam pouca observação de alguns aspectos físicos e estéticos do ambiente escolar que poderiam ser melhorados. Nessa faixa etária, as crianças têm como referência o ambiente familiar, as informações e as situações vivenciadas no dia a dia.

A conversa informal com os alunos foi muito interessante, e gostei de ouvir as ideias deles. Eles sugeriram que pesquisássemos sobre “os animais em extinção, o desmatamento, a poluição dos mares e dos rios, as queimadas no cerrado e o lixo nas ruas”. Falei com eles que todos esses eram ótimos temas, mas que eram muito abrangentes, e precisaríamos escolher um tema para a nossa pesquisa de opinião na escola. Orientei que continuássemos a pensar sobre o assunto e avisei-os que, na semana seguinte, faríamos um passeio ao zoológico de Brasília em comemoração à Semana de Educação para a Vida. Lá, aprenderíamos muito.

A turma toda demonstrou-se entusiasmada. Essa conversa durou aproximadamente 30 minutos, e não fizemos registros escritos sobre essa aula.

## Construindo um jardim

Em 20 de maio, planejei a primeira parte da aula só para a definição do tema do projeto, mais precisamente até o horário do intervalo. Fizemos automassagem e depois um “passeio” pelo espaço da escola. Solicitei que o olhar deles fosse observador e que a atividade transcorresse de forma organizada e, naquele momento, mais silenciosa. Voltamos para a sala e conversamos sobre o que os alunos observaram. Houve alguns relatos: *“Tia, nossa escola está limpinha”, “A escola do meu irmão é toda pichada”, “Não tem coisa quebrada lá fora”, “Já estão limpando o lugar da horta”, “Por que a gente não constrói uma piscina na escola?”* (desta sugestão eles gostaram). Por meio dos relatos, pude perceber que os alunos não viam grandes problemas na escola para que fosse objeto de pesquisa e prática, não havendo naquele momento nada que os alunos achavam que precisasse melhorar. A ótica das crianças é diferente da nossa. Elas viam tudo o que era “bom e bonito”. Assim, me senti apreensiva, porque a sugestão de temas para a pesquisa precisava partir deles, e eu não poderia interferir muito, só mediar. Até que o aluno Lucas disse que existia espaço na escola para jardinagem e observou que isso não era feito. **E então, foi um “converseiro total” na sala. Um falava: “Tia, vamos fazer um jardim?”. E outros diziam: “É a gente que vai plantar?”, “Minha mãe tem plantas, e eu posso trazer”. Cada um queria dar uma sugestão.**

Agora entusiasmada, tive que mediar a conversação. Fizemos uma votação para saber a opinião da turma sobre a sugestão do colega, e todos acharam “muito legal”, pois seria “lindo um jardim na escola”. Confesso que foi um alívio para mim, havíamos encontrado o tema! Elaboramos um texto coletivo sobre a aula. Assim, além do registro da aula, exploramos a estruturação de um texto com a turma. A atividade se prolongou por 1 hora além do recreio, e finalizamos às 17 horas.

Em 3 de junho, retomamos o assunto do jardim falando sobre o que poderíamos plantar nele. Alguns alunos achavam que poderíamos plantar flores, outros que poderíamos plantar ervas medicinais. Decidimos, então, atender a todos sugerindo que fossem plantadas as flores e também as ervas medicinais. Achei interessante a colocação de uma aluna disse que teriam que ser “plantas com uma raiz fininha”, porque o espaço destinado ao plantio seria pequeno. As crianças desenharam o que achavam que poderia ser plantado no nosso jardim.





Precisávamos definir o local de plantio. Escolhemos um local próximo ao alambrado, no pátio da escola, que não era um local grande, mas ficamos preocupados por causa do trânsito de crianças naquele local. Com certeza, nossas plantinhas sofreriam danos. Em 2012, essa mesma turma plantou algumas mudas no local, mas algumas apareceram destruídas, e as formigas acabaram com as outras.



*Local escolhido para o Jardim sustentável.*

Em 4 de junho, planejei uma aula no laboratório de informática. Pesquisamos imagens de jardins em escolas, casas e pequenos espaços. Para a nossa alegria, vimos imagens de um “muro vegetado”, ou “jardim vertical”, plantado dentro de latas, garrafas PET, embalagens plásticas e muitos outros materiais reciclados. Daí, surgiu a ideia de construir nosso jardim vertical utilizando garrafas PET. Dessa forma, evitaríamos que nossas plantas fossem pisoteadas, utilizaríamos o alambrado e não haveria necessidade de combater as formigas. Os alunos desenharam um “miniprojeto” para visualizar como ficaria o nosso “alambrado vegetado”. E eles capricharam nos desenhos! Como previsto por mim, essa aula demorou um pouco mais que 2 horas, das 15h45 às 18 horas. Por ser uma tarefa gostosa para eles, trabalhamos após o recreio e ficamos até o término da aula nessa atividade.





Em 14 de junho, propus a produção de um texto com o tema “O que eu sei sobre as plantas”. Essa atividade foi bastante proveitosa para mim, fornecendo pistas para saber de onde eu deveria partir para uma pequena formação com os alunos ou se eu deveria propor essa formação. Pedi aos alunos que escrevessem em tópicos, em uma folha, o que eles sabiam sobre as plantas. De modo geral, os alunos demonstraram não ter muito conhecimento do assunto. Seguem-se aqui alguns relatos: “Existem plantas que servem para comer”, “Existem plantas para fazer remédio”, “Plantas morrem”, “Plantas vivem na terra”. Assim, percebi a necessidade de uma breve pesquisa com a turma para aprender um pouco mais sobre as plantas. Planejei 30 minutos para essa atividade, e todos terminaram no tempo proposto.

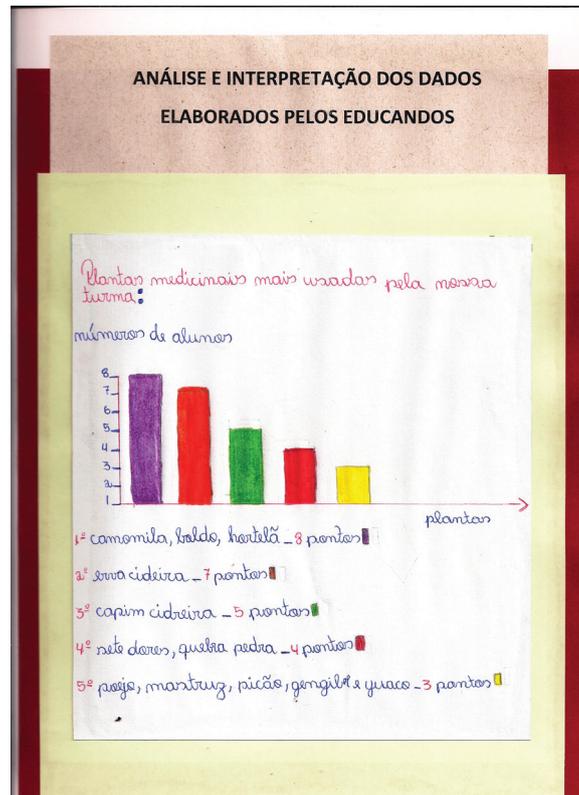
Em 19 de junho, dividi os estudantes e cada grupo ficou responsável por pesquisar uma parte da planta, algumas funções e suas utilidades. Foi um trabalho muito prazeroso e significativo. Os grupos explicaram para os colegas o que

aprenderam e, ao fim, produziram texto coletivo (disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2567/jardim\\_vertical\\_plantas\\_no\\_alto\\_um\\_ideia\\_legal](http://www.nepso.net/projeto/2567/jardim_vertical_plantas_no_alto_um_ideia_legal)) com as informações obtidas e fizeram desenhos. Além de outras coisas, eles descobriram que nem todas as plantas viviam na terra, como a maioria pensava. Planejei essa atividade para 19, 20 e 21 de junho. Cada aula teve a duração de 1 hora, e mediei as tarefas para que o horário fosse cumprido.

Durante o processo, senti a necessidade de falar sobre a importância da água para que os estudantes pudessem manter uma conexão entre a água e as plantas. Exploramos o ciclo da água por meio de cartazes, vídeos, imagens no *spin light* e infográficos na internet. Foram aulas muito úteis. Recebi um retorno muito positivo da turma por meio da participação dos alunos e percebi que a aprendizagem foi muito significativa. Programei essas aulas para 27 e 28 de junho, com 1 hora e 30 minutos de duração cada uma. Assim, no recesso das férias escolares, os estudantes juntaram garrafas PET em casa para levar à escola.

Ao iniciar o mês de agosto, relembramos o que havia sido estudado por meio de rodas de conversa. Como os alunos sugeriram que fossem plantadas ervas medicinais no nosso jardim, propomos um trabalhinho para casa em que eles perguntassem para as mães quais plantas eram mais utilizadas por elas, qual sua finalidade medicinal e a parte da planta utilizada. Aproveitamos que o tema do mês era “folclore” para descobrir o conhecimento empírico da família a respeito das plantas medicinais. Assim, pudemos constatar que a camomila, o boldo e a hortelã eram as ervas mais utilizadas pelas famílias. Em segundo lugar, a erva-cidreira. E, em terceiro

lugar, o capim-santo, ou capim-cidreira. Cada aluno elaborou uma tabela com as informações passadas pelas mães, e juntos confeccionamos um gráfico com o resultado geral da turma.



## Elaboração do questionário

Em 15 de agosto, propomos a elaboração do questionário Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso). Os alunos queriam saber se a comunidade escolar gosta de plantas, que tipo de plantas a comunidade possui em casa, se os moradores gostam de jardins, quantas pessoas entrevistadas possuem jardim em casa e qual é a opinião delas a respeito da construção de um jardim na nossa escola.

Das tarefas propostas até aqui, esta é uma das mais trabalhosas, porque precisamos pontuar bem nossas

perguntas para que não fiquem tão vagas, abertas, ou com duplo sentido. Orientei a turma para iniciar as perguntas pelo tipo de moradia da comunidade escolar e achei interessante, porque os alunos foram pontuando os tópicos: “Tia, coloca aí ‘apartamento’, ‘casa com quintal’, ‘casa sem quintal’ ”. Juntos, conseguimos elaborar dez perguntas, e a tarefa de casa foi fazer a entrevista com um adulto da família com o objetivo de verificar os pontos positivos e negativos do nosso questionário para uma posterior correção.

Observei que os alunos participaram e se sentiram bem à vontade, dando boas risadas de algumas perguntas que surgiram. Uma pergunta que me marcou foi: “Onde você costuma cultivar suas plantas?”. Uma criança falou: “Tia, se fosse minha tia que respondesse, ela diria ‘em uma privada’, porque ela realmente tem plantinhas em um vaso sanitário velho no quintal”. Rimos muito, e eu contei para a turma que: Minha sogra também plantou flores em um vaso sanitário. E não é que ficou bonito! E minha avó plantou em uma botina velha do meu tio. E ficou um charme!. Demos muitas risadas. Programei essa atividade para o início da aula, quando os alunos estão mais dispostos. A atividade durou 1h30.

A turma trouxe os relatos no dia seguinte. Meu objetivo era verificar se as perguntas foram de fácil entendimento e também saber como os alunos fizeram as perguntas, como eles se sentiram durante a entrevista, se alguém não entendeu alguma pergunta, etc. Fomos lendo pergunta por pergunta e ouvindo das crianças seus relatos. **Por meio dos relatos, observamos que as perguntas foram de fácil compreensão, que eles souberam fazer a entrevista e se sentiram como**

“repórteres”. As perguntas foram registradas no caderno de gêneros textuais dos alunos. Orientei os alunos que algumas perguntas do questionário poderiam ser modificadas, reorganizadas e talvez até retiradas, porque alguns colegas do curso Reeditor Ambiental as leriam e nos ajudariam no que fosse preciso para que elas ficassem mais claras. A tarefa durou 1 hora, sendo realizada no início da aula.

Levei nosso questionário de pesquisa para os colegas do curso Reeditor Ambiental, que colaboraram com sugestões. Desse modo, fizemos alguns ajustes.

## Pesquisa de campo

A turma esperou com ansiedade o dia 29 de agosto. Participamos de uma trilha monitorada na Estação Ecológica de Águas Emendadas. Os alunos se comportaram muito bem e, segundo eles próprios, aprenderam um “monte de coisas”. Quando as aulas são vivenciadas, se tornam muito mais interessantes, pois uma aula de campo como esta fica gravada para sempre na memória das crianças.



*Roda de automassagem.*

Na aula seguinte, os alunos relataram suas aprendizagens e experiências, compartilhando observações muito interessantes, como: “O fruto da fava-de-arara tem cheiro de biscoito para atrair as araras”.

Os alunos viram a lobeira, ou fruta-de-lobo, e aprenderam que o lobo se alimenta dela, que uma substância existente no fruto combate os vermes do lobo-guará e que o lobo é o animal que dissemina as sementes da planta em outros locais por meio das fezes. Um dos alunos comentou: “Existe uma planta chamada cipó-timbó, que os indígenas usam para bater na água e fazer com que os peixes fiquem desacordados para facilitar a pesca”.

Ao observar os formatos e os desenhos de diversos tipos de casca de árvore, os alunos descobriram que a casca protege a planta e aprenderam ainda o que é uma bacia hidrográfica. As águas que nascem na Estação Ecológica vão para duas grandes bacias hidrográficas: a do Tocantins e a do Prata. Os alunos adoraram saber que águas que nascem ali vão parar no mar.

Kethellen relatou: “Naquela área não se maltratam animais”. Na trilha, ela perguntou para a professora Izabel<sup>1</sup> se eles matavam muitas cobras por lá. Todos acharam graça, e a Izabel levou na esportiva. E isso foi a chave para algumas aprendizagens bem pertinentes colocadas pelo professor João Paulo: “As águas de lá vão até para a Argentina”; “Não podemos mexer nos ninhos, porque os pássaros podem abandoná-los”; “As árvores juntinhas geralmente são de beira de córrego”; “Na trilha, não podemos passar na frente do guia”; “Vimos muitos pés de taleta” (referência à palmeira buriti).

---

1 Coordenadora do Núcleo DF

Toda a turma aprendeu que existe uma árvore chamada colher-de-vaqueiro, que tem esse nome porque, na roça, alguns vaqueiros utilizam a folha como colher, por causa do seu formato.

Os alunos ouviram atentos que os bichinhos pequenos também possuem um papel muito grande no Cerrado. E alguns nomes da fauna e da flora ficaram gravados em suas memórias, pois eles citaram: orelha-de-macaco, mata-cachorro, pimenta-de-macaco, lobeira, pau-santo, corticeira, pequi, jatobá, tucaneiro, ipê-caraíba, tatu, tamanduá-bandeira, capivara, cobras, formigas.

Fiquei impressionada ao perceber como a vivência da trilha na mata foi significativa para as crianças. Propus que elas desenhassem e também produzissem um texto sobre o passeio.

**Por meio dos relatos, percebi que a imagem que os alunos possuem do Cerrado não é mais de uma mata seca e sem vida, mas de um bioma riquíssimo, vivo, e agora eles sabem que a preservação desse bioma também depende deles.**

Organizei os questionários de pesquisa numerando-os de um a sessenta. Primeiro, pedi que cada aluno fizesse a pesquisa com seus próprios pais, e depois poderíamos entrevistar alguns pais de alunos da outra turma de 5º ano da escola, e também com os pais dos alunos das turmas do 4º ano e com os funcionários da escola. Entreguei um questionário para cada aluno, estipulando o prazo de dois dias para a devolução das respostas.

## **Com as mãos na terra!!!**

Em 12 de setembro, colocamos a “mão na terra”. As crianças me ajudaram a cortar as garrafas PET. Depois,

misturamos o adubo com a terra e colocamos nas garrafas. O professor coordenador Dimas, com toda a gentileza, já havia colocado alças de arame em todas as garrafas.

Em geral, as crianças gostam muito desse tipo de atividade. No entanto, o que mais me chamou a atenção foi a repulsa que a Dafinny Yasmim demonstrou durante a tarefa: “Tia, nunca mexi com cocô antes. Isso é nojento”. Eu tentei “amenizar” dizendo que era esterco de gado, na tentativa de que o nojo desaparecesse. Pedi a ela que imaginasse como as plantas colocadas na terra poderiam crescer bonitas, e, para isso, precisariam de adubo. Dafinny foi se acostumando e, ao fim da aula, já agia com mais naturalidade.

Grande foi minha alegria ao ver as primeiras mudinhas sendo trazidas pelos alunos e a participação dos pais nesse projeto. O Luís Felipe trouxe uma muda de que eu gosto muito, mas da qual não sei o nome. Segundo ele, sua vó conta que falta arroz na casa que tem aquela planta. Não esquecerei mais disso.

Em 13 de setembro, recebemos a visita dos professores Irineu e Izabel. Caminhamos um pouco pela escola e fomos para a sala de aula. Os alunos se sentiram a vontade para conversar sobre o jardim, sobre os prováveis bichinhos que irão visitá-lo, lembraram os nomes de algumas árvores do Cerrado, riram lembrando das histórias fabulosas da Kethellen, que disse ter visto uma cobra comendo uma capivara no dia do passeio na trilha. Eles lembraram também ter visto na trilha um tatu bem grande e que, em poucos instantes, ele cavou um buraco e fugiu. Comentaram ainda sobre o medo deles de que as vacas dos vizinhos comessem as plantinhas do nosso jardim, já que ele foi colocado no alambrado que cerca a escola.

Em 14 de setembro, plantamos mudinhas em todas as garrafas. Recebemos floreiras e mudinhas de alface, couve e cebolinha, além de plantas que não dão flor e plantas medicinais. Percebi que os alunos gostaram de mexer na terra e nas plantas. Orientei-os sobre como plantar e sobre o cuidado que precisaríamos ter dali em diante. Realizamos a tarefa a partir das 16 horas por causa do sol forte.



*Alunos plantando as mudas selecionadas.*

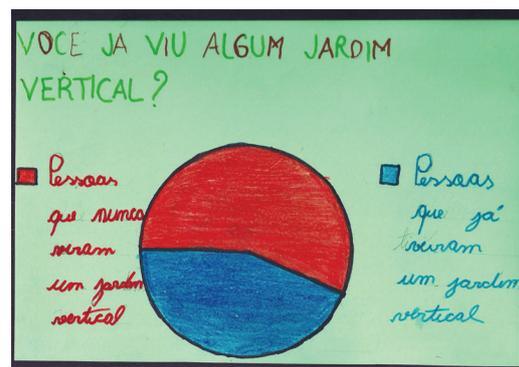
## **Tabulação dos dados e construção dos gráficos**

Nessa mesma data, também recebi dos alunos os primeiros questionários, conferi todos e entreguei novos. Para monitorar os dados dos questionários, combinei com os alunos quais pessoas eles iriam entrevistar para evitar que dois alunos abordem a mesma pessoa. Esses combinados são feitos por eles por meio do meu monitoramento. Isso não é uma tarefa difícil, porque nossa escola não tem muitos alunos, e a maioria deles mora próximo uns dos outros.

Nossa escola se preparava para a Feira de Ciências, programada para 27 de setembro, e um dos projetos apresentados seria este.

Em 4 de outubro, recebemos os últimos questionários que faltavam. Conferimos um por um. Os alunos entrevistaram quase todos os funcionários (menos os vigias, pela dificuldade em encontrá-los), todos os pais dos alunos da turma e muitos pais de alunos do 4º e do 5º anos. Combinei com a turma de fazermos a tabulação dos dados após a Semana da Criança, período em que a escola proporcionaria atividades diferenciadas a eles diariamente.

Em 16 de outubro, propomos uma atividade em grupo para tabular os dados. Cada grupo ficou responsável por coletar os dados de uma questão do questionário e elaborar um cartaz. Assim, os alunos confeccionaram gráficos em barras e setores, usaram lápis de cor, canetinhas, giz de cera e régua. Os cartazes ficaram caprichados e foram colados na parede da sala. Aproveitamos para trabalhar unidades de medida, noções de espaço e métodos de organização.



## Para apresentar no Congresso

Ao serem questionados sobre o que acharam de fazer a pesquisa de opinião, os estudantes comentaram: "Foi

legal saber a opinião da nossa família”; “Aprendemos que é importante saber a opinião das pessoas”; “Nossos vizinhos ajudaram nas entrevistas”; “As pessoas contribuíram muito”; “As pessoas tiveram muita paciência com a gente, dando sua opinião”. Esses relatos foram elaborados em grupo pelos alunos. Utilizamos todo o horário da aula para o desenvolvimento desse trabalho.

A nossa coordenadora, Janete, sugeriu que montássemos um jardim vertical para expor no estande no dia do Congresso. O coordenador Dimas fez uma bela montagem utilizando arame e cano de PVC. Os alunos gostaram muito.

A professora Janete cortou as garrafas para o nosso estande. Em 28 e 29 de outubro, os estudantes pintaram as garrafas utilizando uma mistura de tinta guache e cola. Como gostam muito desse tipo de atividade, eles capricharam na execução da tarefa. Plantaríamos nas garrafas e as colocaríamos no estande no dia do congresso. As mudinhas seriam entregues como lembrança para quem visitasse nosso estande.

Em 4 de novembro, entreguei um pedaço de cartolina para que os alunos elaborassem os gráficos com os resultados da pesquisa de opinião, com o objetivo de fixarmos no nosso estande no dia do congresso. Amei os resultados, principalmente porque vi que eles conseguem elaborar e interpretar gráficos e construídos por eles, muito diferentes dos gráficos que aparecem nos livros. Assim, acredito que, com essa possibilidade de criação, a aprendizagem pode ser muito mais significativa.

Selecionei ainda algumas fotos das vivências do nosso projeto para montar um painel a ser exposto no estande no dia do congresso, programado para 12 de novembro.



*Estante de apresentação do trabalho no Congresso.*

No trabalho escrito, registraríamos as atividades mais significativas, além de anexar fotos, desenhos, gráficos elaborados pelos estudantes, interpretações dos gráficos, bem como a conclusão elaborada por eles. Acho fundamental valorizar e expor os trabalhos produzidos e construídos pela turma.

## Alguns resultados

O resultado da pesquisa revelou que cerca de 75% das pessoas cultivavam algum tipo de planta em casa, e a maioria cultivava plantas frutíferas ou medicinais. Das plantas medicinais, as mais cultivadas eram a camomila, o boldo e a hortelã.

Das pessoas que não cultivavam plantas, a maioria disse não possuir espaço suficiente ou não dispor de tempo para cuidar. Somente 5% das pessoas entrevistadas não gostavam de plantas.

Nosso objetivo era construir um jardim vertical em garrafas PET. A nossa pesquisa de opinião revelou que 52%

das pessoas reutilizavam embalagens recicláveis em algumas ocasiões para determinada finalidade e que 31% das pessoas não reutilizavam nenhum tipo de embalagem reciclável.

A nossa pesquisa revelou que 55% das pessoas nunca haviam visto um jardim vertical e que todas as pessoas gostaram da ideia de construir um jardim com garrafas PET na nossa escola.

Realizar a pesquisa de opinião na nossa escola, além de ter revelado dados importantes para o nosso trabalho de pesquisa, trouxe a interdisciplinaridade e promoveu o envolvimento de toda a comunidade escolar.

**Aprendi que o trabalho em parceria é rico, porque agrega experiências e habilidades diferentes do nosso fazer pedagógico. Muitas vezes, ficamos sobrecarregados com as atividades diárias. E outros olhares e estímulos são importantes para o nosso crescimento pessoal e profissional.**

Esse trabalho foi realizado em parceria com a Educação Ambiental da Estação Ecológica de Águas Emendadas e do Instituto Brasília Ambiental (Ibram), a Faculdade UnB Planaltina (FUP), a Escola Classe Altamir e da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF) e o Programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso), do Instituto Paulo Montenegro e da Ação Educativa.

Agradeço à Estação Ecológica de Águas Emendadas, nas pessoas de Izabel Magalhães, Muna Ahmad e Evandro Lopes, pelos incentivos e pelas orientações metodológicas na realização do projeto de educação ambiental em sala de aula; à Faculdade UnB Planaltina, na pessoa do professor Irineu Tamaio, pelas preciosas contribuições nos meus registros; a Ação Educativa, na pessoa de Leila Andrade, que acompanhou

de perto o meu projeto e incentivou esta publicação; à diretora da Escola Classe Altamir, Marilza Francisco; à coordenadora Maria Janete Cândido; ao coordenador Antonio Dimas, por apoiar mais essa iniciativa na escola; aos pais e alunos, pois, sem a contribuição e o apoio deles, a realização dessa pesquisa não seria possível.

Concluo meus relatos com a sensação de mais uma tarefa cumprida.



# Minas Gerais

Adriana Lúcia P. Azevedo  
Fabiana Chaves Gomes

# CARROS: EU TENHO UM SONHO... UMA PAIXÃO. E VOCÊ?

PROFESSORA ADRIANA AZEVEDO

## Expectativas em relação ao trabalho com o Nepso

---

**MEU NOME É ADRIANA LUCIA PEREIRA AZEVEDO**, tenho 51 anos, sou pedagoga, professora na rede pública de ensino de Minas Gerais há 31 anos, a princípio na rede estadual e agora somente na rede municipal. O meu trabalho tem sido dedicado, nos últimos 20 anos, ao magistério para alunos deficientes e, na Prefeitura de Belo Horizonte, a projetos específicos para alunos que necessitam de corrigir a relação-idade-ano de escolaridade, porque apresentam defasagem na aprendizagem. Tantos anos de trabalho me deixaram à vontade para experimentar novas estratégias pedagógicas, pois acredito que precisamos ousar mais em nossas propostas educacionais.

Em 2013, trabalhei na Proposta do Projeto Entrelaçando<sup>1</sup>, espaço diferenciado que tem me exigido uma postura inovadora na relação com os alunos e de nós, professores, em relação aos nossos conhecimentos.

Nesse ano, atuei na Fase I do Projeto Entrelaçando com alunos do Ensino Fundamental, de 4º, 5º e 6º ano, na faixa entre 11 e 14 anos, a maioria ainda não alfabetizada. Nesse momento, o Nepso nos apresentou mais um recurso para trabalhar com esses alunos e atingir também toda a comunidade escolar.

Atuo na Escola Municipal Mestre Paranhos, que vem se esforçando há algum tempo para melhorar os níveis do aproveitamento da aprendizagem dos seus alunos. Entretanto, uma cultura de insucesso ainda rodeia esse grupo por inúmeras causas, tanto sociais quanto pedagógicas.

A nossa escola é bem “bacana”. Os alunos costumam dizer: “As professoras e a diretora são bravas, mas a gente faz muita coisa boa aqui”. Diante disso, nos sentimos entusiasmadas a buscar experiências diversificadas, pois sabemos que podemos contar com o nosso grupo de trabalho. Para nós, educadores, que estamos nessa proposta do Nepso pela primeira vez, ainda é forte a ideia de que o “novo” traz receio. Receio de ser apenas mais um projeto, receio de que será trabalhoso e nos tomará muito tempo, o que é algo precioso para nossos alunos, que já perderam muito tempo. Contudo, o desejo de alcançar o sucesso da aprendizagem com os alunos nos fez mergulhar nesse trabalho, acreditando

---

1 Projeto da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte para atender alunos do Ensino Fundamental que apresentam grande defasagem na relação idade-ano escolar.

que, por meio de estratégias pedagógicas, poderíamos atingir o centro de interesse e aprendizagem dos alunos.

## **A escolha do tema**

O que fizemos, a princípio, foi ficar disponível para os alunos com um olhar apurado e uma escuta cautelosa sobre o que os tornam atentos e interessados. Acreditamos que essa foi a parte mais complicada, pois muitas vezes nós, professores, desejamos que nossas expectativas sejam também as dos alunos, e realmente não são. No início, o cotidiano escolar consome nosso tempo, e a gente se pega tentando moralizar e teorizar com os alunos a prática, distorcendo ideias e visualizando temáticas sob a ótica dos nossos próprios conceitos. Nesse contexto, tentamos validar as vivências e os valores que os alunos nos apresentaram, ampliando as questões e as preocupações que suscitaram as conversas e as discussões deles, sempre sob o viés da criticidade.

Alguns fatos do dia a dia na comunidade, como os problemas do trânsito no entorno da escola, o poder aquisitivo das pessoas que circulam pelo nosso bairro ou as prioridades das aquisições pessoais, foram relevantes para as nossas contextualizações, pois a escola está localizada na região centro-sul da cidade, que é uma área nobre. No entanto, os alunos vivem uma realidade bem diferente, à margem das grandes avenidas, em suas vilas, becos e ruelas, em situações bem adversas, que os olhos desses pequeninos conseguem capturar e perceber com clareza.

Assim, buscamos orientar e manter uma abertura no sentido de deixar os alunos à vontade para se posicionarem, colocarem suas opiniões e indagações, seja de maneira leve nas conversas informais de sala de aula, ou até mesmo na produção de textos coletivos e recontos. Organizamos espaços de aprendizagem alternativos, como excursões no entorno da escola, visitas técnicas no comércio nas proximidades e em museus. Fizemos entrevistas e também confeccionamos álbuns, cartazes e coleções, entre outras atividades. Para nós, ficou muito clara a intolerância desses alunos às estratégias e às metodologias de ensino-aprendizagem convencionais e repetitivas, às quais já se submeteram tantas vezes sem nenhum sucesso. A temática desses trabalhos fluiu neste sentido: a questão dos abusos no trânsito e as formas de aquisição de bens como automóveis e moradia, que permearam todos os momentos.

Todo o nosso trabalho em abril e no início de maio foi para canalizar esses questionamentos, a fim de definir o tema da pesquisa de opinião proposta pelo Nepso. Acreditar nas propostas indicadas pelos alunos e encontrar nisso um fazer pedagógico produtivo, que viabilize a melhora da autoestima, a garantia do processo da alfabetização e da aprendizagem em matemática, tem demandado todo o nosso esforço. Para nos ajudar nesse processo, contamos com os momentos de formação.

Na nossa turma, a temática para pesquisa surgiu em razão de uma situação ocorrida em março, que foi um tanto constrangedora. A escola tinha um projeto institucional

sobre o trânsito em parceria com a BHTrans<sup>2</sup>, mas os alunos não puderam participar das visitas por estarem acima da idade estabelecida para a visita. Isso causou incômodo nos alunos. Organizamos, então, um projeto para contemplar as expectativas dos meninos, iniciando as atividades com visitas no entorno da escola e trabalhos em sala. Entretanto, durante esse trabalho em meio ao trânsito caótico no entorno da escola, um dos alunos do Entrelaçando quase foi atropelado por uma das nossas professoras. Essa situação provocou uma nova discussão sobre o tema proposto. Assim, fizemos contato com a tal professora para entrevistá-la sobre o fato. A entrevista nos fez refletir ainda mais sobre o perigo que enfrentamos todos os dias nas situações do tráfego. Logo também os alunos se reconheceram como parte ativa desse movimento. Depois, fomos para a rua reconstituir o fato ocorrido, o que foi muito interessante. Essa relação com o trânsito e com suas situações adversas suscitou a manifestação de uma grande paixão por carros e também trouxe à tona a responsabilidade de todos nós diante da mobilidade urbana.

Assistimos a dois filmes: *Carros* e *velozes e furiosos*, em sessões comentadas. Realizamos várias atividades pedagógicas de maneira interdisciplinar sobre esse tema. A questão da aquisição de bens, especialmente de automóveis, esteve na pauta das conversas entre os alunos durante essas aulas.

## Qualificação do tema

No fim de maio e início de junho, trabalhamos para dar corpo ao interesse dos alunos, o que a formação do

---

2 Empresa que controla a mobilidade urbana em Belo Horizonte.

Nepso nos esclareceu se tratar da “qualificação do tema”. Investimos nisso, abrindo um leque de assuntos pertinentes às questões já instaladas: O que você compraria com o prêmio da Mega-Sena, caso ganhasse: um carro ou uma casa? Você compraria um carro importado ou nacional? O preço de um carro é justo? Ter um carro é necessidade ou só prazer? E assim por diante.

O período de qualificação do tema me surpreendeu bastante. Como sugestão do grupo de formação, busquei as mais variadas atividades. Iniciei, então, com algumas brincadeiras, desmanchando carrinhos, nomeando peças, qualificando motores e marcas. Estudamos alguns textos de simples compreensão sobre carros importados e nacionais, vantagens e desvantagens, a relação custo-benefício de cada um. Fizemos também um trabalho com ideias matemáticas, analisando o preço dos carros e as estimativas, investigando os preços apresentados pela tabela Fipe, avaliando os itens que podem desvalorizar um carro, etc.

Apresentei, então, dois vídeos. O primeiro, um documentário sobre a fábrica da Ford na Bahia, que mostrava todo o processo da linha de produção de um automóvel. Os alunos se mostraram muito atentos e interessados, apesar da dificuldade de compreender a linguagem técnica do filme. Durante toda a exibição, fui fazendo inferências e comentários explicativos. O segundo vídeo foi *Clube de carros*, um desenho da série *Carros*, que retrata uma história de guerra, justificando a necessidade dos carros na guerra e explicando como eles foram aprimorados para essa função.

Fizemos também um trabalho com fotos de carros antigos e novos, encartes que os alunos conseguiram nas lojas da Avenida Raja Gabaglia<sup>3</sup>. Usamos esse material livremente para apreciar e conversar. Prosseguimos com a leitura, a compreensão e a reescrita de classificados do jornal. Organizamos ainda algumas atividades de arte e criatividade. Em uma delas, os alunos recebiam a imagem de um carro cortada ao meio e deveriam completá-la. No exercício do “designer maluco”, o desafio era unir partes de diferentes carros, reinventando um modelo único com desenhos simétricos. Dessa forma, pudemos compreender que fabricar um carro é algo realmente muito trabalhoso e dispendioso. Muitas pessoas trabalham na construção desse nosso sonho de passear por aí num “carrão”.

Nossas atividades em sala de aula giraram em torno da expectativa com a qual os alunos receberiam a “moça da Universidade Federal de Minas Gerais”. Percebo que isso conferiu aos nossos últimos trabalhos certo “glamour”, pois teríamos muitas coisas para conversar com ela. Rapidinho, o dia 11 de junho chegou, e pontualmente às 7h30min da manhã nossa amiga Aliene<sup>4</sup> entrava na escola. Ela veio trazendo novidades, explicou melhor sobre a proposta do Nepso e contou que muita gente jovem, como os alunos, também participam desse trabalho. Trouxe uma atividade muito legal, numa apresentação de PowerPoint com imagens de vários tipos de carro, casa e apartamento, com seus respectivos

---

3 Grande avenida perto da escola, onde há diversas concessionárias de carro.

4 Formadora da equipe do Nepso Polo MG), responsável pelas visitas às escolas participantes do projeto.

preços, para que os alunos pudessem conversar a respeito e questionar os valores impostos pelo mercado de negócios. Os alunos se mostraram muito participativos e bem à vontade para se manifestar. A seguir, eles responderam um questionário no qual sugeriam algumas conclusões a respeito do exercício.

O trabalho de Aliene continuou com um roteiro da proposta de pesquisa, no qual os alunos foram ouvidos e seus interesses e desejos, registrados. Concluímos esse momento de trabalho deixando os indicativos das perguntas, que deveriam ser organizados para constar no questionário utilizado para a coleta de dados. Levantamos as seguintes hipóteses:

- É um sonho da maioria das pessoas ter um carro.
- Os jovens sonham mais com carros.
- Esse é um sonho de grande parte dos homens.
- Os carros importados são os mais desejados.

Os alunos quiseram mostrar a Aliene as dependências da nossa escola. Acredito ter sido um momento muito prazeroso para todos nós.

Fechando o ciclo de atividades de qualificação do tema, fizemos uma visita técnica a Automac, concessionária de veículos da Fiat, localizada na Avenida Raja Gabaglia. Fomos muito bem recebidos pelos funcionários, que nos esclareceram sobre: as diferenças entre carros importados e nacionais; os diferenciais de carros populares e os de luxo; os preços dos carros; os tipos de cliente recebidos naquela loja. Todos se mostraram interessados pela nossa pesquisa. Foi muito interessante e gratificante, pelo comportamento, pela atenção e pela compreensão dos alunos.



*Alunos pesquisadores visitando uma concessionária de veículos.*

## **Preparação, organização e coleta de dados**

No período de 16 a 30 de junho, estivemos empenhados em organizar as perguntas da entrevista, numa organização bem direta e de fácil compreensão para todos. Fizemos uma a cada dia, num exercício bem cuidadoso, no qual os alunos organizavam a pergunta e já respondiam. Decidimos que faríamos as entrevistas no dia da festa junina da escola, marcada para 6 de julho, sábado, dia em que a escola receberia toda a comunidade. Optamos por fazer uma amostragem com 150 entrevistados. Assim, definimos como grupo de entrevistados o pessoal da escola: alguns alunos, professores e demais funcionários, pais e responsáveis pelos alunos.

Percebemos que seria necessário “treinar” o trabalho de pesquisador e optamos por fazermos uma prévia entrevistando professores e funcionários da escola no turno da manhã, durante a semana de 1º a 5 de julho.

Tivemos a ideia de montar uma barraca e usar uma camisa confeccionada para a ocasião e fizemos um projeto para obter apoio nessa confecção, que foi idealizada pelos alunos. A escolha do modelo foi feita com ideias e por meio da votação entre os alunos da turma, na presença da coordenação da escola e com autorização desta. Três sugestões de texto foram apresentadas pelos alunos para serem estampadas nas camisas:

- Você acredita em sonhos?
- Somos livres para sonhar?
- Eu tenho um sonho... (Esta foi a frase vencedora por unanimidade.)

Nos dias que antecederam a prévia e a festa junina, fizemos vários cartazes, que foram espalhados pela escola, na intenção de chamar a atenção de todos para o assunto que seria colocado em pauta. Os dizeres dos cartazes eram: “Qual o tamanho do seu sonho? Qual o valor do seu sonho? Sonhos podem se realizar?”

Em 6 de julho, aconteceram as entrevistas com a comunidade escolar moradora dos bairros Conjunto Santa Maria, Vila da Antena, Vila Leonina, Morro das Pedras e adjacências. A princípio, os alunos se mostraram resistentes e muito acanhados ao assumir a tarefa da entrevista no dia da festa na escola. Eles sabiam que, de certa forma, estariam se expondo muito: mostrando as dificuldades de leitura, os problemas com os registros das respostas e a timidez ao abordar as pessoas. A maioria dos alunos cumpriu os combinados e, com presteza, realizou a aplicação do questionário de pesquisa. A comunidade foi muito receptiva ao

trabalho deles, que puderam aproveitar a festa junina quando terminaram o trabalho proposto. Acredito ter obtido bons resultados nesse dia.



*Aluno entrevistando frequentadora da festa junina.*

Por causa de problemas de comunicação, não recebemos o questionário com as modificações propostas pelas formadoras e acabamos por aplicar a versão elaborada por nós mesmos.

Em agosto, aproveitamos para avançar um pouco mais nos trabalhos de levantamento de dados e tratamento das informações, que estão indicados nos nossos eixos curriculares e que, certamente, proporcionariam um embasamento para o trabalho de apuração da pesquisa realizada. Apresentei ainda algumas formas de representar as respostas das pessoas por meio de tabelas, gráficos e utilizando materiais alternativos (como garrafas PET com líquido colorido).

## Tabulação dos dados

Na última semana do mês, iniciamos a tabulação dos dados da pesquisa do Nepso, conforme orientação do grupo de formadoras, que nos trouxe muitas sugestões. Optamos por separar inicialmente os questionários que continham as respostas positivas daqueles com respostas negativas. Desse modo, organizamos duas caixas: uma caixa para os questionários nos quais as respostas eram “sim” para a pergunta “Você sonhava ter um carro novinho?” e outra caixa para as respostas negativas, uma vez que aqueles que respondiam “não” inviabilizavam as respostas das demais perguntas. Cada aluno recebeu doze questionários para selecionar conforme as respostas e colocar nas caixas indicadas. Surgiu daí uma primeira tabela e um gráfico trazendo a informação sobre “o sonho do carro novinho”. O número de pessoas que não sonhavam com carros novos era bem inferior.

Na aula seguinte, continuamos com o mesmo padrão de trabalho para selecionar os questionários, organizados agora com base na variável “sexo do entrevistado”. Assim, separamos primeiramente os questionários com as respostas negativas, que eram em número menor, mais representativos para os entrevistados do sexo feminino, e os de respostas positivas, em número maior nos entrevistados do sexo masculino. Nesse momento, levantamos dois blocos de informações, registrados até então apenas em tabelas, e reorganizamos em gráficos feitos manualmente.

As demais respostas foram computadas em tabelas organizadas de modo que cada aluno ficava responsável por

12 questionários previamente numerados. O trabalho foi lento, pois era preciso considerar que os alunos têm muitas dificuldades de leitura e com registros, mas eles fizeram isso com atenção e entendimento. Seguindo o desejo dos alunos, teríamos feito a tabulação dos dados de uma única vez, pois eles demonstram ansiedade e imediatismo em realizar as tarefas propostas. Portanto, essa cautela também foi um aprendizado de muita valia.

Nossa expectativa era organizar as formas de apresentação na primeira quinzena de setembro, criando coletivamente um texto sobre a análise dos resultados.

Em setembro, partimos então dos registros em tabela, colorindo os quadrinhos e registrando em números as quantidades referentes às respostas. Cada aluno trabalhou com 12 questionários, utilizando uma tabela para cada pergunta.

## **Confecção dos gráficos**

Passamos para os cartazes e confeccionamos os gráficos referentes às respostas das questões mais significativas para nós, levando em conta a opinião e as hipóteses dos alunos pesquisadores: “As mulheres não gostam de carros igual aos homens”, “Os moços perto de casa todos são doidos para comprar carros”, “Todo mundo sonha é com um carro importado”. Nesse trabalho, usamos quadradinhos coloridos de EVA para representar cada uma das respostas dos entrevistados. Para as respostas positivas, usamos as cores bege para homens e rosa para mulheres. Para as respostas negativas, usamos sempre o vermelho.

Foi preciso usar algumas estratégias elaboradas com os alunos. Foi acatada a sugestão do aluno Caique: “Vamos fazer em montinhos de quatro para não ficar muito alto”. Ele queria dizer que trabalharíamos com o eixo vertical enumerado de quatro em quatro. Assim, construímos o gráfico com o título “O sonho de homens e mulheres com carros novinhos”.

No dia seguinte, trabalhamos da mesma maneira para confeccionar o gráfico “Preferência de homens e mulheres por carros nacionais ou importados”. O diferencial desse gráfico foi discutido com os alunos, pois tínhamos agora mais variantes para observar. A aluna Aldrin apontou: “Não vai ter problema, professora, nós colocamos os quadradinhos de cores diferentes, primeiro dos homens e depois das mulheres”.



*Elaboração de gráficos pelos alunos.*

O terceiro gráfico a ser construído foi o referente às faixas etárias. Este, sim, deu um pouco mais de trabalho, pois contamos quantas pessoas havia de cada idade e resolvemos

trabalhar com o eixo numa escala três em três. Eu sugeri que fizéssemos um gráfico de barras horizontais para ficar diferente. Nesse trabalho, a utilização das cores foi muito importante, pois facilitou a organização para os alunos, que se movimentavam na sala buscando e contando seus quadradinhos antes de colar nos gráficos. Os meus alunos precisam de aulas que os permitam se movimentar, pois têm pouca tolerância para ficar sentados e parados; as construções com materiais concretos, num passo a passo dinâmico, promovem o interesse e a concentração dos alunos no empreendimento proposto.

O passo seguinte foi a organização dos gráficos em formato de “pizza” para cada uma das respostas. Eu organizei as folhas com os círculos já divididos conforme os números das tabelas. Essa também foi uma sugestão do grupo de formadoras. Os alunos procuravam as perguntas correspondentes às quantias representadas, e colocávamos as cores correspondentes. Fizemos, então, os títulos e as legendas. Essa atividade foi um pouco cansativa para todos nós. Ela foi executada em duas etapas, e os alunos acharam um tanto enfadonho. Matheus falou: “Professora, para que fazer assim? Já tem tudo nas tabelas. É só olhar e ler os números”. Não concordei na hora com ele e expliquei sobre a visualização garantida pelos gráficos, mas, enfim, acho que ele tinha razão.

## **Análise dos dados coletados e preparação para o seminário**

Na semana seguinte, tratamos de fazer um texto coletivo sobre a análise dos gráficos. Foi um momento muito rico essa construção com os alunos. Todos participaram falando sobre as observações e as razões de cada uma das conclusões.

Algumas falas muito interessantes que apareceram:

“Bem que meu pai fala que tem mulher demais no mundo!” (Alexandre)

“Gente velha não gosta mesmo de carro, não!” (Jackson)

“Por isso que esses caras novos morrem de acidente, eles gostam demais de carro!” (André)

“Carro importado custa caro, mas é o preferido! Não precisa nem entender de carro para gostar deles, não!” (Juan)

Com base nesse trabalho, montamos os slides para apresentação da nossa pesquisa. Os alunos gostam muito quando trabalham na sala de aula com o computador e o projetor para a construção de material escrito e com fotos, uma vez que, no momento, não temos na escola um laboratório de informática em funcionamento. A apresentação ocorreria em um seminário, e fizemos juntos a escolha das fotos e tudo o mais.

Contei para os alunos sobre o convite para a minha participação no seminário em São Paulo, e eles ficaram entusiasmados, questionando se também poderiam ir. Expliquei que esse é um momento para o trabalho com os professores. Então, eles me recomendaram que contasse direitinho tudo o que fizemos na escola. Conversamos um

pouco sobre isso e marcamos no mapa do Brasil a cidade de São Paulo.

A coordenação da escola também ficou muito satisfeita com o trabalho realizado nessa pesquisa e me pediu para fazer duas apresentações para os demais professores na reunião pedagógica e na assembleia geral da escola para toda a comunidade, uma vez que fizemos a pesquisa na festa junina com a participação de todos. Foi muito bom, e todos acolheram com carinho e reconhecimento o trabalho dos alunos.

Naquele momento, estávamos criando também a nossa apresentação artística, o que não foi nada fácil, pois eles têm muita vergonha. A escolha da música foi tranquila, mas os ensaios com eles foram muito complicados. Decidimos, então, fazer uma filmagem na escola utilizando uma coreografia elaborada pelos alunos sob orientação dos professores e apresentando a música escolhida, que fazia referência à temática da pesquisa realizada.

## **O seminário do Nepso**

Em 13 de novembro, participamos do Seminário “Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião, Polo MG”, realizado no auditório da Faculdade de Educação da UFMG. Na ocasião, foi possível apreciar o trabalho das demais escolas participantes do Nepso por meio das apresentações em banner e também artísticas. Os alunos gostaram muito desse momento. Todos subiram ao palco e leram uma pequena parte da apresentação dos slides (até os alunos ainda não alfabetizados recitaram alguma parte da apresentação). O mais interessante da participação nesse

evento foi quando uma das alunas, Rayane, que tem muitas dificuldades e não está ainda plenamente alfabetizada, me falou sobre o desejo de estudar na UFMG.

Ao voltar para a nossa escola, os alunos estavam eufóricos, levaram o lanche para sala da direção e fizeram uma comemoração com toda a equipe, as diretoras e as coordenadoras, para contar com detalhes os acontecimentos. Foi muito prazeroso para todos.

## **Considerações finais**

Acredito que o trabalho de pesquisa de opinião conforme a metodologia do Nepso foi um aliado do nosso Projeto Entrelaçando para corrigir a relação idade-ano de escolaridade, pois conferiu aos professores um fazer diferenciado e nos permitiu executar o conteúdo do currículo de forma interdisciplinar. A metodologia proposta também quebra a ideia equivocada de que projetos de correção acabam sugerindo um currículo básico, reduzido e empobrecido. Nossa experiência permitiu que os alunos ganhassem visibilidade pelas atividades que desenvolveram, no momento das entrevistas, das visitas e das apresentações.

Não podemos deixar de ressaltar que os resultados da pesquisa, a construção dos gráficos e dos textos de análise tornaram-se empreendimentos que foram divulgados para toda a comunidade escolar, o que contribuiu para manter o nível de interesse e objetividade dos alunos naquilo que se propõem a realizar.

Enfim, o trabalho de pesquisa promove uma aula em movimento, uma dinâmica pedagógica de trabalho

integrado entre professores e alunos que abrange também a comunidade escolar por meio do envolvimento, do pertencimento e da responsabilização, tanto pelos sucessos quanto pelos fracassos já experimentados por esses nossos alunos.



*Turma de pesquisadores da EM Mestre Paranhos.*

# PÉ PRETO, PÉ VERMELHO: REFORMA DAS RUAS NO AGLOMERADO DA SERRA

FABIANA CHAVES GOMES

## Caracterização do espaço em que a pesquisa foi realizada<sup>1</sup>

---

A **ESCOLA MUNICIPAL VILA FAZENDINHA**, onde a pesquisa foi desenvolvida, é da rede pública de ensino e está localizada no bairro Vila Fazendinha, no Aglomerado da Serra, região centro-sul de Belo Horizonte (MG). A escola atende alunos da Educação Infantil, do primeiro e do segundo ciclos do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos turnos manhã, tarde e noite. A escola se caracteriza como inclusiva, ou seja, busca inserir alunos com necessidades educacionais especiais em classe regular e conta com o apoio da Secretaria de Educação da Prefeitura de Belo Horizonte em um projeto de correção de fluxo/idade (Entrelaçando). Além disso, apresenta

---

<sup>1</sup> A íntegra dessa pesquisa, assim como todos os materiais que foram produzidos no processo, estão disponíveis em: [http://www.nepso.net/projeto/2375/reforma\\_das\\_ruas\\_do\\_aglomerado\\_da\\_serra](http://www.nepso.net/projeto/2375/reforma_das_ruas_do_aglomerado_da_serra).

uma infraestrutura adequada para receber seus alunos; com salas amplas e apropriadas, rampas, elevador, recursos tecnológicos e materiais didáticos diversos. Em 2013, o total de matriculados na escola foi de aproximadamente 740 alunos.

## Perfil da turma

A turma escolhida para a realização da pesquisa de opinião participa do Projeto Entrelaçando. É uma turma muito desafiadora por uma série de fatores que caracterizam os estudantes: distorção entre a idade e o ano do ciclo escolar que frequentam, defasagem na aprendizagem, baixa autoestima, casos de desrespeito entre os próprios colegas, constantes brigas, casos de alunos em liberdade assistida, entre outros. Por causa de tantos problemas, percebemos a necessidade de investir na educação inclusiva. Em geral, essa educação contempla apenas pessoas com deficiência, mas, em seu sentido mais amplo, a educação inclusiva deve favorecer um ensino de qualidade e oferecer propostas educacionais com base na diversidade e centrada no aluno, independentemente do perfil do aluno.

Nesse sentido, a Declaração de Salamanca de 1994 afirma:

*Todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Deveriam incluir todas as crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagem ou marginalizados. As escolas têm que encontrar a maneira de educar com êxito todas as crianças, inclusive as que têm deficiências graves.*

Nesse contexto de educação inclusiva, a proposta do Projeto Entrelaçando é importante no sentido de buscar que a inclusão de fato ocorra, pois oferece a possibilidade de acolher esses alunos e resgatar sua autoestima. Muitos desses alunos sofrem estigmas, especialmente de serem os “piores” alunos da escola. Ouve-se dizer que “eles não aprendem”. Além disso, existe a dificuldade de encontrar professores que aceitem trabalhar com esses alunos. Como professora da rede pública municipal de Belo Horizonte, aceitei esse desafio consciente de que haveria muitas pedras no caminho, mas estava pronta e decidida a enfrentá-lo.

A turma foi formada em várias fases. Aos poucos, foram entrando novos alunos, e a turma demorou para ficar completa. Alguns imprevistos impossibilitaram a organização da turma de uma única vez, o que dificultou o trabalho de acolhida e o próprio trabalho pedagógico.

Em sala de aula, coloquei em prática algumas técnicas psicopedagógicas que objetivavam a educação da emoção, da autoestima, o desenvolvimento da solidariedade, da tolerância, como música clássica em sala de aula para desacelerar o pensamento, aliviar a ansiedade, melhorar a concentração e desenvolver o prazer em aprender. Os alunos não tinham costume de ouvir esse gênero de música. A princípio, acharam muito ruim, “paia”, e pediram para escutar funk. Comentei então sobre os objetivos de colocar música clássica e contei a história de Frederic Chopin. A partir de então, eles aceitaram melhor. Segundo Cury (2003), a emoção determina a qualidade do registro. Quando não há emoção, a transmissão das informações gera dispersão nos alunos, em vez de prazer e concentração.

## Escolha do tema

Em março, conversei com os alunos a respeito da pesquisa de opinião que desenvolveríamos ao longo do ano de 2013, a fim de levantar um tema que fosse relevante para a comunidade ou para a escola. Perguntei a eles o que tinham desejo ou vontade de pesquisar. Poderia ser algo importante para eles, um problema da escola ou da comunidade. Inicialmente, os alunos demonstraram timidez, desinteresse e dificuldade para expressar suas ideias. Desenvolvi, então, um conjunto de orientações que me ajudaram a enfrentar os desafios em sala de aula.

## Orientações aos alunos para a escolha do tema

### Dialogando

- Vamos pensar em um problema da escola ou da comunidade que incomoda vocês.
- Anote no seu caderno o problema que você pensou.
- Agora, comente com os colegas e o professor.
- Vamos anotar no quadro os problemas e em seguida escolher o problema que a turma achou mais interessante.

Professor: Na hora da escolha do tema, os assuntos ficam muito amplos. É preciso, junto com os alunos, delimitá-lo, conversando com os alunos sobre do que se trata realmente a pesquisa.

Depois de uma conversar com a turma, os alunos levantaram questões referentes ao comportamento geral da escola: brigas, palavrões, apelidos, fofocas. Perguntei a causa

desse problema na escola, eles disseram não saber e não sugeriram nenhum outro assunto para ser pesquisado.

Novamente, em maio, levantei a questão da escolha do tema da pesquisa de opinião, tendo em vista que a primeira abordagem havia sido pouco participativa e os alunos visualizaram somente alguns aspectos refletidos em sua própria atitude de desrespeito em sala de aula. Realizei diversas tentativas para que os estudantes buscassem algo que fosse relevante para a comunidade. Solicitei que perguntassem aos pais e vizinhos se havia na comunidade um tema importante para ser pesquisado. Somente um aluno perguntou para sua mãe, mas perdeu a resposta, e os demais, mesmo sendo cobrados, não me deram retorno.

Nessa segunda abordagem, me surpreendi com a participação dos alunos e como eles estavam conscientes do que falar e de saber apontar questões relevantes para eles, tive até que interromper devido a grande quantidade de questões apresentadas. Eles levantaram o tema “Pé preto, pé vermelho”. No primeiro momento, não compreendi a expressão e deduzi que “pé vermelho” seria o pé sujo de terra vermelha e “pé preto” seria o pé sujo de terra preta ou barro. Então, perguntei aos alunos o significado daquelas expressões. Segundo eles, “pé vermelho” era referência aos moradores da Rua da Terrinha, que não é asfaltada e, por ser de terra, tem muito barro e poeira vermelha. Já “pé preto” refere-se às pessoas que moram em ruas com asfalto e podem jogar futebol sem se sujar. Segundo eles, como a rua é de terra, é preciso passar pisando na ponta dos pés, senão fica tudo preto e, quando chove, “Nossa! É difícil de passar, tem que colocar sacola

no pé”. Na rua, tem um esgoto que está transbordando: “Se alguém cair naquela água, vira mutante”.

Outras sugestões de temas foram: problemas entre colegas (encher o saco); comida da escola (arroz duro, cru, salada salgada); banheiro (colocar papel higiênico, espelho, alunos pararem de molhar o banheiro); mudar a cor do uniforme.

Iniciei a votação, e os alunos responderam: “Claro, professora, que é ‘pé vermelho e pé preto’, os outros são importantes, mas este é o mais importante”. Três alunos não demonstraram interesse, não manifestaram sua opinião e, quando perguntados se concordavam, disseram: “Tanto faz”.

Após a escolha do tema, traçamos estratégias que nos permitissem estudar melhor o tema sobre a reforma das ruas, conhecer um pouco mais sobre a história daquele local e como se deu sua ocupação. Para isso, um aluno sugeriu entrevistar o morador mais antigo do bairro, um funcionário da escola. No momento da aplicação dos questionários, encontramos outros moradores antigos, que nos falaram um pouco sobre a história daquele local. Para a entrevista, utilizamos um roteiro elaborado pelos alunos.

Segundo os entrevistados, aquela rua larga e extensa possui aproximadamente 26 anos. Seu nome é Rua Cruzeiro do Sul, sendo mais conhecida como Rua da Terrinha. Esse apelido se deve ao fato de a rua não ser asfaltada e possuir uma terra vermelha que incomoda bastante os moradores, por causa da poeira excessiva que entra nas casas e não permite que fiquem limpas. Além disso, provoca muitas doenças respiratórias nas crianças e leva grande quantidade

de barro para dentro das casas. Existe muito lixo no local. Os moradores apontam ainda a presença de ratos, insetos como barata, sem contar o esgoto a céu aberto e as crianças que andam descalças e brincam naquele local. Os moradores têm consciência das doenças causadas pela inexistência de saneamento básico e manifestam sua indignação pelo descaso dos órgãos competentes.

De acordo com o morador mais antigo, que reside na Rua Cruzeiro do Sul há 42 anos, no início, quando ele se mudou para o local, tudo era muito difícil, não existia rua, o mato era muito alto, não tinha água, e eles precisavam andar muito, pois a água era trazida em latas e vinha de longe. Para ir ao médico ou carregar uma pessoa doente, era complicado, pois existia um buraco para atravessar que terminava em uma trilha, e carro não entrava. Segundo esse morador, em muitas ruas, até hoje não entra carro nem moto, e as pessoas não podem pedir para entregar nada em suas casas, como produtos da farmácia ou pizza, pois não há acesso de carro. O morador destaca ainda a necessidade de asfaltar e abrir mais ruas para melhorar o acesso a várias casas próximas à Rua Cruzeiro do Sul.

Outros moradores relataram que existe no local uma disputa entre a Companhia de Saneamento Básico de Minas Gerais (Copasa) e a Companhia Urbanizadora e de Habitação de Belo Horizonte (Urbel), empresa pública responsável pela implementação da Política Municipal de Habitação Popular, criada em 1993. Antigamente, existia no local um capeamento de minério, hoje existe na rua uma adutora e uma torre da Copasa. De acordo com o morador, há dois anos, a Urbel foi ao local, mediu a rua e prometeu abri-la, porque o acesso a

outros locais é muito ruim. Para ele, asfaltar e abrir a rua é fundamental, por exemplo, para o acesso de uma ambulância. O problema, segundo ele, é que tudo fica só na promessa.

## **Delimitação do tema**

Com o objetivo de delimitar melhor o tema, uma vez que “pé preto e pé vermelho” estava muito amplo, conversei com os alunos para a definição do que realmente a pesquisa poderia abordar.

Segundo os alunos, a pesquisa referia-se a reformar as ruas, colocar asfalto, fazer a calçada, melhorar a coleta de lixo e acabar com a terra, pois, de acordo com o relato dos moradores, eles tomam banho, se arrumam para sair, passam limpos pela rua e voltam cheios de sujeira e terra. Ainda conforme os relatos, não adiantava arrumar a casa, porque “passa um pouquinho e já vem aquela poeira e suja tudo”. Naquela comunidade, o caso mais crítico é o da Rua Cruzeiro do Sul, que tem vários apelidos, como Beco do Lixão, Beco São Vicente e Terrinha. Esse é um dos becos conhecido como “pé vermelho”. Está com muito lixo, pois alguém arrancou a lixeira e “os ratos faltam quase comer a gente, de tanto lixo que tá”.

Para os alunos, “pé preto” é o asfalto, o lugar em que eles jogam futebol e machucam os dedos. Segundo os alunos, o único local em que passa o ônibus é na parte de cima do aglomerado. As ruas e/ou becos são de terra. Após todo o relato dos alunos, eles decidiram escolher como tema da pesquisa a reforma das ruas.

## Justificativa

A importância desse tema para os alunos foi pensar na possibilidade de que algo pode ser feito para beneficiá-los, como a reforma das ruas onde moram. Alguns lembraram que, nas eleições, os políticos sobem no Aglomerado, prometem as coisas e depois “somem”. Nesse sentido, a pesquisa de opinião poderia ser importante para discutir sobre o local com base na percepção dos moradores e, quem sabe, contribuir para o aumento da presença do Estado nessa localidade. Conseqüentemente, esse trabalho poderia trazer reflexões que contribuam para o desenvolvimento de políticas públicas para o local, a conscientização dos moradores e melhores condições de vida da população do entorno da escola.

Sabemos que o Estado é o principal responsável em regular, prover ou organizar os aparelhos urbanos típicos, como saneamento básico, asfalto, segurança pública e escolas. Quanto maior a oferta desses serviços, melhor tende a ser a qualidade de vida da população. No entanto, a realidade encontrada em diversas regiões do Brasil é de ausência ou má qualidade desses serviços. Isso também acontece no aglomerado que estudaremos aqui.

## Hipóteses

Ao serem questionados sobre a condição da rua em questão, os alunos apresentaram várias hipóteses: “Os moradores não ligam para o lugar em que moram”; “Os próprios moradores poderiam arrumar colocando cimento na rua”; “Alguns moradores querem que a rua seja asfaltada”; “A prefeitura não liga para aquele lugar direito”; “Os moradores

não ligaram para a prefeitura para saber por que a rua não foi arrumada até hoje”. Eles sugeriram entrar em contato com a Copasa para canalizar o esgoto e fazer uma quadra no local, além da confecção de uma carta para a prefeitura para saber o motivo pelo qual a Rua Cruzeiro do Sul está nessa situação e quando ela será asfaltada.

## **Qualificação do tema**

Essa etapa foi bem difícil. Busquei traçar estratégias para estudar melhor o tema. Meus alunos gostam de informática para brincar com os joguinhos, mas tenho insistido com eles no uso funcional do computador e os ensinado a fazer pesquisa utilizando os buscadores. Assim, mostrei como visualizar a região em que vivem pela internet e como digitar suas produções escritas em programas como Word. Com isso, tenho percebido que os alunos têm participado mais das aulas e reclamado menos.

Leitura é outro grande desafio na minha turma: poucos sentem prazer ao pegar um livro para ler; os textos da apostila e de outros materiais são lidos individualmente por um pequeno número de alunos. Contudo, realizo na sala de aula um trabalho com o canto de leitura (com livros e gibis) e a biblioteca. Aos poucos, essas ações geram frutos. Assim, alguns alunos já pedem para levar os livros para ler em casa. Estamos construindo um trabalho interdisciplinar e conseguimos que o Projeto Nepso dialogasse com todas as disciplinas (Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes). Assim, trabalhamos com o gênero “carta de reclamação” em Português, com as questões do esgoto,

do lixo e das doenças causadas pela falta de saneamento básico em Ciências, com o bairro e seus principais problemas, o mapa e a escala do bairro e da cidade em Geografia, entre outros assuntos. A maioria dos alunos se envolveu na elaboração do projeto, mas alguns ainda se mostravam poucos participativos, com dificuldades significativas de escrita e leitura, sem autonomia para realizar trabalhos individuais, mas conseguindo falar, opinar e dar sugestões. A cada etapa, fui me surpreendendo mais com eles.

Realizei com os alunos os passos de um projeto escolar para iniciar a qualificação do tema e, a partir daí, nortear o estudo sobre o tema pesquisado. Pensei em perguntas como: O que vocês querem saber sobre o tema pesquisado? O que já sabem? Como saber? Por meio desses questionamentos, elaborei um quadro e registrei na lousa:

| O que vocês querem saber sobre o tema pesquisado?                            | O que vocês já sabem?  | Que tipo de dúvida pretendemos esclarecer com a realização da pesquisa?   | Como fazer para responder a estas perguntas?   |
|--|--|---|--|
| 1. Por que os moradores da rua da Terrinha não ligaram pra prefeitura ainda? | Que na Terrinha tem muita terra, lixo, poeira, muitos buracos no chão. | O que eles podem fazer para que a prefeitura arrume as ruas para melhorar a situação dos moradores da Terrinha. | Pesquisar sobre o assunto no computador (internet) Conhecer a história do bairro. Site da prefeitura de Belo Horizonte, Google Maps e Wikipédia; Prefeitura de Belo Horizonte (História de bairros). No Google Maps, observar as imagens de satélite e percorrer pelas ruas do bairro pelo computador. |

| O que vocês querem saber sobre o tema pesquisado?       | O que vocês já sabem?   | Que tipo de dúvida pretendemos esclarecer com a realização da pesquisa?  | Como fazer para responder a estas perguntas?   |
|---|---|--|--|
| 2. Qual é o morador mais antigo da rua da Terrinha?     | Tem mato, rato, água suja (esgoto), cocô de cavalo.   | Que os moradores colaborem para não estragar a rua, o asfalto, o esgoto, jogar o lixo no lugar certo e manter o mato cortado para eles viverem melhor. | Pesquisa nos livros.   |
| 3. Por que o povo colocou o apelido de Terrinha na rua? | No final da rua, tem o complexo, que é uma quadra que a escola integrada usa, e tem um campo de futebol, que só pode ser utilizado com a autorização do dono do espaço. | Os moradores terem mais responsabilidade e cuidar do lugar, ajudar na limpeza da rua.  | Entrevista para perguntar aos moradores sobre a história do lugar.                           |
| 4. Por que os moradores não cortam o mato?              | Que suja a roupa.   |  | Procurar saber quem na prefeitura é responsável pelo asfalto.                                |
| 5. Por que a prefeitura não canalizou o esgoto ainda?   | Tem caco de vidro que machuca o pé, e com asfalto não machuca.  |  | Ligar para o telefone 156 da prefeitura (BH Resolve).  |
| 6. Quantos anos a rua da Terrinha tem?                  | Tem carrapato.  |  | Escrever uma carta para a prefeitura para saber o que fazer para a prefeitura arrumar a rua. |

| O que vocês querem saber sobre o tema pesquisado?        | O que vocês já sabem?                               | Que tipo de dúvida pretendemos esclarecer com a realização da pesquisa? | Como fazer para responder a estas perguntas? |
|--|---|---|--|
| 7. Qual a história do bairro e da rua da Terrinha?       | Tem bicho-de-pé.                                    |   |  |
| 8. O que temos de fazer para a prefeitura arrumar a rua? | Os meninos pequenos ficam deitados no meio do lixo. |   |  |
| 9. Por que a prefeitura não pode asfaltar a rua?         | Tem muito entulho.                                  |   |  |
| 10. A prefeitura vai asfaltar a rua?                     | Tem que asfaltar.                                   |   |  |

Com base na pergunta “Como fazer?” para responder “O que vocês gostariam de saber?”, conduzi a pesquisa utilizando a escola como fonte, além do laboratório de informática e da biblioteca como apoio, buscando entender um pouco mais da história do bairro, bem como responder questões como: O que fazer para que a prefeitura arrume a rua da Terrinha? Como resolver o problema do lixo, do esgoto e do mato na Terrinha? Realizamos uma pesquisa na internet sobre a história do bairro, e promovi um concurso de desenho sobre o Aglomerado da Serra, principalmente da região pesquisada, para montarmos um painel com a divulgação do nosso tema na escola. Também iríamos entrevistar funcionários da escola que morassem na região pesquisada.

A bibliotecária da escola nos emprestou vários livros do arquivo público de Belo Horizonte com histórias de bairros e o livro *Vila Viva*. Escolhemos as pessoas que seriam entrevistadas. Os alunos indicaram um morador apontado com o mais antigo do bairro. Era o sr. José, mais conhecido como Piqui, e também uma funcionária da escola, a Vanessa, que morou durante vinte anos no local e conhece um pouco da história do lugar. Pedimos à diretora a liberação da funcionária para que ela fosse em sala de aula para a realização da entrevista. Um aluno ficou responsável por entrevistar o sr. José Piqui. No dia da aplicação do questionário, conseguimos realizar a entrevista com ele e também com mais um morador, que se disponibilizou a responder nossas perguntas sobre aquele local, contando um pouco mais de sua história.

Elaboramos um roteiro coletivo com toda a turma a fim de responder a algumas questões para posteriormente fazer a entrevista com os outros moradores.

Convidamos Vanessa, que nos ajudou ao responder a algumas dúvidas que tínhamos em relação ao local pesquisado. A entrevistada residiu no local há vinte anos e nos disse que a Rua da Terrinha deve ter aproximadamente 25 anos, pois a rua existia bem antes de ela ir morar no local. Sobre história do lugar, a moradora disse que o bairro pertence à Prefeitura de Belo Horizonte e que houve uma indenização aos moradores, inclusive sua família foi indenizada, para que fosse construída a Escola Municipal Vila Fazendinha. Segundo ela, já existe um projeto para retirar as famílias da Rua da Terrinha, pois uma avenida irá passar ali e será construída uma unidade de Educação Infantil. Esses projetos foram votados

pelos moradores por meio do Orçamento Participativo<sup>2</sup>. Sobre o apelido da rua, a moradora acredita é pelo fato de a rua ser de terra vermelha. De acordo com ela, os moradores já ligaram várias vezes para a prefeitura para que arrumasse a rua, “mas nunca ninguém veio para saber o que está acontecendo”.

Na elaboração do questionário da pesquisa de opinião, expliquei novamente que era uma pesquisa para saber a opinião das pessoas, e as questões não poderiam fugir ao objetivo de responder às perguntas feitas pelos alunos para escolher o tema. Assim, os alunos foram orientados para que a primeira parte do questionário consistisse em conhecer o entrevistado e identificá-lo. Depois, faríamos perguntas sobre o nosso tema.

Meu planejamento inicial foi dividir os alunos em duplas para que elaborassem o questionário, mostrando alguns modelos para ajudá-los.

## Orientações aos alunos para elaboração do questionário

- Organizar-se em grupos ou duplas.
- Entregar modelos de questionários: um para cada aluno.
- Ler o texto para obter informações sobre os questionários.
- Observar as principais características do questionário: na primeira parte, a identificação do entrevistado (idade, sexo, estado civil, etnia); as demais são perguntas fechadas (explicar aos alunos).
- Conversar com os alunos sobre o tipo de questionário

---

2 Mecanismo governamental de democracia participativa que permite aos cidadãos influenciar ou decidir sobre os orçamentos públicos, geralmente o orçamento de investimentos de prefeituras municipais, por meio de processos de participação da comunidade.

que iremos elaborar: a pesquisa de opinião e a linguagem que será utilizada.

- Elaborar perguntas sobre o tema.
- Anotar as perguntas dos alunos no quadro.
- Revisando: Com o auxílio do professor, revisar as perguntas elaboradas e, se necessário, reescrevê-las.
- Questionário elaborado pelos alunos.

Pedimos autorização aos pais para que os alunos pudessem sair, junto com a professora, para a realização da pesquisa nas proximidades da escola. Em 21 de agosto de 2013, foram aplicados 41 questionários no período da manhã.

Inicialmente, os alunos reclamaram, disseram estar com vergonha de ir à rua aplicar os questionários, mas os encorajei dizendo que eu estaria presente e faríamos o trabalho juntos. Outra colega disse para não faltarem, pois o trabalho era em grupo e precisava da união de todos. Também conversamos sobre a abordagem das pessoas na rua: que deveríamos cumprimentá-las, os alunos deveriam se apresentar como estudantes da escola, além de explicar o projeto de pesquisa de opinião e perguntar se poderiam responder rapidamente um pequeno questionário. Orientei os alunos no caso de alguma pessoa não querer responder. Por exemplo, pessoas que estão passando na rua e com pressa para ir ao trabalho, ou mesmo aquelas que estivessem na rua sem compromisso, mas não quisessem responder, era um direito que lhes cabiam, tendo de ser respeitado. Orientei para que, nesses casos, os alunos agradecessem e procurassem outra pessoa, e eles concordaram em não desrespeitar ninguém na rua.

## O campo

A maioria das pessoas abordadas se prontificou a responder o questionário. A princípio, os alunos se mostraram tímidos. Então, iniciei a aplicação abordando uma moradora, cumprimentei, me apresentei e contei um pouco sobre a pesquisa, a qual escola pertencíamos, que seria bem rápida a pesquisa e se ela poderia nos responder. A moradora concordou e realizei a primeira pergunta. Todos observaram, e eu os encorajei a realizar a pesquisa.

Em seguida, encontramos o morador mais antigo do bairro em sua casa, e um aluno fez o pedido para entrevistá-lo. Ao fazer a entrevista com esse senhor e com sua esposa, os alunos ficaram entusiasmados. A partir desse momento, começaram a ter um desempenho melhor para abordar as pessoas e aplicar os questionários.



*Aluno entrevistando moradora.*

Alguns permaneceram próximo da professora, e outros se afastaram um pouco. Levamos a máquina fotográfica, e os alunos tiraram fotos de vários locais da rua, dos matos altos, fotografaram um cavalo se alimentando no meio do lixo, rato morto, a rua de terra, e alguns moradores autorizaram ser fotografados. No final, fiz a avaliação com eles, e todos disseram ter gostado, pois conheceram um pouco mais da história do bairro.

Em 21 de agosto, o polo mineiro do Nepso, representado pela Aliene, esteve na escola para nos ajudar a tabular os dados. Essa participação foi produtiva, trouxe ricas contribuições e instrumentalizou de maneira prática essa etapa do trabalho. Aliene levou para sala de aula, impressas em folhas coloridas, todas as etapas da pesquisa, desde a escolha do tema, a hipótese norteadora, a justificativa, a metodologia, os objetivos, entre outros pontos, e, por meio de conversa com os alunos, foi relatada cada parte da pesquisa realizada. Em seguida, os alunos foram convidados a assinar nessas folhas como autores do projeto. Eles gostaram da participação dela e perguntaram se ela voltaria novamente à escola.

## **Orientações aos alunos para tabulação dos dados**

- Organizar os alunos em duplas.
- Numerar todos os questionários.
- Distribuir a mesma quantidade de questionários para cada dupla.
- Tabulação dividida em duas partes: identificação e perguntas.

- Distribuir tabelas com a primeira parte da pesquisa: identificação.
- Os alunos contam e anotam a quantidade parcial na tabela. Em seguida, cada dupla indica a sua tabulação, que é anotada no quadro. Usando a calculadora, os alunos encontram a quantidade total.
- Entregar folhas quadriculadas com as questões para tabular as perguntas. Na frente da alternativa, marcar um xis para cada opção assinalada.
- Em seguida, entregar as tabelas com as perguntas da pesquisa para os alunos colocarem a quantidade parcial. Cada dupla diz a quantidade encontrada, que é anotada no quadro pelo professor. Usando a calculadora, eles encontram a quantidade total e registram na tabela.
- Discutir com os alunos os resultados obtidos.

Os alunos gostaram de utilizar a calculadora, que serviu de incentivo, mas alguns tiveram dificuldade para tabular os dados, sendo necessária a ajuda de algumas duplas.

Não conseguimos terminar de tabular tudo no mesmo dia, pois o tempo foi insuficiente. Continuamos no dia seguinte, realizando também a autoavaliação da atividade. Todos marcaram “bom” na avaliação.

Após a tabulação dos dados, demos início à confecção da carta de reclamação, que foi proposta pelos alunos, devendo ser encaminhada à Prefeitura de Belo Horizonte.

## Orientações aos alunos para escrita da carta de reclamação

- Dividir os alunos em grupos para ler e comentar os modelos de carta de reclamação entregue aos grupos.
- Identificar suas principais características (cidade, data, ano, assunto, texto argumentativo, pronome de tratamento, órgão de destino).
- Trabalhar e elaborar a primeira parte da carta (cidade, data, ano, assunto e pronome de tratamento) e alinhamento da carta.
- Trabalhar com os alunos os argumentos capazes para convencer e sensibilizar o leitor.
- Discutir exemplos orais de argumentos com os alunos.
- Realizar a produção escrita do corpo da carta, seu desenvolvimento.
- Pauta de correção.
- Cada aluno produz sua própria carta.
- Elaboração de uma carta de reclamação coletiva.

Discutimos alguns pontos importantes, como qual seria o destinatário da carta. Inicialmente, foi apontado o prefeito Márcio Lacerda. A maioria dos alunos concordava que a carta teria que ser enviada para o prefeito. Questionei-os para que refletissem. Até que um aluno disse: “Para uma Secretaria, professora”. Realizamos, então, uma pesquisa e descobrimos que era para a Secretaria de Urbanização e Planejamento, conhecida como Urbel. Tive que retomar essa atividade em muitas aulas, pois o processo foi demorado. Em algum momento, desanimei, mas acreditei que eles seriam capazes e perseverei.

Energia nos alunos a busca por um direito pleno de cidadania: o direito social de ter uma condição de vida melhor no que se refere à urbanização; de não se sujar ao sair de casa, seja de poeira ou de lama; que suas casas não sejam invadidas pela poeira; que o chão não fique completamente sujo; que as doenças respiratórias não aumentem. Esses moradores pedem uma condição de vida mais digna, que as ruas sejam mais limpas, que seja feito um trabalho de conscientização, de saúde pública, entre outros.

Esse trabalho foi muito desafiador por causa da dificuldade de escrita que os alunos apresentam. No final, foi significativo perceber a evolução dos alunos em relação à própria escrita, a questões sociais, cidadania, construção de argumentos. Enfim, o trabalho de elaboração da carta proporcionou uma evolução gradativa da apropriação da escrita.

Houve uma pausa de quase duas semanas nas atividades do projeto por causa da aplicação de provas escolares. Retomamos as atividades em setembro com a confecção de gráficos.

A princípio, o trabalho foi manual: utilizamos papel quadriculado e modelos prontos de gráficos em formato de pizza. Depois, fomos ao laboratório de informática, e ensinei os alunos a utilizarem a ferramenta do *Office* para confeccionar gráficos. Primeiramente, ensinei onde deveriam entrar para acessar o programa e o passo a passo da elaboração do gráfico, bem como a utilização do gráfico em formato de pizza, por considerar este o modo mais fácil de visualização.

## Orientações aos alunos para confecção dos gráficos

- Utilizar o laboratório de informática e a ferramenta Office para confeccionar os gráficos.
- Clicar em “Iniciar/Escritório/Br Office Calc”.
- Digitar os dados do gráfico em uma planilha.
- Selecionar os dados da planilha.
- Clicar no ícone “Inserir gráfico”, localizado na barra de ferramentas do computador.
- Escolher o gráfico de pizza e clicar em “Concluir” para terminar.

Cada aluno elaborou quatro gráficos com a identificação dos participantes da pesquisa. Ensinei a colocar a legenda e o título. Cada aluno salvou seus gráficos numa pasta de documentos do computador. Em outra aula, para agilizar o trabalho, dividi as questões entre os alunos, e eles fizeram os gráficos em dupla.

Os alunos gostaram muito de desenvolver a atividade utilizando o computador, pois está deixando de uma ferramenta para somente jogar, tornando-se funcional na obtenção das competências necessárias para a vida profissional, educacional e pessoal desses alunos. É interessante ressaltar que a maioria deles, ao realizar a atividade, não pediu para jogar. Todos participaram ativamente da atividade, e aqueles que tinham mais facilidade para aprender me ajudaram com os alunos que tinham dificuldade.

Depois de finalizar os gráficos no computador, iniciamos a elaboração das manchetes para divulgar os resultados da pesquisa.

## Orientação aos alunos para elaboração de manchetes

- Que tal produzir manchetes ou frases para divulgar os resultados obtidos na pesquisa?
- Dividir a turma em duplas.
- Anotar a tabulação no quadro com cores diferentes para facilitar a visualização dos dados.
- Realizar a análise dos dados junto com o professor.
- Cada dupla deverá elaborar uma frase ou manchete que represente os dados obtidos.

Escrevi no quadro cada questão do questionário, com as alternativas e a tabulação em cores diferentes, para facilitar a visualização. Juntos, fizemos a análise dos dados. Após a discussão dos dados, pedi que cada dupla sugerisse uma frase que representasse os dados obtidos. Para essa atividade, foram necessárias quatro aulas.

## Os resultados

Os quatro primeiros gráficos referiam-se à identificação da população pesquisada. No total, foram 29 entrevistados do sexo masculino e 12 do sexo feminino. Os alunos perceberam que os homens ficam mais na rua que as mulheres. Esses dados nos fizeram perceber que, na comunidade em questão, no horário da manhã as mulheres são minoria na rua.

A maioria dos entrevistados (29) tem acima de 25 anos de idade, apenas 8 têm entre 15 e 25 anos, e 4 não responderam, ou seja, a maioria dos entrevistados é composta de adultos.

Grande parte dos entrevistados (11) se declarou pardo; 1 indígena, 5 negros; 8 amarelos; 9 mulatos; 6 brancos e 1 não respondeu.

Discutimos sobre a miscigenação do povo brasileiro, sobre os grupos étnicos, e percebemos que a maior parte das pessoas entrevistadas é formada por pardos, mulatos e negros.

Em relação ao estado civil, 10 entrevistados disseram ser solteiros; 16 casados; 3 afirmaram ter companheiros; 8 separados; 2 viúvos e 2 não responderam. Sobre o estado civil, as respostas foram muito variadas.

A seguir os resultados de algumas perguntas, específicas sobre o tema da pesquisa.

## **A maioria das pessoas prefere a rua asfaltada para diminuir a poeira**

Do total de entrevistados, 39 (ou 98%) responderam desejar que a rua fosse asfaltada. Somente um respondeu que a rua poderia ser de pedras e 1 não respondeu.

Sobre a pavimentação da Rua Cruzeiro do Sul, todos os entrevistados concordam com a necessidade de asfaltar a rua por causa da quantidade de poeira que invade as casas e suja as roupas e o sapato de quem transita por ela, além da lama, que dificulta o trânsito das pessoas na época de chuva.

## **Moradores parecem que não sabem o tempo que o mato demora para crescer e a frequência com que necessita ser cortado**

Os entrevistados manifestaram dúvida sobre a frequência com que os matos necessitam ser cortados, pois o número de

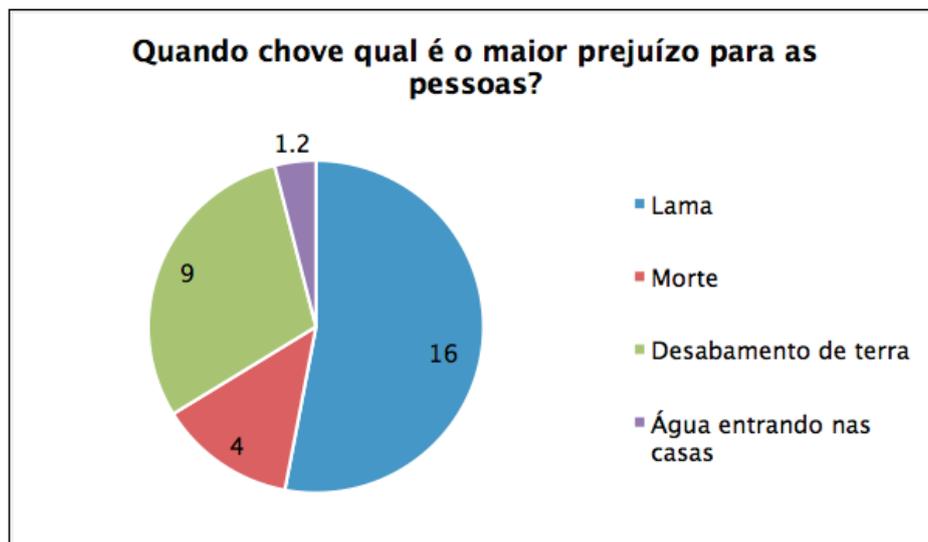
respostas para as alternativas “uma vez por mês” (15 respostas) e “semanalmente” (14 respostas) tiveram diferença de 1 voto, e de “quinze em quinze dias” (10 respostas) também se aproximaram dessas alternativas.

### **Para os moradores, o lixeiro deveria passar para pegar o lixo um dia sim outro não, para não deixar o lixo acumular.**

Dos entrevistados, 22 escolheram “um dia sim, outro não”, mas “todos os dias” (15) se aproximou bastante da primeira opção, ficando evidente a necessidade de uma coleta mais frequente para acabar com o problema do lixo e ele não acumular, trazendo prejuízo para pessoas que vivem no local, como doenças transmitidas por ratos, mosquitos da dengue, entre outros.

### **Os moradores reclamam da lama quando chove, porque fica tudo cheio de barro**

Percebemos que o que mais incomoda os moradores, quando chove, é a lama, enchendo as casas de barro e sujando sapatos, roupas e quintais. Desabamento foi outro prejuízo que se destacou, mas não acontece necessariamente na rua pesquisada, e, sim, nas imediações.



Após o término da pesquisa, observamos que algumas hipóteses foram confirmadas e outras não. A maioria dos moradores realmente quer que a rua seja asfaltada, que o lixo seja retirado, que seja colocada uma lixeira de aço na rua, que a coleta seja feita com mais frequência, que o mato seja cortado e que a rede de esgoto seja instalada. Pensávamos que a população não tinha interesse pelo lugar em que moram e, por meio de entrevistas e conversas com os moradores, descobrimos que eles já ligaram várias vezes para a prefeitura, mas até hoje nenhuma obra foi realizada na comunidade. Para os alunos, os moradores também precisam fazer sua parte para melhorar o local em que vivem.

O trabalho com os gráficos e as produções das manchetes foi muito significativo, principalmente pela possibilidade de superação da dificuldade de analisar gráficos, tabelas e imagens que os alunos apresentam. O trabalho foi participativo, todos se envolveram e em grupo produziram as manchetes, refletindo sobre os resultados e relacionando aos conhecimentos adquiridos.

## Orientações aos alunos para a produção de um livro sobre a história do bairro

- Experimente desenhar seu bairro.
- Promover um concurso de desenho sobre o bairro.
- Entregar para os alunos material digitalizado sobre a história do bairro.
- Ler a história do bairro.
- Desenhar as cenas de cada uma das histórias.
- Cada aluno produzirá seu livro.

Cada aluno produziu seu livro anexando as atividades realizadas sobre a história do local. Esse trabalho contribuiu para o sentimento de pertencimento desses estudantes e para a construção da sua identidade. Também foi solicitado que elaborassem um mapa mental (representando a primeira imagem que vem à mente quando se pensa em determinado espaço) do trajeto da sua casa até a escola, pois, mesmo que somente três alunos morem na Rua da Terrinha, a maioria deles passa por ela para chegar até a escola. Em seguida, pedi aos alunos para observar os elementos mais significativos existentes ao longo do trajeto para a escola e se manter fiel à imagem que iriam representar.

Após a conclusão da atividade, eles deveriam responder à pergunta: “Em sua opinião, há algo nos elementos observados ao longo do percurso que precisa ser modificado ou melhorado?”. Em seguida, os alunos apresentaram para a turma os mapas que foram produzidos, e esses trabalhos foram expostos na sala de aula. Trabalhamos ainda o conceito de escala, e alguns alunos refizeram o mapa utilizando essa

noção. Trabalhamos com o mapa do bairro xerocado, e no computador usamos o Google Maps.

Questionei os alunos sobre os principais problemas do bairro e também sobre os aspectos positivos. Coletivamente, traçamos um roteiro apresentando os principais pontos e atrativos do bairro. A proposta era de que os alunos apresentassem o bairro para um amigo.

Outra ação foi discutir sobre o cotidiano da nossa cidade por meio da análise de imagens, refletindo sobre as causas das situações identificadas no cotidiano, os sujeitos responsáveis pelas situações percebidas no cotidiano e o posicionamento diante dessas situações. Foram trabalhadas sete imagens da cidade, por exemplo, uma delas revelando o tamanho e a extensão de Belo Horizonte, para que os alunos percebam como é complexa sua administração; em outra, a imagem de um Aglomerado retratando a favelização como importante fenômeno urbano e que nos permitiu debater: o que é uma favela; como surge uma favela; quais as razões para a existência de problemas tão característicos nas favela.

Solicitei aos alunos que observassem com atenção todos os detalhes de cada imagem e identificassem o tema ou a informação que mais se destaca em cada uma delas. Então, discutimos os vários aspectos relacionados à imagem, e fui anotando, no quadro, as ideias deles sobre o que era positivo e o que era negativo para a cidade. Também pedi a eles que escrevessem, abaixo de cada imagem, uma palavra que representasse o tema ou a informação identificada nela, explicando o motivo para a escolha de cada palavra. Eles gostaram muito dessa aula. Um aluno chegou a dizer que foi a melhor aula que ele teve.

Propus ainda a elaboração de uma reportagem coletiva com as descobertas sobre o bairro e a cidade. O objetivo foi compreender que o bairro Aglomerado da Serra faz parte de uma cidade, na qual existem vários bairros, com desigualdades sociais, favelização e diversas questões.

## **Orientações para a elaboração coletiva de uma reportagem**

- Encontrar os elementos da reportagem em alguns textos desse gênero que o professor apresentará para a turma.
- Encontrar o fato ocorrido, quando ocorre, quem são os envolvidos, como e por que acontece o fato.
- Encontrar opiniões acerca do fato relatado, depoimentos (fala de outras pessoas), comparações com acontecimentos relacionados ao assunto tratado.
- Realização coletiva da reportagem “A cidade de Belo Horizonte: suas...”
- Revisão do texto orientada pelo professor.

Esse trabalho foi realizado ouvindo o conhecimento que os alunos possuíam acerca das imagens, bem como abordando questões pertinentes, como as desigualdades sociais, a comunidade no espaço urbano. Discutimos ainda o que os alunos gostariam de preservar no bairro onde moram e o que gostariam de mudar no bairro.

Debatemos sobre a relação entre cidadania e a pesquisa de opinião intitulada “A reforma da Rua da Terrinha”.

Realizamos um concurso para eleger o melhor desenho do bairro, e a escolha foi feita junto com os alunos. Esses

desenhos comporiam a capa do livro sobre a história do bairro. Na aula de Artes, foram confeccionados um quadro com a imagem do local e um banner, além de uma música composta para a apresentação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A música produzida pelos alunos foi um rap, relatando os problemas do local pesquisado.

## **RAP DA TERRINHA**

Cheguei na Terrinha, que triste visão.  
Esgoto a céu aberto e lixo no chão.  
Ratos todo lado e doença de montão.  
Ratos todo lado e doença de montão.

Seu prefeito, somos cidadãos.  
Merecemos também a sua atenção,

Fogo no lixo é um problemão.  
Fecha a janela.  
Fica a dica, meu irmão.  
Apaga o fogo, é uma sugestão.  
Apaga o fogo, é uma sugestão.

Seu prefeito, somos cidadãos.  
Merecemos também a sua atenção.

*A Rua da Terrinha tem que ter iluminação,  
Com poste de luz,  
Pra não ficar na escuridão.  
Pra não ficar na escuridão.*

*Seu prefeito, somos cidadãos.*

*Merecemos também a sua atenção.*

## **Aprendizagens**

Realizar esse trabalho foi um grande desafio, porque precisei “recomeçar”, mudar o caminho, traçar estratégias por meio do diálogo, de histórias, da música, de uma relação mais afetiva para conquistar os alunos, sua confiança, trabalhar a autoestima, resolver problemas, conflitos e rever minhas práticas.

Ao realizar a pesquisa com os alunos, sempre havia duas preocupações: possibilitar que eles fossem autores dessa pesquisa de opinião, sujeitos ativos do conhecimento e, para isso acontecer, não direcionar o trabalho, não ser aquela que “deposita”, que dá tudo pronto.

Descobri novos caminhos para chegar até os alunos, por meio da conscientização destes em relação à importância da escola, do estudar e por acreditar na capacidade de cada um deles. Essas foram algumas das transformações geradas em mim, bem como a percepção do quanto aprendi com os alunos nessa caminhada.

Primeiro, tive que trabalhar comigo para acreditar, surpreendê-los, buscar no diálogo palavras e histórias que os encorajassem, dizer todos os dias que eles eram importantes, inteligentes, tinham capacidade de aprender, eram autores da sua própria história. Sempre destacando que o conhecimento transforma, que a educação é importante para as nossas vidas, que a educação é transformação social, que, quando estudamos, temos mais condições de ter uma vida digna. A

cada dia, a proposta era sair da sala de aula com a seguinte pergunta: “O que aprendemos hoje?”.

Durante o trabalho, percebi as dificuldades, mas também as mudanças, o envolvimento, o desejo e a participação dos alunos, seu engajamento na execução da pesquisa de opinião.

Para Paulo Freire: “O homem chega a ser sujeito por uma reflexão sobre sua situação, sobre seu ambiente concreto. Quanto mais refletir sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (Freire, 1980, p. 79).

Inicialmente, não foi fácil, houve momentos em que duvidei de que algum trabalho seria produzido pelos alunos, cheguei a duvidar de que eles poderiam aprender, pois eu só presenciava brigas, discussões, falta de interesse, de diálogo, nada do que perguntava era respondido, eu só ouvia: “Sei lá, fessora”, “Fala aí”, “A gente não sabe nada, não”. Eles não dialogavam comigo, somente eu falava, havia um monólogo, ou, como diz Paulo Freire, um “antidiálogo”, ou seja, uma relação de A sobre B, que não comunica, apenas faz comunicados.

Para Freire:

*Lamentavelmente, por uma série de razões, esta postura - a do antidiálogo - vem sendo a mais comum na América Latina. Educação que mata o poder criador não só do educando, mas também do educador, na medida em que este se transforma em alguém que impõe ou, na melhor das hipóteses, num doador de “fórmulas” e “comunicador”, recebido passivamente pelos seus alunos. (Freire, 1991, p. 69)*

No final, ao perguntar aos alunos quais aprendizagens a pesquisa de opinião sobre a Rua da Terrinha havia proporcionado, fiquei satisfeita ao ouvi-los dizer que eles

aprenderam a “Lutar por alguma coisa”, “Terminar uma coisa importante, chegar até o fim”, “Correr atrás para arrumar a rua”, “Foi bom ter ido à UFMG”, “Ir na rua fazer a pesquisa, entrevistar as pessoas e poder apresentar”, “Fazer a apresentação na UFMG”, “Ajudar uns aos outros”, “Sempre estávamos unidos. Foi ótimo”, “Ir atrás para a prefeitura tomar uma providência”, “Saber do prefeito por que a rua não foi arrumada até hoje”.

Os alunos conseguiram escolher, qualificar o tema, realizar cada etapa da pesquisa, elaborar os objetivos, as hipóteses, a justificativa, os questionários e o roteiro para a entrevista, além de aplicar o questionário, tabular os dados, criar as manchetes, elaborar os gráficos, criar algo para apresentar na UFMG, realizar a apresentação, planejar atividades para a divulgação do projeto na escola e, com entusiasmo e dedicação, serem vistos pela escola positivamente por algo que eles produziram. Assim, todos se sentiram importantes.

Conversei com a direção sobre a necessidade do reconhecimento de algo importante que os alunos conseguiram realizar, uma vez que eram vistos somente pelo comportamento inadequado que tinham fora de sala, com brigas e desrespeito, pois todos que iam na minha sala sempre reforçavam o lado negativo, nunca os parabenizavam os alunos por suas atitudes positivas, como a mudança de comportamento dentro da sala de aula. A direção da escola entendeu. E, por meio do diálogo e de uma homenagem aos alunos, em reconhecimento ao trabalho realizado por eles, modificou sua postura. Percebo que eles vêm evoluindo em relação ao comportamento fora de sala de aula e que as reclamações diminuíram.

Para mobilizar a comunidade escolar, em novembro, realizamos a divulgação da pesquisa em nossa escola com apresentação da música “Rap da Terrinha”, dos resultados finais do trabalho, uma exposição com banner, quadros e gráficos, além dos livros confeccionados pelos alunos.



*Alunos durante apresentação da pesquisa na escola.*

Esse trabalho não apenas cumpriu o objetivo de realizar uma pesquisa de opinião, mas também contribuiu para o meu enriquecimento como professora, no sentido de acreditar na superação dos alunos, não importa quais sejam suas limitações, refletir sobre o ato de escrever, valorizar a

necessidade de “aprender a aprender” e aprender a fazer, entender a importância de uma formação continuada de qualidade, em que os formadores das universidades visitem as salas de aula e presenciem a realidade das escolas, principalmente as da periferia, para instrumentalizar melhor os professores para atender à demanda, oferecendo uma educação de qualidade para os alunos.

Com os alunos, eu aprendi muito a ouvir, não criticar, elogiar antes de chamar a atenção, criar laços afetivos, buscar uma educação que dê voz aos alunos, que os questione e os leve a refletir sobre suas atitudes, seu ambiente, sua realidade, que os encoraje e mostre que eles são capazes.

E finalmente concluo relatando o que mais me marcou nessa experiência foi: a capacidade que tive de mudar minha prática, minha visão e minha concepção de educação, percebendo que nunca é tarde para fazer algo diferente, mudar rotas e traçar novos caminhos. Não podemos persistir em técnicas que não dão certo, mas temos que fazer o possível para contribuir para uma educação mais significativa, por meio de formação continuada e da busca por educação de qualidade.

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ARREGUY, Cintia Aparecida Chagas & RIBEIRO, Raphael Rajão. *Histórias de Bairros de Belo Horizonte: Regional Centro-Sul*. Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Belo Horizonte: APCBH/ACAP, 2008.
- BRASIL. Lei n. 10.098/2000. Decreto n. 5.296/2004. Congresso Nacional. Senado. *Acessibilidade das Pessoas Portadoras de Deficiência ou com Mobilidade Reduzida*. Brasília: Senado Federal, 2005.
- BUENO, Laura Machado de Mello. *Projeto e Favela: Metodologia para Projetos de Urbanização*. (Tese de doutorado.) São Paulo: FAU-USP, 2000.
- COSTA, Eduardo. *Vila Viva: Transformando Vidas*. Belo Horizonte: Edição do autor, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. *Ensaio Pedagógico: Construindo Escolas Inclusivas*. 1. ed. Brasília: MEC/SEESP, 2005.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação, uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.



# Pernambuco

**Laene Alves Pacheco Vaz  
Vania Vieira  
Sueli Jorge**

# LIXO: UMA PREOCUPAÇÃO EMERGENTE<sup>1</sup>

LAENE ALVES PACHECO VAZ

**A PESQUISA FOI DESENVOLVIDA EM UMA** escola da rede pública de ensino no município de Garanhuns, estado de Pernambuco, situada em um bairro periférico. Essa escola oferece Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental nos períodos matutino e vespertino. Sou Laene Alves Pacheco Vaz, exerço o magistério há dez anos e, na referida escola desde fevereiro de 2012, inclusive com a mesma turma, acompanhando-a desde o 1º ano de escolarização. Sou graduada em Letras (Aesa/Cesa), especialista em Programação do Ensino em Língua Portuguesa (UPE), graduanda em Pedagogia (UFRPE-UAG) e mestranda em Letras (UFRN-UPE/ Campus Garanhuns).<sup>1</sup>

Participaram do projeto alunos de duas turmas com faixa etária entre 7 a 14 anos: a minha turma (Laene Vaz) do 2º ano (que desenvolve projeto desde o primeiro ano), e a outra do 3º ano da professora Ana Karolyne. Para explicar

<sup>1</sup> Disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2391/o\\_lixo](http://www.nepso.net/projeto/2391/o_lixo)

essa parceria entre nós, professoras, convém esclarecer que em 2012 participei do Curso de Extensão “Pedagogia da Pergunta: a pesquisa de opinião como dispositivo pedagógico interdisciplinar no processo de ensino-aprendizagem” ofertado pelo programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso), em parceria com a Secretaria de Educação do Município.

Neste ano de 2013, o Polo Garanhuns inovou a proposta já existente, acolhendo os professores que já aderiram ao Programa Programa Nepso, desde o ano passado, e os professores do município que iniciaram esse ano (a convite dos professores veteranos) o Curso de Extensão e Aprofundamento “Utilização da pesquisa de opinião como recurso metodológico no processo de ensino-aprendizagem”. Assim, o curso foi de Extensão para os professores iniciantes e de aprofundamento para os que já conhecem e utilizam o Programa Nepso em sua sala de aula, sendo que o professor veterano é formador do professor iniciante, de modo que ambos participam de todos os módulos ministrados pelo Polo.

Nesse contexto eu e a profa. Ana Karolyne decidimos desenvolver uma só pesquisa, a fim de contemplar o envolvimento e a participação das duas turmas. As atividades foram pensadas e planejadas conjuntamente em todo percurso, e mesmo atuando em horários distintos, conseguimos unir as turmas envolvidas, o que proporcionou para nós e nossos alunos a experiência de ouvir, falar, discordar e aceitar o que o outro pensa crescemos individualmente e de maneira coletiva.

Nossa pesquisa foi, durante toda a travessia, desafiadora e encantadora. Desafiadora em virtude da interdisciplinaridade, protagonismo e integração propiciados pelo Programa Nepso, encantadora porque é essa a sensação que desperta em cada etapa.

Não foi fácil, e já nas primeiras etapas sentimos o peso e a responsabilidade da proposta e não fosse nosso compromisso, ousadia e zelo com a educação, certamente, uma de nós teria desistido. A apresentação do programa se deu de maneira separada entre as turmas e empolgação é o sentimento que alcançou todos, nesse momento inicial. A partir da interação e da oportunidade de fala, vários temas surgiram, sendo o meio ambiente comum às duas turmas. Após discutir a problemática, os alunos levantaram hipóteses e delimitaram três subtemas: lixo, saneamento e água. Para chegar a um único tema eles foram convidados a explorar o entorno da escola e a fotografar o que, para eles, era meio ambiente. Esse momento, para o 2º ano, foi decisivo para a escolha pois perceberam que meio ambiente é tudo o que os rodeia e que as pessoas o estão desrespeitando ao jogarem lixo nas ruas. Tínhamos um tema amplo - meio ambiente e quando fomos às ruas, elas nos mostraram: “Lixo: uma preocupação emergente”. Várias hipóteses que expliquem esse fato foram discutidas em sala de aula: uns alegaram que as pessoas fazem isso porque são mal educadas; outros que elas jogam porque não gostam de ficar com lixo nas mãos, nem nas calçadas, por isso colocam nas praças. Enfim, a partir das hipóteses levantadas, os alunos, de ambas as turmas, chegaram à conclusão de que havia muito lixo no entorno da escola, sendo

este o objeto de nossa pesquisa e, de agora em diante, a preocupação de todos.

**Ficou claro para mim que ouvir o aluno não é o deixar falar, é considerar o que ele diz, é torná-lo parte do processo.**

No que tange à **qualificação do tema**, no segundo ano, o estudo iniciou com a leitura do livro *O lugar das coisas*, enfatizando que lugar de lixo é no lixo. Apesar de ser uma informação que não aparece no texto, ele permite que tal inferência seja discutida e apreendida. Depois, foi exibido o vídeo *Lixo é no lixo - Tia Cecéu*. Em seguida, discutimos o conteúdo do vídeo e uma das alunas deu a ideia de começarmos a fazer a nossa parte dentro da escola, surgindo, então, a iniciativa de manter a sala limpa e todos os dias eleger um estudante para cuidar da limpeza da mesma.

A leitura do livro *Não afunde no lixo* de Nilce Bechara foi crucial para um dos momentos mais importantes da pesquisa, pois motivou o mutirão para recolher o lixo nas ruas e, em seguida, separar o que foi recolhido nos coletores por eles confeccionados, ação já pensada no momento em que os alunos foram às ruas para averiguar o lixo que era jogado nas ruas do bairro.

A caminhada foi realizada no entorno da escola, e o lixo recolhido foi dos mais variados: papel, garrafas pet, papelão, latinhas, plásticos etc.

Para concluir o momento de qualificação, a escola recebeu a visita da palestrante Maria Thamires Gomes de Melo, técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal de Pernambuco e discente do curso de Pedagogia da

Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns.

A palestra ocorreu no turno da tarde e, novamente, houve o encontro entre as duas turmas envolvidas na pesquisa, o 2º e 3º anos.

Também participou da palestra a turma do 4º ano, juntamente com a professora da turma, a gestora da escola e uma das supervisoras do município que, na ocasião, visitava a instituição. A palestrante retomou assuntos já estudados em sala, de modo a consolidar e validar o saber em construção.



*Estudantes assistindo palestra de Maria Thamires Gomes de Melo.*

Abordou o conceito, classificação e tempo de decomposição do lixo, características do lixão, problemas causados pelo lixo quando jogado nas ruas, características e

curiosidades sobre o Aterro Sanitário de Garanhuns. Também explanou sobre compostagem, coleta seletiva e o Recicla Pernambuco, projeto destinado a realizar intervenções socioambientais em municípios da Mata Sul, Agreste e Sertão de Pernambuco, inclusive no município de Garanhuns, onde está situada a escola.

**Considero o período de qualificação do tema uma das etapas mais importantes e, por isso, carece de tempo e planejamento bem definidos, pois é o momento em que o aluno se apropria do tema, formula conceitos.** Essa etapa oportunizou aos alunos a vivência de situações lúdicas, produtivas e significativas, inclusive fora da escola, que se caracterizaram, não apenas por interesses didático-metodológicos, mas por uma vivência de autoconhecimento, reflexão e apreensão do real, além da união entre as duas turmas. As atividades foram bastante diversificadas, o conhecimento é como a flor, não germina em trilhos.

Leitura de livros paradidáticos, exibição de vídeos, passeio nas ruas para verificar que tipo de lixo é jogado, pesquisas, trabalho em equipe, apresentação oral, mutirão para recolher e separar o lixo encontrado nas ruas e conversa com especialista em Meio Ambiente foram atividades que permitiram a construção de aprendizagens conceituais, procedimentais e atitudinais. **Sair da rotina escolar foi recompensador, possibilitou a ressignificação do saber, intensificou o protagonismo e a apreensão da realidade, além de ativar sensibilidades necessárias ao convívio humano, como a importância de uma atitude responsável com o meio e a superação da timidez.**

Durante as atividades, alguns alunos se permitiram envolver com mais profundidade, é o risco que corremos quando envolvemos todos nas atividades, no entanto, eu não poderia negar o conhecimento a nenhum deles. A relevância dessa etapa foi ainda maior quando descobri que os genitores de dois dos meus alunos trabalhavam com coleta de lixo, fato que motivou ainda mais o interesse pelo tema e a valorização dessa atividade: educar consiste em também humanizar.

Terminada a qualificação, os estudantes começaram a pensar e a conversar sobre o público que iria ser entrevistado. Deixei-os a vontade para decidir sobre e, de fato, fizeram ótima escolha. Precisavam apenas de confiança. Logo ficou decidido que iríamos entrevistar os moradores do bairro Magano, em particular os que residiam no entorno da escola, mais precisamente defronte da Praça Campos Sales, ambiente que motivou a surgimento do tema da pesquisa. Decidimos que iriam ser aplicados cinquenta questionários, quantidade considerada pelos estudantes suficiente para representar o bairro.

Antes do processo de **elaboração dos questionários**, foram explorados exemplos de perguntas fechadas e abertas, em decorrência da pouca idade e do nível de escolaridade dos pesquisadores. O momento foi bastante relevante, pois, por meio de conversas e treino com os próprios colegas, foi possível exercitar a leitura, escrita e linguagem oral dos estudantes, e houve a participação ativa e integração de todos. Eles sugeriram perguntas de maneira escrita e oral, as quais foram, posteriormente, apresentadas pelo condutor ao grande grupo, momento em que elas foram ganhando forma e

refinamento. **Quando o aluno pesquisa seu próprio contexto ele significa o conhecimento, afinal, este é resultado da interação entre ele e o meio em que vive.**

Elaborar o questionário foi bastante trabalhoso, e, para conservar o que eles gostariam de saber, monitorei todo o trabalho. O estímulo foi também crucial nessa etapa. Contendo questões abertas e fechadas, o questionário foi elaborado em sala de aula atentando para a finalidade da pesquisa e aspectos mais relevantes.

O pré-teste, que foi realizado na própria escola, permitiu aos alunos refletirem sobre a importância do planejamento da fala e induziu a revisão de algumas perguntas uma vez que, ao longo das entrevistas, percebemos a incompletude do questionário. As entrevistas foram realizadas por um grupo pequeno de estudantes, pois, além de só ser permitido aos alunos que saíssem comigo para entrevistar, nem todos dominavam a leitura. Estas foram duas das limitações e dificuldades encontradas, mas quando queremos fazer algo diferente contornamos os obstáculos que aparecem. Prazeroso é como caracterizo o **trabalho de campo** que oportunizou, em alguns momentos, a junção das duas turmas. Ir às ruas é fascinante, não só para eles – vê-los ler com fluência, agir com desenvoltura e ouvir merecidos elogios dos entrevistados deixou-me mais que orgulhosa. Sempre que retornavam à escola, externavam como o trabalho tinha ocorrido o que me deixava ainda mais contente e encantada com os frutos do Programa Nepso.

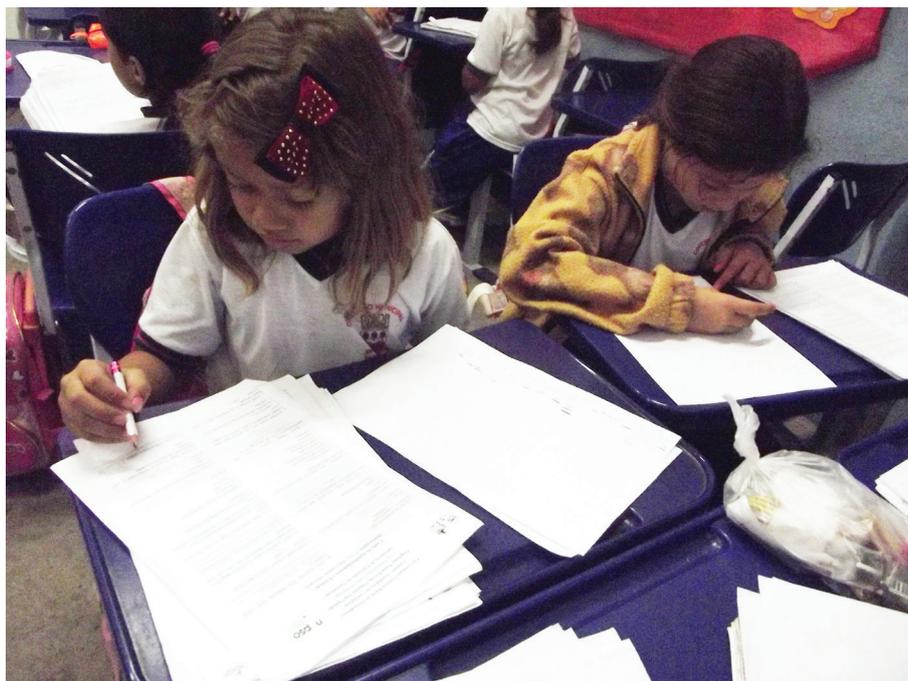
As pessoas entrevistadas acolheram com carinho os jovens entrevistadores, alguns até se admiraram com a pouca

idade deles, ouviam e respondiam com atenção, contribuindo, desse modo, com a pesquisa, pois, percebiam que se tratava de um trabalho escolar.



*Estudantes entrevistando no entorno da escola.*

Quanto à **tabulação**, foi feita manualmente por um pequeno grupo de alunos, pois carecia de estratégias de contagem e verificação. Eu poderia ter oportunizado aos outros esse momento, afinal, são habilidades que precisam ser desenvolvidas e testadas por todos, e não apenas serem praticadas pelos que já sabem.



*Estudantes realizando a tabulação dos resultados.*

**Analisamos os resultados** coletivamente, que foram expostos em gráficos. Falar e ouvir são exercícios que contribuem para o aprendizado tanto do ser social como para o convívio social. O diálogo enriquece a experiência; por isso, ouvi a todos. Dessa forma, todos alunos participaram ativa e integralmente, demonstrando autonomia e segurança nos pronunciamentos.



Durante as discussões fiquei maravilhada com o potencial crítico de alguns dos meus alunos (também incluo os alunos da professora Karol, que tomei para mim), pois jamais imaginei que eles pudessem discordar dos resultados com justificativas pertinentes. Quando perguntado quem suja mais o ambiente, 64% responderam que eram as crianças: eles discordaram e justificaram dizendo que, nos passeios que fizeram durante o desenvolvimento do projeto, encontraram palhas de milho, cosméticos, madeira, latinhas de cerveja, ou seja, objetos que não são utilizados por eles. No entanto, assumiram a responsabilidade para com os papeis de bala, descartáveis etc. Nesse contexto, reconheço que o protagonismo e a interação com o meio propiciam a formulação de hipóteses e, como consequência, potencializam a observação e criticidade.

Constatamos que os moradores, embora sejam conscientes da importância de atitudes responsáveis com o meio ambiente, não as adotam em seu cotidiano. Por isso é importante investir nas crianças, para que sejam multiplicadoras do saber, o que motivou nosso plano de ação, e esse foi o momento mais esperado. **Nele rompemos totalmente com o parâmetro escolar da instituição e eu enfrentei um de meus medos – andar alguns quilômetros com um grupo de alunos sob minha responsabilidade, mas se fazia necessário conhecer o Aterro Sanitário da cidade e a Asnov – Associação dos Catadores, para completar e enriquecer nosso leque de experiências.** Os alunos puderam sentir empiricamente o que ouviram nos momentos de estudo, intensificando, assim, o conhecimento e a sensibilidade com os problemas ambientais.



*Estudantes visitam o Aterro Sanitário da cidade.*



*Apresentação da pesquisa no VIII Congresso Estadual do Nepso - Pernambuco.*

**Divulgamos os resultados da pesquisa** em dois momentos, na escola e no VIII Congresso Estadual do Nepso. Ver e ouvir as alunas apresentarem me deixou encantada. Aprendi com o poeta Manoel de Barros “que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. que a importância de uma coisa há de ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.” Senti bem isso durante a apresentação das alunas, não dá para mensurar meu encantamento que ainda me comove. **Vê-las apresentar com segurança, propriedade e desenvoltura foi das experiências a mais profunda, enriqueceu minha prática, tornou-me mais humana.**

## Considerações finais



*Alunas e professoras no encerramento do VII Congresso estadual do Nepso.*

Certamente foi, para as alunas, uma experiência ímpar, trocaram experiências, superaram a timidez de falar em público; conheceram novas pessoas, entre outras significativas aprendizagens que as acompanharão sempre. Evidente na afirmação de um dos alunos: “como os nossos pais não aprenderam a separar o lixo a gente tem que ensinar a eles”. Senti-me aprendiz e discípula de Adélia Prado<sup>2</sup>: nem faca nem queijo, a fome é o que há de primordial. Sinto que fometei a vontade de aprender e a abertura de novos conhecimentos, estou convicta de que o aprendizado não se encerrou com a conclusão e apresentação do projeto, como expressam as falas dos alunos: “Aprendi que lixo é responsabilidade de todos” (Ismael); “Aprendi que é muito importante saber cuidar do nosso planeta” (Larissa); “Eu aprendi que não pode jogar lixo nas ruas, pois temos que preservar o Meio Ambiente” (Renata); “Gostei de ir ao Aterro Sanitário, porque vi que é importante separar o lixo” (Renata); “Eu aprendi que separar o lixo é reduzir o lixo do mundo” (Polyane); “Como os nossos pais não aprenderam a separar o lixo a gente tem que ensinar a eles” (Wesley).

O projeto aproximou me mais dos alunos, propiciou o elo entre duas turmas de horários distintos, gerou uma práxis diferenciada e significativa, variados conhecimentos e, ainda, possibilitou o nascimento de uma amizade entre mim e a profa. Karol. Gratidão talvez seja o que melhor expresse, no momento, minha participação no Programa Nepso.

---

2 Escritora brasileira.

# É PRECISO CONHECER PARA PRESERVAR: TATU, UM MASCOTE AMEAÇADO DE EXTINÇÃO

SUELI JORGE DA SILVA BERNARDO

## Introdução

---

**SABEMOS QUE É UM GRANDE DESAFIO** formar o educador capaz de ensinar os saberes que atendam às exigências do novo milênio. O educador deve ressignificar conceitos, considerando os valores e a filosofia subjacentes, a fim de criar uma base para a transposição didática, respeitando a diversidade de condições no exercício da profissão. Nesse sentido, este projeto foi elaborado pela necessidade de buscar uma metodologia que pudesse motivar os educandos em sala de aula para que, posteriormente, adquiram uma aprendizagem eficaz.

A pesquisa foi realizada no período de julho a dezembro de 2013, tendo como objetivo principal descobrir até que ponto a caça predatória realizada pelos caçadores contribui para a extinção de alguns animais. Tendo em vista ser essa uma prática frequente na comunidade quilombola de Trigueiros, em Pernambuco, a pesquisa procurou levantar a

diversidade da fauna existente na comunidade e as causas de sua possível extinção utilizando a metodologia Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso). Assim, queríamos descobrir: Quem ensinou a prática da caça para os moradores dessa comunidade? Onde eles costumam caçar? Por que caçam? Conhecem os animais ameaçados de extinção? Como era a caça praticada por seus avós? Quais as causas do desaparecimento desses animais? Qual a frequência com que costumam caçar? Quais animais são mais caçados atualmente?

Por meio dessa abordagem, buscamos reafirmar para toda a comunidade escolar a importância da preservação da fauna, procurando realizar um processo de conscientização dos educandos sobre a preservação e contribuindo para desenvolver o sentimento de pertencimento.

Dessa forma, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a conscientização da educação ambiental e uma mudança da percepção dos educandos, como também dos próprios caçadores, de que é preciso preservar, para as futuras gerações, as espécies existentes nas matas que rodeiam o quilombo.

## **Breve histórico da comunidade quilombola de Trigueiros**

Distrito do município de Vicência, localizado a 87 km de Recife, Pernambuco (ver mais em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Vicencia>), a comunidade de Trigueiros é composta por uma população remanescente de quilombo, sendo reconhecida e certificada pela Fundação Cultural Palmares

(FCP), aguardando a demarcação do seu território pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

A comunidade mantém preservada a história quilombola por meio das comemorações do Dia da Consciência Negra. Nessa data, há apresentações de dança, capoeira e outras atividades culturais afro-brasileiras. Outro evento tradicional na comunidade é a festividade de Santos Reis, com muita diversão, shows musicais e barracas.

Pertencente à rede municipal de ensino da cidade de Vicência, a Escola Municipal Alfredo Gomes de Araújo atende 342 educandos, matriculados em três turnos funcionais. A comunidade quilombola de Trigueiros também é atendida por essa unidade escolar.

## **Apresentação do programa Nepso aos alunos**



Terça-feira, 23 de julho, foi o dia escolhido para apresentar aos alunos o programa Nepso e toda a sua metodologia de pesquisa. Escolhi a sala de informática por ser um local mais reservado e por oferecer equipamentos adequados, como computadores e projetor multimídia. Nesse momento, foram meus parceiros o professor José Edson, de Inglês, que se mostrou bastante interessado em conhecer a dinâmica do programa, e a professora Marta Monteiro, coordenadora da sala de leitura, pela disponibilidade em contribuir com a pesquisa. Ambos ajudaram na montagem e no manuseio dos equipamentos.

Convidei a diretora para fazer a abertura oficial da apresentação aos alunos do 6.º ano, que foi a turma escolhida para desenvolver a pesquisa proposta pelo programa Nepso. Naquele momento, essa turma apresentava pouca concentração e déficit de aprendizagem, necessitando de intervenção.

Eu acreditei que uma mudança que partisse da minha prática promoveria a participação de todos, motivando e instigando a curiosidade dos alunos. Isso foi essencial. Para a realização dessa pesquisa Nepso, foram convidados todos os alunos da turma do 6.º ano. Os critérios para a seleção da turma foram: baixo nível de concentração, indisciplina, desmotivação e falta de perspectiva em relação ao futuro.

Desejei boas-vindas a todos que fariam parte do programa. Os alunos ficaram muito atentos e se mostraram curiosos para saber o que realmente teria de novo. Eles gostaram da novidade. Assim, expus passo a passo a metodologia do programa. Todos firmaram compromisso comigo para a execução da pesquisa.

O que deixou os alunos muito animados foi o fato de que a pesquisa os levaria a atividades fora da sala de aula e que eles poderiam apresentar os resultados da pesquisa na escola em outras instituições, como a Escola de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

## Escolha do tema

Na quinta-feira, 25 de julho, tínhamos apenas uma aula, que foi suficiente para a escolha do tema a ser pesquisado. De início, relembrei o verdadeiro objetivo do programa Nepso. Logo depois, discutimos vários temas, salientando que, nesse processo de escolha do tema, a gestora esteve presente para registrar todos os momentos.

Pedi aos alunos que pensassem em temas que realmente tinham curiosidade de pesquisar. Para minha surpresa, surgiram vários temas, como meio ambiente, animais em extinção, gosto pela leitura, a história do quilombo, drogas e alcoolismo e até a vida do papa Francisco.

Para mim, foi muito prazeroso ver o entusiasmo dos alunos e toda a participação, tão verdadeira. Ao levantar os temas, eles foram levados para apresentação e votação. Assim, os mais votados foram a “história do quilombo” e “os animais em extinção”. Diante dos argumentos dos alunos, foi escolhida a segunda sugestão, com 16 votos a favor e 6 votos contra. Os alunos alegaram saber de vários moradores que caçam tatu e gostariam de pesquisar se esses animais estariam ou não ameaçados de extinção na comunidade. Para conhecer mais sobre o projeto: [http://www.nepso.net/projeto/2573/animais\\_ameacados\\_de\\_extincao\\_no\\_quilombo\\_de\\_trigueiros](http://www.nepso.net/projeto/2573/animais_ameacados_de_extincao_no_quilombo_de_trigueiros).

## Qualificação

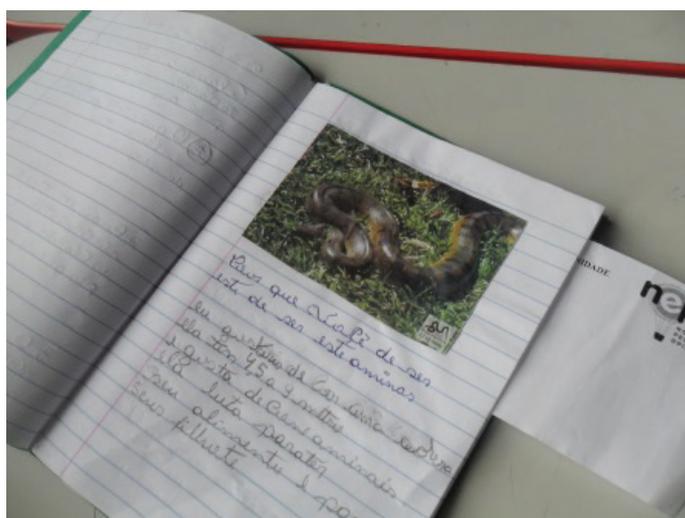


*Alunos pesquisando sobre o tema na Internet.*

Segunda-feira, 5 de agosto. Aproveitei as três aulas desta turma. Por isso, escolhi esse dia para levá-los ao laboratório de informática para que pudéssemos assistir a um vídeo sobre os animais ameaçados em extinção no Brasil. Meu objetivo nessa aula era mostrar os vários animais em extinção, levando os alunos a ter uma panorama geral dos animais ameaçados em nosso país.

Assim, abrimos um debate, em que coloquei algumas perguntas, como: Vocês já conheceram alguns desses animais? Qual deles? Qual desses animais vocês acham que é da nossa região?

Cada aluno tinha um caderno para registrar a pesquisa, chamado de “diário etnográfico”. Em seguida, pedi aos alunos que escolhessem um animal, procurassem imagens dele para recortar e colar no diário etnográfico. Sugeri como pergunta: Por que você escolheu esse animal? Então, eles produziram belos textos, um mais lindo que o outro.



Caderno etnográfico dos alunos.

## Vencendo obstáculos

Durante alguns dias, não foi possível fazer as atividades do projeto de pesquisa, porque eu estava envolvida em outras atividades pedagógicas em razão das comemorações daquele mês, como Dia dos Pais e plantão pedagógico. No entanto, aproveitei o plantão pedagógico para falar com os pais dos alunos sobre a minha maior dificuldade para a execução do projeto de pesquisa Nepso, pois os alunos do 6º ano apresentavam problemas de indisciplina, e não havia um apoio por parte das famílias. Graças ao bom senso dos pais ali presentes, todos eles firmaram compromisso comigo.

Fiz uma pesquisa na internet e tomei como base o Volume I do *Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção*, publicação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) (disponível em [http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/fauna-brasileira/livro-vermelho/volumel/vol\\_I\\_parte1.pdf](http://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/biodiversidade/fauna-brasileira/livro-vermelho/volumel/vol_I_parte1.pdf)). Partindo desse estudo, dividi os grupos de

pesquisa por classificação: anfíbios, répteis, aves, mamíferos, invertebrados terrestres e invertebrados aquáticos.

Agendei com a coordenadora de sala de leitura para que os grupos primeiro pesquisassem nos livros, pois o acervo da nossa biblioteca é riquíssimo. Para minha decepção, esse processo não fluiu. No dia seguinte, ao saber que apenas um aluno havia feito a pesquisa, fiquei muito triste e desestimulada. Procurei a coordenadora para ouvir dela o que realmente teria acontecido, e ela afirmou que a escolha do tema foi um “fiasco”, por ser muito abrangente. Desse modo, ela não teve condições de orientá-los. Depois disso, passei a acompanhar mais de perto os estudantes, principalmente porque temos um agravante, o péssimo comportamento dos alunos. Então, comecei a refletir sobre a dificuldade de realizar uma pesquisa sem a presença e o apoio do professor titular, tendo em vista que esses alunos não tinham o hábito de estudar.

Foi assim que optei pela seleção dos animais ameaçados de extinção por classificação e agendei uma nova data. Para mim, esse momento serviu para refletir sobre minha prática pedagógica e perceber o quanto eu precisava estar mais presente nas atividades.

Vale salientar que, de início, eu queria que os alunos comesçassem pesquisando na biblioteca, nos livros. Contudo, não foi fácil realizar esse tipo de pesquisa com todos os alunos. Na sexta-feira, 23 de agosto, me ausentei do meu outro vínculo e acompanhei a pesquisa pessoalmente.

Naquele dia, cheguei à escola bem cedo e passei o dia inteiro com os alunos. Uma coisa foi realmente comprovada: orientar uma pesquisa na biblioteca é muito complicado

porque exige muito tempo. Os alunos estavam muito eufóricos e foram pesquisar na sala de leitura. Para eles, foi disponibilizada uma coleção muito boa, mas foi complicado concluir a pesquisa, porque era muita informação, e eles não estavam acostumados com essa dinâmica de trabalho. No entanto, os livros foram uma ferramenta que os auxiliou durante a realização de todo o projeto.

Então, decidi ir para o laboratório de informática. Seguindo o mesmo esquema, só alguns grupos faziam a pesquisa. Para minha alegria, contamos com a ajuda da coordenadora da sala de leitura, Marta, e a pesquisa enfim aconteceu.

## A descoberta

Quando iniciamos as pesquisas, os alunos demonstraram dificuldade, mas logo foram percebendo que seria necessária muita leitura, atenção e disciplina para a conclusão do projeto. Mesmo que alguns alunos tenham conseguido pesquisar apenas um animal, a maioria da turma fez até três pesquisas, sendo preciso pedir para continuarem em outro horário.

No mesmo dia à tarde, no horário normal da aula, houve uma “tempestade de informações”, e os alunos que não estiveram presentes pela manhã exigiram que eu os levasse para o laboratório de pesquisas. Para mim, esse já foi um ponto positivo. **Naquele instante, percebi que diversificar minhas aulas e sair um pouco da rotina de um livro didático era necessário para aumentar o interesse dos alunos.** Como a internet não estava funcionando, resolvemos continuar na próxima aula.

Para o bom andamento dos trabalhos, fechamos alguns acordos de convivência:

- Obediência à coordenadora da sala de leitura.
- Respeito aos colegas e com os horários preestabelecidos para utilização da sala.
- Organização nos registros da pesquisa.
- Não visitar as redes sociais durante a pesquisa (o que representava nosso maior problema).
- Aqueles que têm internet em casa devem realizar a pesquisa em casa e convidar alguns colegas para concluí-las.



*Pesquisa no laboratório de informática da escola.*

Em 26 de agosto, continuamos a pesquisa no laboratório de informática com a ajuda das coordenadoras pedagógicas Cristina e Marta Monteiro. A utilização do laboratório ficou agendada para as minhas aulas no período da tarde. Assim, a pesquisa transcorreu de forma tranquila. Nesse dia, a Marta já percebeu o comportamento mais adequado, melhor concentração e maior interesse por parte dos alunos.

No entanto, tive dois grandes problemas: a minha falta de disponibilidade para dar maior atenção às atividades do projeto e, por incrível que pareça, as queixas dos nossos alunos de que estavam com muitas atividades na escola e muita tarefa, mostrando-se cansados. Mesmo assim, conversamos e resolvemos continuar nossa pesquisa. Dessa vez, a nossa qualificação seria ouvir e entrevistar os caçadores da comunidade. A professora Edriane Cruz (membro da associação quilombola) se dispôs a convidar os caçadores a comparecer na escola na segunda-feira, 26 de agosto, no período da tarde, lembrando que a aluna Débora ficou responsável por convidar seu pai, que também é caçador, para que estivesse presente.

## **A desconfiança dos caçadores**

**Na hora marcada das entrevistas, nenhum dos caçadores havia comparecido. E, claro, fiquei muito preocupada. Precisávamos saber o real motivo para a ausência dos convidados. Foi quando a aluna Débora, filha de um dos caçadores, me contou um segredo: “Professora, eu ouvi muito bem quando um dos caçadores falou ao meu pai que isso era uma armadilha, e que eles não iriam cair nessa”.**

Foi então que eu entendi o verdadeiro motivo de os caçadores não terem aparecido na escola. Assim, redigi imediatamente um convite mencionando o programa Nepso, mas omitindo o tema do projeto. Mais uma vez, precisei da ajuda de outras pessoas. Agora, foi a vice-diretora Dagma Araújo que se encarregou de entregar os convites para que os caçadores comparecessem à entrevista, marcada para 28 de agosto.

Na data combinada, cheguei à escola muito entusiasmada, mas os caçadores ainda não haviam aparecido. Eles continuavam desconfiados. Um deles chegou a falar com a vice-diretora que não iria à escola, mas nos esperaria em sua casa a qualquer hora. E, quando tudo parecia não ter mais solução e esperança, surgiu um caçador.

Foi então que pedi licença à professora Maria José Lima, de Ciências, para fazer a entrevista em sua aula, pois eu não teria aula naquele dia, e ela aceitou a parceria.

## O primeiro caçador

Organizei as cadeiras da sala em semicírculo e convidei o primeiro caçador, Manuel João de Araújo, de 46 anos, nascido e criado na comunidade quilombola de Trigueiros. Fiz uma apresentação rápida do projeto e agradei a colaboração da professora Maria José Lima ao ceder sua aula e contribuir com o projeto.

Algumas perguntas foram elaboradas e seriam lidas pelos alunos em voz alta para o entrevistado. Para ilustrar, selecionamos aqui quatro questões.

### 1. Quem havia ensinado a prática da caça?

O senhor Manuel, ex-caçador, respondeu que aprendeu a caçar, há mais de trinta anos, com o seu avô, que o levava para a mata de Jundiá, sempre acompanhado de cães de caça. Nesse momento, ele fez questão de relembrar suas aventuras de caçador. Assim, Manuel conta que, certa vez, ele e seu avô avistaram uma macaca, e logo seu avô pegou a espingarda “soca-soca”, chamou os cães atirou na pobre macaca, que

tombou sem vida. Contudo, para sua surpresa deles, a macaca estava prenhe de vários filhotes. O entrevistado afirmou que naquele momento sentiu uma tristeza muito grande.

## **2. Onde os senhores costumavam caçar?**

Ele responde que nas matas que rodeiam o quilombo.

## **3. Quais os nomes dessas matas?**

Mata de Jundiá, Pombal e Trigueiros. Nessas matas, havia muitos animais, como paca, tatu, teju, lambu, cutia, preguiça e rolinha. Manuel salienta que antes caçava por necessidade, mas hoje a maioria caça por esporte.

## **4. Em que período do ano acontece a caça?**

Nos três primeiros meses do ano não é permitida a caça por causa do período de cruzamento e reprodução dos bichos, quando as fêmeas ficam prenhes.

Fizemos algumas perguntas a ele sobre o conhecimento de que esses animais já estariam ameaçados de extinção. Manuel afirmou saber da lei que protege os animais: “Hoje, prefiro comer puro a caçar esses animais, até porque o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) já proibiu esse tipo de caça aqui no quilombo”. Enfim, constatamos que Manuel tem consciência de que os animais precisam ter liberdade, não devendo ser caçados nem viver presos.

## Caça ao tatu



*Demonstração da caça ao tatu.*

Pedimos ao entrevistado que fizesse uma pequena demonstração de como acontece a caça ao tatu, e Manuel nos apresentou uma “tatueira” (instrumento utilizado pelos caçadores para capturar tatus). Ele encerrou a entrevista contando um caso bastante interessante, que deixou os alunos surpresos.

## Relato

Os senhores José Cláudio e Manuel são caçadores de qualidade e contaram uma história muito interessante. Manuel, que se diz ser ex-caçador contou que aprendeu a caçar ainda menino, com seu avô. Ele disse que, no primeiro dia de caça, ele e o avô levaram um cachorro, animal importante para caça, e seguiram direto para a mata que fica bem próximo da comunidade. Ao entrar na mata, avistaram um animal que não

sabiam qual era e continuaram seguindo em frente. Quando perceberam, era uma macaca, que logo estranhou o cachorro, e eles se agarram. Foi a maior briga.

Então, o avô de Manuel não pensou duas vezes, pegou a espingarda e atirou na pobre macaca. Para surpresa deles, quando foram olhar de perto, levaram um grande susto, pois a macaca estava morta, e sentiram muita pena dela, pois ela estava com o peito cheio de leite, isso quer dizer que ela tinha filhotes. Nesse dia, eles resolveram voltar para casa sem nenhuma caça, porque seu avô viu que haviam feito um grande mal muito à pobre macaca.

Depois desse dia, Manuel jurou que não iria caçar nunca mais. Dias depois, seu avô o chamou novamente, mas ele não foi, pois ainda estava pensando no que tinha acontecido.

A Semana Santa se aproximava. E, naquele tempo, era muito difícil ter carne para comer em casa. Então, Manuel pensou e resolveu voltar lá na mata, mas sua mãe disse: “Meu filho, hoje é Sexta-Feira da Paixão, não pode caçar. Devemos respeitar o corpo de Jesus. Não me desobedeça”. Mesmo assim, teimoso, Manuel foi para a mata disposto a caçar. Ele atirou num lambu. De repente, viu que o animal começou a crescer, o que não era normal. Com medo, Manuel correu para dentro da mata. Até que ele avistou de longe uma casa velha. Sem hesitar, ele entrou na casa e deu de cara com uma moça muito linda, que lhe aconselhou: “Caçador, vá pra casa. Sua mãe já lhe disse que hoje é dia santo. Na Sexta-Feira da Paixão não se caça”. Então, Manuel ficou bastante assustado e partiu correndo, prometendo nunca mais caçar na Sexta-Feira da Paixão.

José Cláudio contou que caçava por esporte e não por necessidade, mas afirmou que nunca comia suas caças. Hoje, ele não caça mais e pensa bem diferente, se fosse um homem de dinheiro, compraria umas terras de mata de Pombal, Chã Grande e Campina Verde para preservação ambiental e proteção dos animais.

*José Ricardo*

Relato baseado na entrevista com os caçadores na turma do 6º ano

## O segundo caçador



*Entrevista com o Sr. José Claudio.*

A turma entrevistou também o caçador José Cláudio, de 44 anos. A conversa foi rápida por causa do horário do recreio das crianças, mas foi muito proveitosa.

O caçador José Cláudio afirma ter começado a vida de caçador ainda muito cedo, também com seu pai e seus avós.

Na época, havia tatu, paca e teju na região. Ele se define como um “caçador de espera”, ou seja, realiza caça de tocaia, que é aquela em que, com alguns dias de antecedência, se coloca comida numa armadilha dentro da mata para atrair a caça. Dias depois, durante a noite, com a ajuda de uma lanterna, a presa é pega de maneira muito fácil. Diferentemente de Manuel, ele ainda caça, mas agora só caça bicho para se alimentar. O caçador disse ter o sonho de “comprar as matas de Pombal, da Usina Barra e do Engenho Jundiá para fazer uma grande área de reserva florestal”.

Sobre as causas do desaparecimento desses animais, tanto Manuel quanto José Cláudio afirmaram que a grande culpada são as queimadas e os agrotóxicos utilizados pelas usinas de cana-de-açúcar da região. No fim da entrevista, a professora colaboradora e eu fizemos algumas reflexões a respeito da caça predatória e comentamos com os entrevistados que gostaríamos muito de vê-los dando palestra em defesa dos poucos animais existentes no quilombo de Trigueiros.

## **Atividade de interpretação de texto**

Em 19 de setembro, seguindo o ritmo das atividades do programa Nepso, planejei minha aula com texto publicitário. O que me surpreendeu foi a facilidade da turma para resolver os exercícios propostos com o texto, uma vez que partia da leitura da imagem de um pôster de propaganda sobre preservação da fauna. Essa atividade mostrou-se muito proveitosa, pois a participação dos alunos foi maravilhosa. Eu tive a certeza de que o que facilitou a compreensão da proposta foi o conhecimento prévio sobre o assunto.

Em 23 de setembro, construímos em grupo um mapa para representar os animais ameaçados de extinção em nossa comunidade. Nesse período, nossas atividades deveriam ter avançado, mas infelizmente o laboratório estava interditado para manutenção. Portanto, preparei cópias das atividades e dividi os grupos, dando todas as orientações possíveis. Mais uma vez, a turma fez um excelente trabalho de pesquisa, mostrando grande interesse pelo assunto. Assim, os alunos confeccionaram cartazes, e os animais foram classificados de forma ordenada.

Entre 11 e 15 de outubro, participei do X Congresso Internacional Ibope Unesco, evento organizado pela Ação Educativa e pelo Instituto Paulo Montenegro, organizações que coordenam o Nepso. O tema do Congresso foi “Olhar a prática: um exercício de reflexão”. Nesse encontro, momento de aprendizado único, de troca de experiências, de reflexão sobre a nossa prática e de aperfeiçoamento dos conceitos de registro e síntese, aproveitamos para planejar o seminário estadual, que seria realizado em novembro, em Garanhuns.



*Participação no Congresso Ibope-Unesco.*

## Uma pedra no caminho

Apesar de alguns problemas que me deixaram um pouco chateada, superei e consegui realizar a tão sonhada excursão ao Refúgio Ecológico Charles Darwin, em Igarassu, no sábado, 19 de outubro. Na sexta-feira, ao chegar na escola toda empolgada, com todo o lanche e a programação organizada, fiquei surpresa, pois apenas dois alunos entregaram a autorização do passeio. Então, procurei saber o porquê da desistência, foi quando ouvi dos alunos que seus pais não estavam apostando nem acreditando que dois professores pudessem controlar a turma. Assim, resolvi chamar os pais para uma conversa, em que foram esclarecidos todos os pontos, incluindo a importância daquele passeio para os alunos. Para minha alegria, a maioria dos alunos do 6º ano foi para o passeio.



*Para fazer o aluno pensar  
Aluna Maria José.*

De acordo com o método de ensino sociocognitivista, o aprendiz é ativo no seu processo de conhecimento. Alunos e professores também se apropriam de conhecimentos, de fatos e de conceitos com o objetivo de participar do processo de construção de novos conhecimentos. O acesso a esse conhecimento extrapola o livro. O aluno produz pesquisas teóricas mais abrangentes e projetos pedagógicos interdisciplinares, podendo também realizar experiências, ou seja, aplicar o conhecimento produzido com o seu professor. Sendo assim, conhecer o Refúgio Ecológico Charles Darwin foi muito bom. Percebi a emoção no rosto dos alunos, como também a curiosidade, a concentração, a pesquisa em si, com o registro de forma natural e responsável. **Posso afirmar que existem coisas que acontecem na vida de um educador que marcam para toda a vida toda. Esse projeto me proporcionou vivenciar momentos inesquecíveis. Atuar como mediadora desta pesquisa, observando a cada dia o crescimento dos alunos, é com certeza algo muito gratificante.**

O passeio na reserva ecológica começou com uma trilha guiada pelos monitores Roberto e Vinícius, que fizeram um excelente trabalho. Eles deram uma aula interessante, e os alunos ficaram bastante concentrados. Em seguida, fomos conhecer alguns animais da reserva. Esse foi um dos momentos mais apaixonantes, porque, além de saber as curiosidades, foi possível tocar em alguns animais e se aproximar deles.



*Monitor Roberto da Reserva Ecológica.*

Ainda em Igarassu, continuamos nosso passeio visitando o peixe-boi e o Forte Orange, que fica na Ilha de Itamaracá, no litoral norte de Pernambuco. Mais uma vez, os alunos ficaram encantados com tantas novidades e curiosidades. Solicitamos aos alunos o registro desse momento, que se encontram disponíveis em [http://www.nepso.net/projeto/2573/animais\\_ameacados\\_de\\_extincao\\_no\\_quilombo\\_de\\_trigueiros](http://www.nepso.net/projeto/2573/animais_ameacados_de_extincao_no_quilombo_de_trigueiros).

“Eu não sabia da importância dos animais para a floresta. O sapo é muito importante para a continuação da nossa natureza”, disse o aluno José Ricardo.



*Alunos na reserva ecológica.*

Assim, toda a nossa excursão trouxe uma riqueza de aprendizado e a possibilidade de trocar experiências. Para coroar esse momento maravilhoso, permitimos o banho de mar por apenas alguns minutos, o que foi o suficiente para deixá-los ainda mais encantados com tudo o que tinham visto.



*Visita à reserva ecológica.*



*Visita à reserva ecológica.*

O aluno Alex Gabriel fez um registro interessante sobre a excursão: “Fomos viajar para Igarassu, para conhecer os animais do Refúgio Ecológico Charles Darwin. Chegando lá, Roberto falou que os sapos são nossos guarda-costas, porque o sapo come escorpião e mosquitos. Roberto disse ainda que assobiar dentro da mata não chama cobra, como dizem algumas pessoas mais antigas. Descobrimos que as árvores têm água dentro da casca e também conhecemos um rio dentro da mata e uma casa onde vimos cobras, e até pegamos uma, e ainda tinha porco-espinho, teju, macaco e bicho-preguiça, que estava um pouco agitado, e também o sagui. Aprendi que não devemos fazer queimadas, porque, sem os animais, não sobreviveremos. Uma curiosidade: conhecemos um animal que se chama ‘paracatota’, um tipo de esquilo, porque, quando o coquinho cai na mata, ele consegue quebrar o coquinho, que é muito duro, e, quando chove, nascem outras árvores. Aprendemos ainda que algumas frutas não são brasileiras. Por fim, fomos à praia conhecer o peixe-boi e até tomamos banho de mar”.

## **Apresentação dos projetos no seminário em Garanhuns**

Em novembro, o Polo do Nepso em Pernambuco realizou o seu VIII Seminário Estadual, cujo tema foi “A pergunta que ensina”. Mais um momento de devolutiva e riqueza de conhecimento realizado em Garanhuns. Nesse seminário, pude perceber o compromisso, a responsabilidade e a seriedade do professor Luciano, coordenador do Polo, das

professoras Glória, coordenadora do núcleo de Garanhuns, e Helena Sandra, que coordena o núcleo de Recife, para que esse evento se realizasse.

O professor Luciano fez a abertura do evento destacando a importância do registro e da participação dos alunos envolvidos no projeto para que eles percebessem a importância de estarem ali naquele momento. Depois, Leila Andrade, representante da coordenação nacional do Nepso, reafirmou a importância do registro, da síntese e da reflexão nesse processo. Em sua palestra intitulada “Significado e construção do registro na prática pedagógica com base na experiência Nepso”, Leila explicou muito bem esse importante instrumento metodológico aos professores e alunos presentes.

O momento de maior expectativa era a apresentação da pesquisa da nossa escola pelo Alex Gabriel, que fez uma excelente apresentação, com desenvoltura e segurança, demonstrando o quanto ele e seus colegas de classe vivenciaram cada etapa do projeto, envolvendo toda a comunidade escolar, ex-caçadores e outros moradores do quilombo. Para mim, foi muito gratificante poder mediar essa aprendizagem e ver que, de fato, o protagonismo aconteceu de forma gradativa por meio de uma pesquisa tão maravilhosa e envolvente. Durante toda a pesquisa, trabalhamos o registro como uma prática diária. E foi assim que o aluno Alex nos surpreendeu durante o seminário, registrando o que mais gostou nesse evento tão significativo em sua vida.

Escola: Municipal Alfredo Gomes de Araújo.  
aluno: Alex Gabriel do Nascimento.  
professor(a): Sueli Jorge.

Nossa Escola pesquisa sua opinião

### NEPSO

Eu gostei porque conheci mais amigos  
aprendi muitas coisas fui passear.

Vimos apresentação, é lugar lindo cheio  
de crianças e felicidade. Paramos no Ri da  
Coxinha; tiramos fotos com o papai Noel.

Conheci o professor Rubem, meu amigo Lucas,  
Luis Felipe, Luana e etc pessoas de  
portugal. No dia 29/11/2013 eu fui para

pizzaria, fomos aos festival de notas  
tiramos muitas fotos no ponto turístico na  
praça de relógio de garambuns e no dia  
30 fui dia da minha apresentação eu fiquei

~~meu~~ mais ~~na~~ esse nervosismo.

Falei sobre o meu quilombo, sobre os  
cariótipos, os animais que são amigáveis de

Extinção e falei sobre as viagens que  
nos ganharam para a reserva ecológica

Charles Darwin em garambuns. as  
pessoas da que mais valorizou mim

daram força, agora eu quero falar sobre

o Nepero que foi uma chance de aprendizagem  
porque eu aprendi muitas coisas com os  
professores, coordenadores, os portugueses.

O dia 6 de dezembro foi escolhido para a apresentação e a divulgação dos resultados do programa Nepso para a comunidade escolar de Trigueiros, momento de satisfação e realização, tanto para os alunos quanto para a escola. Afinal, era a entrega dos resultados de meses de pesquisa, e todos estávamos orgulhosos.

Diante disso, foi perceptível o envolvimento dos alunos com a metodologia de pesquisa do programa Nepso em todas as etapas. Prefiri organizar a apresentação seguindo todas as etapas realizadas. Apesar de termos vivenciado o projeto, alguns alunos afirmavam que não teriam coragem de apresentar o trabalho. Era visível que o nervosismo e a vergonha poderiam atrapalhar. Os educandos nos surpreenderam na sequência da apresentação, demonstrando total segurança diante dos ex-caçadores, da equipe pedagógica e de toda a comunidade escolar.

Nessa devolutiva, consegui envolver a maioria dos alunos, e foi muito gratificante. A aluna Miqueline fez a abertura com desenvoltura. As alunas Tuane e Lívia explicaram como se deu a escolha do tema, de forma espontânea e segura. Joyce fez a descrição perfeita de como ocorreu a qualificação e a entrevista com os ex-caçadores. Os alunos José Ricardo e Alex narraram, com oralidade e interpretação perfeitas, o primeiro conto de caçador, com base nos relatos de Manuel, ex-caçador da comunidade. Nesse momento, cheguei a me emocionar e refletir que jamais devemos subestimar o conhecimento e a aprendizagem de nossos alunos. Foi visível a importância da metodologia Nepso na prática pedagógica desenvolvida e na vida de cada um dos educandos. As alunas Joana e Débora

apresentaram as principais características dos animais mais caçados na comunidade: tatu, rolinha, capivara e preá. Os demais alunos interpretaram os gráficos dos resultados com muita propriedade.

**Os ex-caçadores, que foram nosso objeto de pesquisa, se emocionaram e fizeram questão de agradecer um trabalho que, segundo eles, foi muito bem executado e envolveu toda a comunidade. Os entrevistados ressaltaram que, a partir daquele momento, estavam prontos para proteger e preservar a fauna ali existente e ainda pediram que essa nova geração não praticasse a caça predatória.**

## Considerações finais

Reafirmo que caminhar na direção de melhorar a qualidade de vida na escola e na comunidade não é tarefa fácil. Para isso, é preciso provocar e mobilizar os educandos, a equipe gestora e os professores para que, por meio desses pequenos passos, haja mudança de suas práticas pedagógicas e, conseqüentemente, aconteçam mudanças de atitude. Para gerar ações voltadas para objetivos comuns, é imprescindível incluir os alunos nas atividades de pesquisa, desenvolver valores, posturas, conhecimentos, práticas de sensibilização e conscientização ambiental. A boa atuação do educador deve ser fundamentada e norteada pela reflexão e pela ação, buscando a formação de docentes que atuem como agentes transformadores.

Ao elaborar o projeto “Animais Ameaçados em Extinção na Comunidade Quilombola de Trigueiros” com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental utilizando a metodologia

Nepso, tivemos como objetivo pesquisar a diversidade da fauna existente na comunidade e as causas de sua possível extinção, e proporcionando o processo de aprendizagem por meio de uma pesquisa científica.

Assim, a questão que mobilizou os alunos foi descobrir até que ponto a caça predatória realizada pelos caçadores contribuía para a extinção de alguns animais nas matas do quilombo. Diante dos dados colhidos e analisados por meio do questionário, o estudo revelou um resultado diferente das hipóteses dos alunos. A maioria dos caçadores pratica a caça por esporte, e as principais causas da extinção dos animais são as queimadas e a utilização de agrotóxicos na agricultura, problemas provocados pela ação do homem e diretamente relacionada a usina de cana de açúcar.

No entanto, deve haver a compreensão de que é necessário realizar um trabalho de conscientização com os caçadores, mas principalmente com a gerência da usina açucareira, para que em médio e longo prazos haja uma diminuição dessas práticas, pois a caça é ilegal em nosso Estado, como também o uso inadequado de agrotóxico e queimadas, que provocam o desmatamento e a extinção de várias espécies animais.

# O BAIRRO QUE TEMOS É O BAIRRO QUE QUEREMOS?

VÂNIA VIEIRA DE SANTANA ROCHA

**MEU NOME É VÂNIA VIEIRA DE** Santana Rocha, sou professora de Ciências na Escola Santa Mônica, escola estadual de Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA), situada no bairro de Santa Mônica, em Camaragibe, Pernambuco. Sou formada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e pós-graduada em Educação Ambiental pela Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire).

Exerço a profissão de educadora há seis anos, mesmo período em que ingressei no programa Nepso, que conheci na escola em que trabalho por meio do professor João Rocha, que já fazia parte desse programa. Desde que conheci o projeto, venho desenvolvendo pesquisas e tendo muito êxito no exercício da minha profissão.

A Escola Santa Mônica é de pequeno porte, sendo composta de apenas sete salas pequenas, e oferece Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA). As aulas para a EJA são ministradas no período noturno, sendo três turmas de EJA fase III (correspondente ao 6º e ao 7º anos) e quatro turmas de EJA fase IV (8º e 9º anos). Em geral, essas turmas começam o ano letivo com salas cheias, mas há muito problema de desistência. Acredito que, na maioria dos casos, seja pela dificuldade de conciliar trabalho e estudo.

A faixa etária dos nossos estudantes varia entre adolescentes, adultos e idosos, e muitos deles apresentam algum tipo de dificuldade no aprendizado, exigindo um preparo ainda melhor do educador. Conhecendo as dificuldades que essas turmas enfrentam, resolvemos encarar o grande desafio de trabalhar com os meus queridos estudantes da EJA III e IV utilizando a pesquisa de opinião. Pensando em formar um grupo que estivesse realmente interessado no projeto, optamos por não trabalhar com uma sala inteira e formamos uma equipe de estudantes de turmas diferentes. Sendo assim, nossos encontros aconteceram quinzenalmente, na primeira aula de quarta-feira, horário que eu tinha livre.

Como participante ativa desse programa desde 2009, tenho percebido o quanto essa ferramenta de trabalho contribui para melhores resultados de aprendizado dentro e fora da sala de aula. A cada ano, acompanhando meus estudantes veteranos no grupo de pesquisa Nepso da escola, me surpreendo cada vez mais com a desenvoltura destes e reconheço que trabalhar e incentivar esse projeto é muito

importante e satisfatório. Percebo a necessidade de propiciar aos estudantes, em especial aos da EJA, uma proposta pedagógica que os torne mais ativos e aptos a participar de trabalhos coletivos, desenvolvendo a capacidade de argumentar, criticar e opinar, contribuindo até mesmo para melhorar a postura dos alunos diante do competitivo mercado de trabalho.

Trabalhar com pesquisa de opinião com meus alunos da EJA sempre foi um desafio para mim. Em 2013, tive minha primeira experiência com esse perfil de alunos e posso afirmar que, mesmo todas as dificuldades de distorção série-idade que esse grupo de alunos apresenta, tivemos bons resultados

Em abril, fizemos nossa primeira reunião. De sala em sala, apresentei oralmente o que seria o Nepso e tentei motivá-los a participar, tendo em vista que os alunos do período noturno permanecem menos tempo na escola e chegam cansados, sendo a maioria composta de trabalhadores e donas de casa.

Dessa reunião, participaram cerca de 40 alunos, alguns curiosos, outros só por brincadeira e poucos realmente interessados em participar do projeto. Eles assistiram ao vídeo de apresentação da metodologia do Nepso (disponível em: [www.nepso.net](http://www.nepso.net)). Como não temos disponível uma sala para reunião, fomos à sala adaptada para aulas de informática, que não é muito confortável. O ar-condicionado da sala não estava 100%, e os alunos reclamaram muito do calor. Os mais interessados assistiram ao vídeo sem entender direito do que tratava o conteúdo, pareciam meio perdidos. Assim, parei um pouco o vídeo e comecei uma conversa mais informal sobre o Nepso. Mostrei a eles a importância de desenvolver

uma pesquisa em que poderíamos levantar algum problema da comunidade e saber a opinião das outras pessoas sobre aquele problema, buscando soluções paliativas ou até mesmo definitivas.

No fim da reunião, 12 alunos se interessaram em participar do projeto.

No segundo encontro, o grupo começou a se firmar e perguntar, começando a entender o propósito do projeto e se mostrando empolgado. Firmamos um acordo entre apenas seis componentes interessados. No primeiro momento, falei sobre minha experiência e sobre a importância do projeto, eles ficaram muito atentos e interessados.

Começamos a debater sobre os possíveis temas. Foram sugeridos vários temas, a maioria relacionada a problemas sociais, como: limpeza do bairro, problemas com a construção da Arena da Copa, drogas, gravidez na adolescência, tabagismo.

Os dois temas que ficaram foram saneamento básico (porque eles falaram sobre redes de esgoto aberto, poluição do rio que passa no bairro, sujeira nas ruas, presença de ratos, moscas e baratas) e impactos ambientais.

Nessa reunião, por votação do grupo, decidimos quem seria a secretária, Vanessa Máder, que teria a função de responder pela equipe, repassar todas as informações e registrar toda a reunião em formato de diário de bordo.

Em maio, **fechamos com o tema saneamento básico e impacto ambiental do bairro de Santa Mônica, em Recife.** Sugeri aos alunos que definissem o título do projeto. Assim, debatemos sobre o tema, e incentivei-os a pesquisar sobre

assuntos relacionados, ficamos de levar material para ler juntos na próxima reunião. Tivemos dificuldades, porque nem todos tinham computador em casa, e na escola o laboratório de informática estava sem acesso à internet.

A professora Dulcinéia, de Língua Portuguesa, participou do nosso quarto encontro, pois ela tinha curiosidade de conhecer o projeto. Debates sobre os textos trazidos por mim, e o grupo alegou não ter tido tempo nem recursos para pesquisar e trazer materiais para discutir o tema. Mesmo assim, a conversa foi bem produtiva. Após várias sugestões de título para o projeto, a sugestão da professora Dulcinéia foi escolhida: “O bairro que temos é o bairro que queremos?”, disponível em [http://www.nepso.net/projeto/2478/saneamento\\_basico\\_e\\_impacto\\_ambiental\\_do\\_bairro\\_de\\_santa\\_monica](http://www.nepso.net/projeto/2478/saneamento_basico_e_impacto_ambiental_do_bairro_de_santa_monica).

Começamos a pesquisa de campo para **qualificar o tema**. Realizamos um passeio pelo bairro para observação e registro fotográfico das condições de saneamento básico e das características da população. Visitamos a oficina de material reciclável de um morador, aluno nosso da EJA. Ele e a esposa produzem vassouras, varal de roupa e outros itens utilizando como matéria-prima garrafas PET. Eles também produzem sabão e pastas com óleo de cozinha usado.

Preparamos um vídeo com o tema da pesquisa intitulado “O bairro que temos e o bairro que queremos”. Esse vídeo foi produzido usando os registros fotográficos feitos pelos alunos. O vídeo apresenta dois momentos. Primeiro, há imagens de pontos do bairro considerados importantes, como áreas arborizadas, parte da mata atlântica, trecho do Rio Capibaribe,

a Arena, a avenida principal. No segundo momento, ao som de “Do caos à lama”, de Chico Science, o vídeo apresenta imagens das ruas sem pavimentação, poluição do rio, lixos nas ruas, esgoto a céu aberto, etc. Junto com as imagens, há textos educativos relacionados ao tema.

**Foi muito gratificante ver o entusiasmo dos alunos ao final da produção do vídeo e durante a apresentação dele no evento da escola. Foi motivo de orgulho para toda a escola assistir a um tipo de apresentação daquele nível produzida pelos alunos de turmas da EJA.**

Em junho, expusemos a primeira parte do projeto na culminância da Semana do Meio Ambiente da nossa escola, onde foram apresentados uma introdução da pesquisa por uma participante do projeto e um vídeo com registros fotográficos da visita de campo produzidos pelo grupo.

Nos dois encontros seguintes, **preparamos um questionário** com 18 perguntas, e várias outras questões surgiram, algumas muito semelhantes. Depois de uma análise, fechamos o questionário com 10 perguntas. Nossa amostra foram os moradores do bairro, na faixa etária acima dos 15 anos. Acreditamos que, a partir dessa idade, os moradores teriam mais conhecimento sobre o bairro.

Em julho e agosto, realizamos um teste piloto com os alunos da escola que são moradores do bairro. Após a aplicação desse teste, sentimos a necessidade de alterar algumas perguntas do questionário.

Para a aplicação do questionário, visitamos a Escola Municipal Aldo Pereira Castelo Branco, no bairro de Santa Mônica, mas não tivemos êxito, pois havia poucos alunos.

Concluímos esse turno de trabalho numa pizzaria, convidamos a professora Edízia, de Língua Portuguesa. Apesar de pequeno, o grupo se mostrou bem integrado e participativo.

Na fase de **aplicação dos questionários**, enfrentamos dificuldades para nos encontrar fora do horário de aula. Por isso, os pesquisadores levaram os questionários para aplicar na rua em que moram.

Os questionários foram distribuídos entre os alunos e aplicados na comunidade. As entrevistas foram feitas de forma que os entrevistadores liam as perguntas para os entrevistados e tiravam as dúvidas no momento da entrevista.

Realizamos a **tabulação** dos questionários em setembro e outubro. Cada aluno tabulou manualmente um bloco de questionários. Após a tabulação, transformamos os resultados em porcentagem. Os alunos consideraram essa etapa trabalhosa e difícil, porque envolvia matemática. A confecção dos gráficos também foi feita manualmente.



*Alunos realizando a tabulação dos dados.*

Produzimos um cartaz com os **resultados da pesquisa** e expusemos no mural da escola.



*Exposição dos gráficos no mural da escola.*

O resultado da pesquisa com os moradores do bairro foi coerente com a hipótese levantada anteriormente. Embora concordando que “o bairro é sujo”, a maioria dos entrevistados afirmou fazer a coleta e o descarte corretos do seu lixo. Boa parte dos entrevistados atribuiu à prefeitura a responsabilidade pela limpeza do bairro. Senti muito comprometimento por

parte da equipe durante todo o processo da pesquisa, em especial nas entrevistas, e percebi o quanto os alunos mais tímidos se superaram.

Confeccionamos manualmente um banner para a divulgação de todo o trabalho já concluído. O banner foi exposto na escola, e nos preparamos para o Seminário Estadual, que aconteceria em novembro, em Garanhuns. Combinamos que, após o Seminário, levaríamos um resumo da pesquisa para ser entregue na prefeitura da cidade, aos cuidados da Secretaria do Meio Ambiente.



*Apresentação da pesquisa no Seminário Estadual em Garanhuns.*

Foi difícil escolher quem iria para o Seminário Estadual Nepso em Garanhuns. No nosso grupo, algumas alunas que não poderiam viajar por serem donas de casa ou trabalhar. A própria equipe decidiu entre dois alunos que participaram ativamente de todas as etapas do projeto, mas eles afirmam não se sentirem à vontade para apresentar em público.

O Seminário Estadual Nepso foi uma experiência nova para os alunos da EJA, que participaram de todos os

momentos do Seminário e afirmaram ter aprendido muito durante esse processo. Pude perceber o quanto meus alunos cresceram em conhecimento e desenvoltura diante da apresentação em público. Mesmo muito tímidos, incentivei-os a participar e compreendi a importância do educador nesse processo como mediador entre o estudante, o conhecimento e as oportunidades de superação das dificuldades e da timidez.

Observei nos alunos uma sensação de descoberta a cada etapa vivenciada e percebi o quanto eles aprenderam e melhoraram sua conduta na escola e nas disciplinas, principalmente Português e Matemática.

**Na volta à escola, confeccionamos um cartaz com fotos do Seminário e expusemos no mural. Aliás, fizemos isso em todas as etapas do projeto: confeccionávamos cartazes com todo o material pesquisado e o que estávamos produzindo. Esses materiais eram expostos na escola, ampliando para todos a oportunidade de conhecer o projeto, o tema abordado e todas as aprendizagens de cada etapa.**



*Exposição de fotos no mural da escola.*

Pretendo dar continuidade ao projeto no próximo ano letivo. Um de nossos planos de ação se concretizará com a entrega da pesquisa na prefeitura da cidade.

Assim, registramos aqui nossa passagem pela “nau de sabedoria” que o Nepso nos proporcionou.



*Apresentação da pesquisa no Seminário estadual de Garanhuns.*

## Considerações finais

Para o exercício da docência de qualidade, não basta apenas ter qualificações acadêmicas e pedagógicas, precisamos de atitudes inovadoras se quisermos nos sentir ativos nesse processo.

É muito comum nos deparar com professores que fazem tudo igual, todo ano a mesma coisa. Acomodam-se e têm medo do novo, do diferente. O novo assusta, mas é ele que nos tira da zona de conforto, e isso tem um saldo muito positivo na nossa vida profissional.

Trabalhar com um projeto de pesquisa em sala de aula nos faz enxergar muito além do que pretendemos, ampliando os nossos conhecimentos e ultrapassando todas as nossas expectativas em relação às aprendizagens adquiridas.

Quando resolvi desenvolver o projeto com um grupo de alunos da Educação de Jovens e Adultos, assumi a tarefa como um desafio, como algo inovador que me tiraria da zona de conforto em relação a esse grupo em especial. Particpei porque pretendia provar para mim mesma e para os outros que podemos fazer muito mais por esses estudantes e que todos podem se superar. Fiquei muito satisfeita ao ver, em todos os momentos do projeto, um retorno positivo. Por meio do entusiasmo nos meus estudantes, eu percebia como era bom para eles se sentirem protagonistas de sua própria pesquisa e saber que eram capazes.

A princípio, pensei que não iria conseguir, pois via o grupo diminuir a cada reunião, até se consolidar num pequeno grupo de seis alunos. No entanto, esses que ficaram me surpreenderam pelo envolvimento e pelo comprometimento, a qualidade superando a quantidade.

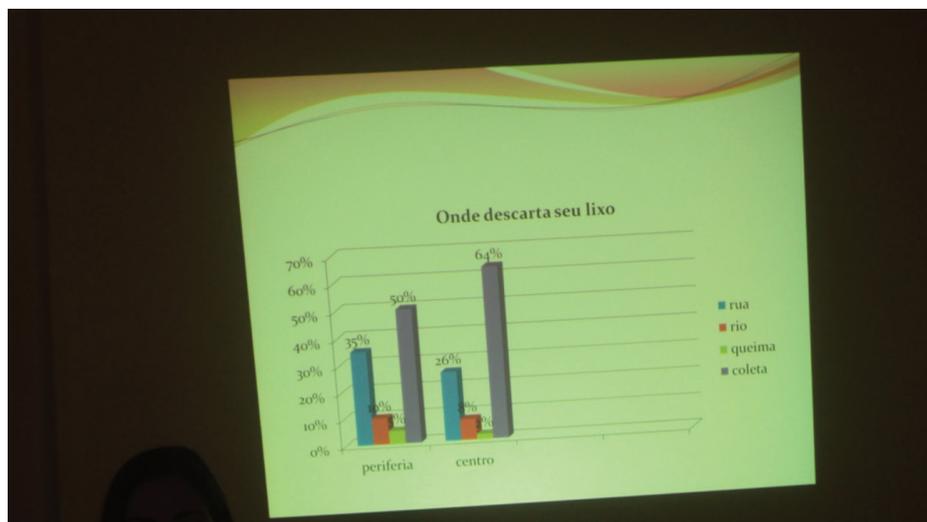
Apreendi que é possível, mesmo nas situações mais difíceis, extrair o que há de melhor dos alunos, e não posso me deixar levar pelo que todos dizem: “Eles não são capazes”, “Eles não vão conseguir”, “Eles não são responsáveis”, “Vão te dar muito trabalho”.

Marcou-me profundamente ver a mudança de comportamento de alguns desses estudantes, que, de início, mostravam mau comportamento na escola, mas que, durante o projeto, mudaram completamente. Isso me fez refletir que

preciso acreditar que é possível, sim, que a educação forma cidadãos. Com um simples gesto de confiança, eu dou chances para aquele indivíduo mostrar seu potencial e mudar suas atitudes.

O maior desafio desse projeto foi me fazer acreditar que eu conseguiria realizar todas as etapas do processo com a participação ativa dos estudantes da EJA. E esse desafio foi superado. Os alunos conseguiram atingir minhas expectativas e realizaram cada passo com muito esforço. Conseguiram vencer o medo de matemática, trabalhar porcentagem e elaborar gráficos. Eles próprios ficaram surpresos quando se viram confeccionando gráficos manuais e entendendo o que estavam fazendo.

E, por fim, a superação de se apresentar em público, e ver sua pesquisa concluída.



*Gráfico da pesquisa.*

Por meio do programa Nepso, acredito ter oferecido aos meus estudantes a oportunidade de ampliar seus

conhecimentos sobre o tema pesquisado, envolvendo o meio ambiente e também outras ciências, como matemática, português e geografia, além de possibilitar mudanças comportamentais e de atitude, já citadas anteriormente. Assim, muitos conhecimentos foram adquiridos, não apenas pelos participantes da pesquisa, mas também por todos que de alguma forma estiveram envolvidos no projeto, assim como a comunidade que foi pesquisada e toda a escola, que acompanhou cada etapa do projeto.

E foi assim que eu venci mais um desafio. Aprendi e me senti ponte para o crescimento intelectual de outros que precisam de mim nesse aspecto.

Por meio do meu trabalho, pretendo ainda motivar aqueles que desejam ingressar nessa jornada, possibilitando que se tornem atuantes como educadores e assumam a postura de formadores de opinião, cidadãos críticos e pensadores. Para isso, é necessário nos apropriarmos das ferramentas que nos disponibilizam. Mãos à obra!



*Apresentação da pesquisa no Seminário Estadual de Garanhuns.*



# Rio de Janeiro

Andrea Maura

# MODA — POR QUE AS PESSOAS SEGUEM A MODA?

ANDREA MAURA

## Introdução

---

**MEU NOME É ANDREA MAURA FRANCESCHI.** Sou graduada em Ciências Sociais e tenho pós-graduação em Orientação Educacional. Trabalho na rede municipal de Rio Bonito, no estado do Rio de Janeiro, há 12 anos. Sou professora do primeiro segmento do Ensino Fundamental e adepta a desafios profissionais.

Tive o privilégio de conhecer o Nepso em um encontro para os professores da rede pública do município de Rio Bonito, em abril de 2013. Minha decisão em participar foi imediata, pois gostei da proposta e pensei que seria enriquecedora para minha carreira.

Escolhi desenvolver a pesquisa com a turma do 5º ano da Escola Municipal Luiz Felipe de Magalhães, localizada na área rural de Rio Bonito. Tinha como principal objetivo desenvolver o senso crítico dos alunos e aprimorar a prática de dar e receber opinião sobre um determinado assunto.

## Escolha do tema

Apresentei o Nepso aos alunos que ficaram empolgados e curiosos. Quando falei da escolha do tema, os alunos logo se manifestaram dando sugestões. Começaram a citar temas como droga, bebida e comportamento dos alunos na escola. Nesse momento, percebi que a turma estava pensando em assuntos polêmicos e sugeri que estudássemos temas que abordassem aspectos positivos, assuntos legais, não necessariamente algo que estivesse desagradando à comunidade, e sim situações que pudessem despertar a curiosidade deles.

Um aluno logo disse: “Meu tema é droga, quem quiser esse tema também, levante a mão”. Eu intervi, explicando que faríamos uma discussão de cada sugestão e que depois haveria uma votação para a escolha final. A carinha deles de insatisfação foi imediata. Nesse momento, me lembrei de que ouvi na oficina do Nepso que os alunos reagiriam assim. Pensei: “Legal. As orientadoras desse projeto têm trabalho de campo, sabem o que estão falando”.

Durante a escolha do tema houve conflitos na sala. Orientei os alunos sobre a argumentação dos temas citados para termos uma única opção para a turma. Alguns alunos demonstraram insatisfação com o resultado, levando algum tempo para aceitar o tema escolhido por votação: moda (disponível em: <http://www.nepso.net/projeto/2430/moda>). Um aluno chegou a afirmar: “Eu não vou fazer nada.” Para superar essa insatisfação, houve muito diálogo com a turma. Expliquei que a decisão foi coletiva, embora todos os temas

tivessem sido muito bem argumentados, era necessário escolher um e que, posteriormente, poderíamos pesquisar os demais temas, de acordo com o interesse da turma.

## Qualificação do tema

Para iniciar o aprofundamento do tema, fiz com os alunos uma leitura compartilhada de um texto sobre a história da moda. Durante a leitura, os alunos fizeram algumas colocações, citando as vestimentas dos personagens das novelas de época como exemplo.

**Ao final de cada descoberta dos alunos, eu concluía com um relatório coletivo e ouvia as colocações do que os alunos gostariam de saber.** A maioria dos alunos não conseguiu levar nenhum resultado de pesquisa para a aula. Não tinham internet e, por viverem na periferia da cidade, não tinham fácil acesso à biblioteca.

Ainda assim, eles apresentaram um cartaz com gravuras de roupas usadas pelos brasileiros no período colonial – conteúdo que trabalhávamos naquele momento na aula de História.

Socializamos as gravuras e observei que a fonte de pesquisa dos alunos foi um livro de História do 5º ano. A maioria usou o mesmo livro, tornando assim as imagens repetitivas. Comecei então a levar mais material para a sala de aula. Apresentei para os alunos uma pesquisa que fiz com fotos de diferentes estilos de moda desde o século XVI, passando por algumas décadas do século XX – 50, 60 e 80 –, até o século XXI. Os alunos gostaram muito e começaram a despertar curiosidades sobre o tema.

Fiz uma parceria com a professora de recursos tecnológicos, que me ajudou muito levando os alunos para o laboratório de informática. Embora a escola não tivesse internet, a professora utilizava seus próprios recursos para trabalhar a temática.

**Essa parte de qualificação do tema foi muito produtiva, e a essa altura comecei atingir meu objetivo de desenvolver o senso crítico dos alunos. Eles passaram a estabelecer relações entre passado e presente, constataram que muita coisa que fazia parte da moda antigamente ainda faz parte da moda atual e perceberam que as pessoas se vestem de acordo com seu modo de vida.**

Outro ponto positivo nessa etapa foi a possibilidade de desenvolver a interdisciplinaridade, pois trabalhamos conteúdos de História, Português, Arte e Filosofia.

## **Elaboração do questionário**

Quando chegamos à pergunta-guia, tive algumas dificuldades, pois percebi que os alunos ainda estavam imaturos para elaborá-la, embora já se mostrassem mais participativos.

Depois de muita discussão em sala de aula e com o auxílio da professora de recursos tecnológicos, chegamos à pergunta-guia: “Por que as pessoas seguem a moda?”.

Começamos então a pensar nas hipóteses e, inicialmente, os alunos levantaram suposições muito pessoais, e não do que imaginavam que as pessoas responderiam. Tivemos uma longa discussão em diferentes momentos até chegarmos ao resultado.



*Alunos formulando hipóteses.*

Escrevi as hipóteses no quadro de giz e, com base nelas, definimos que nosso público-alvo seriam pessoas de várias idades e de ambos os sexos. Os alunos acreditavam que adolescentes e jovens se preocupavam mais em “andar na moda” do que as pessoas de outras faixas etárias e que homens e mulheres igualmente seguiam a moda.

Depois, sentei ao lado deles para elaborar o questionário. Orientei os alunos na elaboração das perguntas e, após o registro do questionário, combinei com a turma que faríamos um pré-teste para verificar se o nosso instrumento de pesquisa estava bem elaborado, ou se ainda seriam necessárias algumas mudanças devido a alguma dificuldade das pessoas em respondê-lo, como falta de clareza, por exemplo.

Nessa etapa tive muitas dúvidas. Recorri diversas vezes às orientadoras do Polo Rio de Janeiro, que me auxiliaram devidamente, até conseguir chegar ao resultado final com os alunos.

Fizemos o pré-teste e tudo correu bem. Os alunos ficaram muito empolgados e muito ansiosos para a realização da entrevista.

## Trabalho de Campo

E o tão esperado dia chegou: a aplicação do questionário. Lanche na sacola, muita empolgação, e lá fomos nós, para o local da entrevista – o Centro de Rio Bonito.

**Para minha satisfação, os alunos se saíram muito bem. Quanta empolgação! Eles queriam entrevistar todos que por nós passavam. Abordavam as pessoas, e quando elas se negavam a responder, os alunos agradeciam e não desanimavam em abordar outras.**

Foi uma experiência muito bacana. Fiquei feliz de termos conseguido realizar a entrevista com sucesso.

## Tabulação

Momento de muita concentração e raciocínio lógico na hora da tabulação. Ficamos uma manhã inteira produzindo, calculando e interpretando os dados.

Os alunos estavam se preparando para o seminário. Orientei passo a passo o processo da tabulação de dados. Construímos gráficos, comparamos as hipóteses com o resultado da pesquisa. Algumas vezes os alunos ficavam cansados, mas a motivação de apresentar no seminário não os desanimou.

Considerarei esta etapa da tabulação muito favorável para a aprendizagem dos meus alunos, pois trabalhamos constantemente a Matemática.

## Seminário

Após as conclusões da tabulação, decidimos quem seriam os alunos que apresentariam no seminário. Não foi difícil, pois todos queriam participar. A essa altura minha turma estava mais desinibida, mais comunicativa, se expressando melhor nas aulas.

O Seminário foi um momento sublime para os alunos, pois fizeram a exposição de um trabalho feito por eles, desenvolvido durante todo o ano letivo. Tãmanha foi a alegria dos alunos para a apresentação do resultado da pesquisa! E minha também, pois estava me realizando através deles. Foram meses de muita dedicação, aprendizagem e crescimento tanto para os alunos como para mim enquanto professora.

Ao final do projeto, **já percebia** na turma aspectos positivos, como melhora na expressão oral, debate de ideias, reflexões, exposição e aceitação de opiniões.



*Alunos se apresentando no Seminário do Rio de Janeiro*

## Considerações finais

Participar do Nepso foi uma experiência gratificante, que muito contribuiu para o meu crescimento profissional. A minha postura em sala de aula mudou. Hoje vejo que posso dar mais autonomia aos meus alunos para desenvolverem suas atividades, desde que eu dê o auxílio necessário. Percebo agora que os alunos, independente da série, são capazes de desenvolver projetos escolares que estimulam o senso crítico e que isso é muito favorável para o crescimento pessoal deles.

No início, tive dificuldade em deixar que tudo partisse do aluno. O interesse pelo tema da pesquisa, a pergunta-guia e a elaboração do questionário foram momentos em que senti receio, pois achava que os alunos não iriam conseguir. Mas ao longo do desenvolvimento do projeto, com o apoio da coordenação do Polo Rio de Janeiro, tudo fluiu bem, e cada etapa da pesquisa foi desenvolvida com êxito pelos alunos.

Ao final do projeto, por ocasião do Seminário, estava me sentindo realizada profissionalmente por perceber o crescimento dos alunos.



# Rio Grande do Sul

Adriana Cardozo Perozzo  
Rosângela Dienstmann e Maria Rosane Flash  
Rubiane Guerra

# O LUGAR DAS TAREFAS DE CASA NO COTIDIANO DOS ALUNOS: REPENSANDO AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS<sup>1</sup>

ADRIANA CARDOZO PEROZZO<sup>2</sup>

## Introdução

---

**AO INICIAR A ESCRITA, É PRECISO** deixar claro o local onde estou. Na posição de educadora, me coloco como pesquisadora a fim de refletir sobre as práticas referentes às “tarefas de casa” envolvendo os sujeitos do processo educativo: professores e alunos. A pesquisa foi motivada pelos questionamentos dos alunos diante das propostas de tarefas de casa.

O trabalho foi realizado em 2013, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Alfredo Belizário Peteffi, em Caxias do Sul (RS), cujo público é oriundo de famílias pobres. A atuação junto a uma turma de 3º ano do ensino fundamental,

---

1 Esta pesquisa está disponível em ([http://www.nepso.net/projeto/2540/o\\_lugar\\_das\\_tarefas\\_de\\_casa\\_no\\_cotidiano\\_dos\\_alunos\\_repensando\\_praticas\\_pedagogicas](http://www.nepso.net/projeto/2540/o_lugar_das_tarefas_de_casa_no_cotidiano_dos_alunos_repensando_praticas_pedagogicas)).

2 Pesquisadora no Curso de Extensão Escola e Pesquisa: um encontro possível, desenvolvido na Universidade de Caxias do Sul através do Projeto NEPSO, em parceria com a Ação Educativa e o Instituto Paulo Montenegro, ONGs com sede em SP. Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul. Professora da Rede Municipal de Ensino de Caxias do Sul.

como professora titular, em algumas situações, me causou desconforto. Tal sentimento foi causado pelas inquietações e pelo senso crítico dos educandos sobre as minhas propostas de tarefas de casa. Repensando minha trajetória escolar, as tarefas de casa sempre foram comuns, do ensino fundamental ao final da graduação, considerava-se inerentes aos estudos! Mas essa realidade mostrou não ser a mesma para essa turma de 3º ano.

Ao propor tarefas de casa, logo na primeira semana de aula, senti uma certa inquietação por parte dos educandos, que diziam em tom de desgosto: “Ah, tem tema!”. Mesmo assim, continuei propondo tarefas de casa, mas na primeira sexta-feira, ao anunciar a tarefa para o final de semana, um aluno novamente manifestou sua insatisfação. Dei um tempo no planejamento para compreender o que se passava. Entre algumas manifestações de reprovação desse momento de estudos extraclasse, surgiu um argumento que foi a motivação maior para a pesquisa realmente ser feita: “Profe, no final de semana não tem que ter tema!”, disse o aluno. Então questionei o porquê, e ele respondeu: “No final de semana temos que ficar com nossa família, passear e não fazer tema!”. Seguidos desta defesa, surgiram outros murmúrios concordando com o colega.

**Realmente, era a hora de rever meus conceitos sobre esta prática pedagógica!** Naquele dia, mantive a tarefa de casa, mas, por ter me surpreendido tanto, a partir dali não propus mais tarefas extraclasse nos finais de semana. Diante de uma nova configuração social, onde pais e mães estão fora de casa, realmente o final de semana pode ser reservado para

atividades de lazer com a família! Não tinha pensado por este viés antes.

Aqui, sinto a necessidade de conceituar historicamente o surgimento das tarefas de casa a fim de dar sequência aos estudos sobre tal temática. Segundo Maria Eulílina P. de Carvalho (2006):

*Nos primórdios da escolarização compulsória, as escolas que serviam às comunidades/famílias rurais e urbano-industriais não enviavam trabalho escolar para casa, porque então as crianças e jovens participavam do trabalho real por razões de sobrevivência. O dever de casa escolar surgiu como uma ocupação apropriada para os estudantes das classes médias (cuja reprodução estava associada ao sucesso acadêmico), e tornou-se parte do estilo de vida dos grupos sociais escolarizados e daqueles que valorizavam a escolarização como estratégia de mobilidade social ascendente. (CARVALHO, 2006, p.90)*

Percebe-se, portanto, que as tarefas de casa tornaram-se um hábito institucionalizado, mas ainda se mantêm sem fundamentação legal. Hoje, como as famílias lidam com o “fazer as tarefas de casa enviadas pela escola”? Carvalho (2000), no artigo “Relações entre família e escola e suas implicações de gênero”, publicado nos *Cadernos de Pesquisas*, n. 110, ao fazer uma abordagem política sobre os deveres e as configurações da sociedade ao longo dos anos, tanto nos Estados Unidos quanto no Brasil, reforça as configurações familiares e escolares com que nos deparamos. Ela diz que:

*No Brasil a relação família-escola tem sido pouco estudada, embora o dever de casa também faça parte de nossa tradição educacional. No caso da escola privada de classe média supõe-se que a sua aceitação (principalmente pelos pais) como uma prática rotineira esteja associada ao fato de a jornada letiva diária e a anual serem percebidas como curtas e insuficientes para o progresso escolar. No caso da escola pública, reconhece-se que os baixos níveis de escolaridade e renda de sua clientela desestimulam tanto a participação dos pais nas reuniões escolares quanto a adoção de deveres de casa. (CARVALHO, 2000, p. 147)*

É preciso lembrar que, no século XXI, a mulher que antes estava em casa a serviço dos filhos e marido, hoje está no mercado de trabalho, ao lado do homem. No entanto, culturalmente ela ainda é cobrada pelo sucesso e acompanhamento dos filhos na escola.

Minha inquietação foi tamanha que conversei com colegas educadoras da escola, e algumas ressaltaram que em suas práticas pedagógicas as tarefas de casa são frequentes, acontecem rotineiramente e são cobradas em sala de aula. O relato de uma educadora chamou minha atenção: nos finais de semana ela não propõe tarefas de casa, pois “os pais já ficam fora de casa a semana toda, trabalham, e os filhos têm tarefas diariamente, então no final de semana oriento os alunos a curtirem suas famílias” (L. F. 40 anos)<sup>3</sup>. Esse depoimento veio ao encontro da realidade de minha sala de aula.

A partir desta breve busca, decidi refletir sobre a minha prática pedagógica.

---

3 Foram usadas as iniciais do nome para preservar a identidade da educadora.

## Pesquisa como exercício de reflexão

Iniciando as buscas acerca da importância da pesquisa em sala de aula, Roque Moraes (2007), em seu artigo publicado nos Anais do VII Seminário “Escola e Pesquisa, um encontro possível”, da Universidade de Caxias do Sul, diz que:

*O processo de pesquisa em sala de aula pode ser representado por um ciclo dialético que pode levar gradativamente a novos modelos de ser, compreender e fazer cada vez mais avançados. Os elementos principais desse ciclo são o ‘questionamento’, a ‘construção de argumentos’ e a ‘comunicação’. (MORAES apud MORAES, RAMOS, GALIAZZI, 2004, p. 10)*

Concordando com o autor, acredito que a pesquisa contribui para a revisão da prática dos sujeitos escolares, promovendo uma ressignificação de paradigmas, proporcionando ao professor e aos alunos novas formas de aprendizagem e crescimento mútuo, onde impera o respeito às opiniões dos discentes, dando credibilidade ao trabalho do educador.

*Pesquisar em sala de aula é criar espaços de interrogação e de procura de respostas às interrogações feitas, envolvendo-se nisto de forma intensa tanto alunos como professores. Nesse processo os conhecimentos dos alunos e dos professores podem tornar-se mais complexos, avançando sempre a partir do que já é conhecido, mediados e direcionados pelo professor, sempre atento para que as aprendizagens realmente se efetivem. (MORAES, 2007, p.2)*

É com o intuito de envolvimento de todos os sujeitos que a investigação se deu pela metodologia de pesquisa de

opinião, que, como o nome nos reporta, é um caminho que permite explorar e levantar as opiniões dos entrevistados acerca do tema pesquisado. O foco para esta busca foi investigar como os alunos percebem as tarefas de casa, propostas pela professora, a fim de qualificar a prática pedagógica, possibilitando momentos de aprendizagens significativas extraclasse.

A pesquisa de opinião apareceu, para mim, como uma metodologia acessível e fácil de ser posta em prática. Primeiro, deve-se observar o ambiente e identificar o problema a ser desvendado; depois, levantam-se as hipóteses para tal situação e, com base nisto, elabora-se o questionário. Para realizar uma pesquisa em sala de aula, a busca por referenciais também é importante, pois é a partir do seu problema e do que já foi estudado sobre ele que são possíveis novas buscas e, conseqüentemente, novas construções.

*Uma pesquisa de opinião, segundo Montenegro e Ribeiro (2002, p. 25), permite: “[...] detectar a dimensão de algum problema ou alguma ação; refletir sobre como agir, como mudar, como superar, ou como reafirmar as posições ou caminhos já escolhidos. ”Com base nisto, essa proposta de pesquisa proporcionará ao docente e aos discentes uma reflexão crítica acerca de sua prática em relação às tarefas escolares.*

## O que é tarefa de casa? Para que serve?

Visando explicitar o que são e para que servem as tarefas de casa, a busca por estudos que tratam da temática foi feita tanto em materiais oficiais da área educacional quanto com a coordenação da escola pesquisada, passando também pelo

corpo docente da instituição. Muitos saberes se consolidaram e outros emergiram deste processo investigativo.

Nessa busca por informações sobre a formalização das tarefas de casa, os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) também foram tidos como base. No caderno introdutório aos PCNs, fica evidenciada a importância de trazer elementos do meio sociocultural dos educandos para dentro das salas de aula a fim de aproximá-los e dar significado aos conhecimentos, mas novamente não é mencionado nada a respeito das tarefas escolares, ou seja, sobre fazer o caminho inverso: levar os conhecimentos formalizados na escola para reforço e relações fora das instituições públicas.

Embora não tenha encontrado na Legislação Federal a obrigatoriedade ou normatização das tarefas de casa, no Portal da Educação, como dica para os pais cujos filhos frequentam o ensino fundamental e médio, entre várias indicações, é evidenciado também: “Acompanhe as lições de casa”. Isso comprova que o órgão máximo da educação nacional pressupõe que esta prática seja efetiva nas escolas públicas.

Na mesma linha, analisando o Projeto Político Pedagógico (2013) na escola onde a pesquisa foi realizada, nada foi encontrado acerca do dever e da obrigatoriedade do planejamento de tarefas extraclasse para os alunos. A diretora da instituição, professora S.B.S<sup>4</sup>, também deixa à vontade seus educadores para que atuem da forma que melhor lhes convier. *“Aqui na escola cada professor tem autonomia para decidir se dá tarefas de casa ou não, não temos nenhuma política interna que*

---

4 Foram usadas as iniciais para preservar a identidade da educadora responsável pela escola.

*regulamente isto. Eu sei que tem professores que defendem esta prática afirmando que a tarefa serve como um reforço para os conteúdos já estudados ou como incentivo para novos estudos, além de criar uma rotina de estudos nos alunos; já outras profissionais alegam que não propõem tarefas, pois os alunos não as fazem, considerando importante um trabalho eficiente em sala de aula". (Julho/2013)*

Conforme artigos e pesquisas publicadas pela *Revista Nova Escola*, entre os anos de 2001 e 2013, fica clara a importância de um trabalho pedagógico voltado às tarefas de casa propostas aos educandos. Nas escolas é essencial que a coordenação pedagógica tenha uma postura competente e auxilie os professores no planejamento de boas propostas de estudo extraclasse.

Maura Barbosa, consultora da revista *Gestão Escolar*, afirma que:

*A lição de casa é tão importante nos processos de ensino e de aprendizagem que deveria estar destacada em um capítulo exclusivo do projeto político-pedagógico. [...] Nele estariam definidos os objetivos, a frequência com que ela seria proposta nos diversos segmentos e como os professores iriam apresentá-la à turma e retomá-la em sala. Essa é uma maneira de colocar o tema em debate e incitar toda a comunidade a discuti-lo. (Texto disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/licao-casa-sua-escola-se-preocupa-ela-744833.shtml>. Último acesso em: 13 mai. 2014)*

A fala da educadora Maria Eulina, defendida em sua dissertação de Mestrado, traz o conceito tradicional de tarefas de casa.

*Tradicionalmente, o dever de casa é concebido como uma estratégia de ensino do currículo escolar e de intensificação da aprendizagem: fixação, revisão, reforço e preparação para aulas e provas, na forma de leituras e exercícios. Concepções mais abertas incluem pesquisa sobre eventos familiares comunitários, ou artefatos culturais (como programas de televisão), e projetos grupais, entendidos como atividades de enriquecimento curricular ou estratégia de conexão dos conteúdos escolares à vida cotidiana. (CARVALHO, 2006, p. 87)*

Em conversas informais com educadores de escolas municipais de Caxias do Sul e região, descobri que, em sua grande maioria, os educadores têm como hábito propor tarefas de casa com esse objetivo, trazido por Carvalho (2006), de fixar, revisar e preparar o aluno para avaliações formais, além de também oportunizar tarefas de cunho informativo e investigativo.

Acreditando na influência do “currículo oculto”, ideia abordada na concepção de Tomaz Tadeu da Silva (2010, p. 78), caracterizado por ser “constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais relevantes”, as tarefas de casa aparecem frequentemente na rotina dos educadores, estão presentes na educação formal de modo institucionalizado. Porém, como essa prática não está contemplada na Legislação Federal, isto pode ser considerado parte inerente da escola dentro do chamado “currículo oculto”, uma vez que elas envolvem não só o educando, mas a família dele, ensinando muito além do “conteúdo da escola”, como modos de vida e hábitos sociais.

Além dos autores aqui apresentados, foram encontrados diversos materiais sobre os “deveres de casa” em teses de mestrado e pesquisas de pós-graduação de profissionais da educação de todo o país. Também foram consultados os sites da Editora Abril, da revista *Nova Escola* e do programa Educar para Crescer.

## Ouvindo os sujeitos: análise dos dados obtidos

Mas, afinal, como os alunos veem as tarefas de casa?

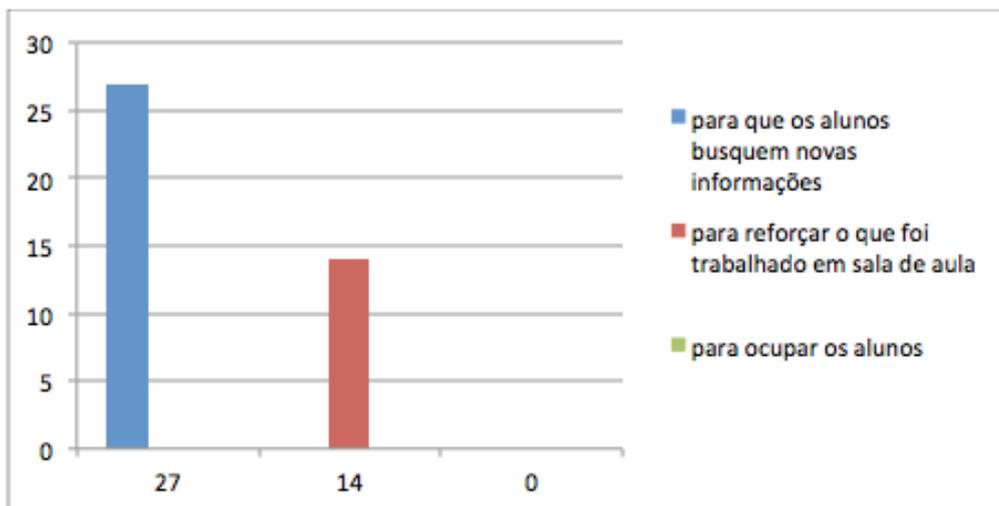
A partir de minhas hipóteses iniciais, **elaborei um questionário** com o propósito de investigar uma turma de alunos. Realizei o pré-teste com dois educandos, promovi as devidas correções e, finalmente, apliquei o questionário final de 10 questões a 28 alunos. Essa amostra foi considerada suficiente, uma vez que a prioridade nesse momento era investigar como os meus alunos se sentiam diante das lições de casa propostas.



*Alunos respondendo o questionário da pesquisa.*

Ao realizar a **tabulação dos dados**, pude retomar o problema desta pesquisa: descobrir se os alunos gostam das tarefas de casa propostas por mim. Contrariando tantas queixas iniciais e motivadoras da pesquisa, 25 alunos apontaram “gostar de realizar as tarefas” e apenas 3 afirmaram “não apreciam essa prática”. Sabendo disso, também foi importante ouvi-los a fim de descobrir o porque eles achavam que a professora propunha tarefas de casa:

### Porque você acha que a professora propõe tarefas de casa?

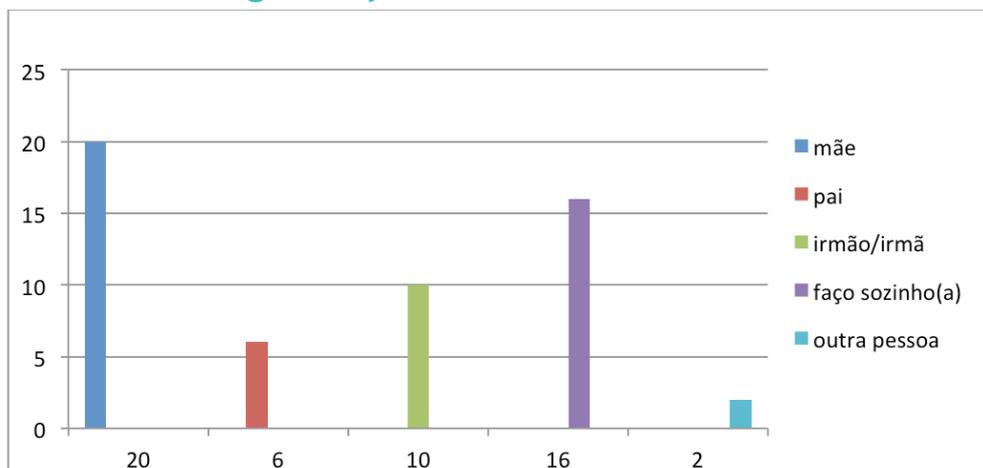


Fonte: Dados da Pesquisa de Opinião, Maio/2013.

Surpreendeu-me as respostas para essa questão. Nenhum aluno apontou a possibilidade de o professor “dar” tarefas de casa só “para ocupar os alunos”. Esse resultado contrariou as minhas hipóteses iniciais, uma vez que as queixas para realizar as tarefas eram frequentes e, mesmo assim, perceberam a importância dessas atividades extraclasse. Ainda que fosse possível escolher mais de uma opção para responder

à questão, a maioria optou por assinalar que as tarefas de casa eram propostas “para que os alunos busquem novas informações”. Em alguns momentos, também proponho tarefas de casa que possibilitem fazer uma avaliação da aprendizagem da turma, identificando os conhecimentos já obtidos. Essas tarefas permitem replanejaras práticas em sala de aula.

### Alguém ajuda você fazer os temas?



Fonte: Dados da Pesquisa de Opinião, Maio/2013.

Apesar de termos vinte respostas para a alternativa “mães auxiliam nas tarefas de casa”, também temos dezesseis respostas para “temas são realizados sozinho, sem supervisão”. Aqui cabe uma ressalva: ao responder esta questão, foi permitido que cada aluno assinalasse mais de uma opção. Ao responderem, os alunos argumentavam que, dependendo do grau de dificuldade da tarefa, solicitavam auxílio para algum familiar.

Reportando-nos a uma nova configuração da sociedade, na qual a mãe nem sempre está em casa, fica evidente que ela

ainda é o sujeito principal no acompanhamento dos deveres de casa dos filhos. Berenice Victor Carneiro<sup>5</sup> (2010), no artigo “Dever de casa, algumas reflexões”, reforça o que outros pesquisadores sobre a temática já afirmaram:

*Franco (2002, apud RESENDE, 2006) argumenta que o dever de casa “é toda atividade pedagógica elaborada e proposta pelos professores, destinada ao trabalho dos alunos fora do período regular das aulas” (p. 386). Rosário e cols. (2008) citam um estudo em que 74% dos alunos que completam o dever de casa recebem ajuda da mãe (VAN VOORHIS, 2001 apud ROSÁRIO e cols., 2008), o que indica tratar-se de uma atividade realizada em casa que implica no envolvimento de familiares. (CARNEIRO, 2010, p. 35)*

Na pesquisa realizada em Caxias do Sul, esses dados trazidos por CARNEIRO (2010) foram comprovados, pois, de 28 participantes, 71%, revelaram que as mães ajudavam na execução das tarefas de casa. A pesquisadora ainda traz mais informações em seus estudos, dando um olhar à família e suas relações frente às tarefas de casa.

*Um estudo conduzido por Resende (2006) buscou esclarecer a percepção que as famílias têm do dever de casa. O autor detectou um senso comum favorável ao dever de casa entre as famílias entrevistadas em três escolas, sendo duas privadas e uma pública. As famílias de classes baixas veem o dever de casa como importante, um complemento da aprendizagem realizada na escola, além de possibilitar a revisão e maior apreensão do*

---

5 Psicóloga Doutora em Psicologia, PUC-Campinas, Professora na Faculdade de Psicologia, PUC-Campinas. Professora no curso de Especialização de Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Especial do Centro Universitário Padre Anchieta.

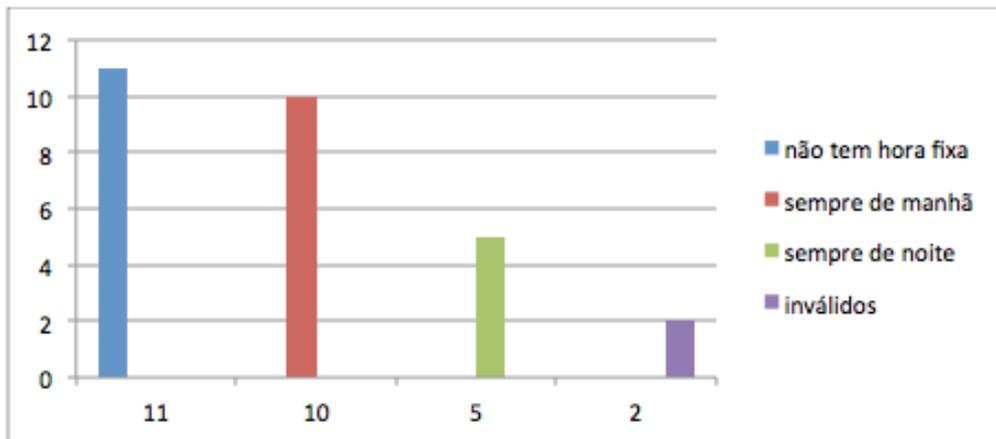
*conteúdo. Em relação às famílias das camadas médias, “o dever de casa é considerado de grande importância devido, sobretudo, à possibilidade de revisão dos conteúdos” e à “formação do hábito de estudo” (p. 4). Além disto, acreditam servir também para “ocupar o tempo da criança” e possibilitar a participação dos pais na vivência escolar dos filhos. A avaliação do dever de casa como “muito importante, indispensável” ficou acima de 70% nas três escolas. (CARNEIRO, 2010, p. 42)*

Para termos a opinião dos pais dos alunos que foram pesquisados, seria necessária uma busca junto a eles, algo que não foi possível fazer neste estudo. De qualquer forma, outros estudos evidenciam que há uma cultura bem arraigada de que a tarefa para casa é um hábito imprescindível. Também sinto isso nos diálogos informais que tenho com os pais de meus alunos.

Voltando ao questionário aplicado, tivemos um resultado muito equilibrado a respeito do grau de dificuldade das tarefas: 16 alunos responderam que “são fáceis”, 14 julgaram “difíceis” e apenas um aluno considerou intermediária a dificuldade em realizá-las.

Isso evidencia, mais uma vez, a necessidade de ter um adulto para auxiliar nesse estudo extraclasse. Isso é bom? Se um adulto não estiver por perto, como o aluno vai executar as tarefas que lhe parecem difíceis? **Preciso novamente rever as propostas que tenho apresentado! Uma observação individual de cada aluno e propostas diferenciadas seriam uma alternativa?** Propor tantas tarefas exige revisão posterior na escola. Repensar esta questão é fundamental para o sucesso e o cumprimento dos objetivos pensados para cada proposta de tarefa de casa.

### Qual o horário que você faz os temas?



Fonte: Dados da Pesquisa de Opinião, Maio/2013.

Esta questão também foi proposta para identificar qual o lugar das tarefas de casa na rotina dos educandos. Constatou-se que 11 alunos não têm hora fixa para os estudos, 10 deles sempre fazem as tarefas pela manhã e outros 5 sempre à noite. Dois alunos invalidaram suas respostas por assinalarem todas as alternativas disponíveis. Mais uma vez, aqui é preciso considerar a cultura regional e econômica de pais que ganham seu sustento trabalhando como empregados assalariados, muitos deles no setor metalúrgico (em forte expansão na região metropolitana de Caxias do Sul), e/ou como empregadas domésticas, no caso das mães, e não dispõem de um adulto capacitado para o acompanhamento dos filhos no turno inverso ao que frequentam a escola: os filhos ficam aos cuidados muitas vezes de irmãos mais velhos, sob olhares de senhoras que atendem diversas crianças em suas casas ou em ONGs que recebem as crianças em turno contrário ao da escola.

Como pesquisadora, desejei também descobrir qual o local, dentro das casas, em que cada um realiza suas tarefas. Comprovou-se que os lares desses alunos não são equipados com espaços para estudos, com exceção de uma menina que salientou que estuda no escritório de casa. Afora esse caso, 14 responderam fazer os temas na mesa da cozinha ou da sala (disputando lugares com outros usos do espaço) e os demais afirmam fazer nos mais variados lugares, como sofá, quarto e/ou sobre a cama.

Aqui caberia uma nova pesquisa sobre como é o espaço familiar do aluno: o que ele tem para favorecer os estudos extraclasse? Reportamo-nos agora à origem das tarefas de casa: será que estamos sendo coerentes com a realidade dos educandos ao propor tarefas de casa?

As reflexões aqui tecidas se pautaram no trabalho de outros autores, nas opiniões de pessoas envolvidas no dia a dia da escola e nos resultados da pesquisa que fizemos com 28 alunos. Visaram, além da construção de novos conhecimentos, o confronto com as hipóteses iniciais diante do problema central: qual o espaço das tarefas de casa na rotina dos alunos? Os resultados tiveram repercussão direta nas disciplinas envolvidas, pois, na organização curricular desta etapa de escolarização, um professor regente trabalha com todos os componentes previstos.

## Prática pedagógica: reflexões e retomada de atitudes

Diante das dúvidas acerca da prática de propor tarefas de casa, ouvir os sujeitos envolvidos foi o primeiro passo para uma posterior qualificação. Com os dados de pesquisa em mãos e após sua análise, foi preciso repensar essas práticas. Manter ou abolir as tarefas de casa? A quantidade de tarefas cobrada é suficiente/adequada? Qual a qualidade e relevância das mesmas para a formação discente? O que propor diante de cada assunto estudado? Muitas dúvidas devem ser esclarecidas para ser iniciado um bom planejamento.

Acredito que o bom senso deva prevalecer sobre qualquer atuação!

Um bom planejamento, dosar a quantidade das tarefas de casa, além de orientar bem os alunos em como realizá-las, são etapas fundamentais para manter esta prática. Segundo a professora Elisângela Fernandes, na matéria *Lição de casa: quatro etapas fundamentais*, publicada em *Nova Escola* (2011), o segredo das tarefas de casa é:

*Propor atividades com objetivos claros e articulados ao conteúdo visto em sala. Ao mesmo tempo, esse trabalho não deve ser uma mera repetição do que o aluno fez na escola. A motivação para realizar uma tarefa está ligada ao nível de desafio que ela traz. Você pode propor atividades diferenciadas de acordo com as características da turma e até mesmo algo mais individualizado, que aborde aspectos em que determinados alunos estão apresentando dificuldade.*

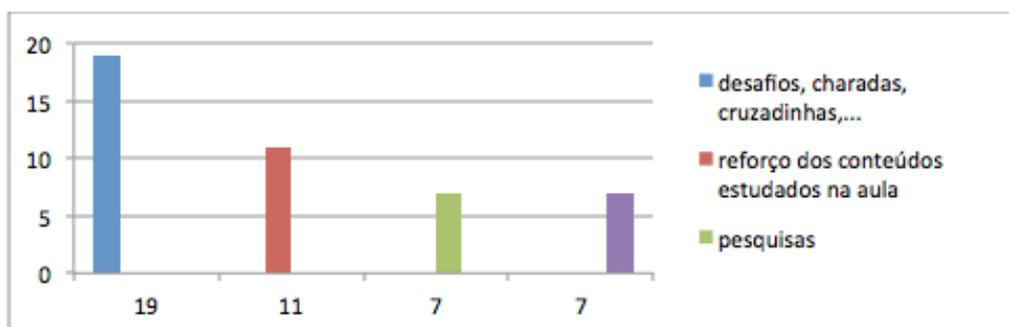
*Ao realizar o planejamento das aulas, você deve pensar em quais atividades relacionadas ao conteúdo a ser trabalhado podem ser*

realizadas em casa pelos estudantes de forma autônoma. Além disso, é necessário refletir, buscando antecipar possíveis dúvidas dos estudantes e os procedimentos utilizados por eles. Dessa forma, a correção e a discussão da atividade em sala de aula tornam-se mais produtivas para todos.

(Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/hora-estudar-sozinho-ver-aprendeu-636176.shtml?page=4>.)

Portanto, ouvir as necessidades dos alunos nas aulas e propor tarefas que atendam suas expectativas, variando as possibilidades de realização, fazem parte do processo. Além de ser uma prática pedagógica que requer planejamento, é preciso pensar nas preferências da turma, considerando seu contexto, em que situação as mães auxiliam e em que situações eles conseguem realizar suas tarefas sozinhos. Ao questionar o que os alunos apreciam e o que gostariam de ter como tarefa de casa, tive resultados significativos:

### Quais atividades você gostaria de ter de tarefa de casa?

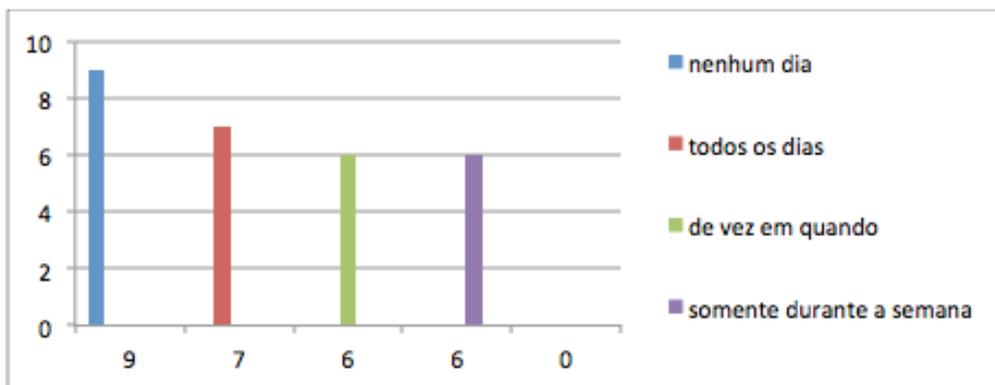


Fonte: Dados da Pesquisa de Opinião, Maio/2013

Esses resultados evidenciam que, mesmo sabendo que as tarefas de casa são importantes para a busca de novos conhecimentos, a maioria prefere que este estudo seja lúdico.

A fim de qualificar a prática, questionei as datas que os alunos gostariam de ter tarefas de casa- o problema que desencadeou toda a pesquisa. Considerando que as tarefas de casa têm um papel também de formar uma rotina de estudos extraclasse, é preciso, mais uma vez, bom senso, considerando a comunidade envolvida neste processo educacional. Elenquei as opções que os educandos teriam para escolher e obtive:

### Quais dias da semana você gostaria de ter tarefa de casa?



Fonte: Dados da Pesquisa de Opinião, Maio/2013

### Este resultado causou grande impacto, desestabilizando-me!

Ao comparar a resposta desta questão com a primeira do questionário (se gostavam de fazer os “temas” e apenas 3 disseram não gostar), aqui, apareceu a vontade deles em não ter tarefas de casa, com o número expressivo de 9 alunos afirmando não querer receber propostas de tarefas para casa. Diante desses dados, o que fazer? Agradar a quem? Tenho que agradar alguém e desfavorecer outros?

É preciso ter uma metodologia de trabalho sólida para não me deixar persuadir por opiniões que vão contra minhas

concepções, mas não posso ignorar o desejo de boa parte da turma. É hora de rever minha atuação!

**Então revisei minhas concepções interiores: que estudantes pretendo formar?** Considerando a opinião da maioria, retomei com a turma a importância de serem realizadas as tarefas para casa. Justifiquei essa prática com base nos referenciais já citados, alegando que é um momento de rever o que foi estudado em aula, de conversar com a família, trocando informações e opiniões sobre o que já conhecem a cercados assuntos propostos nas tarefas, ampliando, assim, seus conhecimentos. Além disso, destaquei que a tarefa de casa é um momento de leitura e de novas descobertas.

Ficou evidente para os alunos que as tarefas de casa se manteriam. Mas com o desejo de qualificar a minha atuação e considerar também os sujeitos no processo de ensino, a rotina se reconfigurou.

As tarefas foram mantidas diariamente durante a semana. O que foi preciso reconfigurar foi o discurso sobre a proposta e cobrança das mesmas. A tarefa de casa, a partir disso, passou a ser vista como uma oportunidade a mais de estudos, proporcionada a todos e com o desejo de que todos a realizem. Ficou claro que compete a cada estudante organizar seu tempo para dar conta dela, visualizando na tarefa uma oportunidade de conhecimento.

Ao me permitir enxergar como os alunos veem as tarefas de casa – buscando nesses sujeitos algumas respostas para minhas inquietações – proporciono agora momentos significativos a todos os envolvidos nesse processo.

Dando continuidade à proposta de pesquisa de opinião, **os resultados foram apresentados** aos sujeitos diretamente envolvidos-os alunos da turma investigada. **Foi um momento mágico, cheio de emoções e descobertas, e os alunos gostaram muito de ver que suas respostas faziam parte daquela construção, evidenciando os desejos e realidade da turma.** O trabalho também foi apresentado na escola para os demais professores e no Seminário Regional em Caxias do Sul.

Finalizando, destaco também um resultado importante neste processo de mudanças de paradigmas: no instante em que a tarefa é proporcionada como um momento privilegiado de estudos, parte de cada um a execução da mesma. Quando algum aluno não realiza o que foi ofertado, ele chega e me avisa, “profe, eu não consegui fazer o tema”, dando sua justificativa. A orientação em casos assim é que ele acompanhe a correção e as discussões para sanar suas dúvidas com o grupo.

## Considerações finais

Pensando em todo o processo de investigação e busca por formas mais eficientes de atuação, construí boas reflexões. A busca por autores que anteriormente tinham pesquisado sobre os deveres de casa, a investigação junto aos colegas de trabalho e a observação atenta aos sentimentos dos alunos perante as propostas de estudos extraclasse me acompanharam neste processo de análise e reconfiguração de paradigmas.

Agora é possível conceituar tarefas de casa como sendo toda atividade proposta pelo educador a ser realizada extraclasse e que, em contrapartida, demanda empenho e esforço do estudante e de seu meio. O contexto do aluno precisou ser levado em conta no estudo desta temática, pois conhecer um pouco mais sobre seus desejos e onde os pequenos sujeitos estão inseridos é essencial para a prática pedagógica. Sair do papel de educadora para ocupar a posição de pesquisadora, permitindo ser olhada e criticada por um aluno, enriquece e enobrece o ser educador e o fazer pedagógico.

Sabendo que os estudantes advêm de famílias humildes, que os pais estão no mercado de trabalho e que muitas vezes os filhos ficam sozinhos em casa, é preciso ter a sensibilidade de propor algo que seja acessível para o aluno. Caso contrário, a tarefa não será realizada por falta de recursos – humanos e materiais.

Investigando o problema “Qual o espaço da tarefa de casa na rotina dos alunos?”, compreendi os possíveis significados para os sujeitos envolvidos no processo. Foi preciso sentir um desconforto tão grande para modificar algo do cotidiano. Agora é possível compreender mais de perto como se dá a relação entre a escola, as tarefas de casa e a família através do sujeito que faz o meio de campo: o aluno.

Busquei aqui um entendimento das relações acima elencadas a fim de qualificar minha atuação docente, promovendo uma prática pedagógica mais efetiva para dar conta dos conteúdos institucionalizados, contextualizando-os e permitindo que pulem os muros da escola, fazendo sentido para o educando e integrando-se ao seu meio.

Os objetivos traçados para esta investigação foram alcançados. Ficou evidente que os alunos realizam as tarefas de casa pela obrigatoriedade que as famílias e os próprios educandos veem nessa prática. O desejo dos alunos, conforme evidenciou a pesquisa, seria não receber propostas de estudo extraclasse. Porém, com a explanação da importância do estudo continuado, tenho obtido sucesso nesse momento privilegiado de estudos em casa. Um aprofundamento maior pode ser dado a esta temática tão abrangente a partir de novas investigações, tendo como público pais e outros educadores. Com outras opiniões, ampliaríamos as relações a serem tecidas e teríamos uma melhor percepção da dimensão do espaço que cada sujeito dá para as tarefas de casa.



*Alunas apresentando a tarefa de casa.*



*Alunos conferindo suas tarefas de casa após reconfiguração da cobrança pela educadora.*

# REFERÊNCIAS

---

BRASIL/ Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2013.

\_\_\_\_\_. O que verificar em relação à educação de seu filho – Ensino Fundamental e Médio. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=248&Itemid=283](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=248&Itemid=283)>. Acesso em: 19 jul. 2013.

CARNEIRO, Berenice Victor. Dever de casa, algumas reflexões. *Revista Educação*, v. 2, p. 34-46, jan./jun. 2010. Disponível em: <[http://www.anchieta.br/unianchieta/revistas/educacao/publicacoes/revista\\_educacao\\_02.pdf](http://www.anchieta.br/unianchieta/revistas/educacao/publicacoes/revista_educacao_02.pdf) >. Acesso em: 23 jul. 2013.

CARVALHO, M. E. P. Relações entre família e escola e suas implicações de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 110, p. 143-155, jul. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n110/n110a06.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

\_\_\_\_\_. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. *Revista Brasileira de Educação*, n. 25, p. 94-104, jan./fev./mar./abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a08.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2013.

- \_\_\_\_\_. O dever de casa como política educacional e objecto de pesquisa. *Revista Lusófona de Educação*, n. 8, p. 85-102, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/pdf/rle/n8/n8a06.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2013.
- FERNANDES, Elisângela. Lição de casa: quatro etapas fundamentais. *Nova Escola*. n. 243, jun./jul. 2011. Disponível em:<<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/hora-estudar-sozinho-ver-aprendeu-636176.shtml?page=4>>. Acesso em: 21 jul. 2013.
- MORAES, Roque. Participando de jogos de aprendizagem: a sala de aula com pesquisa. In: VII Seminário Escola e Pesquisa: um encontro possível, out. 2007, Caxias do Sul. *Anais...*Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007.
- PADIAL, Karina. Uma lição para toda a escola. *Revista Gestão Escolar*, n.26, jun./jul. 2013. Disponível em:<<http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/licao-casa-sua-escola-se-preocupa-ela-744833.shtml?page=0>>. Acesso em: 23 jul. 2013.
- PAULA, Flavia A. Lições, deveres, tarefas, para casa : velhas e novas prescrições para professoras. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP.2000.Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000214661&fd=y>>. Acesso em: 23 jul. 2013. Escola Municipal de Ensino Fundamental Alfredo Belizário Peteffi. Projeto Político Pedagógico. .Caxias do Sul, 2013.

RESENDE, Tânia F. Dever de casa: Questões em torno de um consenso. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/gpcem/files/2011/09/GT14-Dever-de-casa.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2013.

\_\_\_\_\_. Entre escolas e famílias: revelações dos deveres de casa. *Revista Paidéia*, n. 18(40), p. 385-398, 2008. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v18n40/14.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

SILVA, Tomaz T. *Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 156p.

# MINHA CIDADE É UM MORANGO<sup>1</sup>

ROSANGELA BEATRIZ DIENSTMANN<sup>2</sup>  
MARIA ROSANE FLACH<sup>3</sup>



1 Disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2558/minha\\_cidade\\_e\\_um\\_morango](http://www.nepso.net/projeto/2558/minha_cidade_e_um_morango)

2 Estudante do Curso de Extensão Nepso na Universidade de Caxias do Sul (UCS), Graduada em Pedagogia: Licenciatura Plena (UCS), Especialista em Supervisão Escolar (UCS).

3 Estudante do Curso de Extensão Nepso (UCS), Graduada em Pedagogia: Licenciatura Plena (Ulbra), Especialista em Coordenação e Supervisão Escolar (Ulbra).

# Introdução

---

**TANTO EU, ROSANGELA, QUANTO A MINHA** colega e parceira do Curso de Extensão Nepso, Maria Rosane, somos graduadas em Pedagogia, com especialização em Supervisão Escolar (minha colega é especialista também em Coordenação). Somos educadoras de Educação Infantil no município de Bom Princípio (RS). Eu atuo como vice-diretora e Rosane como professora do jardim, níveis A<sup>4</sup> e B<sup>5</sup> da EMEI<sup>6</sup> Pequeno Príncipe. A turma escolhida para a realização do projeto é formada por dezessete alunos. Nosso objetivo ao adotar a pesquisa de opinião como estratégia de trabalho foi vincular a ludicidade ao desenvolvimento dos aspectos psicológicos e cognitivos das crianças.

Inicialmente, havíamos optado por desenvolver o projeto com as profissionais da rede de ensino do município, pois queríamos multiplicar a experiência do Nepso com outras educadoras. Já tínhamos um breve conhecimento sobre a metodologia de pesquisa, porque havíamos cursado duas disciplinas com a professora Schana Castilho Cercato no curso de Especialização em Supervisão Escolar da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Nessas duas ocasiões, a professora abordou essa forma de pesquisa. Decidimos que seria importante desenvolver essa metodologia em sala de aula, diretamente com as crianças. Desse modo, começamos a traçar nosso trabalho em parceria.

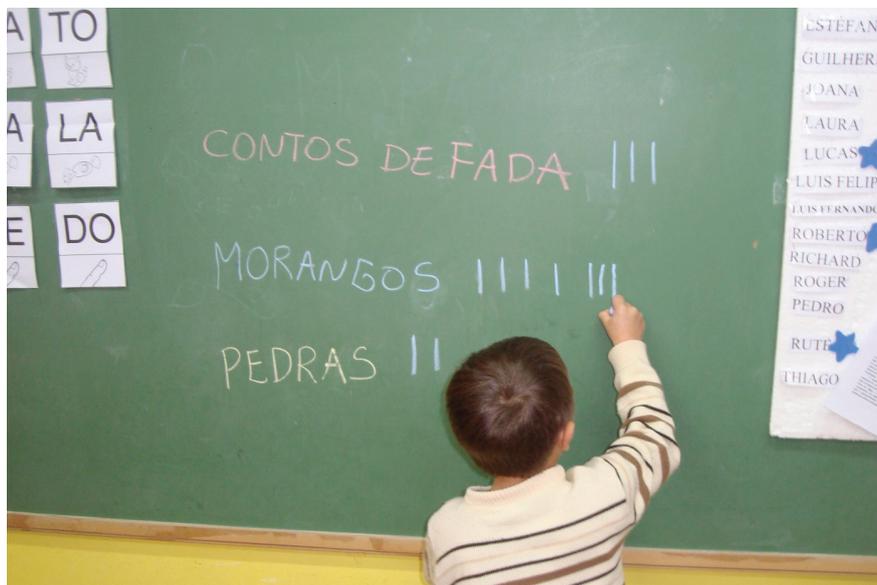
---

4 Jardim Nivel A: na idade de 4 à 5 anos.

5 Jardim Nivel B: na idade de 5 à 6 anos.

6 Escola Municipal de Educação Infantil.

Partimos para algumas rodas de conversa para saber o que nossas crianças gostariam de pesquisar. Destas conversas surgiram assuntos como: pedras, como desenhar bonito, contos de fada, princesas e o morangão<sup>7</sup>. Fizemos uma votação e o morangão foi escolhido para ser pesquisado. Assim, tivemos como tema os “Símbolos do Município de Bom Princípio”, como foco “Bom Princípio é a terra do Moranguinho” e como problema de pesquisa “Por que nossa cidade tem um Morangão?”.



*Alunos fazendo a tabulação.*

O Projeto “Minha Cidade é um Morango” foi desenvolvido de forma prazerosa, nossos alunos interagiram bastante com a proposta, revendo Bom Princípio ontem e hoje, procurando resgatar as tradições e a necessidade de mostrar que toda cidade precisa gerar crescimento sócio-econômico-cultural para que sua história continue a crescer.

<sup>7</sup> Morangão: Pórtico da cidade de Bom Princípio (RS).

As nossas hipóteses surgiram a partir de perguntas, estabelecidas na roda de conversa com as crianças do Jardim nível A e B. Desta forma, a partir das falas das crianças, surgiram as seguintes questões: “os tios inventaram o morangão para ter a festa”; “a mudinha do morango é verde e o morango é vermelho”; “o morangão é para as pessoas passarem por baixo”. Começamos a traçar nossas estratégias para envolver, de forma lúdica, nossos pesquisadores nas atividades.

Os objetivos também foram construídos a partir das ideias das crianças: investigar na comunidade por que temos um “morangão” em nossa cidade, a fim de conhecer e cultivar a história do município; buscar informações em diferentes fontes para verificar e enriquecer o que já se sabe sobre o assunto; compreender que os objetivos da escola, como ambiente educativo, podem ampliar o olhar para uma educação que vai além da sala de aula, considerando as relações que a constituem; compreender de que maneira o cultivo do morango pode tornar-se colaborativo para que haja a construção do conhecimento; observar a maneira com que a alimentação é utilizada no ambiente escolar, repensando este recurso como alternativo e complexo para a construção de conhecimento.

Elegemos como população a ser entrevistada pessoas da comunidade escolar e decidimos fazer dezessete entrevistas.

## **Caminhos percorridos**

A escola de Educação Infantil, não é mais a mesma, pois deixou para trás o papel de cuidadora para assumir a infância como uma etapa de suma importância para o

desenvolvimento humano. As instituições passam a ser entendidas não mais como locais onde simplesmente as crianças são deixadas para serem atendidas, mas onde se busca oportunizar os atos de cuidar/educar e vivenciar as primeiras aprendizagens. Diante desse novo papel que envolve o “educar” na educação infantil, vemos como pertinente o trabalho com projetos. De acordo com a definição de Lilian Kats (1994, p. 1):

*O projeto é uma investigação em profundidade de um assunto sobre o qual valha a pena aprender. A investigação é em geral realizada por um pequeno grupo de crianças de uma sala de aula, às vezes pela turma inteira e, ocasionalmente, por uma criança apenas. A principal característica de um projeto é que ele é um esforço de pesquisa deliberadamente centrado em encontrar respostas para as questões levantadas pelas crianças, pelo seu professor que estiver trabalhando com as crianças.*

Os projetos abrem espaço para que a curiosidade das crianças seja comunicada com maior espontaneidade e, no caso do tema “Símbolos do Município de Bom Princípio”, proporcionar a valorização e resgate do amor e respeito pela nossa cidade. No Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil podemos ler o seguinte sobre a concepção de identidade e autonomia:

*A identidade é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, de modos de agir e de pensar e da história pessoal. Sua construção é gradativa e se dá por meio de interações sociais estabelecidas*

*pela criança, nas quais ela, alternadamente, imita e se funde com o outro para diferenciar-se dele em seguida, muitas vezes utilizando-se da oposição. (1998, p. 13)*

Consideramos relevante, ao propor reflexões sobre “Minha Cidade é um Morango”, pensar e instigar reflexões junto às crianças sobre o lugar onde moramos, levando em conta aspectos importantes que fazem parte da nossa identidade, além de valorizar a nossa história, mostrando aos nossos alunos que podemos e devemos preservar a história e a cultura da nossa cidade, pois é nela que vivemos.

Segundo Rosemary Specht em seu trabalho de doutorado:

*De um modo geral percebeu-se pelos relatos que a construção de ações que buscam aglutinar o interesse de diferentes atores em torno da cultura do morango, para a formação de uma identidade coletiva, Tal esforço vem sendo empreendido por atores sociais, políticos e institucionais locais, que vêm desenvolvendo iniciativas para legitimar a importância econômica, social, ambiental e política do sistema agroalimentar do morango. (2009, p. 200)*

A autora destaca as articulações para a valorização desse sistema agroalimentar, como o “evento que tem como meta a valorização da imagem do produto: a Festa Nacional do Moranguinho que ocorre em Bom Princípio desde 1985”. De acordo com Specht (2009, p. 201), “ de forma visionaria propuseram e criaram uma festa nacional, no intuito de divulgar a produção de morango do município, então recém-formado, em escalas além da local/ regional”. Em decorrência

da festa a venda de morangos no município teve um crescimento significativo.

*Assim, com a festividade vem contribuindo de forma significativa para a geração de uma identidade dos munícipes vinculada ao morango e esta tem sido bem aceita pela comunidade. No cotidiano é comum encontrarmos a utilização da imagem e o nome do morango no comércio, artesanato e eventos festivos, entre outros.*

*A figura do morango em Bom Princípio está estampada nas placas com os nomes das ruas, no nome e logotipos de restaurantes, posto de gasolina, lojas e mercados. (2009, p. 202)*

Ainda:

*O ponto máximo da exaltação da imagem é o Morangão, obra de construção civil em forma de morango, com mais de sete metros de altura, construído em 2001, no município de Bom Princípio. Além de ser o pórtico da cidade, esta construção foi utilizada como referência de identidade no programa de qualidade denominado “Bom Princípio é Marca”. O logotipo do programa era um selo que tinha como imagem um morango e este selo era colocado nos móveis e cerâmicas produzidos no município. (2009, p. 203)*

**A partir dessas ideias, podemos enfatizar novamente que o Projeto “Bom Princípio é um Morango” surgiu a partir de perguntas dos alunos, expressas numa roda de conversa, na qual brotaram várias questões que nos surpreenderam. Isso, casualmente, tornou-se propício, pois no mês de maio comemoramos o aniversário do nosso Município.**

Inicialmente, as crianças tiveram a oportunidade de observar uma “muda” de morango, que gerou estímulo para fazerem um desenho sobre o que viram. Fala de uma das crianças: “Desenhei a muda do morango bem grande, pois o morango é grande, vermelho e gostoso”.

As crianças também tiveram oportunidade de plantar “mudas” em canteiros na área externa da EMEI Pequeno Príncipe e se sentiram felizes em poder explorar esse ambiente fora da sala. Foi uma oportunidade para que compreendessem melhor de que maneira o cultivo do morango pode tornar-se colaborativo para que haja a construção do conhecimento. Fala de outra criança: “Gosto de plantar mudinhas, também precisamos regar para depois colher morangos e comer”.

No decorrer do projeto foram surgindo muitas sugestões trazidas pelas crianças, como fazer um “morango com chantilly” – que as crianças prepararam sozinhas, com entusiasmo e envolvimento para degustar. Além disso, foi possível observar a maneira com que a alimentação pode ser utilizada no ambiente escolar. Fala das crianças: “Eu adoro comer morango com chantilly”; “Ficou muito gostoso”.

**Para nós, cada criança é um sujeito competente que compartilha pontos de vista, constrói e reconstrói o seu saber com o outro a partir daquilo que já foi vivenciado e observado, desenvolvendo atitudes, hábitos de responsabilidade, cooperação e solidariedade.** Assim, é possível dizer que as crianças participam da construção do conhecimento por meio da elaboração de hipóteses.

Um dos momentos mais interessantes para as crianças foi quando fizemos a saída de campo e visitamos a Prefeitura de Bom Princípio, com o objetivo de realizar a Pesquisa de Opinião com o Vice-prefeito.



*Visita à Prefeitura de Bom Princípio.*

Também observamos o entusiasmo e o envolvimento das crianças quando tiveram a grande oportunidade de conhecer o pórtico “Morangão” por dentro – pois elas nunca tinham visto como era lá em cima, dentro do “Morangão” – e observar uma bela visão do “parque onde acontece a tradicional festa do moranguinho”. Uma das hipóteses das crianças era que o “Morangão” só havia sido construído para que as pessoas pudessem passar por baixo do pórtico.

As crianças também tiveram a oportunidade de conhecer uma plantação de morangos e saborear um delicioso morango colhido na hora. Sem dúvida foi bastante enriquecedor.



*Visita à plantação de morangos.*

Ao retornar para a escola, as crianças fizeram seus registros com desenhos daquilo que mais lhes chamara a atenção, sabendo que o lugar onde moramos faz parte da nossa história. Fala das crianças: “Foi muito legal entrar no morangão e comer os morangos que pegamos”; “Eu adoro comer morango; era vermelho e gostoso”; “Eu colhi um morango meio verde, mas...eu comi era bom...”.

Outra experiência interessante foi que as crianças realizaram pesquisas com suas famílias, com educadoras da EMEI e com pessoas da comunidade.

**Entendemos que o processo de elaboração do conhecimento acontece à medida que a criança explora, experimenta, reflete e estabelece relações, envolvendo-se em diferentes contextos que fazem parte do seu dia a dia.**

Alarcão (2001) acredita que formar é organizar contextos de aprendizagem exigentes e estimulantes, isto é, ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes saudáveis e

o desabrochar das capacidades de cada um com vistas ao desenvolvimento das competências que lhe permitam viver em sociedade.

Diante disso, **cabe a nós, professores, organizar, planejar atividades criativas que favoreçam a aprendizagem e que valorizem a investigação sobre determinado assunto do interesse das crianças.** A cada situação, observamos cada vez mais as crianças interessadas e envolvidas, desencadeando assim a aprendizagem.

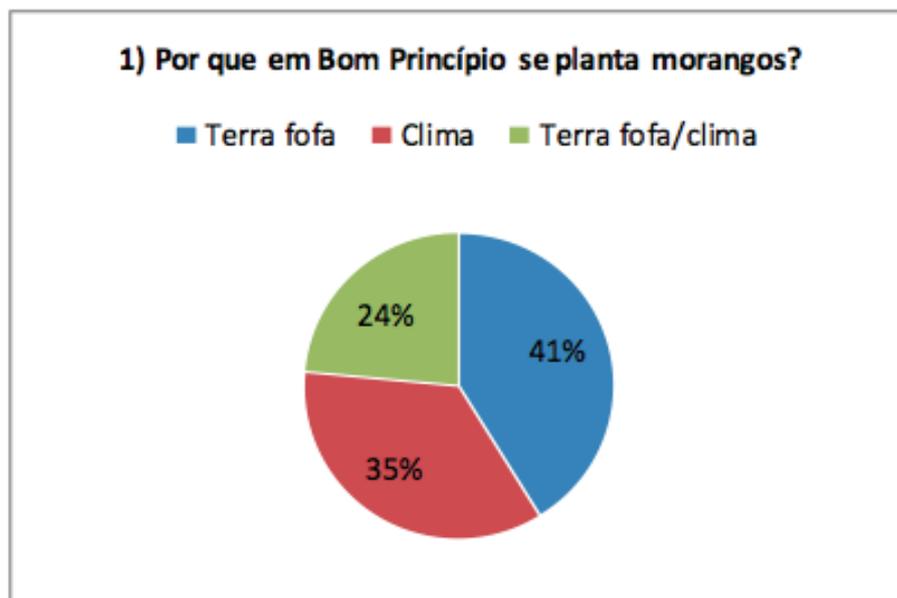
## **A pesquisa de opinião como estratégia**

A metodologia Nepso propõe o desenvolvimento de projetos de pesquisa de opinião, evidenciando aprendizagens significativas que vêm ao encontro das orientações curriculares atuais para a educação básica. Promove experiências de práticas escolares que contextualizam necessidades e realidades, partindo de entrevistas realizadas diretamente com pessoas envolvidas no cerne das questões propostas como problemas e buscando maior compreensão sobre os assuntos. O programa parte do pressuposto de que a pesquisa de opinião pode ter alto valor pedagógico, principalmente porque permite a elaboração de projetos de trabalho multidisciplinares, envolvendo alunos e professores, e cria oportunidades para a escola pesquisar aspectos importantes de sua realidade e de seu entorno.

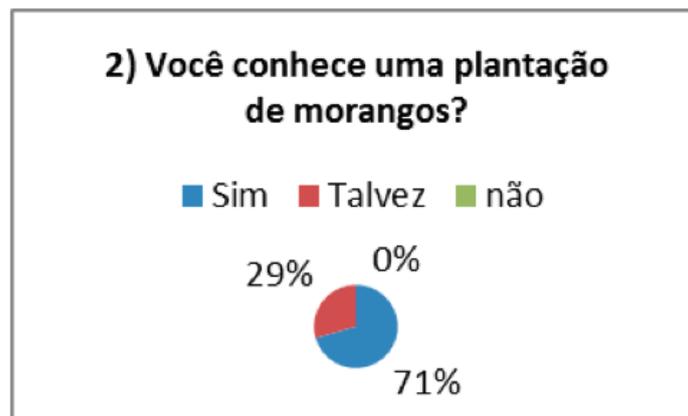
Quando as crianças fazem parte desse processo, isso gera uma sensação de bem-estar. **A criança precisa sair das quatro paredes e ir para a rua conhecer a nossa história e a nossa cultura, da qual faz parte.**

Na segunda etapa da pesquisa, com as informações adquiridas, surgiram discussões e questionamentos em relação ao que estavam descobrindo. O conhecimento que as crianças obtiveram com a saída de campo durante a investigação, quando puderam conhecer o pórtico (“Morangão”) por dentro e uma plantação de morangos, foi assunto do interesse deles. As crianças também confeccionaram fantoches com carinhas para as pessoas manipularem ao responderem as perguntas da pesquisa de opinião.

Na primeira pergunta – “Por que em Bom Princípio se planta morangos?” – 41% responderam que era por causa da “terra fofa/clima”. As crianças aprenderam muito com isso! Para obter morangos deliciosos e de qualidade, o preparo inicial do plantio e o clima favorável são fundamentais, pois as horas mais quentes do dia são impróprias, acelerando a decomposição do morango.



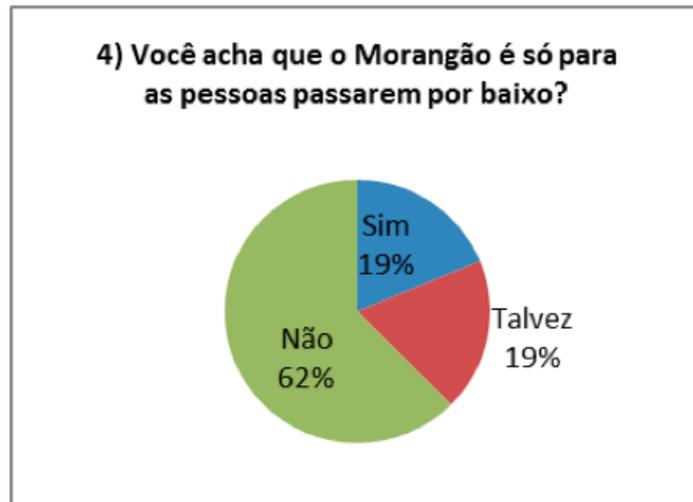
Na segunda pergunta, descobrimos que 71% das pessoas conhecem uma plantação de morangos. Com isso, constatamos que hoje em dia as pessoas não costumam mais plantar mudas de morangos em sua horta em casa, porque é mais fácil consumir comprando o fruto no mercado.



Na terceira pergunta, 81% das pessoas responderam que gostam de comer morangos. A combinação morango com chantilly, por exemplo, é uma excelente ideia, basta ter criatividade que qualquer preparação vai ficar saborosa com essa frutinha.



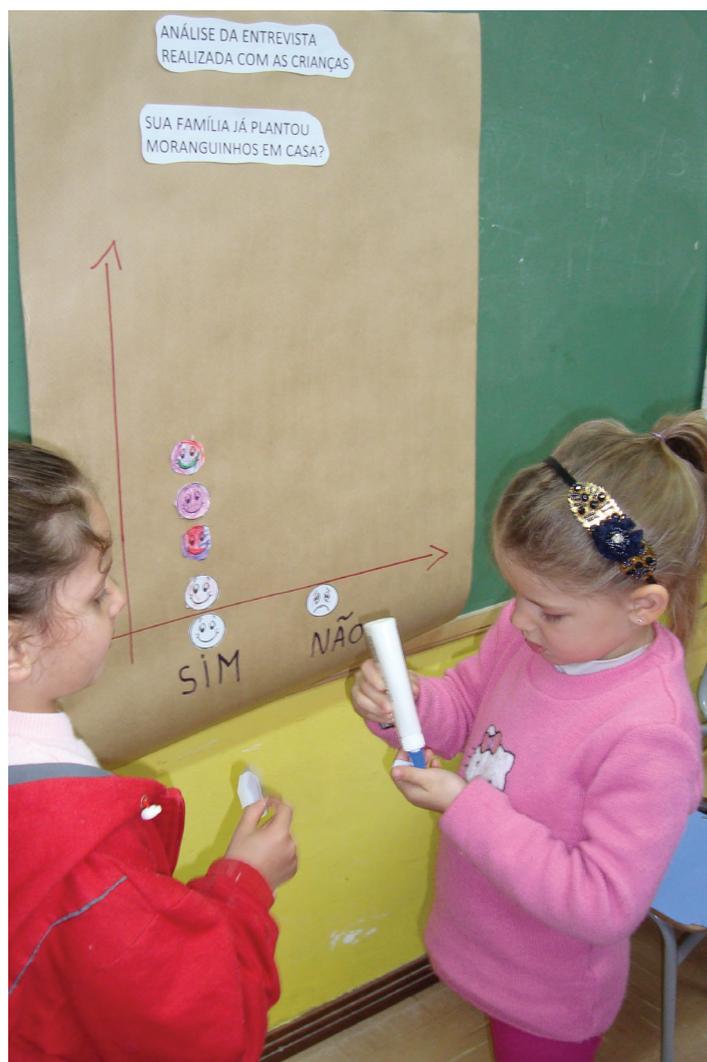
Quando perguntamos se as pessoas achavam que o “Morangão” é só para as pessoas passarem por baixo do pórtico (era uma hipótese inicial das crianças), descobrimos que 19% das pessoas ficaram em dúvida:



Na pergunta “O morangão foi construído por causa da festa?”, a maioria das pessoas respondeu que sim. Além disso, muitos disseram que frequentam a festa, que é uma das festas nacionais mais queridas e prestigiadas pelo público infanto-juvenil, em função do grande apelo da fruta-símbolo, o moranguinho.

Com relação à pergunta final – “O morangão representa os morangos cultivados na nossa cidade?” –, todos responderam que sim.

Com as entrevistas feitas e os dados tabulados, as crianças participaram ativamente da construção dos gráficos:



*Crianças elaborando gráfico.*

As crianças ficaram fascinadas com o que estavam fazendo. Compartilhar tantas informações e vivenciar tudo isso foi gratificante para elas. **A criança como autora quer saber cada vez mais. Com a construção dos gráficos, as crianças tiveram uma visão mais clara sobre a pesquisa.** Ficamos muito impressionadas com o envolvimento delas, um ajudando o outro, sendo que já sabiam das principais respostas das pessoas. Podemos dizer que o nosso trabalho foi

bem sucedido e as metas foram alcançadas. Ao analisarmos os gráficos, além de fazer o registro numa folha xerocada, as crianças chegaram à conclusão de que podemos repensar as respostas, analisá-las de diferentes pontos de vista, e a análise do registro mostrou que existe uma diversidade de maneiras de dar uma mesma resposta. **Outro aspecto relevante foi trabalhar a questão das falas das crianças, na construção de textos coletivos, e o conhecimento lógico-matemático, a partir dos gráficos.**

Todas as etapas transformaram-se em aprendizagens significativas. Muitos pais comentaram sua satisfação em ver que seus filhos já sabiam realizar pesquisa de opinião e, mesmo que ainda tão pequenos, havia uma postura cidadã, uma preocupação de conhecer e explorar o que nossa cidade tem a oferecer de melhor.

## **Considerações finais**

Trabalhar com pesquisa em sala de aula é muito gratificante, é um fator de aprendizagens, é uma oportunidade de melhorar o trabalho pedagógico com base em experiências bem-sucedidas, além de promover momentos lúdicos a partir da curiosidade das crianças, o que faz com que o interesse seja ainda maior durante as aulas. Na verdade, estamos praticando o “aprender junto”, uns com os outros, o construir coletivamente, o partilhar dos resultados.

**Percebemos que os alunos compreenderam melhor como deve ser uma pesquisa: o perfil dos entrevistados, o respeito à opinião dos entrevistados (mesmo sabendo que a alternativa escolhida não era a mais adequada ou**

a esperada), o estabelecimento de relações com o que vivenciaram durante todo o processo.

Convém destacar que a saída de campo enriqueceu mais a pesquisa! Juntos, tornamos o nosso trabalho prazeroso, rico em informações, e vivenciamos experiências curiosas e desafiadoras. Buscamos mostrar como é importante e necessária a participação no cotidiano, interligado com o mundo e suas realidades. Descobrimos com a pesquisa que o “Morangão” foi construído devido à festa (e, com esta descoberta, as crianças ficaram muito satisfeitas com a confirmação da hipótese delas) e que, em Bom Princípio, se planta morangos devido à terra fofa!

O sentido de formação pessoal implica entender a aprendizagem como um processo contínuo e requer uma análise cuidadosa desse aprender em suas etapas, evoluções, avanços e concretizações. Requer redimensionamento dos conceitos que alicerçam tal possibilidade na busca e compreensão de novas ideias e valores. Assim, acredita-se que seja fundamental para o profissional de Educação Infantil perceber-se como aquele educador que precisa, no exercício de sua função, produzir a articulação crítica entre o seu contexto, a teoria educacional e a prática educativa, entre o ser e o fazer educativo, num processo que seja ao mesmo tempo formativo e emancipador, crítico e compromissado e, desta forma, gerar a formação continuada. Conforme Freire (1998), a educação libertadora passou a inspirar novos conceitos que orientam uma nova sociedade baseada nos princípios de liberdade, de participação e de busca pela autonomia.

Vivendo em um mundo em que tudo urge e as mutações ocorrem cada vez mais rápidas, o conhecimento modifica o nosso dia a dia com significados, transformando nosso cotidiano. **Analisando o contexto atual, nossas crianças não serão mais as mesmas e devemos dizer que nem mesmo nós como profissionais seremos!** Agora as crianças sabem que podem fazer pesquisa, descobrir possibilidades a partir de seus conhecimentos, continuar trabalhando as especificações do morango e suas denominações e aguardar ansiosas a culminância da pesquisa na XV Festa Nacional do Moranguinho em nossa cidade, no ano de 2013.

Para finalizar, fazer parte deste processo de aprendizagem foi muito gratificante; se fosse para começar de novo, não mudaríamos nem uma vírgula, pois assim como as crianças aprenderam a fazer pesquisa, nós também aprendemos a pesquisar com elas!

# Referências

---

- ALARCÃO, Isabel. *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre, Artmed, 2001.
- BRASIL, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, Lei n. 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- BRASIL; Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil*. v. 2. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HELM, Judy Harris; BENEKE, Sallee. *O poder dos projetos: novas estratégias e soluções para educação infantil*. Orgs. Judy Harris e Sallee. Trad. Vinicius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- MONTENEGRO, Fábio; RIBEIRO, Vera Masagão. *Nossa escola pesquisa sua opinião: manual do professor*. São Paulo: Global, 2002.
- SPECHT, Suzimary. *O Território do Morango no Vale do Caí-RS: análise pela perspectiva dos sistemas agroalimentares localizados*. 2009. 317f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/>

[da.php?nrb=000725595&loc=2010&l=1ae2d78409d0ec68](#)>. Acesso em: 14 ago. 2013.

STECANELA, Nilda. A Organização do Ensino e seus Elementos Constitutivos. In: STECANELA, Nilda; MORÉ, Marisa Mathilde; ERBS, Rita Tatiana. *Fundamentos da Práxis Pedagógica*. Caxias do Sul: Educs, 2006. 2 v. p.161-180.

# SAÚDE PÚBLICA: DESAFIOS E POTENCIALIDADES NO MUNICÍPIO DE SÃO MARCOS

RUBIANE GUERRA

## Introdução

---

### SOU RUBIANE GUERRA, GRADUADA EM LICENCIATURA

Plena em Letras (Português, Literatura e Espanhol). Sou professora de Língua Portuguesa, Espanhol, Literatura e Seminário Integrado em duas escolas estaduais do município de São Marcos, sendo que ambas estão inseridas no contexto de pesquisa do Nepso. Desenvolvo pesquisas há dois anos acreditando sempre no potencial transformador que elas possuem. Falarei neste artigo como foi desenvolvida a pesquisa em um das escolas que leciono sobre o tema **saúde pública**. Alunos da turma 81<sup>1</sup>.

A saúde é, em âmbito mundial, uma das prioridades dos indivíduos. Em geral, há muitas leis que regem a saúde pública, e esses direitos são garantidos pelas políticas públicas, em especial, no Brasil, pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Segundo a Lei 8.080 que rege o SUS

---

<sup>1</sup> Alunos da turma 81 da Escola Estadual de Ensino Fundamental Orestes Manfro, situada no centro do município de São Marcos. Turma do ano de 2013.

(BRASIL, 1990, p. 01), “a saúde é um direito fundamental do ser humano, devendo o Estado prover as condições indispensáveis ao seu pleno exercício”, estando entre os princípios a divulgação de informações quanto ao potencial dos serviços de saúde e sua utilização pelo usuário. Já na Constituição Federal de 1988, no art. 196, a saúde é vista como direito de todos e dever do Estado, garantida mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos.

Considerando que a saúde pública é uma prioridade nacional, sentimos a necessidade de realizar uma pesquisa de opinião, com o objetivo principal de compreender as potencialidades e desafios encontrados na saúde pública, bem como se a atual legislação está sendo cumprida no município de São Marcos.

A cidade foco dessa pesquisa de opinião é um município situado no nordeste do Rio Grande do Sul e possui, aproximadamente, 22 mil habitantes. Sua economia é baseada na agricultura e na indústria, embora seja conhecida como a cidade dos caminhoneiros.

Neste texto, apresentaremos um parâmetro teórico sobre a saúde pública no Brasil e na cidade de São Marcos, seguindo com a apresentação dos resultados obtidos na pesquisa realizada no município pelos alunos da turma 81 da Escola Estadual de Ensino Fundamental Orestes Manfro, e finalizando com a análise da prática de pesquisa de opinião na sala de aula.

## Saúde pública e seu sistema público: iniciando a pesquisa em sala de aula

O tema aqui exposto e analisado decorre de uma conversa com os alunos da turma 81, após aceitarem o convite para participarem do Nepso.

*O programa Nepso envolve alunos e professores na realização de pesquisas de opinião com caráter pedagógico. Está disseminado em vários estados brasileiros e em países da América Latina e da Europa, constituindo grande rede entre escolas (Instituto Paulo Montenegro e Ação Educativa, 2010, página 43).*

Trabalhar com pesquisa em sala de aula é uma prática inovadora que tende a fugir das metodologias tradicionais, ou seja, uma forma de levar para a sala de aula saberes de forma distinta, despertando o interesse dos alunos.

Segundo Fernandes (2011), a pesquisa em sala de aula desperta o interesse dos alunos e amplia o conhecimento do professor:

*A pesquisa em sala de aula, como instrumento pedagógico, apresenta-se como um meio de contribuição para a aprendizagem do aluno onde este passará de sujeito passivo para ativo na busca pelo conhecimento. O professor, ao incluir em sua prática pedagógica a pesquisa, ou seja, ao educar por meio dela, vai além das aulas expositivas, supera práticas pedagógicas arcaicas, oferecendo ao educando chances para a aprendizagem que não se resumem à cópia e à memorização de livros didáticos. (Fernandes, 2011, página 74)*

Sendo assim, em 2013, resolvi levar a pesquisa para minha

sala de aula pelo segundo ano consecutivo. Trabalhei com uma turma de 9º ano. A escola possuía aproximadamente trezentos alunos de Ensino Fundamental. A minha turma contava com 22 alunos de 13 e 14 anos e desenvolveu a pesquisa nas aulas de Língua Portuguesa. É importante destacar que a turma não foi escolhida, houve o desejo por parte dos alunos de desenvolver a pesquisa porque já haviam realizado pesquisas em outros componentes curriculares e, ao iniciar o ano letivo, manifestaram o interesse em participar novamente. Ao realizar o convite, todos aceitaram com empolgação.

A **escolha do tema** não foi difícil, mas foi bastante questionada. Havia outros temas sendo discutidos, porém o de mais ênfase foi referente à saúde pública. Como sabemos, nesta fase da adolescência, os indivíduos tendem a querer expor suas ideias e ir contra o que pensam estar errado. E foi justamente por isso que os alunos elegeram este tema: para expor os problemas e os potenciais da saúde pública no município onde vivem. Para os alunos, a saúde pública no município apresentava algumas deficiências, e era hora de mostrá-las para possíveis correções.

A escolha do tema foi em conjunto e explanada no quadro. Cada aluno apresentou seu tema ou assunto de interesse, debatemos sobre cada um e, por votação, escolhemos o geral: saúde pública no município de São Marcos (para saber mais sobre essa pesquisa, acesse [http://www.nepso.net/projeto/2537/saude\\_publica\\_desafios\\_e\\_potencialidades\\_no\\_municipio\\_de\\_sao\\_marcos](http://www.nepso.net/projeto/2537/saude_publica_desafios_e_potencialidades_no_municipio_de_sao_marcos)). Ninguém se opôs e todos ficaram satisfeitos com a escolha. Em debate destacamos o que queríamos saber sobre esse tema.

Buscamos materiais em jornais e em sites locais e nos deslocamos ao laboratório de informática para fazermos pesquisas sobre o tema escolhido. Os alunos procuraram as leis que regem nosso município e nosso país, no que se refere à saúde pública. Para as referências, também foi aberto um espaço em sala de aula onde os alunos colocaram o que encontraram em jornais, revistas e na internet num envelope no mural da sala de aula. Após analisarmos e discutirmos o que havíamos encontrado, elaboramos um texto em conjunto com as principais ideias e realizamos cópias para que analisássemos após a pesquisa de campo, para as conclusões.

Os dados que seguem sobre a saúde pública no país e no município de São Marcos foram coletados por mim e pelos alunos e contribuíram muito para o andamento e compreensão da pesquisa.

Para que possamos entrar de fato no assunto sobre saúde pública no município de São Marcos é necessário analisar onde se tornou prioridade e as definições dadas à “saúde pública” para que tenhamos um entendimento global do tema. Segundo Filkelman:

*A saúde emergiu como efetiva prioridade de governo no Brasil no começo do século XX, com a implantação da economia exportadora de café, na região Sudeste. A melhoria das condições sanitárias, entendida então como dependente basicamente do controle das endemias e do saneamento dos portos e do meio urbano, tornou-se uma efetiva política de Estado, embora essas ações estivessem bastante concentradas no eixo agrário-exportador e administrativo formado pelos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. (FILKELMAN, 2002, p. 117).*

Há várias definições de saúde no mundo de hoje, mas todas nos indicam o lado positivo da palavra. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde é um estado de completo bem estar físico, mental e social e não meramente a ausência de doença ou enfermidade. Segundo Dubos (1968, p. 34), “é uma qualidade da vida que envolve a aptidão social, emocional, mental, espiritual e biológica por parte do indivíduo, resultante das adaptações ao meio ambiente”.

Terris (1992) diz que a saúde pública é “a arte e a ciência de prevenir a doença e a incapacidade, prolongar a vida e promover a saúde física e mental mediante os esforços organizados da comunidade”. Para Pires Filho (1987), saúde pública é:

*(...) um campo diferenciado do saber da prática de saúde. É uma especialidade que se distingue das demais porque se volta para o coletivo. Exige para seu desenvolvimento conhecimentos específicos e altamente diferenciados. Possui uma racionalidade própria, em geral, de domínio exclusivo daqueles que nela são iniciados, sobre quem repousa, também, a responsabilidade pelo aporte e o enriquecimento desse instrumental básico e científico. (PIRES FILHO, 1987, p. 06).*

A saúde pública no Brasil é regida por sistemas, os quais são “construções sociais que têm por objetivo garantir meios adequados para que os indivíduos façam frente a riscos sociais, tais como o de adoecer e necessitar de assistência, para os quais, por meios próprios, não teriam condições de prover” (Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2010).

Dessa forma, entende-se que os sistemas de saúde têm o dever de garantir o bem estar dos cidadãos.

Segundo Elias (2011), o sistema de saúde brasileiro é constituído por pelo menos dois subsistemas: um governamental (SUS) e outro privado (SSAM – Sistema Suplementar de Assistência Médica). O que iremos analisar com mais detalhe é o Sistema Único de Saúde, pois está presente em todos os municípios:

*O Sistema Único de Saúde, o SUS, é formado pelo conjunto de todas as ações e serviços de saúde prestados por órgãos e instituições públicas federais, estaduais e municipais, de administração direta e indireta e das fundações mantidas pelo poder Público. À iniciativa privada é permitido participar desse Sistema de maneira complementar. (MDS, 2000, p. 42).*

## Saúde pública no Município de São Marcos

A saúde pública é de suma importância nas administrações dos municípios e em São Marcos também é uma das prioridades. Segundo a lei orgânica do município de São Marcos, art. 9, “é dever do município zelar pela saúde, higiene, segurança e assistência públicas”. Ainda sobre a lei orgânica, art. 128, que trata especificamente da saúde pública:

*A saúde é direito de todos os munícipes e dever do Poder Público, assegurada mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. (SÃO MARCOS, 1990, p. 34).*

São Marcos possui um site onde são apresentados dados sobre o município, bem como sobre a saúde pública ([www.saomarcos-rs.com.br](http://www.saomarcos-rs.com.br)). Nesse site, são apresentadas campanhas de prevenção, ações desenvolvidas pela secretaria e seus objetivos. Entre esses objetivos estão: gestão plena do Sistema Único de Saúde (SUS), tal como formulação e implantação de políticas, programas e projetos que visem à promoção de uma saúde de qualidade à população são-marquense. A secretaria também assume o serviço de assistência social no município, ou seja, o cadastramento e auxílio às famílias de baixa renda e o cadastramento e auxílio na melhoria das condições de habitabilidade aos moradores carentes do município. Por isso, formula programas para a construção ou recuperação de habitações populares. (SÃO MARCOS, 1990. p. 3).

Na cidade de São Marcos, a saúde pública tem suas diretrizes no Plano Diretor e nas leis que regem o município. Os objetivos e prioridades da Secretaria de Saúde do Município, segundo o site oficial do município, são:

*A Secretaria Municipal de Saúde é responsável pela atenção à saúde pública e básica em São Marcos; bem como pelo atendimento ou encaminhamento nas mais diversas especialidades clínicas em ambulatórios e serviços especializados; convênios com instituições de saúde para atendimento das especialidades não contempladas pelo município; além de transporte médico e hospitalar, fornecimento de medicação básica, formação e incentivo aos grupos de apoio. Também, é responsável pelos Postos de Saúde, os PSFs (Programas de Saúde da Família) e o Centro Ocupacional Sol Nascente. (Disponível em: <<http://www.saomarcos-rs.com.br/?ir=saude>>. Acesso em: 1º ago. 2013)*

Em relação ao plano diretor do município, as diretrizes referentes ao Sistema de saúde pública são: implantação do SUS; consolidação e garantia da participação social no SUS; promoção da descentralização do Sistema Municipal de Saúde; promoção da melhoria da gestão, do acesso e da qualidade das ações, serviços e informações de saúde; democratização do acesso da população aos serviços de saúde de modo a promover a implantação da Estratégia da Saúde da Família (ESF) articulada aos demais níveis de atuação do SUS e desenvolver programas e ações de saúde tendo como base a territorialização, a priorização das populações de maior risco, a hierarquização dos serviços e o planejamento ascendente das ações; implementação da rede hierarquizada de atendimento hospitalar de modo a reconstruir, redimensionar e ampliar os serviços hospitalares em relação à sua demanda potencial; ampliação da rede física de atendimento, adequando-as às necessidades da população; implantação da Vigilância à Saúde no Município de São Marcos, incorporando a vigilância sanitária, epidemiológica, ambiental e saúde do trabalhador.

Segundo o site municipal de São Marcos, há vários programas desenvolvidos pela Secretaria de Saúde:

| <b>Serviço</b>                 | <b>Objetivos/Descrição</b>  |
|--------------------------------|---|
| Projeto de Vigilância em Saúde | Visa à organização e execução de práticas em saúde.                       |
| Vigilância Sanitária           | Visa à proteção a saúde por meio de estratégias, educação e fiscalização. |

| <b>Serviço</b>                               | <b>Objetivos/Descrição</b>   |
|--|--|
| Projeto de Vigilância Epidemiológica         | Controla as doenças de relevância para a saúde pública, através de investigação, monitoramento e adoção de medidas preventivas.  |
| Vigilância Ambiental                         | Trabalha para o controle ambiental, para promover a saúde, controle da dengue, da febre amarela, dos borrachudos e da água para consumo humano.                                      |
| Vigilância da Saúde do Trabalhador           | Notifica acidentes de trabalho e apresenta sugestões de mudanças no ambiente de trabalho.  |
| Programa Saúde Toda Hora                     | Serviço de Atendimento Móvel de Urgência “Samu”. Tem como foco diminuições de índices de mortes e sequelas em traumas e doenças agudas. Implantado em 25/02/2011.                    |
| Programa Saúde Mais Perto de Você            | É a estratégia de agentes comunitárias de saúde, no total 12 agentes coordenadas por uma enfermeira, que visitam as casas.   |
| Programa Atenção Integral à Saúde da Criança | Conta com a vacinação, teste do pezinho, teste da orelhinha, consulta com pediatra e acompanhamento de uma enfermeira para as crianças.  |
| Primeira Infância Melhor (PIM)               | É o programa de orientação às famílias para o acompanhamento da criança, desde a gestação até os 6 (seis) anos de idade com vista à promoção do desenvolvimento integral da criança. |

| <b>Serviço</b>                                | <b>Objetivos/Descrição</b>  |
|---|---|
| Programa de Atenção Integral à Saúde Bucal    | Possui atendimentos individuais para a higiene bucal.   |
| Projeto de Atenção Integral à Saúde da Mulher | Visa o pré-natal, planejamento familiar, exames de prevenção do câncer do colo, útero e mamas.  |
| Projeto de Atenção Integral à Saúde Mental    | É um grupo de apoio e entre-ajuda, acolhimento em saúde mental para posterior encaminhamento, atendimentos individuais com crianças, adolescentes, adultos e idosos, com oficinas terapêuticas para doenças mentais e com necessidades especiais. |
| Grupos de Saúde Preventiva                    | Envolve ações voltadas à prática de atividade física, com objetivo de melhorar a qualidade de vida.   |
| Grupo de Tabagismo                            | Busca e envolve ações de prevenção e tratamento do hábito de fumar.   |

Fonte: Prefeitura Municipal de São Marcos. (Disponível em: [www.saomarcos-rs.com.br](http://www.saomarcos-rs.com.br). Acesso em: 14 mai. 2014).

Como já mencionado, todas as leis que regem a saúde pública do município e todos os projetos estão disponíveis no site oficial da prefeitura municipal ([www.saomarcos-rs.com.br](http://www.saomarcos-rs.com.br)). Isso significa que todos os cidadãos do município possuem acesso para que possam cobrar seus direitos, porém não há dados que demonstrem o que a população pensa sobre a saúde pública no município.

Concluimos esta etapa da pesquisa com muitos conhecimentos adquiridos. Porém, percebi que os alunos não conheciam o Centro de Saúde do Município e ainda permaneciam com várias dúvidas sobre o sistema de saúde. Decidi então conversar com os responsáveis pela Secretaria de Saúde de São Marcos, para que esclarecessem as dúvidas dos alunos. Fomos convidados a visitar as dependências do Centro Municipal de Saúde do município – Centro Municipal Nossa Senhora de Lourdes, também conhecido como Secretaria da Saúde. Fomos recepcionados pela Secretária de Saúde Marieli Beatris Sandri Brochetto e convidados a ouvir explicações dos profissionais da área da saúde que atendem no local: secretárias, enfermeiras, médicos, dentistas, assistentes sociais, equipe do Samu, responsáveis pela farmácia, ginecologista, responsáveis pelos postinhos, entre outros. Todos os profissionais explicaram aos alunos seu trabalho e tiraram dúvidas. Muito organizados, um profissional só entrava na sala quando o outro já havia saído, para que o trabalho continuasse na Secretaria. Após a explanação das atividades e um bom lanche, a secretária nos conduziu para o conhecimento da estrutura do Centro. Para cada local houve uma explicação. Na parte dos exames laboratoriais os profissionais deixaram os alunos visualizarem uma célula do sangue no microscópio, o que chamou muito a atenção deles. Após percorrermos toda a estrutura, finalizamos com os serviços prestados pelo Samu. A equipe toda explicou os procedimentos necessários para ocorrências (uma das reclamações da comunidade era que demorava no atendimento) e realizou uma simulação com dois alunos.

Ao passarmos uma manhã na Secretaria de Saúde, voltamos com muitas informações e muito conhecimento, prontos para seguirmos com a pesquisa, com mais determinação.



*Exploração do tema de pesquisa: visita da turma 81 ao Centro Municipal de Saúde.*



*Exploração do tema: alunos analisam célula do sangue no laboratório do Centro de Saúde.*

## Saúde pública: o que pensam os são-marquenses?

Com o tema escolhido e aprofundado, iniciamos a elaboração do projeto de pesquisa. Segundo Santaella (2000), “o projeto é apenas uma das etapas da pesquisa. Ele serve de guia para a execução propriamente dita e esta, por sua vez, deve ser seguida de sua apresentação em forma comunicável, na imensa maioria das vezes, através da escrita”. Sendo assim, antes de irmos a campo, elaboramos conjuntamente o projeto de pesquisa que continha tema, objetivos (geral e específico), problema, justificativa, hipóteses, metodologia, amostra/ população, recursos, cronograma, referencial bibliográfico, referências e, por último, o questionário. Para tal, os alunos receberam uma folha onde estavam dispostas todas as etapas do projeto para que acompanhassem e interagissem com todo o processo.

Para cada etapa do projeto de pesquisa desenvolvemos estratégias diversificadas. A escolha do tema e o referencial teórico já foram mencionados aqui. O objetivo geral já tínhamos definido – analisar como a política pública de saúde está sendo efetivada no município de São Marcos, a fim de identificar os desafios e as potencialidades que são percebidos pela população que necessita do serviço – e foi elaborado coletivamente no quadro negro utilizando as perguntas “o que queremos fazer?” e “para quê?”. A amostragem, recursos e hipóteses também foram elaborados coletivamente no quadro. A justificativa foi realizada, primeiramente, em pequenos grupos onde os alunos deveriam escrever por que

o assunto é importante e apresentar aos colegas. Depois juntamos o tudo o que foi produzido e elaboramos um único texto. Organizamos todo o projeto de pesquisa e decidimos então **elaborar o questionário**.

Após a visita, que nos auxiliou muito, iniciamos a elaboração do instrumento de pesquisa. Devido ao fato dos alunos terem conhecimentos novos, o questionário de pesquisa foi finalizado com vinte e sete questões abertas e fechadas. Foi um momento de grande entusiasmo. Apesar de já terem participado da pesquisa em outros anos, os alunos não haviam participado das etapas e, sendo assim, se viram mais confiantes em participar. Como já conheciam o funcionamento da secretaria, as perguntas foram direcionadas para saber se as pessoas do município também sabiam e o que achavam. A elaboração do questionário foi realizada da seguinte maneira: os alunos, em grupos, elaboraram perguntas que gostariam de fazer à comunidade; em seguida, reunimos as questões e lemos cada uma, decidindo se iriam ao questionário final ou não, promovendo a participação e reflexão de todos os alunos na construção do mesmo. **Como se sentiam pesquisadores, os alunos não viam a hora de ir para as ruas entrevistar as pessoas e ouvir suas respostas – estavam eufóricos para pesquisar. Foi, sem dúvida, um dos momentos mais gratificantes da pesquisa.**

Organizamos o questionário em partes: dados de identificação, para sabermos de onde a pessoa era, idade, profissão; conhecimentos sobre a saúde pública, se a pessoa conhecia e sua opinião; algumas questões abertas, para que a pessoa desse sua opinião livremente. Desta forma, notamos

que, aos poucos, conseguíamos a atenção do entrevistado, pois este, primeiramente falando de si e, depois, sobre o tema específico, ficava à vontade, “quebrando o gelo”.

Antes de irmos a campo, realizamos o pré-teste. O pré-teste serve para que os alunos se conectem com a pesquisa e para que possamos ver se nossas perguntas estão claras. Decidimos que ele deveria ser com pessoas que conhecíamos, pois assim ficaria mais fácil fazermos as perguntas e estaríamos mais livres para questionar. A turma decidiu então realizar o pré-teste com os pais ou responsáveis. Levamos os questionários para casa e, na aula seguinte, debatemos o que deveria ser acrescentado, retirado ou alterado. Poucas coisas, na verdade, foram modificadas: foram acrescentadas algumas alternativas e mais uma pergunta. Havíamos xerocado os questionários frente e verso e após o pré-teste decidimos imprimir em duas folhas para melhor manuseio durante a pesquisa. **O pré-teste deu segurança aos alunos para irem a campo realizar a pesquisa com pessoas desconhecidas.**

Com o instrumento finalizado, fomos às ruas para que se realizasse a pesquisa. Saímos a campo em dois dias, pois não conseguimos completar a tarefa em um único dia. Os alunos estavam tão empolgados que não deram atenção aos pingos de chuva que caíam no primeiro dia. Cada aluno realizou, aproximadamente, quatro questionários, sempre em duplas para que um entrevistasse e o outro observasse a reação do entrevistado. Todos os alunos da turma realizaram entrevistas, até os mais tímidos. Voltamos à escola em meio a comentários e fatos engraçados vivenciados durante a pesquisa, como pessoas que reclamavam da saúde pública e depois diziam

que estava boa, pessoas que chamavam para responder as perguntas, recomendações do que fazer com os resultados da pesquisa, entre outros.

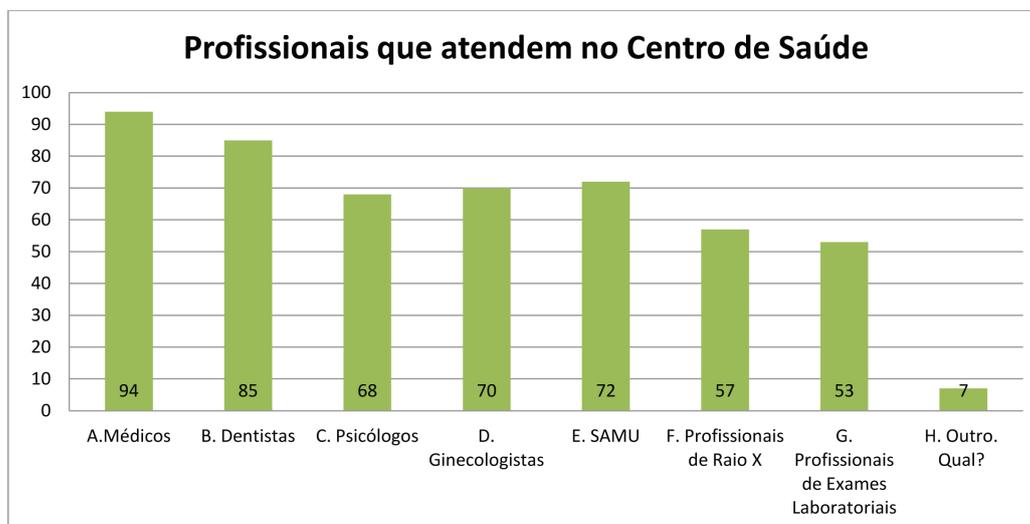
Para a **tabulação dos dados** eu tinha a ideia de utilizar o laboratório de informática, com o programa específico. Porém, a maioria dos alunos não tinha acesso ao laboratório e não conseguiu realizar a tabulação, então voltamos à tabulação manual. Cada aluno recebeu um questionário, um aluno lia a pergunta e os demais erguiam seus braços para a alternativa que estava assinalada. As respostas eram somadas e anotadas em folha específica. **Era inevitável, a cada pergunta, os comentários dos alunos, alguns indignados pelo resultado, outros já comparando respostas.**

As conclusões também foram formuladas coletivamente. Após a confecção dos gráficos, para a qual elaborei uma oficina de construção e análise, projetei os gráficos e chegamos às primeiras conclusões acerca de cada pergunta. **De forma alguma induzi os alunos às conclusões, todas foram realizadas por eles, seguidas de discussões e análise da fala e das reações dos entrevistados.**

Entrevistamos 100 pessoas do município de São Marcos, escolhidas quase aleatoriamente, apenas levando em consideração a idade – acima de dez anos, devido ao tema exposto.

Quanto à idade e ao sexo dos entrevistados, a maioria era do sexo feminino (79%) e acima de 40 anos de idade (47%). A maior parte dos entrevistados trabalhava com o comércio e vinha de todas as localidades do município, com ênfase aos moradores do bairro Centro (41%).

Um número bem expressivo (93%) disse conhecer o Centro de Saúde, embora muitos, após a pergunta ser feita questionassem “se é o postinho de saúde do centro”. Quando perguntados se conheciam o funcionamento do Centro, a maioria disse que sim (82%), porém, notou-se que apenas conheciam o atendimento e a farmácia, os demais setores eram desconhecidos e alguns não sabiam que a parte administrativa era realizada no próprio local. Quanto aos profissionais que atendem no Centro, pôde-se analisar, com base no material coletado, que os munícipes sabiam, em parte, quais eram os profissionais que trabalhavam no local, conforme gráfico:



Entre os “outros” citados no gráfico estão pediatras, atendentes e profissionais da higienização. O que se pode concluir é que os munícipes não conheciam todos os profissionais que desenvolvem trabalhos no Centro de Saúde como, por exemplo, os profissionais que trabalham com

exames laboratoriais, que muitas vezes não são lembrados por não estarem diretamente em contato com a comunidade.

Quando questionados se o número de profissionais era suficiente para a população, a maioria considerou que não era suficiente (76%). Pode-se verificar, pelo site do município de São Marcos, que há uma relação de um médico para cada 744,56 habitantes no município. Segundo o Ministério da Saúde (2013, p. 2), no Brasil a taxa de médicos é de um médico para cada 555,55 habitantes (1,8 para mil habitantes). A meta é alcançar 2,5, já que é a média dos países com melhor sistema de saúde. Sendo assim, o município de São Marcos está abaixo da média do país no índice de médicos por habitantes, o que justifica a preocupação e as respostas dos entrevistados.

Referente ao cartão do SUS, ou, como é conhecida no município, “Carteirinha do SUS”, 90% dos entrevistados sabem que ela existe. Alguns até mostraram sua carteirinha aos pesquisadores. Sobre o uso de ambulância, 46% dos entrevistados responderam que ou eles ou alguém da família já tinham utilizado os serviços da ambulância para se dirigirem a outros municípios. No encontro com a Secretária de Saúde, tornou-se claro que os pacientes que não podem ser atendidos aqui no município são encaminhados a outras cidades para que sejam atendidos.

Embora tivéssemos como hipótese inicial que a maioria dos munícipes possuíam planos de saúde particulares e que não consultavam no Centro de Saúde, 82% dos entrevistados disseram já terem utilizado os serviços. Podemos avaliar, assim, a importância da saúde pública no município.

Quando questionados sobre a saúde pública em São Marcos, os munícipes responderam:

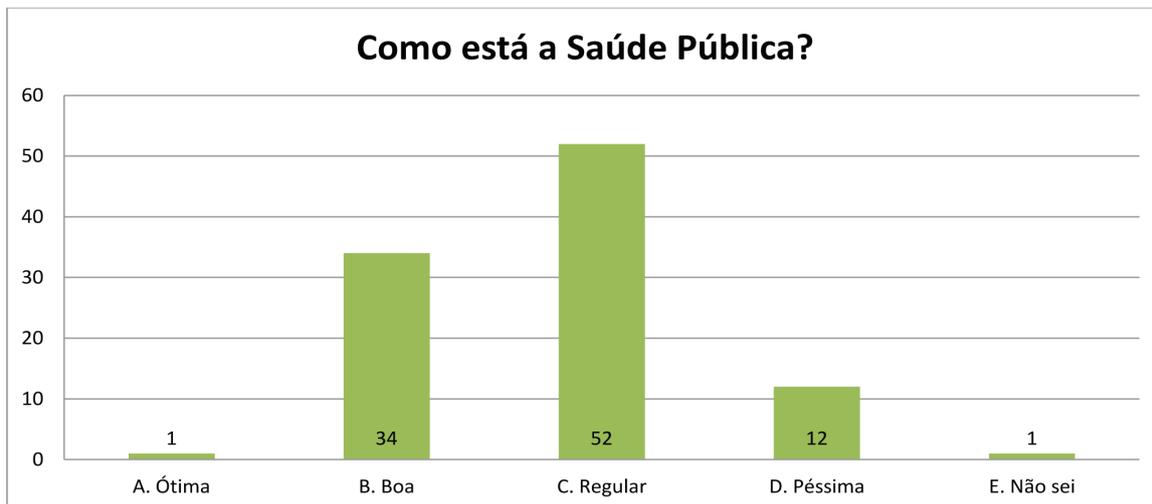


Gráfico 2

A maioria das pessoas respondeu que a saúde pública no município de São Marcos está regular. Contudo, as expressões faciais dos entrevistados denotavam que não estavam felizes com a saúde pública. Muitos alunos ouviram reclamações sobre o tema, mesmo antes de começarem a perguntar, ou seja, assim que se identificavam e falavam que a pesquisa era sobre saúde pública, os entrevistados realizavam várias queixas, salientando questões que precisavam ser modificadas e/ou verbalizavam alguma situação desagradável ocorrida na Secretaria de Saúde. Contudo, não podemos desconsiderar a quantidade de pessoas que responderam que a saúde pública está boa (34%). Apenas 12% responderam que está péssima. Levando em conta os números, pode-se dizer que a saúde pública está regular, mas que, em âmbito comparativo, a atual

situação da saúde pública do município de São Marcos está em conformidade com o esperado pela população.

No que se refere ao atendimento na Secretaria, os entrevistados não estão satisfeitos, visto que 56% disseram que já enfrentaram filas ou problemas no atendimento. Segundo os entrevistados, as principais mudanças que poderiam ser realizadas no Centro estão relacionadas a esse problema.

Levando em consideração que há um posto central, perguntamos se nos bairros onde as pessoas residem existem postinhos (Unidades Básicas de Saúde) e 56% delas responderam que sim, que há, sendo que, destas, 26% afirmaram que o atendimento é regular, 24% responderam que está bom e apenas 6% disseram que é ruim.

Há no Centro Municipal de Saúde a Farmácia Popular, onde são distribuídos gratuitamente medicamentos aos munícipes, mediante receita médica. Na pesquisa, foi questionado se as pessoas já precisaram da farmácia e 71% responderam que sim. Em decorrência dessa questão, perguntou-se se as pessoas achavam que na farmácia havia todos os tipos de remédios, para todas as doenças, e 94% das pessoas responderam que não havia. Em palestra aos alunos da turma 81, a responsável pela farmácia do Centro explicou que muitos medicamentos não estão à disposição no Centro pelo fato de serem financiados pelo governo do Estado e que alguns demoram a chegar à farmácia.

A pesquisa aconteceu no inverno e isso fez com que os entrevistadores questionassem a respeito das vacinas da gripe. O município de São Marcos, assim como toda a região,

apresenta temperaturas baixas nessa época do ano, deixando muitas pessoas gripadas. Quando questionados sobre se eram a favor de só haver vacinação gratuita contra a gripe para os grupos de risco, 96% dos entrevistados responderam que discordavam do procedimento, considerando que o ideal seria ter vacinas gratuitas para todas as pessoas. Os grupos de riscos são escolhidos por serem mais suscetíveis a doença. Ao serem vacinados, além de se protegerem, contribuem para evitar a disseminação do vírus pelo resto da população. Em 2013, o grupo de risco abrangeu crianças de seis meses a dois anos, gestantes, pessoas com 60 anos ou mais, indígenas, pessoas privadas de liberdade, profissionais de saúde, mulheres que tiveram filhos há 45 dias ou menos e pessoas com doenças crônicas. Segundo a Associação Médica Brasileira (BRASIL, 2013, p. 1), em 2012, 26 milhões de pessoas foram imunizadas, o que representa 86,3% da população-alvo. Estudos associados ao tema demonstram que a vacinação pode reduzir de 32% a 45% o número de hospitalizações por pneumonias e de 39% a 75% a mortalidade global. A ideia é reduzir a mortalidade e evitar complicações e internações provocadas por infecções pelo vírus da gripe.

Segundo dados da Secretaria de Saúde, constatados no dia da visitação ao Centro, agentes comunitárias passam nas casas para auxiliar os moradores. Questionados sobre se receberam alguma visita, 57% responderam que não. Os demais (43%) destacaram que receberam. Porém, apenas metade das pessoas entrevistadas gostaria de receber a visita, segundo a pesquisa.

Analisou-se também o Samu no município de São Marcos. Um fato importante a ser ressaltado aqui é que as ligações do município não são direcionadas para o Centro de Atendimento. Quando solicitado o atendimento, as ligações são encaminhadas para a central de regulação da cidade de Porto Alegre e, depois, repassadas para São Marcos, onde um questionário deve ser preenchido. O atendimento à ocorrência só é realizado após esses procedimentos. Muitos fatos evidenciam a demora no atendimento e há muita reclamação. Frente a isso, perguntou-se às pessoas se possuíam conhecimento sobre o Samu e 96% responderam que sabiam o que é o serviço, mas apenas 24% dos entrevistados já precisaram dele. Dos entrevistados que precisaram dos serviços, 14% acharam o atendimento ótimo, 6% regular e 4% péssimo. Ainda sobre o Samu, 84% das pessoas sabiam que a regulação ocorre em outra cidade e as demais desconhecem o fato. Quando questionadas se esse procedimento atrasa o atendimento pelos profissionais no município, 95% disseram que sim.

Uma das perguntas do questionário era sobre o que, na opinião dos entrevistados, poderia ser melhorado no município referente à saúde pública. Abaixo, o quadro das principais reivindicações dos munícipes:

| <b>Melhorias</b>                          | <b>Evidências</b> |
|---|-------------------|
| Melhor atendimento na Secretaria de Saúde | 37                |
| Mais médicos                              | 29                |
| Mais especialistas                        | 17                |
| Ligações do Samu                          | 14                |

| Melhorias                      | Evidências |
|--------------------------------|------------|
| Não sabe                       | 8          |
| Tudo                           | 6          |
| Nada                           | 3          |
| Mais remédios                  | 3          |
| Qualificação dos profissionais | 3          |
| Organização                    | 2          |
| Atendimento 24 horas           | 2          |
| Mais exames                    | 1          |
| Mais consultas                 | 1          |
| Hospital do Sistema Público    | 1          |

Percebe-se que as principais reivindicações dos entrevistados são por melhor atendimento e por mais médicos. Porém, não é somente no município de São Marcos que esse assunto é preocupante. De fato, vive-se uma crise de médicos em todas as regiões do Brasil. Há pouco tempo, foi lançado o Programa Mais Médicos, organizado pelo governo federal para a contratação de mais médicos a fim de atender a sociedade:

*O Programa Mais Médicos faz parte de um amplo pacto de melhoria do atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde, que prevê mais investimentos em infraestrutura dos hospitais e unidades de saúde, além de levar mais médicos para regiões onde há escassez e ausência de profissionais. Com a convocação de médicos para atuar na atenção básica de municípios com maior vulnerabilidade social e Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI), o Governo Federal garantirá mais médicos para o Brasil e mais saúde. A iniciativa prevê também a expansão do número de vagas de medicina e de residência médica, além do aprimoramento da formação médica*

no Brasil. (Portal da Saúde. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/cidadao/acoes-e-programas/mais-medicos>)

Como se sabe, e já mencionado neste artigo, há no Brasil 1,8 médicos por mil habitantes e a meta de atingir 2,5 médicos para cada mil pessoas, segundo o site do *Estadão* (2013, p. 1). Para suprir o déficit, o governo quer trazer estrangeiros para atuar em diversas áreas distantes e nas periferias, com contrato temporário de até 3 anos. Segundo este mesmo jornal, para atingir essa meta, o país deveria de ter mais 168.424 médicos. Inicialmente, a ideia do governo federal foi abrir as inscrições para médicos brasileiros e, posteriormente, a médicos estrangeiros que se interessarem pela oferta brasileira. Mesmo assim, acredita-se que há falta de profissionais capacitados para atendimento de tamanha população.

De fato, no município de São Marcos há muito a melhorar, porém não se pode dizer que isso é negativo, já que as demais questões mostram que, em parte, os entrevistados estão satisfeitos com a saúde pública.

Para finalizar, os alunos entregaram o projeto e as **conclusões da pesquisa** para minha avaliação. Escolhi um para que ficasse anexado nos projetos da escola. Os alunos elaboraram também um blog para mostrar à comunidade o resultado das pesquisas ([www.saudepublicanepso.blogspot.com.br](http://www.saudepublicanepso.blogspot.com.br)), que foi muito elogiado e acessado. O material era postado no blog pela professora após cada etapa percorrida. Finalizado o projeto, uma nota sobre a pesquisa dos alunos foi publicada em um jornal local.

A **apresentação da pesquisa** foi realizada no Seminário Nepso, na Universidade de Caxias do Sul, onde o curso é ofertado. Quatro alunos deveriam apresentar as pesquisas, porém os alunos não concordaram, acharam injusto todos terem realizado a pesquisa e apenas quatro apresentarem. Decidimos, então, organizar um vídeo para apresentar os resultados, pois, em tese, todos estavam apresentando. No vídeo, com a camiseta do Nepso, os alunos contaram como realizaram a pesquisa, as principais conclusões e o que mais marcou nesse processo.



*Alunos pesquisadores da turma 81 após gravarem o vídeo para a apresentação dos resultados.*



*Filmagem com os resultados da pesquisa e fatos relevantes do percurso.*

## Considerações finais

De fato, podemos concluir que a saúde pública vem ganhando destaque nos dias atuais. Muitas campanhas são realizadas, mas as pessoas só dão valor a ela quando necessitam de algum serviço, seja por doença, seja por questões financeiras.

Na pesquisa de opinião realizada conseguimos perceber que os munícipes de São Marcos não acreditam que a saúde pública esteja ruim, porém listam várias coisas para sua melhoria. A hipótese que tínhamos antes da pesquisa era que várias reclamações seriam levantadas e vários problemas identificados. De fato, uma das principais reclamações faz referência ao atendimento prestado à população na Secretaria de Saúde, talvez devido ao estado em que a pessoa chega, com dor e ânsia de ser atendida, provocando, dessa forma, o desejo de

maior compreensão e agilidade dos atendentes da Secretaria. Também podemos dizer que, de acordo com a pesquisa de opinião realizada, a população não tem muito acesso às ações da Secretaria de Saúde, bem como às campanhas de prevenção. Um exemplo disso é a atuação das agentes comunitárias, desconhecida por muitos dos entrevistados.

Os objetivos da Secretaria de Saúde, apresentados neste texto, são atingidos: a secretaria é responsável pela atenção à saúde pública e básica, atende ou encaminha nas mais diversas especialidades clínicas, possui convênios com outras instituições para o atendimento das especialidades não contempladas pelo município, transporte médico e hospitalar, fornece medicação básica. Nos postinhos (UBSs) dos bairros, o atendimento é bom, as pessoas utilizam o serviço de ambulâncias para se deslocar para outras cidades e há a Farmácia Popular, que pode ser utilizada pelos munícipes.

Ainda em relação aos objetivos da Secretaria de Saúde, há a implantação de políticas, programas e projetos que visam à promoção da saúde e à qualidade de vida. Como foi visto, há vários projetos sendo desenvolvidos pela Secretaria de Saúde. Acredita-se que apenas devem ser mais divulgados à comunidade para que a população saiba, por exemplo, que há profissionais de diversas áreas dispostos a atendê-los.

Referente ao Samu e demais serviços, os entrevistados acreditam estar bom, ou seja, o poder público está fazendo o que está previsto em lei, assegurando o bom andamento dos serviços de Saúde.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), “um sistema de saúde precisa de pessoal, recursos, informações,

materiais, transporte, comunicação e orientação e direção geral”. O que podemos dizer sobre a saúde pública de São Marcos é que há preocupação com a divulgação dos trabalhos realizados pela Secretaria. Por exemplo, a disponibilidade da secretária Marieli Beatris Sandri Brochetto, que atendeu com eficiência e atenção aos alunos e professores. Além disso, todos os profissionais ouvidos nesse dia – médicos, ginecologistas, dentistas, profissionais de exames laboratoriais, equipe do Samu, entre outros – se mostraram atenciosos e dispostos a esclarecer dúvidas.

Entre as melhorias demandadas pelos entrevistados estão, como prioridade, o atendimento no Centro de Saúde e o número de médicos. De fato, é preocupante saber que a média de médicos é um para cada 744 habitantes. Caso metade da população fique doente ao mesmo tempo, por exemplo, teremos um grave problema. A população está acostumada a analisar isso baseada em fontes jornalísticas e não conhece o que acontece na realidade. Segundo explicações em rádios locais, as leis municipais dizem que nenhum profissional pode ter o salário maior que o prefeito municipal. Sendo assim, o salário oferecido aos médicos é considerado baixo, o que desestimula mais médicos a se candidatarem às vagas, em concursos públicos, para assumir o cargo. A falta de médicos, porém, não é um problema que se possa solucionar apenas com a vontade da administração. Na conclusão deste trabalho, observamos, em leituras referentes ao município, que mais dois médicos foram contratados e já estão atuando no município, prova de que os órgãos públicos estão à procura de melhorias.

Ao iniciar a pesquisa de campo, houve grande quantidade de reclamações por parte dos alunos referente à saúde pública. Várias situações de falta de atendimento no Centro de Saúde, de falta de profissionais e da demora no atendimento foram levantadas, reclamações que motivaram a pesquisa de opinião. Após essas discussões e relatos, os alunos queriam saber quais eram os problemas enfrentados pelo município em relação à saúde pública e quais eram os desafios que deveriam ser enfrentados para solução dos problemas apresentados. Esperava-se que os cidadãos do município relatassem vários outros problemas e situações parecidas, o que, felizmente, não ocorreu. Para criticar um assunto, devemos primeiramente conhecer sobre ele. **Muitos mitos foram desfeitos assim que os alunos conheceram o Centro e puderam estar em contato com os profissionais da saúde.** Nenhum dos alunos da turma conhecia o funcionamento do Centro. Muitas coisas foram mencionadas após essa visita. Uma delas, essencial, é que as pessoas não conheciam o funcionamento antes de criticarem. Os profissionais do Samu organizaram uma simulação de atendimento onde se percebeu como são ágeis e rápidos. Muitas das questões apresentadas pelos alunos no questionário foram alteradas após a visita e outras tantas acrescentadas. Sendo assim, após as respostas dos entrevistados, os alunos puderam ajudar e explicar a alguns munícipes o funcionamento do Centro e questões referentes à saúde pública, havendo troca de experiências significativas tanto para os entrevistadores quanto para os entrevistados.

Em relação à pesquisa em sala de aula, muitos são os fatores a considerar. **Primeiramente, a escolha do tema. De**

**acordo com os estudiosos, ela deve partir de uma inquietação dos pesquisadores e de sua vivência. Foi o que realmente aconteceu com os alunos dessa turma.** Durante a escolha do tema, alguns alunos expuseram questões relacionadas à saúde pública, que afetaram suas vidas, o que despertou interesse e vontade de expô-las à comunidade. Havia desejo de mudança nas falas dos alunos. Com o debate, o interesse dos alunos pelo tema aumentou consideravelmente e eles se tornaram mais críticos e participativos. Também a pesquisa de campo fez com que os alunos perdessem, em parte, a vergonha e interagissem com pessoas de outras idades, classes e profissões.

Creio que outro fator muito importante foi a exploração do tema, pois se os alunos possuíam uma visão prévia sobre ele, ao pesquisarem e visitarem o Centro de Saúde houve muito crescimento. Muitos deles não haviam entrado neste local e não conheciam seu funcionamento. Além disso, tiveram acesso às leis do município e aos seus direitos através do site da cidade. **Para mim, professora de Língua Portuguesa, foi um aprendizado muito grande investigar com os alunos as leis do município, o plano diretor e algumas definições sobre saúde.** A pesquisa nos possibilita entrar em outros mundos e aprender um pouquinho de cada coisa. Segundo um dos alunos:

*Nós aprendemos várias coisas, tipo o funcionamento da secretaria de Saúde, a diferença entre a ambulância branca e a do Samu, não sabíamos que tinham tantos profissionais que trabalhavam lá, não sabíamos que tinha a farmácia e nem que a parte administrativa era realizada lá (Aluno da turma 81).*

Houve também, além de todo o trabalho em sala de aula, a participação dos pais no pré-teste e enviando sugestões de ações a serem desenvolvidas após a pesquisa. Deste modo, o projeto não se limitou apenas à sala de aula, houve interação ativa com a comunidade.

Além da pesquisa em si, a turma 81 passou por várias práticas inovadoras, como trabalhos e pesquisas no laboratório de informática, utilização do projetor, trocas de experiências com os entrevistados, visita ao Centro de Saúde e gravação e edição de vídeo. Foram atividades que, de fato, enriqueceram a minha prática docente.

**Outro aspecto que a pesquisa possibilita é mudarmos nossa opinião sobre determinado fato.** Os alunos da turma tinham suas hipóteses sobre a saúde pública no município de São Marcos, porém, estas hipóteses foram apenas parcialmente confirmadas. Para a principal questão da pesquisa, os alunos acreditavam que os munícipes iriam responder que a saúde pública no município estaria péssima, hipótese que foi refutada. Podemos analisar esse aspecto na fala de uma aluna: “o que eu mais gostei da pesquisa do Nepso foi saber a opinião dos outros. Mesmo que ela não seja a mesma opinião que a minha, seja contrária, a gente teve que aceitar, e o que mais me marcou foram as pessoas que não tiveram medo de falar o que estava errado no município, elas nos chamavam para expor suas opiniões”. Outra aluna afirmou: “O que mais me marcou foi que nós pensávamos que as pessoas iam falar mal da saúde pública, iam dizer que era péssima, porém deu regular”.

Avaliando o trabalho geral, meu e dos alunos, posso dizer que houve um crescimento constante durante o processo.

Os alunos não sabiam o que era um objetivo e reclamavam sobre o assunto sem conhecê-lo. Sendo assim, a avaliação foi constante também. **Cada passo só era dado se os alunos compreendiam o anterior, o que era evidente nas discussões em sala de aula. Outro avanço importante foi que os alunos estavam sempre acompanhando a pesquisa. Desde o momento em que escolheram o tema, o projeto de pesquisa escrito nos acompanhou dando suporte.** Considerando que a maioria estará no Ensino Médio Politécnico em 2014, essa vivência contribuirá para que estejam prontos e familiarizados com projetos de pesquisa, base do atual Ensino Médio Politécnico.

Para finalizar, a pesquisa de opinião na sala de aula proporcionou grandes surpresas e grandes realizações. O empenho e a participação dos alunos foram excelentes e foi possível ver como eles amadurecem quando assumem sua própria aprendizagem. O vínculo formado com os alunos foi bem forte, reforçando a ideia de que a pesquisa une as pessoas e engrandece o ser humano.

*“O Nepso pra mim foi um experiência muito boa, aprendi muitas coisas no tempo em que fizemos a pesquisa. Lembro-me do dia em que a professora Rubiane Guerra falou que iríamos participar no Nepso e tínhamos que escolher um assunto para a pesquisa. Muitas propostas de pesquisa foram comentadas, mas o assunto que mais nos deixou curiosos foi o de saúde pública. A partir da escolha do assunto, a nossa turma foi para as ruas conversar com as pessoas, o assunto gerou muitas polêmicas na cidade, mas conseguimos realizar a pesquisa com muito sucesso.” (Aluna da turma 81)*

# Referências Bibliográfica

---

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 16 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Sistema Único de Saúde (SUS): Princípios e conquistas. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.

DUBOS, René. *Man, medicine, and environment*. New York: Praeger, 1968.

FERNANDES, Christiane Caetano Martins. A pesquisa em sala de aula como instrumento pedagógico: considerações para sua inclusão na prática pedagógica. *Diálogos Educacionais em Revista*. V. 2, n. 2, p. 74-82, nov. 2011. Disponível em: <<http://dialogoseducacionais.semed.capital.ms.gov.br/index.php/dialogos/article/view/22/51>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

PIRES FILHO, Fernando Molinos. *O que é Saúde Pública?* Rio de Janeiro, 1987.

FINKELMAN, J. (org.) *Caminhos da saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

HOUAISS, Antônio. *Míni Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

MUNICÍPIO DE SÃO MARCOS. Leis orgânicas do município de São Marcos. Disponível em: <<http://www.cmsaomarcos->

[rs.com.br/aceso\\_rapido/lei\\_organica.pdf](http://rs.com.br/aceso_rapido/lei_organica.pdf)>. Acesso em: 16 jun. 2013.

\_\_\_\_\_. Plano Diretor do Município de São Marcos. Disponível em <[http://www.saomarcos-rs.com.br/gfx/plano\\_diretor/docs/1.pdf](http://www.saomarcos-rs.com.br/gfx/plano_diretor/docs/1.pdf)>. Acesso em 16 de junho de 2013.

MEDICINA, faculdade de. Sistemas de Saúde do Brasil. Disponível em <<http://fm.usp.br/cedem/did/atencao/4-%20Bibliografia%20Complementar%20-%20Sistema%20de%20Sa%C3%BAde%20no%20Brasil%20FINAL.pdf>>. Acesso em 16 de junho de 2013.

Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião: manual do professor/ editores Ana Lucia D'Império Lima, Fabio Montenegro, Marilse Araujo e Vera Masagão Ribeiro. São Paulo: Global, 2010.

SANTAELLA, Lucia. O projeto de pesquisa e seus passos. Disponível em: <<http://www.fabulare.net/arquivos/O%20projeto%20de%20pesquisa%20e%20seus%20passos%20trechos.doc>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

TERRIS, Milton. Tendências atuais na saúde pública das Américas. In: *Organización Panamericana de la Salud. La crisis de la salud pública: reflexiones para el debate*. Washington, D.C., 1992. p. 185-204. (OPS – Publicación Científica, 540).

## Sites consultados

Associação Médica Brasileira. Disponível em: <<http://www.amb.org.br/Site/Home/>>. Acesso em: 09 ago. 2013.

Jornal Estadão. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/>>. Acesso em: 16 mai. 2014.

Ministério da Saúde. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/>>. Acesso em: 09 ago. 2013.

Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <<http://www.who.int/es>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

Prefeitura Municipal de São Marcos – Secretaria Municipal de Saúde e Assistência Social. Disponível em: <<http://www.saomarcos-rs.com.br/?ir=saude>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

# São Paulo

**Cristina Patrício de Oliveira  
Elvira de Fátima Bandeira Neta  
Ana Lúcia Corral  
Lêda Mara Delgado Almeida**

# A PREOCUPAÇÃO DAS CRIANÇAS COM O SÉRIO PROBLEMA DO ABANDONO DE INCAPAZES

CRISTINA PATRÍCIO DE OLIVEIRA

## Apresentação

---

**MEU NOME É CRISTINA PATRÍCIO DE** Oliveira, sou professora de Língua Portuguesa da Escola Municipal de Ensino Fundamental Almirante Pedro de Frontin, situada em São Miguel Paulista, zona Leste de São Paulo. Leciono para o Ensino Fundamental II no período da manhã e no período noturno. Em 2013, participei pela primeira vez do Programa Nepso (Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião).

O trabalho de pesquisa foi realizado no período de março a novembro de 2013 com 28 alunos da 5ª série D da unidade escolar onde leciono e teve como tema: **Abandono de Crianças**.

## Introdução

---

**INICIEI O CURSO DE EXTENSÃO “APRENDIZADO** com Pesquisa de Opinião: Educação como desenvolvimento local” oferecido pelo Nepso porque me identifiquei com o tema.

Após iniciado o curso, gostei da proposta de trabalhar com projeto de pesquisa de opinião com os alunos. Também gostei muito quando a coordenadora do curso, Thaís Bernardes, nos convidou para escrevermos sobre a nossa prática na sala de aula com o projeto. Era uma proposta somente para quem quisesse e eu resolvi fazer. Foi uma tarefa difícil, porque sempre pedimos aos alunos que escrevam, no entanto, nós, professores, quando temos que escrever, nos deparamos com muitas dificuldades também. Enfrentei o desafio.

A princípio, pensei em montar um grupo com alunos de várias séries fora do horário de trabalho. No entanto, assumi outro cargo junto à Prefeitura de São Paulo, o que inviabilizou a possibilidade de estar na escola fora do período de aula. Sendo assim, tive que montar grupos com os alunos no horário de aula, outra dificuldade encontrada, pois fiquei no Módulo de Projetos, ou seja, como professora substituta, não estando com os alunos em dias fixos. Eu pretendia trabalhar o projeto com alunos dos 8<sup>os</sup> anos (7<sup>as</sup> séries), mas os alunos não quiseram assumir um compromisso desse tamanho. Tive maior receptividade dos alunos dos 6<sup>os</sup> anos (5<sup>as</sup> séries), que aceitaram desenvolver o trabalho.

**Escolhida a série, outro obstáculo: todos os alunos queriam participar. O que fazer? Bem, resolvi trabalhar com as salas nas quais eu mais entrava no dia a dia. Mesmo assim, as duas salas com as quais eu mais trabalhava queriam montar vários grupos, e não um só. A única saída, decidida pelas turmas, foi trabalhar com três projetos.** Todos os 6<sup>os</sup> anos queriam participar, então trabalhei projetos com todas elas. No entanto, só levei para o Nepso três projetos, porque

havia salas nas quais eu não entrava com muita frequência como professora substituta. Ou seja, trabalhar com mais de três projetos seria inviável, pois, além de não dar conta de todos eles, não conseguiria concluir o trabalho em determinadas salas nas datas previstas pelo curso.

Os projetos foram: “Abandono de crianças”, do 6º ano D, que a princípio era “Gravidez na adolescência”, mas que foi modificado devido a alguns percalços no decorrer do desenvolvimento do projeto; “Bullying”, do 6º B; e “Roubos e furtos na escola”, do 6º A. Neste último, os alunos inicialmente escolheram pesquisar o tema “Crimes contra o patrimônio”, mas esse tema acabou gerando problemas no decorrer do projeto e, por isso, tivemos a escolha de um novo tema.

Apesar de ter escolhido trabalhar com três temas, só fiz o relato de prática de um dos projetos: “Abandono de Crianças”, (disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2515/abandono\\_de\\_crianças](http://www.nepso.net/projeto/2515/abandono_de_crianças)) da 5ª série D, visto que foi a turma que primeiro abraçou a proposta de trabalho com pesquisa de opinião e a que mais consegui acompanhar, estando no módulo, devido à grande falta de professores nessa classe.

Quanto ao envolvimento da escola, nos dois meses iniciais, não houve nenhuma manifestação por parte da direção nem da coordenação, pois a escola não havia recebido nenhum e-mail da DRE (Delegacia Regional de Ensino) falando sobre o projeto. Sempre que eu perguntava à coordenadora Maria Zélia se havia recebido o e-mail falando sobre meu envolvimento com o Nepso, a resposta era negativa, ou seja, ninguém sabia de nada. Sendo assim, entreguei o projeto de trabalho para a coordenadora e foi assim que ela ficou

sabendo do projeto e se dispôs a me ajudar no que fosse necessário. A coordenadora da escola, Maria Zélia, me apoiou muito, bem como a diretora Liliane e a assistente de direção Sofia, mas recebi o apoio principalmente dos professores das outras áreas, que me ajudaram e me emprestaram suas aulas para o desenvolvimento dos trabalhos.

Em relação à prática pedagógica, não houve necessidade de grandes mudanças na proposta curricular. Na verdade, o que houve de novo foram os assuntos/temas que foram trabalhados e a metodologia utilizada. Sendo assim, pude trabalhar tranquilamente outro assunto que tinha a ver com a proposta da Prefeitura de São Paulo e o referencial de expectativas de aprendizagem.

A didática com o Nepso é muito dinâmica. É diferente você trabalhar de acordo com o que o aluno quer. A relação professor-aluno fica muito melhor e mais fácil. Parecia que eles confiavam mais em mim e ficavam muito ansiosos com tudo o que ainda iria acontecer. Era uma novidade para eles e para mim.

Sobre meu desempenho, fiquei muito atrapalhada, errei muito quando deixei uma das turmas montar sozinha os grupos. Depois tive que desfazer tudo, porque alguns alunos foram excluídos. Achei necessário intervir para que não ocorresse novamente. Levamos um bom tempo para nos adaptar a esse tipo de trabalho, a cada dia que entrava nas salas tinha que colocar novas regras, como respeito, aprender a ouvir, saber o momento de falar, evitar as caras e bocas com alguns colegas e as “panelinhas” etc.

## O INÍCIO DE TUDO...

---

Começo falando sobre a escolha do tema “Abandono de Crianças”. A princípio o tema era outro – “Gravidez na adolescência” –, mas nos encontros seguintes com a turma resolvemos mudar o tema, porque muitos dos alunos não sabiam dizer o porquê da escolha desse tema, não conseguiam dizer nem opinar sobre o que já sabiam do assunto e muito menos o que precisavam saber. **Enquanto fui falando um pouco sobre gravidez na adolescência, percebi a dificuldade em falar sobre o referido assunto com as crianças, senti que necessitava de outros esquemas para tratar de um assunto tão difícil para a série em questão. Sendo assim, perguntei para a turma se eles não gostariam de mudar o tema. Eles concordaram.** Depois de nova votação, venceu o tema “Abandono de crianças”, que tem algo a ver com o que eles pretendiam estudar sobre a gravidez na adolescência. Segundo a aluna Jaqueline, “a gravidez na adolescência, ou seja, uma gravidez indesejada, leva também ao abandono de crianças”. Sendo assim, como um tema levava ao outro, ficou determinado que o tema seria “Abandono de crianças”, que tinha ficado em segundo lugar quando fizemos a primeira votação dos temas.

O que queríamos saber era: “O que leva uma pessoa a abandonar seu filho?”. Era a nossa pergunta guia.

Em nossas hipóteses, elencamos alguns motivos possíveis para uma pessoa abandonar seu filho: falta de

condições financeiras para criá-lo; uso de drogas e de bebidas alcoólicas; gravidez indesejada, causada por abuso ou por outro motivo; falta de apoio dos avós maternos ou do pai da criança. Acreditávamos, além disso, que uma pessoa poderia abandonar seu filho por não saber que a criança também tem seus direitos desde que foi concebida, ou por achar que uma adoção pode ser uma opção melhor para o seu filho viver bem.

Sendo assim, decidimos que faríamos o estudo do tema pesquisando na Internet, lendo textos sobre o assunto em revistas, vendo filmes ou vídeos.

## **Seminário de qualificação**

No dia 8 de junho de 2013, participamos do V Seminário de Qualificação de São Paulo, do programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso). Para tanto, tivemos que escolher quais alunos iriam. Somente cinco alunos por projeto poderiam participar do seminário. **Como todos os alunos queriam participar, tive que fazer um sorteio. Foi muito difícil ver nos rostinhos a decepção de não ter sido sorteado. Mas teve que ser assim.** Os alunos sorteados foram: Gabriel, Jaqueline, Vitória, Juan e Elias. Como o Juan disse depois que não poderia mais ir, chamamos outro aluno, o Vinícius.

Alunos de várias escolas da rede pública de São Paulo compareceram ao Centro de Educação Unificada (CEU) Curuçá, na zona Leste de São Paulo, onde se reuniram em grupos por projetos para realizar a apresentação do tema da pesquisa de opinião. A ideia era que os alunos mostrassem como chegaram ao tema escolhido e o porquê da escolha, quais eram as hipóteses que tinham e como iriam fazer a qualificação do

tema, quais fontes de pesquisa iriam utilizar no decorrer do projeto e como pretendiam fazer a pesquisa de campo.

**Outro ponto importante na qualificação era que o professor visse o aluno como um protagonista na sua aprendizagem. Por isso, nenhum professor pôde falar no seminário, somente os alunos, que, ao mesmo tempo em que compartilhavam suas ideias, trocavam experiências nas discussões dos grupos.**

Os alunos se sentiram muito importantes com esse trabalho, confeccionaram cartazes para facilitar a apresentação e para não esquecerem o que tinham que falar. **Na minha opinião, eles se saíram muito bem, pois explicaram tudo o que precisava e responderam às perguntas feitas pelos outros alunos de outras escolas e pela coordenadora que estava conduzindo as apresentações na sala em que eles participaram.**

Eles adoraram tudo o que se passou no seminário, desde o ônibus, lanches e temas abordados, até a oportunidade de conhecer pessoas novas e de vários lugares. Outro fato importante para comentar é que muitos alunos não conheciam o CEU Curuçá, embora morassem próximo do local, nunca tinham ido até lá ou entrado para conhecer.

Quando chegaram à escola, na segunda-feira após o seminário, foi um alvoroço, eles contaram tudo o que aconteceu, estavam empolgadíssimos, já combinando com os outros colegas como seria no próximo seminário.



Alunos da 5ª série D no Seminário de Qualificação, no CEU Curuçá, em 08/06/2013.

## Qualificação do tema

Conforme surgiam as oportunidades para entrar na sala do 6º ano D, em substituição de professores, fui levando alguns textos para leitura e discussão na qualificação do tema. Um deles era sobre a história do abandono de crianças, que pôde mostrar aos alunos que este é um problema vivenciado desde o século XVIII e que vem acontecendo ainda nos dias de hoje por motivos bem parecidos com os que existiam em outras épocas. O texto também apresentava motivos mais recentes para o abandono, relacionando-o ao aumento da população do nosso país. Além da leitura desse texto, fizemos um estudo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Percebi que muitas crianças não conheciam o conteúdo desse documento, somente alguns pontos, o que me deixou indignada, pois se trata de um documento muito discutido e vivenciado em todas as escolas.

A turma com a qual trabalhei no projeto era de alunos muito fracos em questão de aprendizagem. Embora participassem bastante oralmente, na escrita encontraram muita dificuldade. Por esse motivo, não fizemos produções de suas expectativas sobre o tema abordado, mesmo porque não estive presente todos os dias com a turma. Também não assistimos a nenhum vídeo por causa de problemas técnicos na Unidade. Escolar, como a falta de equipamentos eletrônicos em algumas salas. Além disso, não tínhamos liberação do uso de Internet, porque ainda não tínhamos uma senha de WiFi. Para resolver um pouco essa parte do processo, sugeri aos alunos que assistissem em suas casas a alguns filmes que tratam do tema proposto, para que pudéssemos discutir mais adiante. Algumas sugestões partiram de mim e outras dos próprios alunos, dentre elas: *Uma lição de amor*, *A malandrinha* e *A família do futuro*.

**No início dos trabalhos com o projeto achei que os alunos estavam mais entusiasmados, talvez motivados pela ideia de irem apresentar seu projeto a outras pessoas em outro lugar, fora da escola. Na etapa de qualificação, porém, percebi que os alunos não estavam dando muita atenção ao assunto. Isso me preocupou muito.** Alguns deles se recusaram a fazer as atividades em sala de aula e disseram que não queriam participar do projeto. Como o projeto é da sala toda, precisei impor a participação de todos, mas esperava que nos passos seguintes do projeto eles se entusiassem mais, pois seria a formulação do questionário. Eram aulas mais dinâmicas, chamando mais a atenção dos alunos.



Alunos do projeto lendo e discutindo os textos sobre o tema: “Abandono de Crianças”.

Ainda nessa etapa do projeto, escolhemos nosso público alvo para as entrevistas. Ficou determinado pelo grupo que iríamos entrevistar homens e mulheres de 15 anos de idade em diante. Queríamos saber se os homens pensam da mesma forma que as mulheres sobre o abandono de crianças. A escolha do público alvo se deu através de sugestões dos alunos aleatoriamente. Segundo o aluno Gabriel, pessoas mais velhas saberiam responder melhor a perguntas sobre crianças abandonadas e os demais colegas concordaram com ele. Surgiu também a ideia de fazermos a entrevista com 5 homens e 5 mulheres moradores de rua. A aluna Carina disse o seguinte: “Por serem moradores de rua, eles talvez tenham abandonado algum filho, ou foram abandonados por seus pais e por isso moram na rua”. A turma concordou com ela. O aluno Kaio disse que na rua em que mora há vários moradores

de rua e que muitos são usuários de drogas. Gabriel, por sua vez, apontou um problema importante para a realização da entrevista: “Minha mãe não deixará eu sair sozinho para entrevistar ninguém na rua, ela não deixa eu ir à rua”. Essa foi uma das dificuldades encontradas por mim, pois muitas mães não deixariam seus filhos saírem para fazer entrevistas na rua.

Nesse momento, definimos também o número de pessoas a serem entrevistadas. Conversando com uma professora de Matemática da escola, a Márcia Harue, concordamos que uma pesquisa quantitativa necessitaria de aproximadamente 100 entrevistados. Propus aos alunos essa quantidade de entrevistas, perguntei a eles se teríamos tempo para tantos questionários, para a tabulação e para as demais tarefas, pois nosso tempo já estava se esgotando e ainda havia muito trabalho pela frente. Os alunos aceitaram o desafio. Por fim, falei a eles que uma quantidade de 100 entrevistados tornaria mais fácil o trabalho na hora da tabulação dos dados.

## Formulação do questionário

Após a escolha do público alvo e do número de entrevistados, passamos para a construção do questionário. Em algumas aulas teóricas, expliquei sobre a formulação do questionário, como deveria ser, que deveríamos tomar cuidado com as perguntas, quer dizer, não poderíamos colocar palavras muito difíceis, pois os entrevistados poderiam não entender o contexto. Além disso, as questões deveriam ser curtas para facilitar o entendimento tanto do entrevistado quanto do entrevistador, não poderiam conter palavrões ou palavras chulas nem problemas gramaticais ou de escrita, pois um

questionário com erros de escrita é muito feio. Conversamos também sobre as hipóteses – elas deveriam estar presentes no questionário para serem confirmadas ou refutadas.

Quanto às perguntas, expliquei aos alunos o que vimos nos encontros do Nepso sobre perguntas fechadas e abertas. Após as explicações, fizemos uma votação para definir se faríamos um questionário com perguntas abertas ou com perguntas fechadas. A maioria definiu fazer um questionário com perguntas fechadas. Por fim, expliquei sobre a possibilidade de o entrevistado não querer ou não saber responder a alguma das questões. Por isso, o questionário deveria sempre oferecer uma alternativa que contemplasse essa possibilidade.

Em outra aula, dando sequência à construção do questionário, pedi aos alunos que se sentassem em dupla ou em trio e que cada um criasse duas ou mais questões para o questionário. **A dificuldade foi imensa. Houve perguntas do tipo: “O que você acha do abandono de crianças? ( ) Concordo ( ) Não concordo ( ) concordo um pouco”. Como podemos perceber, perguntas sem muito sentido ou mal formuladas. Também houve dupla que não conseguiu formular nenhuma questão.** Teve pergunta que falava sobre aborto. Tema pesado, não? Enfim, tive que intervir em algumas perguntas do questionário. Reformulei as perguntas de acordo com o que os alunos tinham feito, sem tirar a essência das questões formuladas por eles, o teor principal, mudei algumas palavras consideradas vexatórias ou vulgares etc.

Antes de dar andamento à pesquisa de campo, conversei com a Coordenadora Pedagógica da escola sobre a sugestão

dos alunos de entrevistar moradores de rua e lhe mostrei o questionário digitado por mim, mas que havia sido formulado pelos alunos. **Ela considerou o tema muito forte e difícil, disse que algumas mães poderiam não gostar do termo “estupro”, “prostituição”, “aborto”, palavras utilizadas pelos alunos em suas perguntas. Ela sugeriu que eu fizesse uma carta aos pais falando sobre o projeto, pedindo a participação deles e da família na elaboração do questionário e também que sugerissem que tipo de público alvo poderíamos entrevistar. Com isso resolveríamos essa questão e teríamos a participação dos pais e familiares no projeto, juntamente com seus filhos.**

Nessa etapa do projeto, estava completamente apreensiva, pois pouquíssimos alunos devolveram a carta feita para os pais pedindo o envolvimento deles no projeto com sugestões. Precisava dar andamento aos trabalhos, mas fiquei travada nessa fase. Outro problema foi o fato de não poder entrar todos os dias na sala de aula que realizava o projeto. Faltava tempo.

Por causa dos problemas enfrentados, resolvi retirar as palavras que a coordenadora havia pontuado e reformulei novamente as questões, com as mesmas ideias dos alunos.

Conversei com os alunos sobre como abordar as pessoas para entrevistá-las, como se apresentar e falar sobre o projeto. Também falei que se a pessoa não quisesse responder, tudo bem, que eles deveriam agradecer e partir para a próxima. Falei sobre a educação na hora da abordagem, de usar palavras como: com licença, obrigado, por favor etc. Depois disso, tirei cinco cópias do questionário e fomos a campo para verificar se o questionário apresentava alguma falha na elaboração.

Resolvemos fazer a pesquisa piloto com alguns funcionários da escola e alguns professores que não estavam envolvidos no projeto.

Após análise dos resultados do questionário piloto, fizemos algumas alterações necessárias em relação a algumas respostas e dúvidas dos entrevistados e criamos o questionário definitivo. A partir daí, conversamos novamente sobre o público que iríamos entrevistar, pois como os pais não haviam devolvido a carta enviada a eles dias anteriores, não tinha certeza sobre mais nada. Resolvemos não mais entrevistar moradores de rua. Decidimos que cada aluno levaria para casa cinco ou seis questionários com os quais deveriam realizar a pesquisa com algum vizinho ou parente e, quem pudesse e tivesse autorização dos pais ou responsáveis, que saísse para entrevistar pessoas desconhecidas na rua perto de casa ou na porta da escola. Essa foi uma sugestão dada pelo aluno Gabriel.

Sendo assim, pedi para a Coordenadora da escola reproduzir 100 cópias do questionário definitivo e fomos a campo. Esse processo de entrevistas durou aproximadamente uma semana. Mesmo assim, alguns alunos não devolveram os questionários respondidos no prazo determinado, dificultando ainda mais a continuidade dos nossos trabalhos. Apenas 80 questionários voltaram respondidos. Com toda essa dificuldade, resolvemos fazer a tabulação com esses 80 questionários, porque, como já citei, nosso tempo era curto.

## **Tabulação dos dados e confecção dos gráficos**

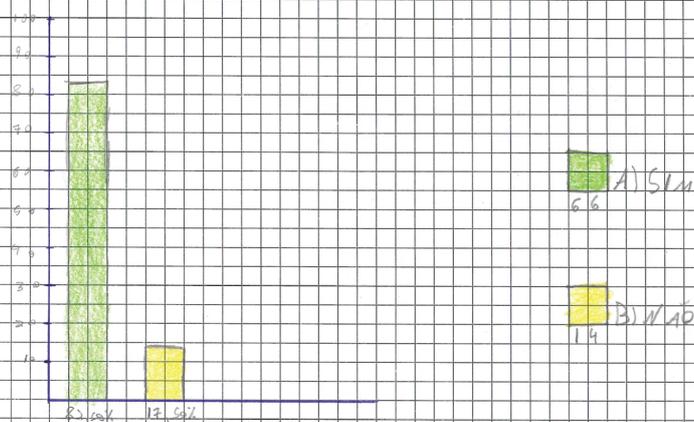
A tabulação foi feita manualmente. Como já disse, a professora de Matemática nos ensinou a tabular. Cada aluno,

individualmente, ficou responsável por uma questão do questionário. Os questionários passaram de mão em mão, um a um, para verificarmos quantas pessoas responderam a cada item da questão. Depois, contamos quantos responderam no total e, por fim, transformamos os resultados em porcentagem.

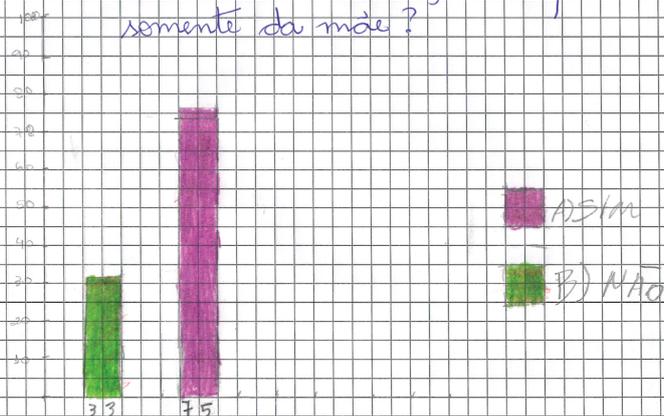
Em uma aula conseguimos realizar essa etapa. Foi um processo rápido, mas nem um pouco fácil, pois alguns alunos se atrapalharam com as questões que apresentavam mais alternativas para realizar a contagem. Essa aula, como várias outras, foi emprestada pela professora Márcia, de Língua Portuguesa, pois nessa semana fui autorizada pela vice-diretora da escola a finalizar os trabalhos com os alunos, antes do Seminário Paulista.

Depois disso, em outra aula, cedida pela professora Cida de Inglês, começamos a fazer os gráficos manualmente. Essa tarefa foi bem difícil, muitos alunos não têm o costume de utilizar réguas para traçar retas. Expliquei todo o processo de traçados para os gráficos e, em seguida, os alunos começaram a realização dos mesmos. Muitos dos gráficos tiveram que ser refeitos várias vezes, pois eles fizeram à lápis, sem legenda. Deixei que eles fizessem assim mesmo, para que eles aprendessem, mas para a apresentação do XI Seminário Paulista do Nepso, tive que criar os gráficos no computador para deixá-los mais apresentáveis no estande.

4) Você conhece o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), que protege os direitos da criança e do adolescente?



5) De modo geral, você acha que o problema sobre abandono de crianças é responsabilidade somente da mãe?



## Resultados da pesquisa

Como já disse anteriormente, foram entrevistadas 80 pessoas de ambos os sexos e com 15 anos ou mais de idade. Desses entrevistados, 70% não conheciam nenhuma pessoa

que já tivesse abandonado seu filho, mas 27,5% conheciam alguém.

Considerávamos em nossas hipóteses que uma pessoa abandona seu filho porque não têm condições financeiras para criar; por causa das drogas e das bebidas alcoólicas; por uma gravidez indesejada, causada por abuso ou por outro motivo; pela ausência de apoio dos avós maternos ou do pai da criança.

Verificamos que 80% dos entrevistados disseram que o principal motivo de uma mãe abandonar seu filho são as drogas ou o álcool. Por outro lado, a falta de condições financeiras e a falta do apoio do pai da criança foram indicadas como uma das causas do abandono por, respectivamente, 51,25% e 41,25% dos entrevistados. Nessa questão, acreditamos que nossas hipóteses foram, de certa forma, confirmadas, porque todas as causas que acreditávamos ser o motivo do abandono de crianças foram votadas.

Acreditávamos também que uma pessoa abandona seu filho porque não sabe que a criança tem seus direitos desde que foi concebida ou porque acreditar que uma adoção pode ser uma opção melhor para o seu filho viver bem. Constatamos que 82,5% dos entrevistados conheciam o ECA e consideravam os maus tratos como uma forma de abandono.

Por fim, 72,5% responderam que a adoção é uma opção maravilhosa para quem não quer ficar com o filho e 45% concordaram plenamente que a adoção seria uma solução para o problema do abandono de crianças, confirmando, assim, nossa hipótese.

Mesmo sabendo que existem muitos casos de abandono de crianças, os entrevistados acreditavam que uma criança que foi

abandonada pela família poderia ser um adulto feliz e também poderia ser um bom pai ou mãe na idade adulta. Constatamos, portanto, que o problema do abandono de crianças, na opinião da maioria dos entrevistados, não comprometeria totalmente o seu futuro.

## **Apresentação da pesquisa – XI Seminário Paulista**

No dia 9 de novembro de 2013, participamos do XI Seminário Paulista do Projeto Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião, realizado na E.E. Prof. Moacyr Campos, no município de São Paulo, para concluir os trabalhos desenvolvidos no projeto de pesquisa educativa de opinião realizado por alunos de várias escolas da rede pública de ensino durante o ano letivo de 2013.

Novamente, muitos alunos gostariam de participar do seminário e, mais uma vez, tive que sortear os alunos interessados. Novamente, vi a angústia dos alunos que não foram sorteados. Dessa vez puderam participar 6 alunos de cada projeto. Compareceram ao evento as alunas: Jaqueline, Ana Júlia, Carina, Vitória e Karimah (o Juan e o Thomas foram sorteados mas, no dia, não apareceram).

No Seminário aconteceram algumas apresentações culturais, bem como a apresentação do resultado dos projetos realizados pelos alunos no ano letivo de 2013. Cada escola mostrou todo o desenvolvimento de seus projetos de pesquisa de opinião e pôde discutir os resultados da pesquisa com os demais participantes.

Depois do almoço, cada turma montou um estande para a apresentação dos trabalhos.

A avaliação dos alunos foi, mais uma vez, muito positiva, pois adoraram tudo o que o evento proporcionou: as apresentações culturais iniciais e finais, as salas de discussão, a troca de experiências, o fato de expor seus trabalhos no estande a outros alunos menores e de séries mais avançadas que a deles. Tudo o que foi oferecido no evento foi bem comentado e considerado ótimo, apesar do cansaço e da demora, que foi facilmente compensada pelo fato de estarem passeando em um lugar novo para eles.

**Após o Seminário, na escola, conversamos sobre o que pretendíamos fazer com os resultados. Os alunos disseram que deveria haver trabalhos de conscientização sobre crianças abandonadas em sala de aula e nas reuniões de pais.**

Os alunos também acharam que poderiam haver palestras de prevenção do uso de drogas e álcool, bem como de educação sexual para os adolescentes da escola.

## **Considerações finais**

Para minha primeira experiência com trabalho de pesquisa de opinião, acho que foi muito válido. Gostei de trabalhar com um projeto que visa o aluno como protagonista da sua aprendizagem. Acredito realmente que os alunos aprenderam muito com essa metodologia.

Em relação ao que aconteceu no desenvolvimento do trabalho, preciso melhorar muito ainda. Preciso rever horários diferenciados para o projeto, planejar melhor as ações e o tempo. Quanto à qualificação do tema, deixei muito a desejar, não foi adequada, necessitava de melhores formas para trabalhar o tema, mas o fato de não ter sala prejudicou bastante o projeto.

**Para o registro da prática, apesar de ter achado uma experiência fantástica, preciso encontrar uma forma melhor de registrar as falas dos alunos no momento em que se dá a ação – as angústias, as expectativas, os olhares importantes, as falas, as dúvidas, as ansiedades, enfim, tudo o que eu puder aproveitar para melhor relatar no registro. Acho que deixei muito a desejar nesse aspecto.**

Não consegui também apresentar o resultado dos projetos para a comunidade escolar (direção, coordenação, professores e alunos) da forma que gostaria. Penso que com um melhor planejamento poderei, em outra oportunidade, fazer melhor.

Sobre o Seminário Paulista, o que tenho a dizer é que foi uma experiência única, aprendi bastante com os meus alunos e com os das outras escolas. Não me preparei e não preparei os alunos para montarem um estande adequado. Para o próximo projeto acredito que nos sairemos melhor.

Essa experiência me proporcionou muitos momentos de aprendizagem, de reflexão da prática, de registros e de interação com meus pares. Percebi que não podemos nos isolar num projeto, necessitamos dos outros colegas para que o trabalho tenha sucesso. E a relação professor-aluno e aluno-professor, foi, para mim, a gratificação de todo esse trabalho, foi uma conquista maravilhosa, ver nos olhos dos alunos a amizade, o carinho, a confiança em mim e, principalmente, a autoconfiança.

# BRINCANDO E APRENDENDO

ELVIRA DE FÁTIMA BANDEIRA NETA

## Introdução

---

**SOU PROFESSORA NO ENSINO FUNDAMENTAL I** da Escola Estadual Joaquim Torres Santiago no município de São Paulo desde 2006. Tive como objetivo principal aprimorar a minha prática em sala de aula com a participação no curso de extensão oferecido pela Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) em parceria com o Nepso. Desde o início de minha trajetória como professora da rede pública estadual de São Paulo em 2004, sempre busquei cursos acadêmicos ou de formação continuada que pudessem me auxiliar em minha prática docente. Já participei de muitos, mas o Nepso, além de me proporcionar conhecimento, também me forneceu ferramentas para melhorar a minha prática de ensino de forma inovadora. Elaborei o projeto Nepso com os 35 alunos da minha turma do 3º ano A do Ensino Fundamental I, com idade entre 8 e 9 anos. Já havia trabalhado com essa mesma turma em 2012. Portanto, conhecia-os bem, sabia de suas necessidades de aprendizagem, conhecia a dinâmica da turma, suas curiosidades.

Decidi ficar com a mesma turma em 2013 para dar continuidade às aprendizagens e solucionar as dificuldades de apresentadas por alguns alunos. Essa experiência trouxe aos alunos uma postura de pesquisadores e permitiu que obtivessem avanços em leitura e escrita de forma contextualizada e significativa. Numa turma de 35 crianças, onde cada um apresenta uma maneira diferente de compreensão acerca de um determinado assunto, trabalhar de forma coletiva foi um facilitador. Assim, eles tiveram a oportunidade de partilhar suas ideias e todas suas falas foram levadas em consideração. Cada um teve a liberdade de expressar suas dúvidas e opiniões sobre o tema e, em grupo, nós ajustávamos, delimitávamos, mediando as aulas de forma dialética com a finalidade de realizarmos um bom projeto.

## A Equipe

O projeto que foi desenvolvido na E.E. Joaquim Torres Santiago, com os 35 alunos da turma do 3º ano A do Ensino Fundamental I. Ao conversar com eles sobre o assunto, ficaram curiosos e interessados e começaram a fazer perguntas: “o que faz o pesquisador?”, “quem serão os pesquisados?”, “qual assunto será colocado nessa pesquisa?”. Expliquei para eles que o tema de pesquisa seria escolhido por todos de forma coletiva e que buscaríamos várias fontes para a conclusão da mesma. Pedi para que não ficassem ansiosos, pois faríamos uma etapa de cada vez. A escolha do tema com os alunos surgiu a partir de uma dinâmica aplicada em um encontro do Curso de Formação do Nepso, no qual os nossos formadores Thaís e Renato, de maneira prática, nos deram a ideia de como inferir um tema tendo como base os anseios e curiosidades

dos alunos. A dinâmica consistia em responder a três questões, que foram fundamentais para fazer fluir as expectativas de cada um e, assim, conduzir o grupo à escolha de um assunto para a pesquisa.

No decorrer da semana seguinte, resolvi realizar com os alunos a mesma dinâmica. Escrevi na lousa as três questões, uma de cada vez, e deixei as crianças fluírem suas ideias a respeito da primeira pergunta. Fui anotando as respostas para que depois conseguíssemos encontrar um tema que fosse ao encontro da curiosidade ou necessidade deles. As perguntas utilizadas foram as seguintes:

## **O que gosta ou gostaria de fazer e não faz?**

A partir daí iniciou-se a discussão que nos levaria ao tema da pesquisa. As respostas que surgiram estavam de acordo com a faixa etária deles. Alguns disseram que gostariam de ter mais independência, de poder vir sozinhos para a escola e de brincar um pouco mais na rua. Outros disseram que gostariam de praticar um tipo de esporte, como natação, ou de dança, como ballet. Mas a grande maioria respondeu que queria brincar na rua, de bicicleta, de patins, de pega-pega, de bola, de patinete, entre outros. **Enfim, eu pude compreender que eles queriam ter um pouco mais de contato com o mundo exterior, além de assistir TV ou brincar em casa com videogames, bonecas ou com seu animalzinho de estimação.**

Nesse momento, percebi o quanto o interagir da brincadeira de rua fazia falta para esse grupo. Ao discutirmos esta pergunta, algumas crianças se colocaram dizendo que brincar na rua é perigoso, porque tem muitos carros; outros disseram que tem gente ruim que faz mal às crianças; alguns levantaram a questão

de não morar em um local adequado para a brincadeira de rua – justificaram que viviam em vielas, em ruas muito acentuadas ou em avenidas, tipos de vias que não eram boas para brincar, segundo eles.

Ao dar continuidade à mesma dinâmica, parti para a segunda questão:

## **O que gosta de fazer e faz com frequência?**

Em peso, a maioria respondeu que gosta de brincar e que, mesmo não sendo na rua, sempre dá um jeito de brincar – seja na casa do coleguinha, seja no parque quando saem com seus pais, seja, ainda, quando vão à casa de parentes com a mãe. Com isso, percebi que o “brincar” é realmente muito importante para esta faixa etária e principalmente para o grupo com o qual trabalhava. Eu também já tinha notado as combinações entre eles na sala de aula para brincarem no recreio de esconde-esconde, de pega-pega ou então de personagens do desenho animado.

Por fim, partimos para a terceira questão:

## **Do que vocês têm curiosidades ou interesse em saber mais?**

Eles me deixaram surpresa, porque mesmo sendo tão crianças já possuem curiosidades por outras culturas, outros lugares. Alguns responderam que queriam conhecer outras cidades brasileiras, saber mais como é o lugar onde seus pais nasceram, visto que muitos são filhos de migrantes. Embora na turma também haja uma imigrante oriunda da Bolívia, aproveitamos para fazer um breve comentário sobre os

termos migrante e imigrante. Essa turma é curiosa mesmo! Outra parte respondeu que queria conhecer Paris e a Disney. Eles disseram que brincar no parque da Disney deve ser muito legal. Novamente, o “brincar” surgiu na conversa.

A partir dessas questões, pude compreender que o assunto brincadeira de rua seria o tema levantado a partir das expectativas e também do conhecimento prévio dos alunos.

Assim, continuei a conduzir a discussão. Já que eles levantaram o assunto de brincar na rua, perguntei quais eram as brincadeiras de rua conhecidas pela turma?

Elencamos oralmente varias brincadeiras, tais como: pega-pega, esconde-esconde, rouba bandeira, duro ou mole, bolinha de gude, pipa, amarelinha e muitas outras. Conforme os nomes dessas brincadeiras iam surgindo, muitos foram questionando que não conheciam algumas delas e não sabiam como brincar. Alguns exemplos foram as brincadeiras: passa anel, elefante colorido, rouba bandeira, *stop*.

Para aquecer um pouco mais a conversa, perguntei pra eles por que será que essas brincadeiras não são tão comuns hoje em dia?

Imediatamente, surgiram várias hipóteses: porque existem jogos eletrônicos e de computador, porque brincar na rua hoje não é seguro, porque as mães não têm tempo para olhar os filhos enquanto brincam. Com essa dinâmica, acho que conseguimos chegar ao tema: “Brincadeiras de rua”. (disponível em: [http://www.nepso.net/projeto/2314/brincadeiras\\_de\\_rua](http://www.nepso.net/projeto/2314/brincadeiras_de_rua))

Porém, ainda precisávamos delimitar um pouco mais o tema. Foi justamente isso que fizemos na etapa seguinte.

## APRENDENDO MAIS SOBRE O TEMA: POR QUE AS BRINCADEIRAS DE RUA?

O objetivo pedagógico principal ao trabalhar com o projeto de pesquisa de opinião Nepso partiu da necessidade de fazer com que os alunos avançassem em suas hipóteses de escrita, ampliassem seus conhecimentos e, assim, aprimorassem a leitura e a escrita. **A minha turma do 3º ano, com idades entre 8 e 9 anos, iniciou o ano letivo com cerca de 34% dos alunos ainda não alfabetizados. Então, comecei a me preocupar com essa questão e pensar num projeto pedagógico diferente, que pudesse auxiliá-los neste contexto.** Eu estava precisando de um projeto que fosse mais inovador, que movimentasse os alunos, fazendo-os sair um pouco da rotina de sala de aula. Portanto, ao conhecer melhor a proposta do Nepso, achei muito relevante para a minha questão pedagógica e decidi adotar o projeto com a minha turma. O trabalho foi realizado durante todo o ano letivo de 2013. Os alunos foram muito ativos e interessados em todas as fases do projeto. Logo no início me questionei bastante sobre como poderia explicar e realizar um trabalho que envolvesse pesquisa de opinião sendo eles ainda tão crianças. No entanto, conforme cada etapa ia sendo realizada, eu descobria uma maneira diferente de elaborar e rever qual estratégia seria a mais adequada para conduzir o projeto. Com as rodas de conversa – fazendo sempre um levantamento dos interesses, opiniões e ideias dos próprios alunos – encontrávamos uma maneira de continuar o trabalho de uma forma bastante instigante e que acabou nos rendendo experiências muito significativas.

Para dar continuidade ao projeto e assim qualificá-lo, pedi aos alunos para pesquisarem em livros, revistas, internet

ou com os familiares a respeito do tema brincadeiras de rua. Combinei com eles que a pesquisa deveria partir das perguntas que queríamos responder em nosso projeto, sendo elas: “Qual a importância das brincadeiras de rua para as crianças?” e “Por que hoje em dia as brincadeiras de rua não são mais tão frequentes?”.

As questões foram levantadas a partir de nossas conversas sobre o assunto. Eu havia falado para eles numa aula anterior que iríamos participar do Seminário de Qualificação no Centro de Educação Unificada Vila Curuçá (CEU Vila Curuçá) e que neste dia falaríamos sobre a nossa pesquisa. Surgiram dúvidas a respeito do termo qualificação. Expliquei que a pesquisa que faríamos (na internet, nos livros, nas revistas e com a família) nos levaria a conhecer mais sobre o assunto, tornando-o mais elaborado e interessante.

Além das pesquisas sobre o tema, também passamos a qualificar o nosso projeto nas aulas de Educação Física. **Fiz uma parceria com a professora responsável por essa disciplina, a Cássia, e os alunos começaram a brincar nas aulas dela. Depois, na sala de aula, conversávamos sobre como foi a brincadeira, a sensação que tiveram ao realizá-la, o que aprenderam, o que foi positivo e o que foi negativo. Após essa conversa, eles escreviam as regras das brincadeiras, colocando em prática a escrita. Assim, iam ajustando o falado ao escrito.** Os alunos que ainda não tinham se apropriado da escrita de forma convencional colocavam em jogo suas hipóteses sobre o que pretendiam escrever: “Com que letra começa a brincadeira ‘Amarelinha’ e com qual letra termina?”, “Para compor essa palavra, preciso

de quantas e quais letras?”. Com isso, todos os alunos se envolviam de forma democrática no desenvolvimento do projeto. Além de escreverem sobre as brincadeiras, eles também as desenhavam. Para esta parte, contei com o auxílio da professora de Arte, a Dora, que ajustava as ilustrações feitas pelos alunos com os conteúdos de suas aulas.



Desenho dos alunos sobre as brincadeiras que realizavam.

Após essa etapa, os alunos passaram a ter tanto o conhecimento teórico quanto o conhecimento prático sobre o assunto da pesquisa, tendo em vista que eles fazem parte de uma geração que não tem acesso às brincadeiras de rua – ou brincadeiras de antigamente, como também são conhecidas.

## Retorno das Pesquisas

Na semana seguinte, os alunos começaram a entregar as pesquisas que fizeram sobre o tema, tentando responder às perguntas guias que havíamos estabelecido:

- Qual a importância das brincadeiras de rua para as crianças?
- Porque hoje em dia as brincadeiras de rua não são mais tão frequentes?

Conforme eles foram trazendo as pesquisas, fui lendo para toda a turma o trabalho de cada um e quais informações haviam encontrado sobre o tema. Dessa maneira, todos podiam discutir e interagir de forma coletiva sobre o assunto e também sobre como e onde haviam encontrado essas informações, ou seja, quais haviam sido as fontes de pesquisas deles.

Ao ler os trabalhos deles, percebi que se sentiam importantes, pois o texto pesquisado tinha significado e finalidade. Além do mais, essa prática serviu como estímulo para aqueles que não haviam pesquisado nada tomarem a atitude de pesquisarem para ter o seu texto lido e comentado por todos.

## **Trechos selecionados das pesquisas dos alunos:**

**Antigamente quando não existiam celulares, computadores, e brinquedos tecnológicos as crianças tinham que usar a imaginação e a criatividade para se divertir. As brincadeiras eram inventadas ou compartilhadas, gerando amizades e fazendo com que elas aprendessem a conviver umas com as outras.**

**A rua era um lugar seguro e cheio de aventuras para a imaginação. Não era preciso muito para ter uma tarde inteira de diversão: apenas umas bolinhas de gude ou um pião nas mãos.**

A leitura de livros paradidáticos que encontrei na biblioteca da escola também contribuiu com o processo de

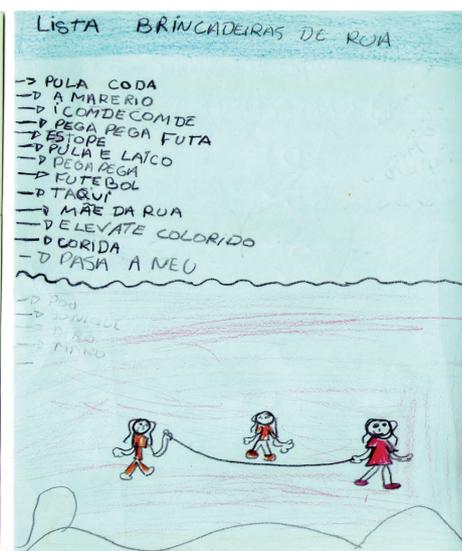
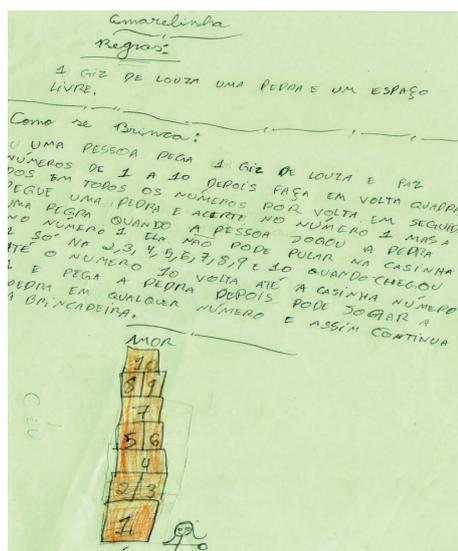
qualificação do projeto. Tais livros falavam sobre diferentes brincadeiras realizadas em diferentes culturas, sobre como uma brincadeira também reflete o sentimento de uma criança.

Um dos resultados percebidos foi que alguns alunos passaram a se interessar mais pelas atividades de classe e pelas lições de casa após iniciarmos o projeto.

## BRINCANDO PARA APRENDER MAIS



Corrida



Escrita das regras e lista de brincadeiras. Estas atividades levaram os alunos a aprenderem a função de um texto instrutivo e também a aprimorarem a compreensão do sistema de escrita.

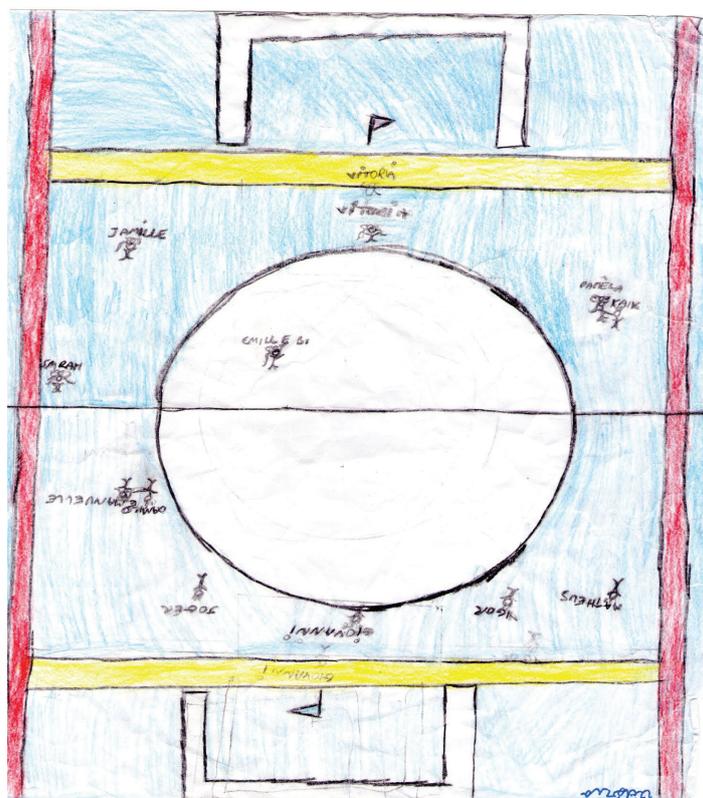


Ilustração da brincadeira: Rouba Bandeira

Nessa atividade, estudamos inteiro e metade (através do número de participante por equipe) e formas geométricas que compõem o formato da quadra da escola.

## LÁ NO CEU VILA CURUÇÁ

No dia 08 de junho, os alunos foram ao CEU Curuçá para participar do Seminário de Qualificação e trocar experiências e ideias com alunos de outras escolas. Numa conversa anterior sobre o evento, eles ficaram empolgados e muito curiosos a respeito do termo seminário e começaram a questionar sobre o que quer dizer seminário. Tentei explicar que seminário é a apresentação de informações de um trabalho que foi estudado, então um aluno disse: “Prô, o trabalho que a gente pesquisou na internet sobre as brincadeiras de rua pode ser

colocado no seminário?”. Respondi que sim, que no Seminário eles iriam falar sobre tudo o que estudamos sobre o nosso projeto até o momento atual. Isso os deixou mais confiantes e começaram a falar sobre o que já sabiam sobre o trabalho.

Ao chegarmos ao CEU, a primeira sensação deles foi de deslumbre, pois o CEU possui uma estrutura diferente da escola onde eles estudam. Se trata de um espaço com o qual eles não têm muito contato. O fato de haver duas piscinas, uma grande biblioteca e também um grande anfiteatro, chamou muito a atenção deles. Uma aluna me perguntou antes de irmos para o anfiteatro se nós iríamos assistir a uma peça. Percebi nos olhinhos deles um certo encantamento. Quando fomos para a sala, eles se sentaram e ouviram os grupos dos adolescentes discutirem sobre os temas de suas pesquisas. Prestaram atenção, mas, na verdade, estavam ansiosos para falar logo sobre o tema deles também – embora não compreendessem muito bem sobre alguns temas apresentados pelos outros grupos, provavelmente por serem temas relacionados aos interesses específicos do público adolescente. Como não compreendiam, começaram a me perguntar algumas coisas, quase todas relacionadas às discussões sobre sexo na adolescência e inclusão social. Disse para eles abrirem a questão ao grupo, ficaria mais fácil a compreensão – afinal, estávamos num seminário. Mas sendo eles crianças, ficaram com vergonha e fui eu que expliquei para eles de uma maneira clara, sem entrar muito em detalhes. Disse que se tentassem acompanhar a fala dos grupos, compreenderiam melhor. Quando chegou a vez deles falarem, foram objetivos e não tiveram vergonha de expor suas ideias.

A mediadora da sala os elogiou por estarem afiados e também os ajudou com o levantamento de hipóteses. O grupo dos adolescentes e os professores também deram suas opiniões, criando um debate sobre o assunto.

Eles me disseram que gostaram bastante. “FOI MUITO LEGAL!!”, ressaltou um dos alunos. O fato de poderem falar sobre a pesquisa e serem ouvidos por pessoas mais velhas fez com que se sentissem importantes.

## **O QUE SE SABE OU NÃO SOBRE BRINCADEIRAS DE RUA**

As hipóteses começaram a surgir no momento da qualificação e até mesmo antes da delimitação do tema. Os alunos acabaram inferindo algumas possíveis causas que levavam as brincadeiras de rua a não serem mais tão frequentes como antigamente. Após algumas discussões, o grupo levantou as seguintes hipóteses a respeito do tema: “As ruas e os bairros hoje não são adequados para as crianças brincarem, pois passam muitos carros e se torna perigoso”.

Outros falaram: “as mães trabalham e não possuem tempo livre para vigiar as crianças enquanto brincam na rua, pois existe muita violência, pessoas que podem fazer mal às crianças se elas brincarem sozinhas sem um adulto por perto.”

Após terminarmos a leitura das pesquisas e levantamento das hipóteses, seguimos para a **elaboração dos questionários**. Ao conversarmos a respeito, decidimos que eles entrevistariam dois públicos para a coleta de dados. Isso permitiria estabelecer uma comparação entre ambos. Os públicos escolhidos foram: outros alunos da escola que também estivessem no 3º ano (ou seja crianças na mesma

faixa etária dos realizadores da pesquisa) e adultos da família ou vizinhos, para conhecermos qual eram as brincadeiras deles quando tinha entre 8 e 9 anos, se passaram para seus filhos essas brincadeiras e se permitiam que eles brincassem na rua.



Roda de conversa sobre o Projeto.

## **NOSSO QUESTIONÁRIO**

Antes de dar início à elaboração dos questionários, fiz uma breve retrospectiva da trajetória do nosso trabalho desde o começo até o ponto onde havíamos parado. Como os alunos haviam ficado um mês de férias, achei importante essa retomada para situá-los novamente em nossa rotina escolar.

Feita a retrospectiva, expliquei para eles que deveríamos elaborar um questionário para o público que iríamos entrevistar. Por meio desse questionário, levantaríamos dados

e coletaríamos informações que permitiriam confirmar ou não as nossas hipóteses.

Depois dessa explicação, eles deram suas opiniões a respeito de como deveríamos começar a aplicar o nosso questionário. Lembrei que havíamos decidido que entrevistar adultos e crianças para fazer uma comparação depois. Eles optaram por começar pelos adultos.

Quando eu perguntei quais seriam as primeiras informações solicitadas pelo questionário, eles responderam:

”O nome!”, “A idade!”, “Ah, e também se é homem ou mulher!”. Ao ouvir isso, um aluno disse: ”Não é assim, homem ou mulher, tem que perguntar o sexo: feminino ou masculino!!!”.

Eu perguntei se saber o nome do entrevistado era um dado importante para a nossa pesquisa. Alguns disseram que sim, porém a maioria disse que não, que eles não entrevistariam alguém famoso. “Pra que saber o nome, queremos apenas as informações!”, disse um menino da turma.

Dando sequência a esta conversa, comecei a instigá-los a pensar sobre qual seria a pergunta inicial. Um aluno levantou a mão e falou: “Quando você era criança, você brincava na rua?”. Fui anotando na lousa as questões da maneira que surgiam. Uma menina disse: “Coloca assim prô: você deixa o seu filho brincar na rua?”. Outras questões foram surgindo em meio à conversa, por exemplo: “Qual era sua brincadeira de rua preferida quando você era criança?”. Dois alunos que gostavam muito de videogames colocaram a seguinte questão: “Você conhecia ou brincava com jogos eletrônicos quando era criança?”. Outra menina falou assim: “A minha mãe disse que

brincava numa máquina que tinha que comprar uma fichinha”. Então, um desses alunos que adora *games* disse: “Era jogo de fliperama!”. Continuando, outro aluno disse: “E se colocarmos assim: você leva o seu filho para passear?”. Segundo este aluno, era importante saber se o pai costumava levar seu filho para passear. Outro aluno retrucou: “Coloca levar seu filho para brincar em parques ou lugares que não seja só brincar em casa... ou numa área de lazer!... ah, já sei, será que existe área de lazer perto de sua casa?”

Conforme eu os instigava a pensar em questões que respondessem a nossas hipóteses, as ideias e questões diferentes foram surgindo ali, no fervor da discussão, e assim fui adequando-as, até finalizarmos o questionário dos adultos. Fiquei de passar a limpo esse questionário. Em seguida, testaríamos com os funcionários da escola para saber se ficou bom ou se precisaríamos melhorar.

Quanto ao questionário para as crianças, os alunos acharam importante saber se elas moravam em rua, avenida ou viela, para verificarmos se viviam em lugares adequados para as brincadeiras de rua. Quiseram perguntar também se elas conheciam ou já brincaram de alguma brincadeira de rua e se os pais permitiam que elas brincassem na rua.

Após toda essa discussão, eles foram para a aula de Educação Física e brincaram de rouba bandeira. Como esta é uma brincadeira de rua e que a grande maioria desconhecia, ao retornarem da aula havia certa inquietação entre eles, pois diziam que nem todos os colegas tinham respeitado as regras. Outros disseram que fulano queria ganhar sempre, as meninas diziam que eram os meninos que não sabiam brincar... enfim, coisa de criança!



Testando o questionário elaborado para crianças entre os colegas da própria turma.



Analizando o questionário dos adultos

## **PARTINDO PARA CAMPO**

Durante praticamente um mês, dedicamo-nos a elaborar e testar os questionários. Agora era o momento de aplicar os questionários ao nosso público, para coletarmos os dados de nossa pesquisa. Comecei a selecionar 10 alunos por dia e pedia que fossem a um dos terceiros anos para entrevistar os alunos. Para isso, construímos algumas regras como: pedir licença

para entrar na outra sala, explicar o motivo da entrevista, perguntar à professora da sala se ela poderia selecionar 10 alunos que tivessem disponibilidade para responder a nossa pesquisa, sentar-se ao lado do aluno entrevistado e ler para ele o questionário de forma clara, repetir a pergunta quantas vezes fosse preciso, explicar a questão caso o entrevistado não a compreendesse.

Os dez alunos que haviam saído para entrevistar uma sala num certo dia eram substituídos por outros dez que não tinham ido. Os demais levavam o questionário para casa e entrevistavam os pais, familiares e vizinhos.

Os alunos que ainda não tinham se apropriado da leitura de forma convencional faziam duplas com outros colegas que liam para eles anotarem as respostas. Seguimos desse modo até o final. Funcionou bem: todos tinham a oportunidade de participar, voltavam para a sala orgulhosos de si mesmos e com vontade de continuar.

## **ESTUDANDO AS INFORMAÇÕES**

Após a fase de aplicação, os questionários foram separados em dois grupos, de acordo com o público alvo (adultos ou crianças). Verificamos se todos os questionários haviam sido preenchidos corretamente, se não estava faltando nenhuma informação. Depois disso, partimos para etapa de **tabulação**. Como eles não sabiam o que era tabular, disse que não iria explicar falando, mas que iríamos fazer uma atividade que os ajudaria a entender essa etapa. Combinamos que eu iria entrevistá-los de forma coletiva. Eu seria a entrevistadora e eles os meus entrevistados... “EBAA!!” – todos ficaram

eufóricos. Expliquei que a cada questão eu iria anotar na lousa a quantidade de respostas para cada pergunta do questionário. Por meio desse exemplo eu poderia mostrar a eles como se fazia a tabulação. Todos foram muito participativos.

Perguntei, por exemplo:

*Com que frequência você costuma assistir TV?*

*( ) muito ( ) pouco ( ) não assisto TV*

Eles levantavam as mãos de acordo com a alternativa.

Depois, contávamos quantos responderam “muito”, “pouco” ou “não assisto TV” e eu anotava a quantidade de respostas na lousa. Conferíamos se o número total de respostas correspondia ao número de alunos presentes naquele dia de aula. Quando terminamos, expliquei que seria assim que iríamos tabular as respostas dos questionários. Depois disso, um aluno disse: “Eu entendi! Tabular é o mesmo que contar!”. Outro emendou: “E a gente vai contar as respostas de todos os entrevistados! Nossa, vai ser uma conta grande!”. Outra aluna disse ainda: “Ai... ai... vai dar trabalho!!”.

Eu respondi que faríamos juntos, de forma coletiva, e que seria bem construtivo, todos aprenderiam juntos. Confirmei que tabular era o mesmo que contar, que tínhamos que contar para montar nossos gráficos e saber dos resultados dos questionários.

Na semana seguinte, retomei com eles o assunto da tabulação e, nesse dia, antes de iniciarmos, disse aos alunos que teríamos que escolher por qual questionário começar: o dos adultos ou das crianças?

A grande maioria respondeu “crianças” e por aí iniciamos, partindo da primeira pergunta até chegar à última. Eu os organizei em duplas. Como o nosso questionário infantil foi

composto por 12 perguntas, organizei 12 duplas. Definimos que aluno que ficasse sem par para compor a dupla seria o redator. A tarefa do redator era acompanhar a atividade juntamente com a turma e, depois de tudo concluído e anotado na lousa, escrever tudo numa folha à parte que posteriormente seria utilizada para fazer os gráficos.

E assim se desenvolveu a atividade: eles liam a pergunta e depois olhavam as resposta, eu ia anotando na lousa conforme a quantidade de resposta que surgia, os alunos que ainda não tinham se apropriado da leitura acompanhavam um colega que lia seguindo o texto com o dedinho. Foi uma atividade muito rica, visto que trabalhamos leitura e cálculo conjuntamente.

Quando terminamos a tabulação dos questionários das crianças, eu disse que ainda faltava fazer o mesmo com os questionários dos adultos. Porém, deixamos o questionário dos adultos para tabular na aula seguinte. Perguntei a eles se haviam gostado de fazer daquela forma ou se queriam mudar. Eles disseram que foi legal fazer daquele jeito. Assim, na aula seguinte, adotamos os mesmos procedimentos. Apenas o redator foi modificado.

## **OS GRÁFICOS**

Antes de iniciarmos a construção dos gráficos, retomamos os resultados da tabulação e fizemos uma leitura para pensarmos juntos como seria a elaboração desses gráficos. A interpretação de gráficos faz parte de nossa rotina, é um dos conteúdos propostos para matemática. Nós já havíamos feito

alguns gráficos juntos sobre idades da turma, aniversários, preferências por cores, frutas e desenhos. Portanto, já tinham noção de como se constrói um gráfico.

Entreguei às duplas uma folha com linhas. Orientei que fizessem a contagem das linhas de baixo para cima e anotassem o número no lado esquerdo da margem. Após a contagem, na parte superior da folha, demos um título para a pergunta que iríamos analisar; na parte de baixo, escrevemos os itens de nossa pergunta – por exemplo: muito, pouco, não assisto. Depois de eles registrarem essas informações na folha, retomei as anotações feitas pelo redator com os dados da tabulação do questionário das crianças. Com o uso de uma régua, iniciamos a marcação das informações da tabulação nas folhas para montar os gráficos.

Elaboramos um título para cada pergunta do questionário. Cada dupla ou trio ficou responsável por anotar os dados de uma determinada pergunta. Com isso, os esboços dos gráficos foram sendo construídos pouco a pouco. Transitei pelos grupos ou duplas para auxiliá-los e tirar dúvidas, mas eles deram conta de fazer o trabalho. Os que conseguiam fazer com facilidade e que já haviam terminado ajudavam os demais na atividade. O mesmo processo foi utilizado para fazer os gráficos com os resultados da pesquisa dos adultos.

Por fim, os gráficos ficaram prontos nas folhas. Eu os levei para casa e os refiz no Excel. Depois que ficaram prontos, levei para a nossa sala o projetor multimídia e mostrei como tinham ficado os gráficos que eles haviam construído e que eu havia passado para o Excel. Uma criança, ao ver os gráficos, falou: “Olha só! Uma planilha! Eu sei que

isso aí é uma planilha do Excel. Eu faço curso e no meu curso o instrutor já me ensinou sobre isso!”. Outra perguntou: “E essa planilha é para fazer gráficos?”

Eu respondi que sim, que se tratava de uma planilha do Excel, um programa muito utilizado para esse tipo de tarefa. Mostrei como eu os fiz e os tipos de gráficos que existiam na planilha. Ao mostrar os tipos de gráficos, para que eles conhecessem o nome de cada um, fiz algumas perguntas. Por exemplo: “O que este gráfico em forma de círculo no lembra?”. E os alunos responderam: “Uma bolacha!”, “Uma pizza!”, “A lua!”.

Expliquei que era isso mesmo, que lembrava tudo aquilo, mas que normalmente era chamado de gráfico em formato de pizza. Dando sequência, perguntei sobre os demais e as respostas eram bem criativas e até engraçadinhas: “Uma caixinha de jogo de dominó”, “Uma caixa de leite”... Até que pedi para falarem sobre a forma geométrica do gráfico: “Paralelepípedo!!”, disseram. Insisti mais um pouco: “E quanto ao estilo de gráfico que já estudamos?”. Uma criança finalmente respondeu: “É de barra, prô!!”. E foi assim que aprenderam mais sobre gráficos e sua construção.

Após essa explicação, pedi para analisarmos os resultados e eles se surpreenderam com um dos gráficos. A maioria das crianças disse que não conhecia as brincadeiras de antigamente, mas quando nos referíamos às brincadeiras de rua boa parte conhecia e até deu exemplos de brincadeiras, ou seja, chegamos à conclusão de que o termo “antigamente” era o que levava a criança a dizer que não conhecia as brincadeiras de rua de antigamente.

## RESULTADOS

Depois de realizadas a pesquisa, a tabulação dos dados e a construção dos gráficos, partimos para a **análise dos resultados**.

Em outra aula, continuei a mostrar os gráficos, retomei de onde havíamos parado para que pudéssemos dar início à próxima etapa. Assim, nessa aula pedi para focarmos nossas atenções nos resultados.

Começamos pelos resultados obtidos com as entrevistas das crianças. Retomamos o gráfico que tinha servido como base para analisarmos as consequências do uso do termo “antigamente”. A cada dado levantado, os alunos ficavam mais curiosos e percebiam nos gráficos as respostas para nossas hipóteses levantadas no início da pesquisa. Por exemplo, perguntei se conseguiam fazer uma relação entre as nossas suposições e os resultados. Abri a discussão e eles foram falando tudo o que achavam que tinha ligação.

Uma criança disse: “Olha aí, prô, a maioria das crianças não tem permissão para brincar na rua, mas a diferença não é tão grande assim como a gente pensava!”. Pois é, esse aluno tinha razão: 55% das crianças entrevistadas não tinham permissão para brincar na rua, enquanto 45% tinham permissão. Embora nossa hipótese estivesse sendo confirmada a diferença não era tão grande como pensávamos.

Outro resultado que chamou a atenção deles foi sobre o que as crianças fazem após o horário de aula. Ficaram admirados em ver que a maior parte ficava em casa e um número muito pequeno praticava alguma atividade diferente, como cursos, projetos educativos ou prática de esporte. Ou seja, essas crianças passavam a maior parte do tempo em

frente à TV ou ao computador. Aliás, com os resultados da pesquisa os alunos puderam perceber também que a maioria disse assistir TV com muita frequência e nenhum de nossos entrevistados disse não assistir TV. Esses dados fizeram com que um dos alunos concluísse: “Se eles não praticam nenhum tipo de atividade diferente, eles ficam jogando no computador ou assistindo TV...né, professora?!”. Disse para esse aluno que fazia sentido que ele estava falando. Logo em seguida, outro aluno falou assim: “Sabe, prô, depois da escola eu fico em casa. Aí, quando tem lição de casa eu faço, se não, eu vou jogar no meu videogame, assistir TV. Eu só brinco na praça ou na rua quando o meu pai está por perto”. Nesse momento, alguns alunos se manifestaram e disseram que brincavam na rua. Observando o resultado das pesquisas e a conversa com eles, chegamos à conclusão de que a maioria das crianças, de fato, fica em casa, mas que uma boa parte ainda brinca na rua, ainda que não seja com a mesma frequência de antigamente.

Continuando nossas análises, surgiu outro dado curioso, dessa vez a respeito do conhecimento que eles têm sobre jogos de computador. Apareceram muitos nomes de jogos diferentes e de jogos que foram adaptados para a internet, como brincar de boneca (Barbie e Polly) e jogos de cartas, como baralho Uno, memória e outros mais. Percebemos, ao analisar os gráficos, que jogos eletrônicos são conhecidos e praticados por quase todos os nossos entrevistados, mas, ainda assim, houve um número bem pequeno de crianças que responderam nunca ter brincado com jogos no computador. Esse dado causou polêmica entre eles “Nossa, eu não acredito que existe alguém que nunca jogou no computador!”, disse um aluno surpreso. E outro respondeu:

“Eu nunca joguei no computador. Nunca tive vontade... eu jogo às vezes no meu celular, que ganhei do meu pai, mas esses jogos violentos de computador o meu pai não permite e eu não me interessa também!”.

Expliquei a eles que existem muitos alunos como o nosso colega que disse não se interessar por jogos de computador. Além disso, existem também os que não têm acesso a computadores. “Vai numa *lan house* se não tem computador ou internet!, falou um aluno. E outro respondeu: “E se o pai ou a mãe não deixam ir à *lan house*? Aí ele não joga!”.

Expliquei que há vários motivos para um aluno nunca ter jogado no computador: não se interessar (como nosso amiguinho da turma), não ter acesso, os pais acharem que a criança fica muito exposta e, talvez, acreditarem que ainda é cedo para eles começarem a interagir com este tipo de atividade. Falei que este seria um outro assunto para pesquisarmos no futuro.

Em outro dia, analisamos os gráficos com os resultados dos adultos. Eles ficaram curiosos e, ao comentarem cada gráfico com seus respectivos dados, voltavam no tempo, tentando imaginar os adultos de hoje crianças, sem computadores, sem videogames, sem celulares, sem *games* portáteis, sem *Iphone*, *Ipad* e tantos outros itens modernos. Então falaram: “Nossa, que estranho! Que chato devia ser!”, “Brincavam na rua livres com os amigos o dia todo, que coisa legal!”, “Meu pai falou que aproveitou bastante a infância dele!” “Minha mãe disse que naquele tempo tanto os meninos quanto as meninas brincavam de bola”, “Nossa, que mundo diferente era o deles, hein, prô!”.

Essa dinâmica de fazê-los se situarem numa época diferente facilitou o estudo dos resultados da pesquisa realizada com os adultos. Para analisarmos esses dados, fiz uso de uma metodologia diferente: em vez de ficarmos analisando gráfico por gráfico, formei grupos e pedi que cada grupo analisasse um gráfico e daí tirasse suas conclusões. Depois de terminada a análise, propus que escrevêssemos um texto coletivo sobre os dados gerais da pesquisa. Expliquei que esse texto que iríamos produzir juntos seria o relatório de nossa pesquisa e que esse relatório seria importante para finalizarmos nosso projeto. Todos aceitaram.

Começamos pelo título. Toda a escrita do relatório se deu a partir do que eles diziam, respeitando a forma como explicavam os resultados. Eu era a escriba deles que ia anotando na lousa. Essa atividade foi bem proveitosa porque trabalhávamos tanto a escrita como a oralidade, além da adequação do que é falado à escrita. Esse procedimento também foi utilizado para fazermos o relatório final de conclusão da pesquisa.

## **BLOG BRINCANDO E APRENDENDO**

Criamos um blog com as etapas do projeto. O nome do blog é “brincando e aprendendo” (disponível em: <http://brincarrrrrrr.blogspot.fr/2013/11/por-que-brincadeiras-de-rua.html>). Antes de fazê-lo, eu havia conversado com a turma a respeito e expliquei o que significa blog. Combinamos que os alunos pediriam aos pais para que assinassem uma autorização permitindo o uso da imagem das crianças, pois havíamos tirado várias fotos durante o projeto. Alguns dias depois, o blog ficou pronto. Mostrei aos alunos, que ficaram orgulhosos em verem seus trabalhos e fotos compartilhados por todos. Aproveitei

para explicar as etapas de construção do blog e dois dias depois alguns alunos disseram para mim e para o restante da turma: “Fizemos um blog também, prô! O nosso é sobre jogos eletrônicos. Lá tem dicas de como jogar melhor e conseguir ganhar alguns jogos!”. Após esse comunicado, falei com a turma toda, que ficou muito contente e curiosa. Os meninos que fizeram o blog nos passaram o endereço. No dia da apresentação do trabalho para os demais alunos de terceiros anos da nossa escola e também para a entrega do certificado do XI Seminário, nós divulgamos os blogs. Nesse dia, os alunos que estavam presentes saíram de lá se sentindo com a autoestima bem elevada e muito orgulhosos de si mesmos. Os demais alunos que assistiram à apresentação apreciaram bastante e pediram para os meus alunos mais informações sobre os blogs, que eles queriam procurar na internet.

Enfim, fiquei muito contente em saber que todo esse trabalho realmente havia trazido bons resultados e, para minha surpresa, superou a minha expectativa!



O relatório coletivo elaborado a partir das falas das crianças sobre o resultado da pesquisa Disponível em [http://www.nepso.net/projeto/2314/brincadeiras\\_de\\_rua](http://www.nepso.net/projeto/2314/brincadeiras_de_rua)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização deste trabalho, tanto eu quanto meus alunos pudemos construir juntos um aprendizado novo a cada etapa da pesquisa. O trabalho em equipe, as adequações que foram necessárias fazer conforme surgiam as problemáticas, as intervenções nas conversas para direcionar ao nosso objetivo, as buscas por informações que fossem relevantes para compor o nosso projeto, as parcerias com outros professores de outras disciplinas, o apoio da escola, a colaboração da família como autores extramuros – tudo isso nos mostrou que podemos mudar um pouco a rotina da escola através da procura de aprendizagens que sejam mais significativas e que envolvam a comunidade escolar. Construir aprendizagens que despertem o interesse dos alunos a partir de seus próprios anseios e que, além de aprendizagens, também proporcionem novas descobertas e novas maneiras de aprender sobre um mesmo objeto de conhecimento.

Notamos que o tema que surge a partir de uma simples conversa leva o aluno a buscar fontes que assegurem suas dúvidas e essa busca leva a aprendizagens que se diferem da reprodução de um determinado assunto pronto e pré-estabelecido por outros. Dessa maneira, ele passa a ter a liberdade de aprender a aprender, além de pesquisar e divulgar o seu trabalho e o conhecimento proporcionado pelo mesmo. Ao definir um tema, qualificá-lo, levantar hipóteses a respeito do assunto pesquisado, o aluno tem o desafio de elaborar, justificar e construir seu próprio aprendizado, assim como está proposto nos objetivos dos PCNs (Parâmetros

Curriculares Nacionais): são atividades que o tornam capaz de “se posicionar de maneira crítica e responsável nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões coletivas”.

Bem, acredito que o trabalho deu certo. Acho que eu faria tudo de novo. Não sei o que acrescentaria. Cada grupo tem a suas particularidades. Com certeza, tudo será diferente quando eu tiver a oportunidade de desenvolver o projeto com outro grupo, com outro tema e em outro momento.

Durante toda a realização do trabalho, muitas aprendizagens foram surgindo. Aprendi, por exemplo, a trabalhar com projetos e por projetos de uma forma prática. Aprendi, também, a respeitar e levar em conta a fala e o conhecimento prévio dos alunos. Só agora pude compreender na prática as teorias defendidas em documentos que norteiam a educação brasileira, como a Lei de Diretrizes e Bases e os PCNS.

Os alunos com os quais desenvolvi o projeto aprenderam diferentes maneiras de se explicar e justificar um assunto a partir de suas próprias inquietações, descobriram que não existem fronteiras entre as diferentes disciplinas e áreas de conhecimento, aprenderam a compartilhar e a divulgar o aprendizado de diversas formas: seja através de um simples mural na sala, seja no mural do pátio da escola, seja no contato com os amigos da sala ou com os demais colegas da escola, seja na relação com a família e com a comunidade, seja, por fim, num espaço virtual, assim como no blog que desenvolvemos. **Além de todos esses aprendizados, houve um ótimo avanço deles em relação a suas hipóteses de leitura e escrita – muitos desenvolveram a prática leitora,**

## **descobriram o prazer de ler e de expressar suas ideias junto aos demais.**

Enfim, para que um trabalho de pesquisa dê certo, antes de tudo é necessário acreditar em si mesmo enquanto professor e na sua turma. É importante saber ouvir e intervir, ter flexibilidade para mudar e se adequar às necessidades e dificuldades que surgem ao longo do trabalho. Além disso, é fundamental buscar diferentes maneiras de organizar o conhecimento novo que surge a cada etapa do desenvolvimento da pesquisa, saber lidar com as inquietações dos alunos durante o processo, investigar novas formas de orientação que sejam adequadas ao objeto de estudo e aos anseios da turma. Portanto, é preciso estar disposto a se aventurar por novas formas de se chegar ao conhecimento. Conhecimento este que não acaba e nem termina no produto final do projeto de pesquisa, mas que continua a abrir novas portas para percorrer o caminho pela descoberta do saber que está dentro de cada um de nós, professores e alunos.

# TECNOLOGIA: COMPUTADOR

**ANA LUCIA B. S. CORRAL**

**MEU NOME É ANA LÚCIA, SOU** professora do Ensino fundamental I na rede estadual São Paulo há 25 anos e trabalho com a metodologia Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso) há mais de cinco anos.

Desenvolvi o programa Nepso na Escola Estadual Dona Esperança de Oliveira Saavedra, escola pequena, com 461 alunos e oito salas de aula de ensino fundamental I, localizada em Mauá, município da Grande São Paulo.

Os 29 alunos pesquisadores têm entre 9 e 10 anos, estão no 5º ano, sendo 12 meninos e 17 meninas, razão pela qual talvez se constitua como um grupo extremamente falante, curioso e participativo.

Tenho uma expectativa bastante positiva, acredito que terei um bom retorno em todas as etapas, pois os alunos fazem as tarefas de casa com bastante interesse. Como nos anos anteriores, temos total apoio por parte da direção e da coordenação da escola para desenvolver o programa.

No início do ano letivo de 2013, falei com as crianças sobre o Nepso, apresentando-o como mais um dos vários

projetos desenvolvidos na escola, mas abordei-o apenas superficialmente. Conteí para os alunos sobre o projeto aos poucos. Em outras aulas, expliquei sobre as etapas do programa e conteí o que os alunos teriam que fazer. Na verdade, meu objetivo era deixar os alunos curiosos em relação ao trabalho que seria desenvolvido.

Utilizei as duas últimas aulas de 11 de abril para iniciar a escolha do tema. Expliquei novamente todas as etapas, tirando as dúvidas a respeito. Falei da abrangência do Nepso, um programa de nível internacional, listando na lousa os países que participam. Usei o mapa do Brasil para localizar os Estados participantes e mostrei no mapa-múndi os países citados. Os alunos ficaram muito animados e curiosos ao saber que teriam contato com pessoas de outros países. Assim, conteí a eles que, nos seminários realizados pelo programa, já tinham vindo alunos da Colômbia e também de Portugal e que, neste ano de 2013, poderiam vir estudantes de outros países.

Como sempre, salientei que era uma pesquisa de opinião e que os alunos deveriam respeitar a opinião das pessoas, ressaltando que o objetivo da pesquisa não era ensinar nem testar o conhecimento dos entrevistados.

Propus aos alunos que trabalhassem em duplas para conversar sobre os temas que eles achariam interessante pesquisar. Após um tempo, fizemos uma roda de conversa sobre os temas mencionados, listando-os na lousa: filmes, brincadeiras, sistema solar, tecnologia, continentes. Percebi que, como ficou um pouco “solta”, a discussão não se limitou às duplas, e os alunos conversaram em grupos maiores, por

proximidade. Assim, na hora da listagem, apareceram temas repetidos.

Após essa listagem, conversamos sobre cada tema e o que seria interessante descobrir sobre cada um. Depois, pedi aos alunos que escrevessem em um papelzinho o tema que gostariam de trabalhar. Em geral, crianças adoram esse tipo de votação e ficam torcendo por um tema. Nesse dia, não foi diferente. Elas vibraram a cada papelzinho aberto. Por 12 votos, de um total de 26, venceu o tema “tecnologia”, sugerido pela aluna Kamilly. Não houve uma tentativa de convencimento da classe por parte da aluna. Acredito que os alunos realmente acharam a sugestão dela mais interessante. O tema “brincadeiras” ficou em segundo lugar. Achei muito legal a postura da aluna que havia sugerido este tema, pois ela comentou que vencendo “tecnologia”, ela poderia pesquisar sobre brincadeiras tecnológicas.

Escolhido o tema, comentei com os alunos que esse tema era muito abrangente para estudar. Então, perguntei o que especificamente eles gostariam de saber sobre tecnologia. Os alunos disseram que gostariam de saber como era “o antes e o depois” da tecnologia. Respondi que isso era muito relativo também, que, para o homem das cavernas, a descoberta do fogo foi uma enorme tecnologia, e hoje o uso do fogo é corriqueiro. Conversamos sobre o filme *Os Croods* (Animação norte-americana de 2013, com direção de Kirk DeMicco e Chris Sanders), a que eu e dois alunos havíamos assistido no fim de semana.

Perguntei aos alunos o que eles queriam descobrir com a pesquisa (pergunta-guia). Eles responderam que queriam

saber o que as pessoas acham da tecnologia. **Questionei o que eles achavam que as pessoas responderiam e disseram que achavam que jovens amam tecnologia, adultos gostam e idosos detestam. Concluimos que faríamos a pesquisa com as três faixas etárias.**

Encerrei a aula muito satisfeita, com a certeza de que tivemos uma discussão muito produtiva sobre os efeitos da tecnologia nas relações humanas. Alguns comentaram que desligavam a televisão para conseguir a atenção das mães e que faziam de conta que não estão ouvindo ninguém quando estão diante do computador. Acredito que farei um trabalho bem interessante voltado para a área de História e que teremos etapas muito produtivas.

## **Qualificação do tema**

Para qualificar o tema “tecnologia”, pedi aos alunos que fizessem uma pesquisa sobre o assunto, marcando uma data para a entrega.

Os alunos trouxeram bastante material, muitos usaram a internet como fonte, trazendo imagens antigas de objetos tecnológicos e comparando-as com os atuais. Alguns alunos buscaram no dicionário o verbete que explica o que é tecnologia: “Conhecimento técnico e científico, ferramentas e máquinas que ajudam a resolver problemas”.

Propus que a turma fosse dividida em grupos de quatro para analisar o material trazido, registrar o que era mais interessante e expor para a classe as conclusões do grupo. Os alunos teriam que se organizar para escolher um escriba, discutir o que escreveriam e escolher alguém para

expor. Informei a turma que, por meio dessa exposição, escolheríamos os alunos que participariam do Seminário de Qualificação do programa Nepso aqui em São Paulo.

Circulando pela sala para observar os trabalhos, observei que, como os deixei livres para compor os grupos, a discussão fluiu bem, os alunos consultaram o material trazido, alguns liam para o grupo, que, atento, escutava. Percebi o compromisso deles em relação ao trabalho e fiquei muito feliz.

Terminado o tempo da discussão, partimos para a exposição do que haviam discutido. Dois grupos se mostraram tímidos. Para esses, eu mesma fui perguntando, instigando-os a falar. A grande maioria dos grupos conseguiu falar sobre o que tinha anotado de importante, com um orador bem descontraído. E assim surgiu a minha primeira grande dificuldade desse projeto: quem escolher para levar ao Seminário de Qualificação? Vários alunos gostariam de ir, mas eu só poderia levar cinco. Discuti com eles alguns critérios importantes a serem observados para ir ao seminário, salientando que os alunos escolhidos iriam expor para adolescentes e professores e que estariam em um ambiente estranho, mas não poderiam ficar envergonhados.

Assim, teríamos de escolher os alunos mais descontraídos e que não tinham “amarelado”. Comecei citando alguns nomes: Kamilly, Isabela, Welington, Caroline. Faltava apenas um nome, e a dúvida era cruel: quem mais? Perguntei quem queria ir, e, é claro, vários braços se levantaram. Passei para a turma a tarefa de escolher o último participante, e eles votaram na Ana Carolina. **Percebi que, ao passar para a turma os critérios de escolha, os alunos tiveram a maturidade de perceber**

**quem realmente era capaz de ir, não discordando das minhas escolhas. No entanto, no momento de escolher quem iria, os alunos decidiram pela aluna mais “popular”.** Depois, concluí que essa escolha deve realmente ser feita pelo professor, que consegue manter determinada distância na hora de escolher o participante que melhor se encaixa na função. Alguns alunos ficaram chateados por não ir, uma aluna até chorou, mas conversamos sobre o fato de nem tudo ser como a gente quer, que a gente tem que se preparar para os “nãos” da vida. Combinamos que, do próximo seminário, outros alunos participariam.

Na semana seguinte, ensaiamos a apresentação. No dia do seminário, percebi que os alunos estavam bem nervosos. Contudo, como o nosso foi um dos primeiros grupos a se apresentar, houve poucos questionamentos por causa da timidez inicial dos participantes da sala. Eu também não tinha muitos questionamentos, pois eu mesma já os tinha preparado. Na apresentação, eles falaram sobre cada etapa do que tínhamos desenvolvido e responderam às poucas questões que apareceram. Ficaram bastante felizes em participar, gostaram muito e de tudo.

Na aula seguinte, entreguei os certificados e contamos para a sala como foi a apresentação.

Após as férias, para finalizar a qualificação, exibi o filme *Os Croods*. Discutimos as dificuldades de uma vida totalmente sem tecnologia e de como os personagens viviam com medo de tudo.

## Elaboração do questionário

Orientei os alunos a formar grupos de quatro participantes para elaborar as questões. Eles pareciam um pouco perdidos, sem saber por onde começar. Ofereci, então, o material trazido para a qualificação e pedi que relessem e elaborassem duas questões para analisarmos na próxima aula. No final da aula, recolhi as questões e levei para casa a fim de analisá-las. Foi um fiasco! Os alunos registraram somente questões muito óbvias, como: “Você acha que a tecnologia evoluiu?”, “Você usa a tecnologia?”. Isso sem contar os que só usaram a pergunta-guia: “O que você acha da tecnologia?”.

Na aula seguinte, retomei com eles as questões, e percebemos que não iríamos a lugar algum com aquelas perguntas, pois as respostas seriam óbvias demais: é claro que, nos dias de hoje, todos usam algum tipo de tecnologia e que ela evolui diariamente.

Desde o início do projeto, achei que tecnologia era um tema amplo demais. Propus aos alunos que pensassem em apenas um tema tecnológico: “Qual o interesse de vocês? Vocês têm curiosidade de saber a opinião das pessoas sobre qual aspecto tecnológico?”. A resposta foi unânime: “Computador”! Assim, decidimos elaborar questões sobre o computador e o atual telefone celular, que não deixa de ser um computador manual.

Achei prudente elaborar as questões de forma coletiva, com toda a turma analisando as questões e opinando na hora sobre cada uma delas. Em anos anteriores, eu já havia elaborado essa etapa de forma coletiva, obtendo resultados imediatos. Talvez as crianças dessa faixa etária sejam ainda

imaturas para elaborar questões claras e objetivas sem a mediação do professor, que se faz necessária também para a correção de possíveis erros gramaticais. Esse também é um momento propício para refletir sobre o uso da língua portuguesa. Meus alunos são muito falantes e participativos. Assim, não haveria dificuldade em relação à interação necessária para isso.

Expliquei que a primeira parte seria a identificação do entrevistado e questionei o que seria interessante saber dessas pessoas. Fechamos em sexo, idade e escolaridade.

Cada questão foi pensada por mais ou menos 25 alunos (cinco estavam “viajando”, sem interesse no projeto). Quando direcionamos o tema para o uso do computador e fizemos as questões de forma coletiva, a atividade fluiu bem melhor. Os alunos se colocaram no lugar dos entrevistados, pensando em cada resposta. Na questão 3 (“Para que você usa o computador?”), cada um foi dizendo como usa, e fomos listando na lousa. A questão 6 (“Você gosta de usar o computador?”) gerou discussão, porque alguns alunos achavam que a resposta seria obviamente “sim”. Citei para eles o exemplo do meu irmão, que trabalha o dia inteiro diante do computador e, quando chega em casa e nos finais de semana, nem chega perto do computador. Esse meu comentário gerou a sétima pergunta do questionário: “Você usa o computador para trabalhar?”.

Ao elaborar esse questionário, percebi que muitos alunos passam a maior parte do tempo em casa na frente do computador. Alguns em jogos, outros em redes sociais. Não existe um controle por parte dos pais, tanto em relação ao tempo quanto em relação ao conteúdo do que as crianças

acessam. Um aluno até admitiu que acessa pornografia na internet, o que, na minha opinião, é algo aceitável para um adolescente, precoce demais para uma criança de 10 anos. Imagino que, como a maioria das mães trabalha fora o dia inteiro, as crianças ficam “livres” para acessar o que quiserem. Assim, constato que o computador já ocupa o antigo posto da televisão como babá eletrônica.

Também discutimos sobre os perigos e as mentiras trazidas pela internet. E os alunos apresentaram vários exemplos, vistos na televisão ou relatados por conhecidos, sobre os riscos da internet.

Sem dúvida, o projeto trouxe possibilidades únicas de reflexão sobre o impacto dessa tecnologia nas relações sociais dos meus alunos. Nenhum projeto desenvolvido na escola possibilita esse tipo de discussão, e vejo o quanto ela se faz necessária nos dias de hoje.

É claro que toda essa discussão influencia a minha relação com os alunos. Acredito que eles me veem como uma “tiazona”, como a “consciência” que fala o que eles já sabem, mas não colocam em prática. Conversei com o aluno que acessa pornografia no sentido de explicar que o que ele vê é meio “sujo”, que sexo com amor é diferente de algo feito para ganhar dinheiro. Ele riu, mas acho que entendeu.

Falei com a turma sobre o excesso de horas na internet, que os alunos poderiam fazer outras coisas também interessantes. Talvez eles considerem minhas opiniões ultrapassadas e, como pré-adolescentes que são, embarcam no senso comum. Mesmo assim, lancei a semente. Quem sabe ela germina?

## Pré-teste e pesquisa de campo

Com o questionário pronto, faltava fazer o pré-teste para verificar a necessidade de possíveis mudanças. Entretanto, havia certa urgência de minha parte em iniciar o trabalho de campo, pois já estávamos meio atrasados no andamento do projeto, e eu queria que eles aproveitassem o feriadão de 12 de outubro para começar as entrevistas. Ocorreu-me a ideia de fazer o pré-teste de uma forma diferente: a professora Vera, minha amiga que se aposentou nesse ano, estava na escola para nos visitar e, como ela também já havia desenvolvido o programa e o conhecia muito bem, convidei-a para responder ao pré-teste para a minha turma na sala de aula.

Perguntei aos alunos quem gostaria de fazer o pré-teste com a Vera, e a turma ficou com vergonha. Só a aluna Isabela teve coragem de fazer a pergunta. Foi muito legal. Isabela perguntava, e Vera respondia na frente de todos os alunos. Conversamos sobre a postura correta de abordar o entrevistado, agir com educação e saber ouvir sem opinar, respeitando a opinião alheia. Ao final, Isabela disse que não sentiu dificuldade, e Vera também. Foi legal essa forma de realizar o pré-teste, porque todos estavam atentos e curiosos para saber as respostas de Vera, uma pessoa diferente na sala. Houve uma interação muito boa, e, talvez pelo fato de o questionário já ter sido elaborado de forma coletiva, não houve necessidade de modificação das perguntas.

Assim, imprimi os questionários e os distribuí para a turma. Como os alunos tinham que entrevistar três pessoas diferentes, e também com a intenção de economizar folhas,

utilizei o modelo ensinado pela coordenadora do polo São Paulo, Thaís Bernardes, colocando as respostas dos três entrevistados juntas numa espécie de gabarito. Fiquei um pouco apreensiva, achando que os alunos poderiam se confundir na hora de anotar as respostas dos entrevistados, mas deu tudo certo.

Na aula seguinte, foi aquele alvoroço. Os alunos queriam contar como foi a entrevista. Ariane, Ana Carolina e Guilherme disseram: “Detestei entrevistar idoso”. Quando perguntei o motivo, eles falaram: “Tem que repetir a pergunta um monte de vezes, porque eles não ouvem direito”. Vários alunos concordaram. Quatro alunas (Isabelle, Andressa, Victória e Giovanna) combinaram de, juntas, entrevistar pessoas que passavam na rua. **Admirei o fato de elas terem a coragem de entrevistar pessoas estranhas, porque são meninas extremamente tímidas.** E fiquei mais surpresa ainda quando as vi levantando a mão e contando: “Foi superlegal perguntar pros jovens”, “Todo mundo foi bem-educado com a gente”. Todos os alunos relataram ter gostado muito de fazer as entrevistas.

## **Tabulação e análise dos resultados**

De posse dos questionários, tínhamos que iniciar a parte mais trabalhosa de todo o processo: tabular as 72 entrevistas. Fizemos isso em três dias, nas duas últimas aulas. Primeiro, tabulamos as entrevistas dos jovens, depois, dos adultos e, por último, dos idosos. Enquanto os alunos indicavam as respostas dos seus entrevistados, eu registrava os dados na lousa.

Para analisar os resultados, aproveitei para trabalhar com a tabela de dupla entrada (um dos conteúdos de Matemática),

que consiste em analisar os dados de uma tabela na vertical e na horizontal. Juntos, organizamos os dados em tabelas, o que tornou muito mais fácil a análise, ajudando os alunos a aprender com mais facilidade esse conteúdo.

Analizamos cada dado colocado na tabela, registrando ao lado nossas observações. Os resultados indicaram que: a maioria dos entrevistados eram mulheres, com Ensino Fundamental completo, apenas sete pessoas não usavam telefone celular e a grande maioria que diz usar o computador é jovem. Os idosos entrevistados preferem não usar o computador, e os adultos usam o equipamento alguns dias por semana. A análise dos dados confirmou a hipótese inicial, mas também trouxe algumas surpresas, como os fatos de que os jovens têm noção de que o computador e o celular isolam as pessoas e de que existe “um mundo falso” na internet. Os entrevistados também acham que o computador pode contribuir para afastar as famílias e dizem ter outras opções de lazer que não seja o computador.

Foi muito produtivo analisar os resultados desse modo, porque, ao pensar o que aqueles números de respostas significavam, redigíamos uma frase a respeito. Dessa forma, os alunos assimilaram bem o que cada questão nos mostrava.

## **Apresentação dos resultados no seminário**

Coordenadores do programa Nepso, Thaís Bernardes e Renato Nascimento já haviam falado da liberdade de apresentar os resultados no seminário de forma mais criativa, diferente da aula expositiva. Passei para os alunos essa responsabilidade e pedi a eles que pensassem numa maneira

bacana de apresentar os resultados da pesquisa. Eles tentaram fazer uma paródia da música “Show das poderosas”, mas não deu certo, não saíram do primeiro verso. Resolveram, então, organizar um jogral. Percebi que não sairia nada também, ninguém havia tentado fazer em casa, como havíamos combinado. Então, novamente de forma coletiva, na lousa, escrevemos uma poesia contando os resultados da pesquisa.

## Mundo tecnológico

Alunos do Esperança,  
Do 5º ano D,  
Vieram lhe mostrar  
Pesquisa do PC.  
Todo mundo usa.  
Todo mundo tem.  
Crianças, jovens, adultos.  
Os velhinhos e o neném.  
O jovem está viciado  
E cada vez mais isolado.  
Computador nunca para,  
Todo dia tá ligado.  
Idosos são resistentes.  
No fundo não querem mudar.  
Pensam em outras coisas,  
Não querem saber de teclar.  
O computador  
Chegou para arrasar,  
Facilitando nossas vidas  
E nosso mundo melhorar.

Se você é viciado,  
Venha nos escutar.  
Talvez o seu mundo  
Possa melhorar.  
Porém, tome cuidado,  
Aos amigos dê atenção.  
Você pode ficar isolado  
E morrer na solidão.  
O computador vicia  
E pode prejudicar,  
Te afasta da família,  
Fazendo você chorar.  
Por isso, seja esperto.  
Aos amigos dê atenção,  
Nunca troque sua família  
Por um mundo de ilusão.

## **Também criamos manchetes para os resultados de algumas questões:**

- P1. Mulheres são a maioria.
- P2. Viciados... em tecnologia!
- P5. Velhinho não quer saber de teclar.
- P6. Redes sociais bombando!
- P7. Totalmente ligados no PC.
- P8. Facilitando vidas...
- P9. Jovens adoram o mundo virtual.
- P11. Computador dá nocaute em videogame.

P12. Jovens também pensam em outras coisas.

P13. Computador contribui para a solidão.

P14. Computador detona família.

P15. Computador é amigo da onça.

P16. Computador veio para arrasar.

Para escolher os alunos que iriam apresentar nosso projeto de pesquisa no Seminário Paulista do Nepso, resolvi fazer uma votação. Expliquei os critérios que deveriam ser considerados para a participação no seminário: desenvoltura para falar em público, não enjoar em ônibus, ser educado, saber explicar cada etapa do projeto, não ter ido no Seminário de Qualificação, a permissão dos pais, não ter compromisso na data do seminário, marcado para um sábado. Listei na lousa os nomes dos candidatos, e a turma escolheu Ariane, Guilherme, Cássia, Giovanna, Manuela e Andressa.

Ensaíamos como seria a apresentação e o jogral e, para deixá-los mais desinibidos, eles apresentaram antes aos alunos do 2º e do 3º anos. Em 9 de novembro, data do Seminário, eles apresentaram os resultados da nossa pesquisa e se saíram muito bem, responderam ao que foi perguntado e questionaram bastante os outros projetos que também estavam sendo apresentados.

Na segunda-feira, bastante animados, os participantes do seminário contaram aos outros alunos como foi a experiência. Parabenizei-os pelo desempenho e disse aos outros que eles foram muito bem representados. Pedi aos alunos que fizessem um relatório sobre o projeto. Eles escreveram que gostaram muito de participar e que gostariam de repetir essa experiência

no próximo ano.

Finalizei dessa forma mais um ano de trabalho com o programa Nepso.

## Considerações finais

Embora seja um projeto que desenvolvo já há um bom tempo, descubro que, a cada ano, a metodologia Nepso tem a capacidade de ser renovada sem perder a essência e me trazer aprendizagens e desafios bastante significativos. Nesse ano de 2013, não foi diferente.

Vejo que cada etapa foi concluída (ou seja, a essência do programa está lá), mas nunca da mesma forma que nos anos anteriores. **Algumas pequenas modificações foram bastante significativas para mim: a forma como fizemos a análise dos resultados foi diferente, e eu pude trabalhar concomitantemente um conteúdo de Matemática no qual os alunos costumam apresentar bastante dificuldade, que são as tabelas de dupla entrada.** Ao fazer as tabelas e registrar as nossas análises ao lado, pensávamos nos resultados obtidos em cada questão, o que foi muito bom. Ao trabalhar com outras tabelas, ouvi uma aluna comentando: “Ah, é igual à do Nepso”.

No entanto, pude perceber que o intervalo que eu deixei entre a qualificação e a elaboração do questionário não foi algo positivo. Como a qualificação foi feita antes das férias e o questionário foi concluído depois, observei certo distanciamento entre a qualificação e o questionário, o que gerou dificuldades na elaboração das questões. **Num futuro projeto de pesquisa, acho necessário elaborar as questões tão logo seja concluída a qualificação.**

Tentei inovar ao pensar a apresentação de forma diferente, fizemos a poesia e as manchetes para cada questão, mas não conseguimos fugir da tradicional apresentação no formato de seminário. Contudo, ao fazer esse trabalho, tivemos momentos de reflexão muito preciosos sobre o uso da língua portuguesa.

Também avalio como positiva e ecologicamente correta a forma como fizemos o pré-teste (economizando bastante papel). Ao simular a entrevista para todos os alunos, acredito que eles ficaram mais seguros e tiraram suas dúvidas naquele momento. Essas são modificações que pretendo incorporar em futuros projetos.

Entretanto, considere que o que mais me fez refletir foi uma fala de Thaís Bernardes, coordenadora do polo São Paulo, na nossa reunião final após o seminário: “O Nepso é um projeto simples, não é uma coisa de outro mundo”. Isso me fez refletir, porque é exatamente o que eu penso! Quando participo de congressos e seminários, percebo que os professores apresentam seus projetos como se fosse algo extremamente maravilhoso. Não cabem aqui críticas ao programa, ele realmente é muito bom. Mas o que o faz ser tão fora do comum para nós, professores? É o Nepso maravilhoso, ou somos nós, professores, que, por diferentes causas e razões, nos acostumamos à velha e tradicional cultura escolar?

Penso que talvez o Nepso traga apenas uma postura diferente. O aluno sai daquela aula expositiva chata e cansativa e se torna detentor do seu próprio conhecimento. Aqui está o “aprendendo a aprender”, tão difundido nas escolas

estaduais de São Paulo. Admira-me o fato de a Secretaria Estadual de Educação de São Paulo não apoiar o programa, pois ele engloba diferentes teorias e posturas desejadas em seus profissionais: dar voz ao aluno, trabalhar conteúdos que sejam do interesse do aluno, dialogar com diferentes áreas e conteúdos, abordar diferentes temas transversais.

**Talvez nós, professores, não estejamos acostumados a deslocar o foco da aula de nós mesmos e, por isso, ficamos de queixo caído ao nos depararmos com as capacidades dos nossos alunos e com a nossa própria capacidade de fazer algo diferente.** Penso que, infelizmente, como nosso país e nosso Estado não priorizam a educação, o Nepso adquire uma importância extrema, pois representa uma luz no fim do túnel escuro e tenebroso da educação brasileira.

# DIFERENTES SOMOS TODOS

LÊDA MARA DELGADO ALMEIDA

**SOU PROFESSORA DO ENSINO FUNDAMENTAL I** e desenvolvo o programa Nossa Escola Pesquisa Sua Opinião (Nepso) desde 2008 na Escola Estadual Dona Esperança de Oliveira Saavedra, município de Mauá, na Grande São Paulo. A escola é pequena, com aproximadamente 550 alunos, distribuídos em dois períodos. A equipe gestora dá todo o apoio necessário para desenvolver o programa, que está inserido no planejamento das atividades da escola, sendo de livre escolha do professor.

Em 2013, o programa Nepso foi realizado com 25 alunos do 5º ano, com idade entre 9 e 10 anos. Esses alunos já participaram do programa no ano passado, com o tema “Animais: cuidados e maus-tratos”.

Desenvolvo o programa Nepso por possibilitar um trabalho abrangendo todas as áreas e ainda favorecer o desenvolvimento crítico dos educandos.

A íntegra desta pesquisa, assim como o planejamento, questionário, gráficos etc. estão disponíveis em [http://www.nepso.net/projeto/2300/diferentes\\_somos\\_todos](http://www.nepso.net/projeto/2300/diferentes_somos_todos)

## Escolha da equipe e definição do tema

Objetivos didáticos:

- Desenvolver nos alunos a capacidade de trabalhar democraticamente em grupo.
- Desenvolver a oralidade.

Começamos a pensar na escolha do tema para iniciar um novo projeto de pesquisa. Tentei mostrar aos alunos que o tema não precisa ser necessariamente um “problema” a ser pesquisado, mas algo que também possa ser prazeroso e de que gostamos muito. Pedi a cada aluno que escrevesse o que gostaria de pesquisar por meio da opinião das pessoas. Os alunos deveriam listar tudo o que mais gostam de fazer.

Num segundo momento, retomamos os assuntos sugeridos e selecionamos aqueles mais relevantes para o grupo. Em seguida, por meio de uma votação, escolhemos qual seria o tema do projeto. O tema escolhido foi “preconceito”, com 13 votos. Pedi ao grupo que pensasse sobre preconceito e respondesse em casa à seguinte pergunta: “O que queremos saber com a nossa pesquisa?”.

No encontro seguinte, cada aluno leu a sua resposta, e levantamos coletivamente nossa pergunta-guia e nossas hipóteses em relação à pesquisa.

Queremos saber:

- Qual é o tipo de preconceito praticado dentro da nossa escola?

- Quais consequências o preconceito pode acarretar às vítimas?

Nossas hipóteses:

- O preconceito racial e o preconceito em relação às pessoas gordas são os mais praticados na escola.
- O preconceito pode acarretar o isolamento da pessoa ou, em muitos casos, a violência (quando a vítima revida).

Essa etapa foi muito gratificante, porque todos os meus objetivos didáticos foram alcançados quando a turma participou em massa, dando sugestões e ouvindo com atenção as sugestões dos colegas, tudo com muita democracia.

No entanto, experimentei um sentimento de frustração quando descobri, lendo um “diário de bordo”<sup>1</sup>, o seguinte: “A professora Lêda perguntou o que queríamos saber sobre preconceito, e ninguém disse nada, só a Larissa e a Heloísa, porque elas pediram pra todo o pessoal da sala votar em preconceito”. Percebi que, mesmo fazendo votação a cada encontro e pedindo sugestões para a escolha do tema, muitos alunos escolheram o tema por indicação da dupla que o sugeriu, deixando-se levar pela persuasão e pela amizade de cada uma. Isso me decepcionou um pouco, pois sinto que elas se apropriaram do projeto como sendo somente delas, e o grupo aceitou numa boa. Contudo, pensei: “Vou superar e reverter essa situação”.

---

1 “Diário de Bordo” é o registro que os alunos fazem durante todo o processo da pesquisa.



Mauá 24 de abril de 2013

Eu sou a Thelaisa Fernandes Nardi

Projeto Nepra  
3º encontro

Levantar o que queremos saber com a pesquisa

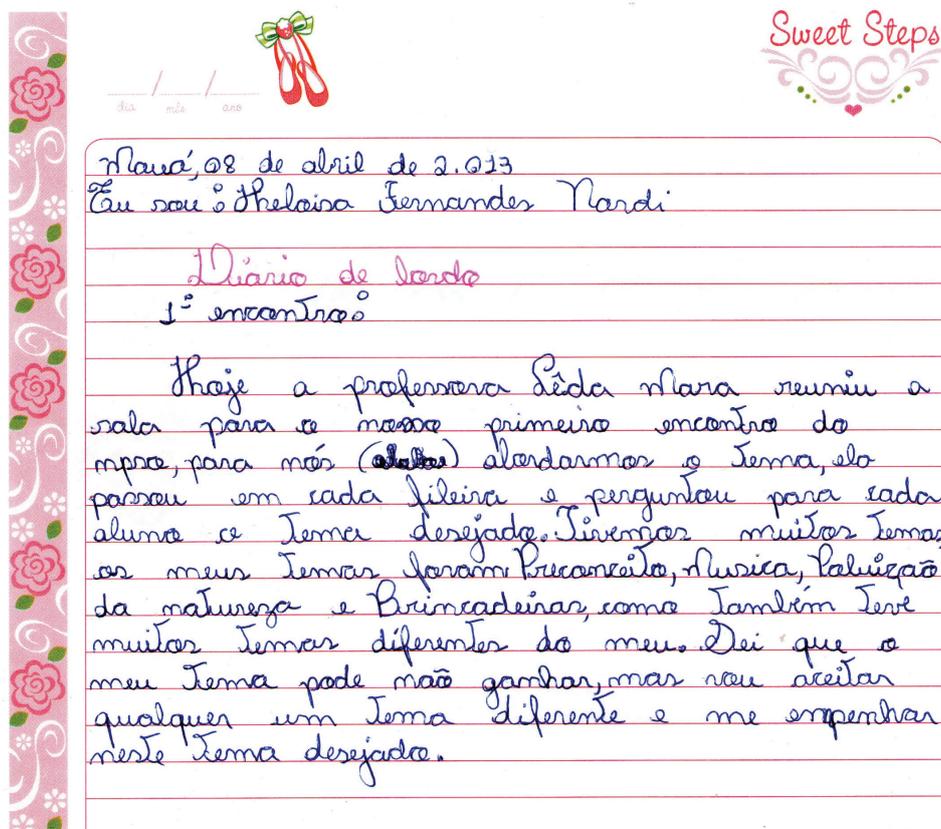
Hoje no nepra tentamos levantar o que queremos saber com a pesquisa. Então a professora Sida Maria fez algumas perguntas que algumas pessoas escreveram.

Depois a professora Sida foi escrevendo na lousa o que as gente falava e ela também ajudou nós a elaborar mais melhor as perguntas que foram as seguintes: Qual o tipo de preconceito mais praticado dentro da nossa escola, e a outra foi assim Quais consequências o preconceito pode acarretar a vítima?! Gostei muito das duas mais acho que a segunda ficou melhor e mais elaborada, também levantamos algumas hipóteses que foram — acharmos que o preconceito racial e o preconceito em relação as pessoas acima do peso, e a outra é essa — as consequências são isolamento, e mais, hoje a aula do nepra foi muito legal e todo mundo prestou atenção e decidiu participar.



spinal

©TCFC



Exemplo dos “Diários de bordo”

### E fomos à qualificação do tema!!!

Para iniciar a etapa de qualificação do tema, pedi para a turma um trabalho de pesquisa. Nesse trabalho, os alunos deveriam buscar a definição de preconceito e quais as formas existentes. Fiquei muito feliz, porque a turma se empenhou para entregar o trabalho com muito capricho, incluindo fotos e reportagens. Percebi que estavam bem inteirados no assunto e já falavam sobre preconceito social, racial, homofobia, entre outros.

Paralelamente a essa pesquisa, aproveitei as horas de leitura e busquei alguns livros que apresentavam alguma forma de preconceito. Assim, li para a turma os seguintes títulos:

- *Diferentes Somos Todos*, de Alina Perlman (São Paulo: Edições SM, 2005).
- *E Se Fosse com Você?*, de Sandra Saruê e Marcelo Boffa (São Paulo: Editora Melhoramentos, 2011).
- *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado (São Paulo: Editora Ática, 2010).
- *A Felicidade das Borboletas*, de Patrícia Engel Secco (São Paulo: Editora Melhoramentos, 2001).
- *Figurinha Carimbada*, de Márcio Araújo (São Paulo: Girafinha, 2008).

Após cada leitura, conversávamos sobre o tipo de preconceito retratado e refletíamos sobre como crianças com algum tipo de deficiência sofrem preconceito ao frequentar uma escola como a nossa. **Isso fez com que a turma passasse a prestar mais atenção nos colegas com dificuldades de aprendizagem e percebessem como eram preconceituosos com eles durante atividades em duplas ou grupos.**

Mostrei o vídeo “Mensagens para um futuro mais tolerante”, do projeto Lembrar. O vídeo é um documentário com relatos emocionantes de sobreviventes de campos de concentração que hoje vivem no Brasil. Os alunos ficaram chocados com as imagens e perceberam o que a intolerância de alguns pode provocar. Vimos também o vídeo “Vista a minha pele”, que mostra o preconceito de forma inversa. Uma menina branca é que sofre discriminação.

Começamos a nos preparar para o seminário de qualificação Nepso, momento muito esperado pela turma. Dessa vez, “decidi” que iriam para o seminário alunos que não

foram no ano anterior. Ao justificar que todos tinham direito e vontade de participar, os ânimos foram acalmados. Sugeri alguns, e a classe escolheu os cinco alunos. Mais uma vez, a turma demonstrou maturidade e autonomia, justificando suas escolhas. Mesmo quando imponho alguns pontos, sinto que faço parte do grupo como pesquisadora e não apenas como professora. **Negocio com eles e dou minhas sugestões, mas o grupo analisa e escolhe o que realmente faz sentido para a pesquisa.** Isso é muito bom, porque os alunos se mostram cada vez mais críticos.

Reuni o grupo de alunos escolhidos para participar do seminário para dar algumas orientações. Nesse momento, Larissa tomou a palavra e distribuiu o que cada um deveria dizer, e todos partiram para o ensaio. Percebi que os alunos não precisavam mais da minha ajuda, pois conseguiriam dar conta do recado. Voltei feliz para a sala de aula.

Chegou o dia do seminário de qualificação, momento de alegria e ansiedade para os alunos. O evento aconteceu no CEU Vila Curuçá e as pesquisas foram distribuídas em salas para apresentação e debate. Fomos para a sala 7, onde estavam presentes oito escolas, com pesquisas sobre: preconceito; preconceito contra homossexuais; uso de celular na escola; moda e estilo; pobreza; lazer; bullying e violência na escola.

Eu estava muito ansiosa, porque dessa vez o meu papel era de mediadora do debate. Nossa pesquisa foi a primeira apresentada, e, assim como eu, os alunos estavam um pouco travados. Aos poucos, fomos nos soltando, e o debate começou a fluir naturalmente. Foi uma troca de conhecimentos, e desafios foram superados.

Acho que a fala da Larissa resume bem o que o seminário representou para nós: “É de uma maneira bem legal, mesmo os temas sendo bem diferentes, eles se encontram, ... o mais legal foi fazer novos amigos”.

Nessa etapa, os alunos aprenderam a utilizar diferentes fontes de pesquisa. Aprenderam também a consultar, se comunicar oralmente, discutir, argumentar e colaborar em propósitos comuns, atingindo todos objetivos propostos.



nome: Larissa de Oliveira Sousa  
Profª: Leda Mara  
Escola: E. Dona Esperança de O. Sazuedra  
Município de mãe

Quando eu cheguei da escola  
eu curaci as organizações eram  
ótimas. Quando cheguei na  
amfiteatro foi tudo muito bem  
explicado. numa a sala 7 que  
era nessa sala ficaram os  
regionais temas.

- Preconceito contra Homossexuais
- Preconceito
- Uso de celular na escola
- moda e estilo
- Politeza
- tecnologia
- Violência dentro da escola
- Bullying

É de uma maneira, bem legal  
mesmas os temas sendo diferentes  
eles se encontram.

Mas o mais legal foi fazer novos  
amigos !!

Registro da aluna citada

## Elaboração do questionário

Depois de conhecer um pouco mais sobre o tema “preconceito”, retomamos a nossa pergunta-guia e começamos a trabalhar com a elaboração do questionário. Pedi aos alunos que trouxessem na próxima aula algumas perguntas que gostariam de fazer na pesquisa.

No dia seguinte, solicitei que lessem algumas perguntas e percebi que eram muito parecidas. Decidi, então, propor a elaboração do questionário de forma coletiva. Escrevi as perguntas na lousa, e fomos selecionando e agrupando por semelhança. No início, o grupo escolhia a pergunta e discutia quais alternativas deveriam ser colocadas. Foi um momento de troca, em que o colega opinava na pergunta do outro e o grupo decidia o que era melhor. Elaboramos dez perguntas. Ao realizar o pré-teste, descobrimos que as perguntas não estavam claras, deixando os entrevistados em dúvida e, portanto, necessitando de explicação para melhor entendimento.

**Busquei no site do Nepso alguns projetos com o mesmo tema e tirei dali algumas ideias para novas perguntas.**

Reuni a turma e li os questionários encontrados no site. Coletivamente, reformulamos o nosso questionário. Fizemos o pré-teste novamente e deu certo. A versão final do questionário ficou com 14 perguntas para a investigação.

A fase de elaboração do questionário tem como objetivo possibilitar o desenvolvimento de habilidades para a elaboração de textos e processos de reflexão e análise. No entanto, alguns alunos não conseguem atingir esse

objetivo plenamente. Para mim, essa é uma das etapas mais complicadas, pois os alunos apresentam um pouco de dificuldade na elaboração de textos com clareza, coerência e pertinência. Sendo assim, acabo intervindo mais do que gostaria.

## Trabalho de campo

O trabalho de campo tem como objetivo desenvolver as habilidades comunicativas e organizativas da turma. Desse modo, preparei o grupo com antecedência, com uma conversa sobre como todos os envolvidos devem se comportar: o entrevistador deve, em primeiro lugar, se apresentar de forma educada e informar o objetivo da pesquisa; depois, ler as perguntas sem interferir na resposta do entrevistado. Em seguida, cada aluno recebeu um questionário e fizemos uma simulação na sala de aula, em que deveriam entrevistar um colega para se familiarizar com as perguntas.

O trabalho de campo foi realizado em duas etapas: na primeira etapa, entrevistamos os alunos do nosso período. Os alunos saíram em duplas para realizar as entrevistas. Fui até as salas selecionadas e sorteei os alunos que seriam entrevistados. Foram entrevistados 25 alunos. Todos os alunos participaram do trabalho de campo nessa etapa.

Na segunda etapa, entrevistamos os alunos do período inverso ao nosso. Marcamos a entrevista para o início das aulas, às 13h. Entrevistamos 26 alunos. Essa etapa é a mais prazerosa para os alunos, que se sentem importantes e conseguem se expressar oralmente. O mais importante é que eles planejaram e trabalharam em equipe, discutindo como

seria feita a entrevista, quem iria ler as perguntas, quando iriam trocar de papeis, como deveriam se portar diante do entrevistado, tudo planejado e discutido em dupla, atingindo todos os objetivos propostos.



Alunas e alunos entrevistando - Arquivo pessoal



Alunas entrevistando - Arquivo pessoal

Mauá, 16 de setembro de 2013.  
Eu sou: Vitória Craygo de Oliveira 5<sup>ª</sup> ano B

### Diário de bordo Preconceito

A pesquisa foi muito legal, confesso que no começo fiquei um pouco nervosa e achei o entrevistado meio indeciso nas questões e toda hora ele perguntava como assim aí eu não podia explicar então eu lia a pergunta de novo. Na segunda entrevista eu fiquei mais solta e eu fui mais simpática e também fiquei com dó porque ela era meio deficiente por isso ela demorava muito para responder, enfim, apesar de tudo isso valeu fazer a pesquisa a 1<sup>ª</sup> entrevista é de 4<sup>ª</sup> ano e a 2<sup>ª</sup> entrevista é de 5<sup>ª</sup> ano.

Nós fizemos também a aplicação de questionário com os alunos da tarde e foi muito legal só foi diferente porque nós não fizemos em duplas, nós fizemos sozinho. Certo que foi mais fácil porque eles eram mais rápidos e também não foi a sala toda, só 7 crianças em 2 mais só.

Mauá, 19 de setembro de 2013  
Eu sou: Ana Beatriz Pereira Cardoso 5<sup>ª</sup> ano B

### Diário de Bordo

Eu percebi das pessoas que eu entrevistei uma delas acha que a cor da pele de uma pessoa interfere na amizade e no mesmo tempo respondeu que nunca praticou preconceito.

Então eu acho que ele não sabe o que é preconceito.

Eu achei a pesquisa muito legal e interessante porque eu conheci mais um pouco do que as pessoas praticam e fazem no seu dia-a-dia.

Registro de alunas sobre o trabalho de campo

## Tabulação dos resultados

Nessa etapa, meu objetivo foi organizar os dados coletados na pesquisa de campo em tabelas e, posteriormente, em gráficos de barras.

Para fazer a tabulação dos dados dos 51 questionários, formei grupos de quatro alunos e entreguei um questionário para cada aluno, pedindo que um deles fosse escolhido pelo grupo para anotar os resultados de cada pergunta. Esse aluno lia a pergunta, solicitava qual alternativa havia sido marcada no questionário dos colegas e anotava num questionário em branco. Ao terminar a tabulação, o grupo me chamava para anotar o resultado. Quando todos os grupos terminaram, distribuí novos questionários para serem tabulados.

**Como sempre fiz a contagem coletivamente, questão por questão (o que é muito cansativo para o professor e os alunos), resolvi dessa vez fazer em grupo, mas estava com muito medo de não dar certo, pois os alunos teriam que concluir essa etapa sozinhos.** Confesso que me surpreendi com a organização dos grupos, que rapidinho anotavam os resultados, sem erros de contagem. Ao final dessa aula, estávamos com todos os questionários tabulados, e os alunos pareciam satisfeitos, dizendo que tinha sido bem legal fazer essa atividade.

Muitos dias depois, chegou o momento que todos esperavam: fazer os gráficos. Mais uma vez, organizei a turma em grupo de quatro alunos. Cada grupo recebeu uma pergunta e folhas de papel quadriculado para confeccionar o gráfico. As informações eles já tinham no caderno e sabiam

como fazer. Entretanto, retomei todas as informações que um gráfico deve conter e como obter uma boa visualização dos dados. Cada grupo tinha que planejar qual seria a melhor maneira de utilizar a folha de acordo com as alternativas, se contaria de um em um, de dois em dois, de cinco em cinco, de acordo com o espaço disponível, que cor usaria, como faria a legenda, etc. Em geral, esse é um momento prazeroso para os alunos. Gabriela expressou isso bem ao relatar: “Eu adoro fazer gráficos, é bem legal na hora de colorir”.

Nessa etapa, foi muito importante a organização da equipe, definindo critérios para classificar e codificar os dados obtidos.



Alunos elaborando gráficos - Arquivo pessoal

## Análise dos resultados

Objetivos dessa etapa:

- Ler e interpretar dados organizados em tabelas e gráficos.
- Compreender e interpretar essas informações de modo a tirar suas próprias conclusões.
- Retomar as hipóteses definidas no início da pesquisa.

Retomamos os gráficos elaborados nas aulas anteriores e começamos a analisar cada pergunta. Ana Beatriz fez um comentário bem interessante: “As pessoas acham que a cor da pele interfere na amizade e ao mesmo tempo respondem que nunca praticaram preconceito”. Cada pergunta analisada era um momento de surpresa ou de confirmação das hipóteses. Aproveitei para introduzir o conceito de porcentagem, que ainda não era do conhecimento dos alunos. Nesse momento, retomamos nossas hipóteses e chegamos às seguintes conclusões:

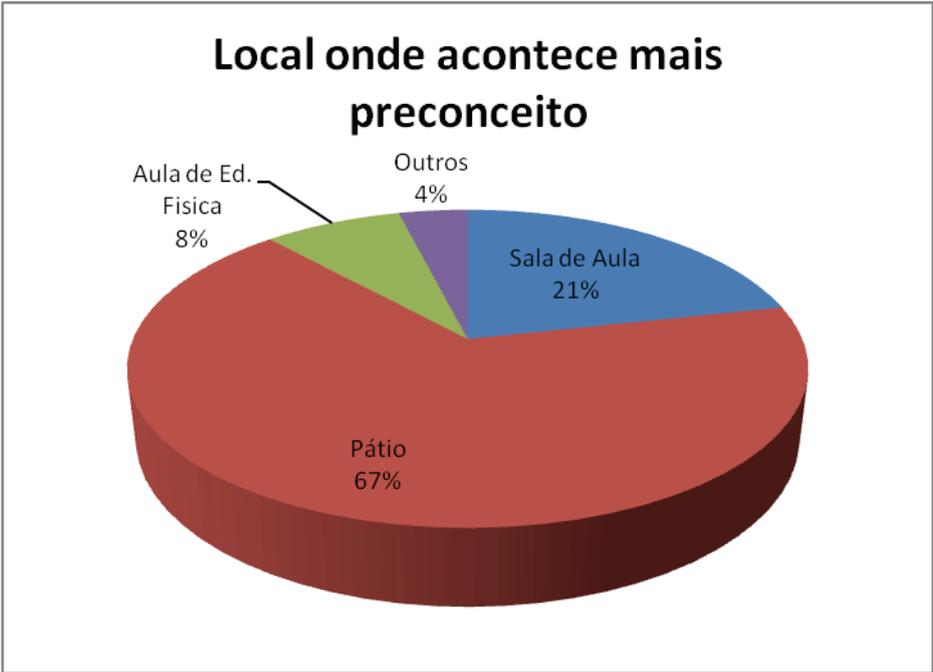
1. Os alunos do 4º ano não sabem o que é preconceito. Portanto, demonstraram muita dificuldade ao responder o questionário.
2. O entrevistado concorda com a afirmação de que “A cor da pele interfere nas relações de amizade” e responde que nunca cometeu um ato preconceituoso.
3. Nossas hipóteses foram confirmadas em parte, pois a maior vítima de preconceito presenciada na escola é contra os gordinhos, como achávamos que seria, mas a estatura (altura) também foi um dos motivos de maior preconceito observado pelos alunos.

4. O preconceito pode, sim, gerar mais violência quando o sentimento da vítima é de “dar o troco” no agressor.

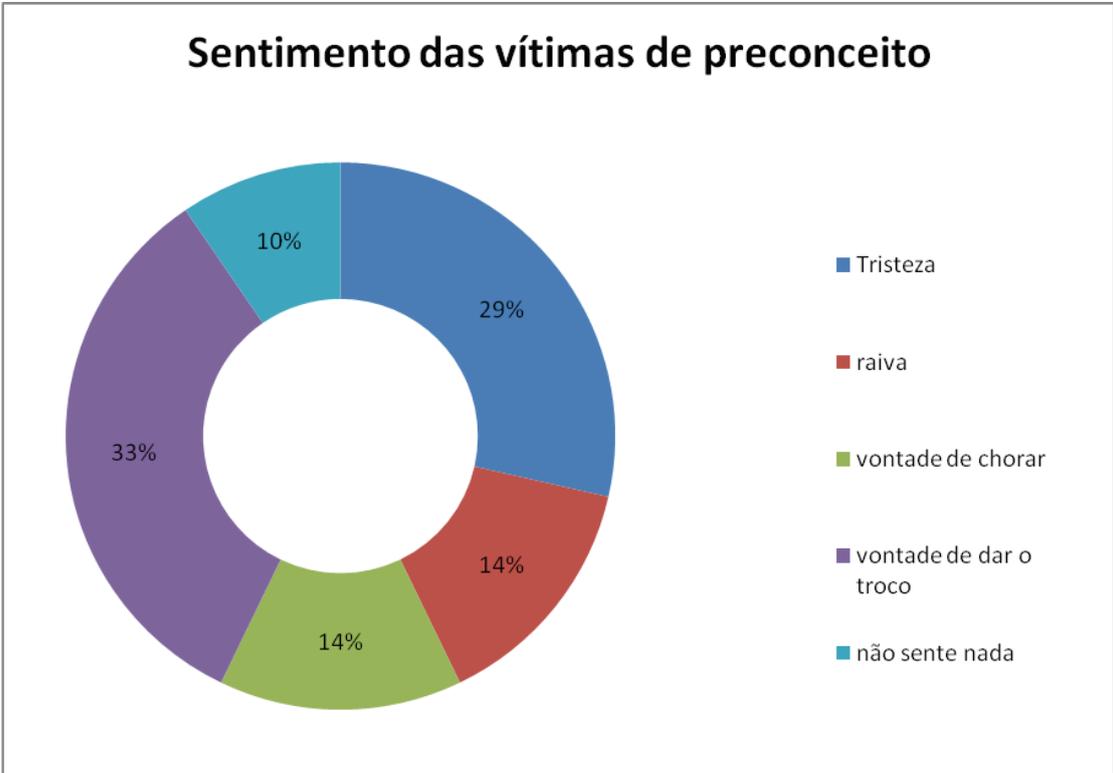
Assim, a pesquisa revelou que a “altura” é o maior alvo de preconceito na escola, seguido pela maneira de se vestir e pelo fato de ser gordinho.



Os alunos descobriram que o pátio da escola é o lugar onde mais ocorrem atitudes preconceituosas.



A pesquisa constatou que vítimas de preconceito sentem vontade de “dar o troco”.



## Apresentação dos resultados

O objetivo dessa etapa é preparar as estratégias de apresentação e divulgação dos resultados em diferentes cenários. Começamos a preparar a divulgação dos resultados da pesquisa no XI Seminário Paulista. Esse é um momento muito aguardado pelos alunos.

Primeiro, conversamos sobre como fazer essa apresentação de modo diferente de um seminário. Fizemos uma votação, e venceu o formato telejornal.

Como só seis alunos poderiam participar do evento, fiz a seguinte proposta: que fossem alunos que não haviam participado dos seminários anteriores. Sugeri alguns nomes, e a classe escolheu três alunos. Para completar o grupo, a turma selecionou nomes de acordo com a desenvoltura para apresentar o nosso projeto de pesquisa na forma de um telejornal.

Elaboramos o texto coletivamente. No primeiro ensaio, tivemos que fazer alguns ajustes. A turma que estava assistindo ia sugerindo como cada personagem deveria falar ou se portar. Foi muito gratificante ver o desempenho da turma ao ajudar o colega a melhorar sua apresentação.

Na véspera do seminário, fizemos uma apresentação para outra sala. De acordo com José Rian: “Falta pouco para ficar perfeito, só precisa de alguns ajustes, tipo falar um pouco mais alto”. Ana revelou: “O Igor imitou o Marcelo Rezende, e eu achei muito legal, até porque me diverti muito”. Vitória relatou: “A peça ficou muito boa, os ensaios foram o máximo. Enfim, preparamos tudo com muita determinação para que tudo saísse perfeito. Adorei os ensaios”.

No dia do seminário, saímos bem cedo da escola, todos muito animados e ansiosos. O evento aconteceu na EE Prof. Moacyr Campos, na zona leste. Fomos recepcionados com um lanche, e logo em seguida aconteceu uma rápida abertura do evento. Todas as escolas foram apresentadas e orientadas sobre como seria a apresentação. Então, assistimos a uma apresentação de dança do ventre.

Fomos para a sala onde aconteceu a apresentação de seis projetos de pesquisa. Esse é sempre um momento de tensão para quem vai se apresentar, mas depois é pura satisfação, como disse Igor: “Foi muito fácil apresentar o jornal. Quando nós fizemos, fiquei nervoso, mas, quando acabou, fiquei aliviado”.

**O seminário também permitiu aos alunos conhecerem diferentes realidades sociais e diversidades de discursos, além de serem reconhecidos pelo seu trabalho.** Heloísa era só felicidade: “Eu fiquei tão, tão, tão feliz quando começaram a elogiar e falar que nosso trabalho estava o máximo. Eles reconheceram o nosso trabalho”.

Depois das apresentações, fomos almoçar. Em seguida, arrumamos nosso estande para a divulgação do projeto para todos os presentes. Nesse momento, os alunos trocam informações sobre suas pesquisas. Vitória relatou com alegria: “Várias pessoas perguntaram, e nós respondemos direitinho, depois veio o Renato (da Ação Educativa) e perguntou várias coisas no microfone. Foi muito legal, deu tudo certo. Gostei”.

Para encerrar o evento, houve uma apresentação de dança.

De volta à escola, colocamos os resultados da pesquisa no mural para conhecimento de todos. Fizemos uma

apresentação para os pais e para a equipe gestora da escola. Nesse momento, os alunos receberam o certificado de participação do programa Nepso.

Mais uma etapa concluída, e todos os objetivos alcançados.

Flávia, 12 de novembro de 2013.  
Eu sou: Thalissa Fernandes Nardi

### Diário de bordo

Bom para começar queria dizer que eu amei a reunião!  
Na sala em que ficamos, tinha temas muito legais que eram Dragas, Conflitos na escola, Desinteresse dos alunos e escola e logo vem o nosso "Diferentes somos todos". O que eu mais gostei foi o tema em que falava sobre as Dragas, achei um tema interessante, por que como eles mesmo disseram é o que ocorre muito no nosso dia a dia.

Eu fiquei tão, tão feliz quando eles começaram a elogiarem e falar que o nosso trabalho estava a máxima. Eles reconheceram o nosso trabalho, achei que decaram um texto em 3 dias e fácil? Não é não.

O professor dos alunos que fizeram o tema dragas saiu da sala quando nossa turma estava sendo apresentada, quando ele voltou, os alunos dele ficaram: "Nossa professor perdeu", então ele veio perguntar se a professora tinha anotado e se podia passar para ele foi quando eu abri um grande sorriso e respondi: "Mas é isso que pode".

Registro de aluna sobre o seminário

## Considerações finais

O programa Nepso possibilitou aos alunos aprendizagens significativas. Durante o processo, eles desenvolveram habilidades e capacidades, como: comunicar oralmente, ler, interpretar, comparar, discutir, argumentar, formular hipóteses, trabalhar em grupo e colaborar em propósitos comuns.

Os conteúdos presentes no planejamento pedagógico puderam ser abordados durante o desenvolvimento de todo o projeto de pesquisa. Em cada etapa do projeto, tínhamos objetivos específicos, que foram alcançados em sua totalidade. Os alunos exercitaram a tolerância e a democracia, tendo que negociar com seus pares até chegar num resultado comum. As crianças desenvolveram ainda habilidades argumentativas e principalmente a habilidade de trabalhar coletivamente, o que é muito difícil para a idade deles, sabendo respeitar e acatar a opinião do outro.

Ao conhecer um pouco mais sobre preconceito, os alunos passaram a prestar mais atenção nos colegas com dificuldades de aprendizagem e perceberam como eram preconceituosos com estes durante as atividades em dupla ou grupo e começaram a mudar de postura.

De todas as aprendizagens, devo ressaltar que a mais significativa foi a autonomia adquirida pelos alunos. Em cada etapa do trabalho, eles traziam para si as tomadas de decisão e, juntos, buscavam soluções para os impasses.

**A maior aprendizagem, no entanto, foi minha. Consegui “soltar” os alunos, deixando que criassem estratégias próprias para realizar as tarefas.** Diante disso, aconteceu uma

mudança visível na postura da turma, e os alunos passaram a ter mais iniciativa e maior participação. Penso que todo o processo contribuiu para fortalecer a autoestima dos alunos.

O maior êxito desse programa foi a formação de uma grande equipe: alunos com autonomia e grande responsabilidade, professora participando como docente e aprendiz e, ao mesmo tempo, sendo reconhecida como autoridade; equipe pedagógica sempre presente auxiliando quando necessário, com materiais, sugestões e, principalmente, elogiando os alunos e dando a maior força para sempre irem em frente; e, por fim, a equipe gestora, que nos ofereceu boas condições de trabalho, dando total liberdade para o desenvolvimento do programa Nepso na nossa escola.

REALIZAÇÃO:



APOIO:

IBOPE

IBOPE  
inteligência

IBOPE  
media

